



Lady
HENDESTON
~

SWYANNE RODRIGUEZ



Lady
HENDESTON

SWYANNE RODRIGUEZ

2020

Copyright© Swyanne Rodriguez
Paraíba/ Alagoa Grande
Produção independente
Revisão: Flávia Saldanha
Diagramação: Girassol Designers (IG)
Capa: TV Designer

Todos os direitos Reservados

É proibido o armazenamento e/ ou reprodução de quaisquer parte desta obra, através de quaisquer meio (tangível ou intangível) sem o consentimento, por escrito, da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Esta é uma obra de ficção, e não foi baseada em fatos reais. Qualquer semelhança com nomes de pessoas ou lugares, é mera coincidência.

Livro único - 1º edição

Romance de época -
LGBTQIA+

Classificação: Adulto (+18)

Dedicatória

As leitoras que me inspiram, motivam e apoiam o meu trabalho, “merci, mes chers”! Ao meu amor, obrigada por toda paciência e estímulo. Amo-te, T.B

Epígrafe

“ Ela era mais forte sozinha, e o seu bom senso amparava-a tão bem, a sua firmeza era tão inabalável, a sua aparência alegre tão invariável quanto possível em meio a aflições tão recentes e tão amargas. ”

Jane Austen - Razão e Sensibilidade

Sumário

Sumário

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[EPÍLOGO](#)

[Outras obras:](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Redes sociais:](#)

Prólogo

London, Inglaterra 1831

O tilintar infernal que denotava por todo o aposento em tons de azul-marinho e branco, tinha o claro intuito de despertar a jovem dama do seu sono sereno. Os afazeres não podiam mais esperar por sua boa vontade, não quando o marquês de Hendeston estava fora e esperava comprometimento da única pessoa que confiava cegamente: a primogênita e herdeira do marquesado.

— Em santo nome de Deus, pare já com esse barulho, Sra. Adgell! — A jovem chiou com a voz rouca de sono, ainda despida na cama.

Mania que a pobre Sra. Adgell não aprovava. Sua insistência em apontar tal hábito indecoroso seria louvável se Storm lhe desse ouvidos.

Mas ela não se dava ao trabalho de ouvir a velha senhora, principalmente quando o calor de seu quarto insistia em ser tão insuportável. Talvez as persianas pesadas fossem o problema, mandaria queimá-las ainda aquela semana.

As mãozinhas delicadas da governanta abriram as cortinas escuras num rompante, fazendo-a sair da cama irritada à passos trôpegos. Sua respiração pesada revelava desgosto.

Storm odiava o fato de não poder dormir até que dissesse basta. Lembrava-se que na infância a Sra. Adgell não a deixava

descansar, o que julgava ser uma atitude injusta demais para com uma criança.

Suas vontades eram atendidas, bem, pelo menos boa parte delas. Já que metade de Londres parecia tê-la colocado num pedestal.

Mas a Sra. Adgell cuidara de sua mãe, e era como uma mãe para ela. A respeitava acima de tudo e de seus infinitos sermões.

— Eu não gosto da luz, Sra. Adgell. Feche essas cortinas, mulher! — Ela suplicou num tom esganiçado, apertando os olhos escuros.

Storm sempre perdia o horário depois de suas noitadas na mansão dos Wolfgang. Amber a amava, assim como metade da nata da sociedade londrina.

O bom nome de sua família, posição e beleza formidável sempre foram trunfos muito bem-vindos.

— Seu pai a proibiu de ir até a mansão dos Wolfgang quando se tem tanto para fazer, milady! — Advertiu a velha senhora em tom de reprimenda.

As regras incitavam Storm a quebrá-las.

— Que tolice está dizendo? Papai deseja ver-me padecer nesse casarão vazio. — Ela rebateu uma vez mais, procurando o roupão de linho branco entre a bagunça de lençóis.

Uma carta que estava sobre o criado mudo de madeira chamara a sua atenção. Ela o abriu depressa vendo que o brasão lhe era familiar.

Scabourth

"Minha cara lady pecaminosa, espero por sua visita há dias. O que está acontecendo? Sinto sua falta. Desejo que venha até a mansão, lorde Jason viajara e não tem data prevista para voltar. Sempre sua, Caroline".

Um suspiro de frustração deixou os lábios de Storm ao fim da carta que estava mais para um mero bilhete.

Não era a maior apreciadora quando o assunto em questão era a insistência e possessividade de Caroline. Contudo, não conseguia deixá-la ir.

— Novamente essa mulher, milady? — Sondou a governanta exasperada.

A velha senhora deixava bastante claro sua antipatia em relação à condessa de Scabourth. Principalmente pela dama em questão ser casada.

— Meu banho já está pronto? — Storm indagou fugindo do questionamento.

Não gostava da intervenção da governanta em seus casos amorosos. Ela detinha total controle de seus sentimentos.

— Sim, milady.

— Excelente.



Storm tinha olhos escuros como uma noite de verão, envoltos por vastos cílios negros que faziam sombra em seu rosto bronzeado. Eles encaravam fixamente os entalhes nas paredes cobertas por papel de seda verde, entediados.

Ela andava inquieta, bastante insatisfeita.

Almejava um pouco de diversão antes que o marquês retornasse da Escócia e a azucrinasse com bobagens que envolviam apenas um única pauta:

Casamento.

Era fato que seus dias de libertinagem estavam contados. Lawrence parecia cada vez mais implacável em vê-la casada. Desejava que Storm fosse mais ajuizada e sabia que isso só aconteceria quando ela fizesse os votos diante de um padre.

Ela agia, pensava e falava como sua mãe. A antiga marquesa possuía uma vivacidade que o deixava dividido entre o fascínio e a loucura.

A esposa falecida do marquês morrera havia muitos anos. Sua herdeira parecia-se demais com ela, entretanto, Storm nunca fora o maior exemplo de decência.

Suas conquistas valiam demais para ela. Muito mais que qualquer propriedade, ou dinheiro que seria passado para suas mãos no futuro. O título de seu pai não era sua única vantagem, a persuasão que dispunha decerto a fazia diferente de muitas damas com a mesma idade.

A temporada aproximava-se, e isso fizera com que o humor de Storm melhorasse consideravelmente.

Mulheres tomariam os bailes e soirées que participaria dali em diante.

— Seu chá, milady.

Storm sorveu o líquido morno que lhe fora servido com poucos goles. Estava ainda mais agitada do que deixava transparecer. Os olhos faiscavam com as futuras possibilidades.

— Sinto-me revigorada, minha cara. — Disse levantando o olhar para a jovem criada.

— Isso é maravilhoso, milady.

Os pais de Mirella trabalhavam para os Lawrence desde de que Storm entendia-se por gente. No entanto, o velho Alfreyh perecera de cólera quando a filha ainda era muito nova.

O marquês as mantivera na casa já que havia atribuído um carinho enorme por ambas.

— Sim... — Storm murmurou enquanto mastigava um dos biscoitos amanteigados que estavam expostos na bandeja de prata.

— Já de pé, Lawrence? — A voz de Amber irrompeu na sala de jantar, fazendo-a arquear uma das sobrancelhas em surpresa.

— Fale um pouco mais baixo, Amber. Minha cabeça ainda dói. — Storm reclamou, medindo a jovem Wolfgang com o olhar.

Amber era a mais bela das irmãs. Os cachos de um castanho-avermelhado emolduravam o rosto de bochechas altas e rosadas.

E seu corpo voluptuoso não deixava nada a desejar.

O vestido de mangas até o cotovelo era de um verde-musgo que lhe cobria os ombros sempre expostos.

— O que veio fazer aqui tão cedo? — Storm questionou sem rodeios.

— Vim somente para ter certeza de que sobreviveu o resto da madrugada sem mim. — Ronronou Amber selando os lábios carnudos nos dela.

Sempre tivera uma queda por Storm, mesmo que estivesse noiva de um dos homens mais influentes do país, Amber não conseguia dar fim ao relacionamento adúltero que mantinham.

— Dentre alguns meses não poderá mais fazer isso, querida. — Storm a lembrou, pegando-a pela cintura.

Ela olhara no fundo dos olhos prateados da jovem Wolfgang, buscando enfiar algo em sua cabeça. Aquilo não era correto, e elas não deveriam levar adiante. Storm importava-se demais com ela, e por isso temia por seu futuro. Se o caso viesse a público, Amber estaria arruinada para sempre.

— A tomarei como amante, então. — Nos olhos escuros da jovem, uma centelha de malícia os transpassou como um convite.

— Já passou por sua cabeça que um dia me casarei? E quando isso acontecer, não desejarei nenhuma amante. Apenas a

minha esposa. — Storm aludiu com pretensão.

Amber sabia que ela mentia.

Storm jamais pertenceria a alguém.

— Faça-me o favor, Storm. Nós duas sabemos que isso jamais acontecerá. — A jovem sorriu desdenhosa, cortando o ar com uma das mãos.

— Não diga que não avisei.

— Ophélia nos convidou para o chá. — Amber informou, saindo de seus braços.

— Sabe que depois ela ficará tentada a nos agradecer com seu canto, não sabe?

Ophélia Vondewood pressupunha ter nascido com talento para música, e ninguém jamais tivera a coragem de lhe dizer o contrário. A verdade era que seu canto assemelhava-se ao de uma coruja entalada. A sociedade não a suportava mais, ainda que continuassem a assisti-la.

— Não vejo nenhum problema aparente. Ela disse que o conde e a condessa de Greenwood estão hospedados em sua casa. Estou ansiosa por conhecê-los.

— Pois bem. Lembre-se, serei marquesa daqui há alguns anos, não me importo com a posição de outros nobres. — Storm zombou, beijando a nuca lisa de Amber.

— Claro, milady. — A jovem Wolfgang sussurrou, beijando os lábios dela mais uma vez.

Capítulo 1

O canto de Ophélia fazia com que os convidados ansiassem por chorar, e não de emoção aparentemente.

As notas que ela tentava alcançar com uma persistência admirável — Storm tinha de admitir —, soavam uma ofensa ao bom senso. Algo que sem sombra de dúvidas, a jovem não possuía sequer uma centelha dentro de si.

Storm amaldiçoava com fervor a Sra. Vonderwood. Em parte por incentivar sua filha a passar por tamanha vergonha.

Algum dia, Ophélia Vonderwood descobriria o quão péssima era, e Storm não desejava estar em sua pele quando esse dia — que ela rezava para que estivesse próximo, — chegasse.

A futura marquesa jamais jogaria seu bom nome na lama. Nunca tentara cantar, e Ophélia graças aos céus nunca lhe inspirara. Não podia ser boa em tudo, e acreditava que não nascera para a música.

— Pode ao menos fingir que aprecia a voz dela? — Freyja sussurrou irritadiça, devido à expressão tediosa que Storm mantinha no rosto.

Ela virou a cabeça lentamente, oferecendo a jovem Wolfgang um de seus sorrisos indulgentes. Freyja era mais nova que Amber e não possuía toda a graça de sua irmã mais velha.

Algumas sardas no nariz deixavam-na com aparência de um anjo inocente. Os lábios cheios guardavam um sorriso doce e contido.

Madame Vivienne sempre fora mais rígida com ela, e isso fizera com que Freyja se transformasse na encarnação da prudência e disciplina.

A severidade de seus penteados e trajes eram um pouco demais para uma garota de dezenove anos.

Freyja sempre fora o oposto de sua irmã.

Enquanto era magra feito um graveto e media menos de 1,56 metro, Amber possuía curvas mais dotadas e era tão alta quanto Storm.

— Eu nunca finjo, minha querida Freyja. Você deveria saber.
— Ela refutou, focando no rosto da outra.

Seus olhos estavam sobre o lustre da sala de música dos Vonderwood.

— Deveria detestá-la, você é tão egocêntrica! — Freyja guinchou frustrada. Seu cenho franzido denunciava a missão árdua que era tentar odiar Storm.

— Tenho conhecimento de seu amor por mim, Srta. Wolfgang. — Storm retrucou com ar de inocência.

Decerto todos a adoravam, e às vezes Storm desejava saber o motivo para tal.

Mesmo com todos os seus atributos, beleza e dinheiro não fariam com que até seus inimigos a admirassem. Deveria ter algo mais profundo, ela não se contentaria em ser apenas um rostinho bonito.

Oras, era a futura marquesa de Hendeston!

Freyja corou violentamente com o seu atrevimento.

— Storm! — Ela repreendeu-a, abrindo o leque para esconder o tom rosado de suas bochechas.

— Sim? — Sorrindo, Storm beijou o dorso da pequena mão enluvada.

Sentia um carinho enorme por Freyja. A necessidade em protegê-la chegava a corroê-la.

Desde de crianças, Freyja fora a mais quieta e calada das três, e durante a adolescência continuara agindo do mesmo modo. Era como se gostasse de estar nas sombras.

— Ansiosa para a temporada? — Storm sondou solenemente, focando os olhos escuros no rosto pálido.

Sabia que Freyja não desejava ficar tão exposta, mas não era como se tivesse muita escolha.

O Sr. Wolfgang era exigente demais, e as filhas buscavam sempre a sua aprovação. A esposa era o equilíbrio entre todos da família. Margaret lembrava Freyja. Os olhos cor de avelã transpassavam sabedoria e paciência.

Os Wolfgang eram tudo, menos pacientes.

— Ah Deus, não. Acredita que Madame Vivienne me fez mudar todo o guarda-roupa? Não sei se estou preparada, Storm. — Confidenciou a jovem, dando um sorriso cansado.

Não era culpa de Freyja ser diferente e não estar apta a fazer exatamente o que a sociedade esperava dela. Isso nunca fora problema para Storm, no entanto, as pessoas eram diferentes e assumiam riscos diferentes.

Freyja não queria um cônjuge arranjado.

— Você é uma Wolfgang. Conseguirá, tenho certeza. — Storm tranquilizou-a, passando as mãos pelas costas eretas.

Freyja pareceu relaxar ao seu toque e num impulso, deixou um beijo suave em suas têmporas.

— Obrigada. — Ela sussurrou corando novamente.

— Não há de quê, irmã Wolfgang favorita.

Se Amber a escutasse, seria uma mulher morta. Storm não sabia ao certo se Freyja suspeitava de seu envolvimento com a

irmã, mas não era como se mantivesse segredos. Sua vida era um livro aberto para todos que quisessem lê-lo.

Não lembrava-se de ter feito questão uma única vez. Muitos sabiam sobre Caroline e todas as outras moças.

Porém, Storm jamais havia desvirtuado nenhuma delas sem o seu consentimento. Não era uma insensível.

Prezava pelo direito de escolha. Amava a liberdade e tudo que provinha dela. Só de pensar que algum dia se casaria, os músculos de seu corpo tencionavam.

De uma coisa Lawrence tinha plena certeza, nunca amaria ninguém. Não quando o mundo tinha tanto para oferecer, e ela desfrutaria de cada bendita oportunidade

Porque simplesmente podia.

E não havia nada no mundo que pudesse impedi-la.

A única moça que jamais desejara seduzir fora Freyja. Isso nunca havia sequer passado por sua cabeça, e se manteria daquela forma.

Freyja era boa demais para ela e não a via como uma possível conquista.

— Silêncio? — A jovem murmurou, atraindo os olhos castanhos para si.

Sua expressão confusa fez os ombros de Storm relaxarem.

— Às vezes é necessário esconder-me um pouco. Entende?

E a pretensão em forma de sorriso estava de volta.

Para a felicidade de Storm, Ophélia havia enfim terminado com a cantoria.

Um suspiro de alívio deixou seus lábios.

— Estava começando a achar que a qualquer momento sairia desta sala gritando. — Amber comentou venenosa, juntando-se a Storm no pequeno sofá

Seu olhar escuro recaía sobre a irmã sem compreender o que ela ainda fazia ali. Freyja odiava sair de casa.

— Ainda aqui? Gosta mesmo de Ophélia, não é mesmo?! — Amber sorriu passando os dedos pela sobrancelhas arqueadas da irmã mais nova.

— Ela não é tão ruim, Amber. — Retorqui Freyja com os lábios crispados

— Onde está o conde? — Storm perguntou para ninguém em especial.

— Bem ali, olhe. — Amber discretamente elevou o queixo na direção de Joseph, conde de Greenwood.

Storm olhou rapidamente para a moça que tomava os braços do velho conde. Os olhos azuis pareciam relutantes, incitando-a no mesmo instante.

— Essa temporada já começou bem. — Ela sussurrou rouca, olhando fixamente para a filha do conde.

— Você não aprende mesmo, não é?! — Freyja apontou, com desgosto na voz.

— Ah, doce Freyja. Eu jamais aprenderei.

Dito isso, Storm praticamente correu para conhecer o conde na intenção de ficar próxima o suficiente da moça misteriosa.

Capítulo 2

Leoni era a criatura mais encantadora em que Storm já havia posto os olhos, uma preciosidade. Seus lábios se retorciam em desgosto a mera menção à religião, o que despertou ainda mais o interesse de Storm.

Evelyn, condessa de Greenwood, tinha descendência cigana.

Os Romani eram considerados pelos Gadje — pessoas não Romani em sua língua mãe —, pagãos delinquentes. A inquisição fora responsável pela morte de muitos ciganos, o que deixara uma ferida enorme em seu povo. Eles ainda não eram vistos com bons olhos diante da sociedade no geral.

A jovem possuía uma inteligência que tirou Storm de órbita. Conhecia as ciências do homem, tal como a filosofia de John Locke e a mente incrível de Newton.

Gostava de George Sand e era apaixonada pelos traços de Michelangelo. Conforme Storm olhava para sua boca frenética cheia de argumentos lógicos, a sensação de querer aumentava em seu âmago.

Os olhos azuis e a pele bronzeada de Leoni pareciam chamá-la para mais perto. A encantava, deixava-a por um triz.

Na casa Greenwood parecia não existir um código de conduta. Visto que Leoni parecia muito à vontade com as madeixas soltas e as mãos sem luvas.

O que para a sociedade era uma falta tamanha de decoro.

— O que você acha da temporada londrina, milady? — Leoni sondou de repente, buscando as íris castanhas de Storm.

— Bem, em minha primeira temporada tudo pareceu-me um sonho: as pessoas, a comida... Sempre gostei de festas, mas hoje não me sinto muito inclinada à esses tipos de eventos. — Respondeu Storm sucintamente. — E por favor, me chame pelo nome.

— Como desejar, Storm. — Leoni sorriu. — A propósito, aquela sua amiga também...

Freyja.

— Presumo que esteja falando sobre a Srta. Wolfgang. — Ela fez uma pausa, então continuou. — Sim, essa é a primeira temporada dela também.

Storm era três anos mais velha que Freyja, e ainda assim, não conseguia ver o quanto ela crescera.

Seu comportamento continuava o mesmo de sempre, e ela estava sempre ocupada demais com Amber ou Caroline para notar alguma diferença nas ações da moça.

— Quero fazer-lhe um pedido. — Leoni desviou os olhos azuis, parecendo relutante.

— Estou ouvindo-a, milady.

— Gostaria que me ajudasse nesta temporada. Sei que tem nome, e não desejo lidar com a rejeição.

Um pouco da auto confiança que Leoni mostrara até ali, fora dissolvida. Óbvio que seria muito difícil para ela entrar naquele mundo tão cheio de pessoas falsas e superficiais.

Leoni não era nada disso.

Não havia nada de supérfluo em sua personalidade. Era um mimo, dotada de inteligência e beleza.

Ainda assim, tinha descendência cigana e a aristocracia faria de tudo para diminuí-la, mesmo que seus pais tivessem título.

— Será um prazer, milady. Sinto-me no dever de protegê-la de agora em diante.

Storm curvou-se numa reverência cortês, beijando os dedos de Leoni.

— Mesmo sabendo de sua reputação, sinto que não tenho nada a temer. — O tom cheio de malícia fez Storm levantar os olhos rapidamente.

— Ah, milady... eu não estaria tão certa quanto a isto. — Storm mordeu o lábio inferior de maneira sedutora, e se postou ereta no mesmo instante.

— Suba e vire a esquerda. — Ordenou Leoni, afrouxando o corpete.

— Não gosto que me deem ordens, Srta. Greenwood. — Ela sorriu inclinando a cabeça para o lado.

— Apenas por hoje seja menos controladora, lady pecaminosa.

— Apenas por hoje.

Storm subiu a escada de dois em dois degraus até chegar ao topo.

— Você vem? — Indagou lá de cima.

— Estou bem atrás de você.



Storm fizera uma breve nota mental: as ciganas seriam suas favoritas a partir dali.

Leoni além de todos os atributos maravilhosos que possuía, também era uma amante insaciável. Pena que se casaria com algum lorde tolo que não saberia suprir as suas necessidades básicas.

Era realmente uma pena.

Mas Storm encarregar-se-ia de arranjar um bom partido para ela. Leoni merecia alguém do seu nível. Um imbecil estava fora de cogitação.

Damian.

Seu primo seria perfeito.

A governanta da mansão Wolfgang caminhara em sua direção, com um bilhete em mãos.

Felicía trabalhava para os Wolfgangs havia pouquíssimos meses, no entanto, mostrava-se eficiente e capacitada para o cargo de governanta.

Pobre Lisa. Sucumbira ao tifo no ano passado.

— Para a senhorita. — Ela sussurrou baixinho, só para que Storm escutasse.

Freyja levantou os olhos de supetão assim como Amber. Storm podia ouvir as respirações irregulares, e o olhar julgador de ambas queimarem sua pele.

— Essa mulher de novo?! — Amber fora a primeira a falar, tentando arrancar o bilhete das mãos de Storm.

Mas a herdeira do marquesado fora mais rápida, e saíra do alcance de suas mãos.

— Pare com essa tolice agora mesmo! — O tom cortante fez Amber erguer as sobrancelhas em sinal de desafio.

— Ah, pelo amor de Deus! Até quando será o cãozinho fiel de Caroline? — Ela cuspiu as palavras com ciúmes.

Não era segredo para Storm que Amber sentia ciúmes de sua amante, e mesmo assim, ela não levava em consideração. Amber se casaria na primavera com Mackie, um escocês muito bem articulado.

Conde ainda por cima.

— Amber...

Freyja sempre intervia nas discussões das duas. Era a mais sensata e com toda certeza não nutria sentimentos por Storm.

Ainda bem.

O temperamento dos Wolfgang era de longe assustador. Amber lhe bastava.

— Obrigada por entender-me, Freyja. — Storm agradeceu, colocando as mãos no peito.

— Na verdade, só desejo silêncio. — Freyja retorquiu, levantando os olhos amendoados.

Touché!

— Claro, milady. — Storm zombou, curvando-se exageradamente.

Amber continuou com o olhar assassino sobre ela.

— Venha cá. — A jovem ofereceu uma das mãos para ela, que as pegou. — Não haja assim na frente de Freyja, ela é muito nova para entender...

— Fale mais baixo, milady. Estou ouvindo-a citar o meu nome. E você não é uma decrépita, só são três anos, Storm. — Desdenhosa, Freyja sacudiu um lenço de linho no ar.

Storm sorriu.

Freyja era um tanto impossível e às vezes, ela não conseguia acompanhá-la.

— Touché.

Capítulo 3

Pilhas de documentos envolvendo os rendimentos das propriedades, preenchiam todo e qualquer espaço da pequena mesa em bronze do escritório silencioso. O lugar não era muito arejado e tinha uma decoração terrível.

Móveis de madeira por todos os cantos, estantes com exemplares grossos de capas nada atrativas tomavam o espaço.

Aquele ambiente combinava de fato com o marquês atual, em todos os aspectos existentes.

Nenhum outro entalhe, além de um relógio antigo dourado, pendia da parede cinza. O som do tic-tac irritante era o único ruído presente no aposento austero.

Estar à frente dos negócios de certa forma ocupava a mente agitada de Storm. Quando podia, sempre visitava a mansão Wolfgang para desopilar, porém, ultimamente estava frequentando demais a casa.

Não queria levantar suspeitas de seu envolvimento com Amber, que por certo faria Jack e Margaret perderem totalmente a confiança nela.

Storm tinha ciência de não ser um sonho de nora, muito menos para os Wolfgang. Os adorava, claro, mas sabia também que eram uma família tradicional. Ela não se enquadrava nos padrões de esposa perfeita.

— Uma tempestade aproxima-se e vê-la depois de tanto tempo é um colírio para os olhos!

Certa vez, Storm perguntara o significado de seu nome à Olívia. Sua mãe pacientemente explicou que em seu parto, uma tórrida tempestade cobriu o vasto céu, e naquele momento, a marquesa soube que ela sobreviveria a qualquer tempestade dificultosa que a vida colocasse em seu caminho.

Damian, primo de Storm, adentrou o cômodo com um de seus sorrisos ofuscantes, dignos de alguns socos.

Sua mão chegou a coçar, mas ela limitou-se a permanecer em sua cadeira acolchoada.

Não iria fazer um cena.

Estava ocupada demais para isso e Damian não valia o seu esforço. Principalmente os trocadilhos bobos com o seu nome.

— O que faz de volta tão cedo?

Um sorriso torto apossou-se dos lábios finos de Storm, ao passo que o jovem puxou-a para um abraço. A colônia almiscarada invadiu os seus sentidos, e os braços fortes a envolveram, protetores.

— Eu também senti a sua falta, Storm. — Ele murmurou entre os cabelos cor de âmbar perfumados dela.

— Sinto dizer que eu não.

Óbvio que ela não daria o braço a torcer. Damian sempre a abandonava para vadiar pelo mundo. Nem ao menos tentava levá-la consigo.

— Pode mentir para quem quiser, mas não para mim. Você sabe.

As íris verdes cintilaram em sinal de pretensão.

— Fale por si mesmo. — Ela retrucou, empurrando o corpo grande para longe.

Damian a encarou com divertimento nos olhos.

— A Grécia é um sonho! Você a amaria.

— Que se dane! — Berrando, ela deixou os papéis para depois.

As responsabilidades foram postas em seus ombros, e Storm não conseguira aproveitar metade do que Damian vivera. Sentia-se um pouco desgostosa em relação ao que ainda deveria conhecer antes de Arthur sentenciá-la à morte.

— Você é a futura marquesa, Storm. Seu pai confia cegamente em você.

Sim, o marquês de Hendeston confiava demais nela, mesmo com as desavenças que ocorriam de vez em quando.

O marquesado não precisava ser passado para um herdeiro homem, Arthur se encarregara disso, e ainda que Olívia tivesse concebido um filho, Storm ainda seria a marquesa por direito.

— Sei disso.

Seus olhos castanhos procuraram algo lá fora, além dos muros altos cobertos por ervas daninhas da mansão.

Um silêncio aterrador os envolvia e antes que Storm pudesse quebrá-lo, Damian fora mais rápido e o fizera de bom grado.

— É bom estar de volta. — Confessou num murmúrio quase inaudível.

— Fico feliz em tê-lo novamente em casa.

Damian era o irmão que Storm jamais tivera, e a casa dos Lawrence sempre era preenchida por uma imensa alegria quando ele retornava de suas viagens. No entanto, seu primo precisava de alguém.

Leoni.

Storm não estava acostumada a bancar o cupido, mas Damian era de longe um dos melhores partidos de Londres, e ela prometera que protegeria Leoni.

Ele ficaria encantado pela jovem, assim como ela. Não havia dúvidas quanto a isso, Leoni também o adoraria.

Storm tinha certeza.

— Acho que conheci a sua futura noiva. — Storm deliciou-se ao vê-lo se contorcer em ultraje

— Como disse, tio Arthur? — Ele desdenhou, afrouxando o colarinho como se de repente se sentisse sufocado.

— Conheci uma moça recentemente e...

— Mais uma? — Damian ironizou revirando os olhos.

Mas o sorriso cúmplice estava em seus lábios, e o traiu.

— Seu imbecil, deixe-me terminar! — Storm ralhou, fingindo aborrecimento.

Ela fora até uma das estantes em busca do gim destilado que o marquês sempre guardava. Precisava urgentemente de uma dose.

Damian tinha conhecimento do seu apreço pela bebida. Não se importava.

Ninguém via com bons olhos uma mulher beber tanto. No máximo, uma única taça de vinho em um jantar de grande importância era tolerada.

Mas Storm não gostava de seguir as regras, e não as seguiria nunca enquanto vivesse.

— Deseja uma dose? — Ela inquiriu, oferecendo de imediato um copo pela metade do conteúdo de teor alcoólico.

— Por favor.

— Veja bem. Leoni, uma amiga minha, acabou de chegar em Londres. — Ela começou com cautela, sentando-se novamente na cadeira.

— E o que eu tenho a ver com isso? — Damian não parecia de fato irritado, só um pouco curioso.

— Ela tem descendência cigana, ou seja...

— A aristocracia é uma porcaria. — Ele completou com seriedade.

— Exatamente. Eu dei a minha palavra, Damian. Irei acompanhá-la durante essa temporada. Ainda que seus pais possuam um título, ela ainda é metade cigana. — Concluiu cética.

— E aonde eu me encaixo nessa história toda? — As sobrancelhas grossas ergueram-se, fazendo a língua felina de Storm entrar em ação.

— Você não é tão burro, consegue ser um cavalheiro na maior parte do tempo e além de todas essas particularidades, é um Lawrence! — Ela comemorou com um entusiasmo cínico.

— Vejo que tem um grande apreço pela moça em questão.

Ele passou as mãos pelas madeixas loiras, parecendo rapidamente enciumado.

— Sim. A Srta. Greenwood é uma mulher incrível! — Apressou-se em acrescentar. — Em todos esses anos nunca conheci uma mulher tão maravilhosa, Damian. Ela é inteligente, é bela...

Storm parecia não conseguir encontrar os adjetivos que desejava para descrever Leoni precisamente.

— Freyja é tudo isso e um pouco mais. — Retorquiu ele, com um sorriso solene mas desafiador.

Storm parou abruptamente o seu relato, e o fitou com curiosidade.

— E porque tocou no nome de Freyja, Damian? Nutre alguma paixão secreta por ela? — Storm indagou levemente desconfiada.

As bochechas dele assumiram um tom de vermelho escarlate, arrancando gargalhadas nem um pouco civilizadas dela.

— Oras, você é cega, Storm? Convive há tanto tempo com as irmãs Wolfgang e nunca notou o quão inteligente e bela Freyja é? — O tom de voz de Damian era dotado de uma incredulidade desconhecida por ela.

— Não... Quero dizer, sim...— Ela respondeu atabalhada, sem saber ao certo como explicar.

Freyja era de fato muito inteligente, mas em relação a beleza, a sua sempre fora razoável. Não havia nada de extravagante na filha mais nova de Margaret.

— Para mim, Freyja sempre esteve muito acima da média. Então perdoe-me discordar, Storm. — Damian refutou com uma expressão neutra.

— Desejo que conheça a Srta. Greenwood no baile dos Walker esta noite.

Damian era o único homem que conhecia que estava à altura de Leoni.

— Por mim, tudo bem. Esta é a primeira temporada de Freyja também, não é?! — Ele perguntou com curiosidade.

— Sim, Damian. Por que esse interesse tão repentino por Freyja? — Storm não conseguia compreender.

Eles eram amigos, no entanto, ela não se recordava de serem tão próximos como Damian deixava transparecer naquele momento.

— Sinto saudades dela. Freyja sabe como se divertir. Mas você sempre está bastante ocupada levando Amber para a biblioteca nos eventos para os quais somos convidados, por isso nunca notou o quão alegre e autêntica ela consegue ser.

— Oras, por quem me toma? — Storm guinchou, agrupando os papéis.

— Não se preocupe, ela sempre preferiu você à mim. — Ele sorriu, atraindo os olhos escuros para si.

— Pelo amor de Deus, o que está dizendo?! Sim, Freyja ama colocar-me em meu lugar, apenas. — Storm zombou, descrente das palavras dele.

Freyja era a única capaz de fazê-la encolher-se de vergonha por seus feitos estúpidos. A seriedade em excesso deixava-a rígida demais para as pessoas próximas, e com Storm nunca fora diferente.

Em algum lugar do coração da jovem, sabia que Freyja nutria um carinho fraterno por ela.

Nada mais.

— Preciso aprontar-me. Com sua licença, milady.

Com isso, Damian a deixou sozinha no escritório divagando sobre as bobagens que saíram de sua boca.

Oras, por que o que ele disse a incomodara tanto?

Capítulo 4

A palavra modéstia não fazia parte do dicionário de Madame Vivienne. Ela não era nem um pouco altruísta, e estava claro como água para Freyja, que quem teria de pagar o preço por ser a irmã Wolfgang sem graça, seria ela mesma.

Recusava-se a usar espartilho e vestidos de tonalidades fortes, mas naquela noite em especial sua vontade não fora respeitada — para variar — ela fora forçada a usar vermelho.

O corpete em questão apertava sua caixa torácica de uma maneira que chegava a impossibilitar que ela respirasse normalmente. Queimaria todos os espartilhos de seu guarda-roupa se pudesse, mas querer jamais seria poder.

Pelo menos não quando o assunto era ela.

O decote do vestido só não beirava ao vulgar porque ela não possuía seios o suficiente para tanto.

Droga, detestava vermelho!

E detestava ter de comparecer a bailes para exibicionismo.

Não estava desesperada para casar-se, muito menos desejava compactuar com mentiras.

Casamentos eram apenas negócios. Freyja sabia que não teria a sorte de ser agraciada por um casamento perfeito como o de seus pais. Jack e Margaret casaram-se por amor, e nos dias atuais era algo realmente raro de se presenciar. A não ser, é claro, pelos livros de romances que estavam há mais de uma década esquecidos em sua estante.

— Trate de colocar um sorriso nesse rosto lindo, Freyja! Ou acabará espantando os seus possíveis pretendentes. — Amber cochichou, se materializando ao seu lado subitamente.

Amber era belíssima e estava prestes a subir ao altar com Mackie, conde de Mclaughlin. O projeto dos Wolfgang resumia-se a casar sua segunda filha.

O patinho feio.

— Esse é o meu desejo, irmã. Os quero bem longe de mim!
— Replicou cética, sentindo um gosto amargo na boca.

Bailes, soirées e toda a pompa não se adequava à ela. Freyja não tinha ideia de como afastar a sensação de incômodo com todos os olhares sobre si, como se esperassem para vê-la cair ansiosamente.

Apenas um deslize, apenas um e estaria arruinada para sempre.

Ela ainda não estava preparada para encarar aquela temporada.

A luz do candelabro iluminava os seus fios cor de mogno presos em tranças bem elaboradas no alto da cabeça.

— Veja, os Lawrence acabam de chegar! — Sua irmã gritou num sussurro, mantendo um dos braços no cotovelo de seu noivo.

Freyja sentiu o coração parar de bombear o sangue necessário para as veias de seu corpo. O órgão traíra batia freneticamente fazendo o som martelar em seus ouvidos.

E lá estava o motivo de suas faculdades mentais serem uma piada.

Storm adentrou o salão de braços dados com a tal Greenwood, e Damian caminhava logo atrás das duas com uma expressão indecifrável no rosto jovem.

As íris castanhas de Storm logo encontraram os seus olhos, e o pulsar em seu peito tornou-se quase insuportável quando sorriram

para ela.

A jovem Greenwood era de fato uma das moças mais belas da temporada. Ter conhecimento do interesse descarado de Storm pela moça incomodava-a, mas não tanto.

Freyja tinha se acostumado a tolerar as conquistas amorosas de Storm. Sabia que ela nunca abdicaria de sua vida desregrada.

Vinha lutando contra o amor unilateral que insistia em machucá-la arduamente. O empenho em desfazê-la de sua pele era digno de aplausos. Storm estava em cada lugar, pensamento e oração de Freyja, e ela não conseguia expulsá-la de seu coração.

Parecia incapaz de esquecê-la.

E não por falta de vontade. O que mais desejava em todo o mundo era poder arrancá-la de uma vez por todas de dentro de si. Almejava por ser livre outra vez.

Mas não era tão fácil na prática.

Ela dividia o coração há cinco anos com o sentimento de insuficiência, e Storm jamais a olharia para início de conversa. Não era bela como Amber, tampouco tinha a graça de Caroline.

Storm não a notara durante todo esse tempo, e não o faria agora.

Precisava se conformar.

Mas talvez não tivesse se esforçado o suficiente, ou...

Não. Quantas vezes tentara chamar sua atenção? Inúmeras, mas Storm não a levava em consideração em nenhuma das vezes, e nem poderia, Freyja era consciente da distância que as separavam.

Talvez devesse mesmo aproveitar aquela temporada. Com sorte encontraria algo recíproco.

— Está belíssima, Freyja. O vermelho combina com os seus olhos. — Storm gracejou, fazendo-a revirar os olhos.

— Está tentando elogiar-me? Não se dê ao trabalho. — As palavras ácidas pularam de seus lábios sem que ela ao menos pudesse pensar no que estava dizendo.

— Uma graça como sempre, milady. — Sussurrou Storm, voltando o seu olhar para Amber.

— Em minha humilde opinião, milady, você é a mulher mais bela desse salão. — então Freyja notou Damian.

Há quanto tempo ele estaria ali?

— Não precisa tentar me bajular, Sr. Lawrence. Sabemos que mente para que eu me sinta melhor. — Ela sorriu, abrindo o leque para disfarçar o desconforto.

Damian a olhou com seriedade.

— Minha cara, não se deprecie. Se pudesse arrancaria os meus olhos e lhe entregaria para enxergar o que vejo. — Ele rebateu, oferecendo o braço para ela.

Freyja sentiu as bochechas arderem.

— Obrigada, Sr. Lawrence. — Ela agradeceu, aceitando o braço que lhe fora oferecido.

— Suponho que já foram apresentadas, certo?! Me poupem o trabalho. — Damian sorriu, deixando a cabeça pender para o lado.

A jovem Greenwood sorriu para Freyja animadamente.

— Ah, sim! É um prazer revê-la, Srta. Wolfgang! — disse a jovem, tomando as mãos de Freyja entre as suas.

— Igualmente, milady.

De fato, a Srta. Greenwood estava além de qualquer beleza humana. Os olhos azuis transmitiam calor, animosidade.

— Tenho de concordar com o Sr. Lawrence. É a mulher mais bela desse salão!

Novamente Freyja sentiu-se enrubescer. Não estava acostumada a lidar com elogios, principalmente quando estes

vinham de pessoas tão bonitas.

— Gentileza sua, milad...

— Leoni, por favor. — A moça pediu, dando uma piscadela.

— Leoni. — Freyja repetiu, testando o som do nome na língua.

A noite estava apenas começando e ela só conseguia pensar em deitar-se em sua cama para dormir por toda uma eternidade.

Capítulo 5

Perambular pelo salão infestado por raposas como Leoni a tira colo, fora uma péssima ideia. Eles fitavam-na como se a pobre moça fosse um mero pedaço de carne.

Storm conseguia ler o que se passava na cabeça da jovem somente em olhá-la.

Herdara a perspicácia de sua mãe, não saberia dizer se era alguma vantagem, mas ainda assim...

Leoni tremia a cada passo. Seu medo parecia maior do que a confiança que tentara transpassar para Storm em seu primeiro encontro.

— Estou com você. Talvez não seja muito, mas meu nome ainda vale algo. — Ela tentou em vão tranquilizar a jovem, acariciando suas mãos trêmulas.

— Obrigada por acompanhar-me, milady. É muito importante para mim. — Leoni agradeceu, tentando controlar o nervosismo.

Storm fora sua salvação. A herdeira possuía posição e isso a transformava na saída perfeita para os seus problemas.

— Não precisa agradecer, milady.

Nesse instante a quadrilha teve início. Storm a conduziu para o lado, limitando-se a observar os casais que se formavam no salão.

Não tinha aversão pela dança em particular, mas também não juntava pontos a favor.

Ela vivia no meio termo, sabia todas as valsas e quadrilhas decoradas de cor. No auge de seus dezoito anos fora apresentada a rainha, e desde então, fazia parte da sociedade londrina.

As damas e cavalheiros que tomavam o salão de baile em nada lhe chamavam a atenção.

Mas um casal em especial conseguiu tal proeza.

Storm sentiu a respiração ficar mais rasa ao constatar que a moça flutuando nos braços de seu primo, era ninguém menos que Freyja Wolfgang.

Seus olhos recaíram no corpo pequeno envolto pelos braços de Damian, e tamanha fora sua surpresa.

O comentário que fizera mais cedo sobre como o vermelho combinava perfeitamente com os olhos cor de avelã da jovem Wolfgang, fora verdadeiro. A visão dela era aguçada e ela sabia apreciar uma bela mulher.

Mas Freyja? Não.

Storm nunca nem ao menos cogitara a possibilidade de observá-la com outros olhos, não poderia. Ela era sua amiga e jamais ousaria olhá-la com malícia. No entanto, não podia negar o que estava a um palmo de seu nariz.

Freyja rodopiava com elegância e destreza, sendo guiada por seu primo. A saia de seu vestido girava junto com ela e um sorriso caloroso tomava-lhe a boca carnuda, naturalmente rosada.

Aquela visão fez aquecer Storm por dentro.

O tal sorriso era de uma natureza desconhecida para ela que em momento algum teve o prazer de presenciá-lo.

A moça que se movia à vontade pelo piso xadrez parecia-se com Freyja, mas não era ela.

Não a Freyja que Storm conhecia.

— Está com o seu cartão de dança? — Ela perguntou a Leoni, enquanto lutava para se libertar da sensação estranha em seu estômago.

— Sim. É um cavalheiro que nunca vi, convidou-me para a próxima valsa.

— Em que momento isso ocorreu? — Storm questionou, com o cenho levemente franzido.

— No momento em que seus olhos ficaram presos no salão. — Leoni entrou no campo de visão dela, forçando-a a olhá-la. — A Srta. Wolfgang e seu primo formam um belo par.

Storm abriu a boca várias vezes antes de conseguir formular a frase mais sem sentido que já tinha dito em toda sua vida.

— Não seja tola, eles são apenas bons amigos. — Retorquiu ácida, ajeitando a luva branca.

Oras, por que diabos sentira a necessidade de esclarecer sobre a amizade de Damian e Freyja?

— Para mim, ele se sente atraído por ela. — Replicou Leoni, alisando a saia do vestido azul.

Em algum lugar, Storm pensava o mesmo, mas não conseguia aceitar.

Por quê?

Seus olhos continuaram em Freyja até a primeira dança cessar.

— Minha vez! — Leoni levantou-se animada, estendendo a mão para lorde Ian que surgira do nada ao seu lado.

Storm nem ao menos piscou. Continuou imóvel olhando para Freyja e Damian que caminhavam em sua direção.

Os olhos de Freyja sorriam para Storm, fazendo-a questionar se ela já havia lhe dirigido um sorriso semelhante. Se sim, ela não conseguia recordar-se da ocasião.

— Eu disse, você é perfeita! — Damian sorriu, enquanto Freyja se colocava ao lado de Storm.

Mais uma vez, fora impossível manter os olhos longe dela. O perfume doce impregnou o ar, e Storm o sentiu preencher seus pulmões.

O sorriso radiante dela continuou ali, escancarado.

O que estava acontecendo?

— Diga a ele, Storm! Diga a ele o quão desengonçada eu sou!

Ela virou-se devagar, tentando acompanhar o raciocínio nada lógico de Freyja.

Como poderia concordar sobre ela ser uma desengonçada depois de tê-la visto voar feito uma borboleta pelo salão?

— Não me peça uma coisa dessas. Damian tem toda razão, Freyja. Você é perfeita. — Ela tomou a mão pequena, demorando-se no beijo que plantou na palma.

Freyja ruborizou, e Storm só conseguiu pensar em como ela era adorável.

Céus, só podia estar enlouquecendo.

— Pare com isso, Storm! Sabe que os seus galanteios não fazem efeito em mim! — Os olhos da jovem desviaram-se do brilho prateado de Lawrence.

— Assim você me fere, Freyja. — Ela zombou, procurando por alguma alma conhecida dentre tantas pessoas espalhadas.

— Deveria tirá-la para dançar, Storm. Haja como uma dama. — Damian aconselhou, fazendo-a fitá-lo com desconfiança.

A gravata branca estava devidamente passada, e os calções de um azul escuro cobriam suas pernas torneadas.

Damian era tão bonito quanto o atual marquês. Se não fosse seu primo, Storm apostaria que seu pai pulara a cerca quando mais jovem.

Santo Deus, se Olívia estivesse vendo-a naquele instante, um raio partiria sua cabeça por cogitar tal sandice.

— Creio que a Srta. Wolfgang não deseja ter a reputação arruinada por mim. — Storm disse, erguendo uma das sobrancelhas.

Ah, sim.

O Sr. Wolfgang desejava com fervor que Freyja se estabelecesse em seu próprio lar com um marido honrado.

E a reputação que seguia Storm não era das melhores. Ainda que o marquesado fosse bem visado.

Ela não desejava desposar nenhuma moça para início de conversa, e quando acontecesse, Storm buscaria aposentar-se.

Ou não.

— Não vejo como sua reputação pode me afetar, Storm. Você vive em minha casa. — Freyja retrucou de maneira insolente.

— Pois bem. — Ela murmurou, ajeitando a postura — Srta. Wolfgang, me daria a honra dessa dança?

Freyja fitou-a com um sorriso debochado nos lábios, aceitando por fim.

— Com prazer, marquesa de Hendeston.

— Futura, meu bem. Futura.

A jovem Wolfgang bateu de leve com o leque nas costas de Storm, sendo conduzida para mais uma valsa.

Capítulo 6

O espartilho apertado só não se equiparava a sensação vertiginosa que tomara todo o corpo de Freyja devido ao toque preciso de Storm em suas costas. Os dedos dela acariciavam sua pele pálida escondida pelo tecido vermelho, atravessando-o.

Ao que constava, nada parecia conspirar ao seu favor aquela noite, fazendo-a amaldiçoar Deus e o mundo por ter sucumbido tão facilmente à provocação.

Por que diabos aceitara valsar com ela quando teve a chance de o recusar?

O pivô de todo o seu tormento — vulgo Storm Lawrence Browan Willye —, ameaçava comprometer a prudência que havia desenvolvido durante anos, e mesmo assim, algo parecia impedi-la de sair do abraço caloroso que a tomava.

Tola.

Uma vozinha ecoou dentro de sua cabeça.

A luz dourada dos cachos cor de âmbar a inebriava, deixando-a temerosa quanto a vontade de ceder aos seus instintos.

Desejava acariciá-los.

Ficar tão perto de Storm desarmava suas defesas completamente. Bom Deus, seria um desastre cair em meio a tantas pessoas. Suas pernas pareciam gelatina.

Fantasiar no silêncio de seu quarto, perdendo-se entre os fios indomáveis de Storm fora seu passatempo preferido na adolescência. Freyja desejava sentir a textura dos lábios rosados da

futura marquesa sobre os seus, desejava senti-la perto o suficiente...

— Sua expressão desgostosa ameaça destruir minha reputação, milady. Presumo estar sendo tediosa. — Storm apontou sutilmente, com os olhos fixos nos dela.

Um sorriso petulante brincava em seus lábios.

Não. Com toda certeza tédio não constituía nenhuma célula de Storm — para o infortúnio de Freyja —claro.

Ela daria tudo para que lady Lawrence fosse de fato tediosa como dizia, assim não se sentiria perdida a cada vez que a olhasse. Seria mais fácil controlar o ribombar de seu coração se mantivesse a uma distância segura.

— Quantos anos você tem mesmo? — Os dedos de Freyja firmaram-se ainda mais nos ombros de Storm cobertos pela musselina verde.

Storm continuava a conduzi-la por todo salão com uma calma aterradora. Ela não compartilhava dos seus anseios, e isso irritava-a no fundo.

Em seu âmago, almejava que Storm sentisse a mesma necessidade que a matava. Desejava que ela sofresse o mesmo que sofria.

Mas ficara óbvio que isso não aconteceria nem em mil anos.

— Creio que vinte e três. — Ela sorriu com petulância mais uma vez. — Acho que tenho experiência o suficiente para arriscar-me neste palpite.

Freyja bem sabia de quais experiências ela se referia.

— Pelo amor de Deus, Storm. Suas insinuações são descabidas, pare. — ralhou virando o rosto.

Sentia as bochechas arderem para variar.

— Sua especialidade é censurar-me ao que parece. — retorquiu Lawrence, girando-a.

Seus corpos moviam-se em uma sintonia surreal. Freyja nunca havia se sentindo tão completa, perdida, mas completa.

Ouvir a respiração serena de Storm de certa forma tranquilizava-a. No entanto, daria tudo para que a valsa terminasse logo. Mais um pouco, e estaria livre.

— Perdoe-me se soou ofensivo. Tentarei algo mais eficiente da próxima. — Os olhos claros perfuraram o breu prateado de Storm.

Pela primeira vez, Freyja vislumbrou o sorriso cheio de si dela desaparecer.

— Sua língua é bastante afiada, Srta. Wolfgang, por um minuto me esqueci do quão dura pode ser comigo.

Storm recuperou-se rapidamente do que quer que a tenha acometido.

— A tortura acabou, milady.

Freyja viu-se presa e não conseguiu falar nada coerente.

— Ah... claro. — Afastou-se um pouco desconcertada.



Olhar para o céu do jardim inabitado dos Alarcon, ajudara Freyja a pôr os pensamentos em ordem. As estrelas alinhavam-se simetricamente, atraindo seus olhos.

Quando tinha seis anos, um livro de astronomia perdido em sua biblioteca lhe chamou a atenção. Algo sobre constelações estava escrito no papel gasto, e rapidamente ela correu para os braços do pai em busca de respostas.

O livro descrevia detalhadamente o agrupamento das luzes brilhantes. As imagens ilustrativas faziam-na sonhar acordada.

O Sr. Wolfgang sempre permitiu que Amber e ela absorvessem todo conteúdo possível. Dizia que o conhecimento era a chave para levar o homem a caminhos inimagináveis.

— Shh...

Um farfalhar nos arbustos arrancou-a do frenesi. Freyja prendeu a respiração, temendo ser pega em flagrante.

Risadinhas preencheram o vazio do jardim.

— Shh... Storm, aqui não.

Não era de sua natureza bisbilhotar, mas ouvir o nome de Storm a fizera novamente sucumbir a curiosidade. Escondendo-se atrás de uma das fontes de gesso, Freyja torceu para que sua presença não fosse notada.

Ela reconheceria os cachos negros da condessa de Scabourth banhados pela pouca luz em qualquer lugar.

Freyja sentiu o peito doer quando o rosto de Storm afundou no decote vulgar da condessa, mesmo assim, seus olhos continuaram presos na cena que se desenrolava.

As mãos de Lawrence subiam e desciam por toda extensão do corpo dotado de curvas de Caroline.

— Jason não está em casa, lembra-se? Fique comigo essa noite, amor. — Ronronou a condessa, tomando os lábios de Storm nos seus.

— É muito tentador, milady, mas não posso.

— Por que não? — Uma certa irritação tomou o tom de voz indecente da mulher.

— Prometi acompanhar a Srta. Greenwood até em casa. É minha protegida nessa temporada. — Storm explicou, suavemente.

Não parecia abalada pelo tom nem um pouco convencional de sua amante.

— Damian pode acompanhá-la. Vi que ele está bastante interessado em cortejá-la.

Por favor, não.

Freyja rogou para que Storm não fosse com ela.

— Tem razão, mas terei de retornar o mais rápido possível para a mansão amanhã. — Storm sussurrou, puxando o corpete dourado para baixo.

Lawrence tomou um dos seios de Caroline na boca, obrigando Freyja a engolir o soluço.

Por que não foi embora?

Por que continuou assistindo as intimidades alheias, sabendo que no fim sairia machucada?

Por que seus pés continuavam firmes ao chão?

Freyja deixou o jardim em silêncio, rezando para que seu rosto não estivesse vermelho.

Como explicaria para Amber que andara chorando?

Primeira temporada cancelada com sucesso.

Capítulo 7

O peso de Caroline sobre o corpo nu de Storm a fizera despertar, lembrando-a que precisava ir o mais depressa quanto possível.

Fios negros cobriam a face serena da condessa de Scabourth, dando-lhe a aparência de um anjo caído.

A nudez de Caroline era magnífica. Storm conhecia cada centímetro de sua pele dourada, cada ponto sensível com a palma da mão.

Há dois anos brincava com a sorte. No momento em que seus olhos a avistaram na temporada de 1829, Lawrence soubera que a desejava.

Embora a dama já fosse casada com o conde de Scabourth, Storm não vira o cônjuge como um obstáculo a sua altura. Na verdade, para ela fora um alívio que Caroline estivesse comprometida, dessa forma não poderia existir nada além do que tinham.

Ela deixou o leito devagar, receando acordar sua amante.

Havia perdido a hora outra vez. Sra. Adgell arrancaria sua cabeça com satisfação — e com razão dessa vez — principalmente se sonhasse onde passara a noite.

Oh céus, seria embaraçoso.

Seus pés caminharam em direção a janela, causando pressão no assoalho lustroso. Tons de rosa, lilás e alguns pássaros no horizonte, formavam o combo perfeito.

Storm os invejava.

Quando criança, estimara ser um pássaro. Tornar-se marquesa arrancaria sua liberdade algum dia, ela tinha obviamente conhecimento daquele fato.

Acúmulo de correspondências esperavam-na no escritório

Sua cabeça latejava deliberadamente somente em lembrar.

— Levantou cedo, querida.

Os braços de Caroline circundaram sua cintura num gesto possessivo, mantendo-a junto a si.

— Preciso ir. — Storm anunciou, virando-se para ela.

Caroline afastou-se de suas costas brevemente, antes de contestar o informe. Seus olhos sonolentos cravaram-se no rosto impassível de Lawrence, incitando fadiga na mesma.

— Você parece me negligenciar ultimamente. Não tenho mais finalidade para você, é isso?

Storm sentiu a cabeça pesar diante o melodrama shakespeariano. Era exatamente por essa razão que na maioria das vezes optava por manter distância de Caroline.

— Esquece que sou a amante, querida. Seu marido pode ser um decrépito, mas ainda é seu marido.

Desde da noite passada, Storm estava aborrecida. Só não sabia exatamente o motivo para a tal exasperação. Suas têmporas pulsavam além do normal, e a voz da condessa tornava tudo pior.

— Quanta petulância. Isso por causa de uma cigana? — Ela apontou com zombaria, como se sentisse náuseas.

As íris azuis da condessa cintilaram em ciúme ao mencionar Leoni, provocando uma sensação de ardor no peito de Storm.

Ela não gostara do timbre usado para se referir a Leoni, mas preferira manter-se em silêncio.

— A moça tem nome, milady. E não, não é pela Srta. Greenwood. Não vejo como ela se encaixa nesse diálogo maçante.

— Storm retorquiu, permanecendo insondável.

Não sabia de onde Caroline tirava ideias tão infundadas.

— Desde da chegada da Srta. Greenwood, noto sua distância.

Caroline apanhou o chemise, lutando para esconder seu corpo dos olhos escuros de Storm, como se ela nunca o tivesse visto centenas de vezes antes.

— Não há coerência no que diz, condessa. E como lhe informei, tenho de ir.

Caroline continuou parada, vendo-a se vestir com uma urgência impressionante.

— Se partir agora sem me dar uma explicação satisfatória, peço para que não volte mais. Não preciso de sua compaixão, Lawrence. — Quando voltou a falar, os olhos da condessa focaram em algo além de Storm.

— Como desejar, minha senhora.

Ela deixou a mansão Scabourth sem sequer olhar para trás, encarando a recusa de Caroline um favor.



Damian fitava Storm como se a estivesse criticando. Os olhos verdes pretendiam invadir suas defesas, com o propósito de encontrar algo que pudesse usar contra ela, ou melhor, jogar nela.

Um tijolo talvez.

Damian era um ano mais novo que a prima, mas a sua astúcia pertencia a um velho de setenta anos.

Se bem que aquilo era algo bastante relativo, afinal, o marquês não possuía metade da perspicácia dele e já estava com

quase sessenta.

Não que o marquês de Hendeston não fosse inteligente, pelo contrário, mas ele ainda ignorava as mudanças.

— Me parece um abutre sondando a carniça da vez, meu caro. Diga logo o que tem para falar.

— Você me largou com aquela mulher, Storm. Entende a gravidade da situação em que me colocou?! Terei de cortejá-la!

Não, ela não cogitara essa possibilidade. Deixar Leoni voltar sozinha com Damian — sem uma dama companhia — levantaria rumores.

Droga.

Em seus planos as coisas não aconteciam de uma maneira tão desagradável. Não queria que Damian se visse forçado a assumir um compromisso que não desejava.

— Eu sinto muito.

— Não mais do que eu. Aquela mulher é tão... tão... — O rosto vermelho dele deixava em evidência seu desagrado.

— Tão? — Storm o incentivou a proceder.

— Arrogante! — Ele acusou abruptamente.

— Leoni? Arrogante? — Ela sorriu, cortando o ar com as mãos.

Não, havia algum mal-entendido.

— Santo Deus, o que está dizendo?

Damian blasfemou baixo, respirando com dificuldade.

— Acredita que ela me chamou de hipócrita?

Storm suavizou sua expressão.

Bem, não era o que ela esperava.

De fato, Leoni era um tanto desinibida. Não media as palavras, era de sua natureza. Sua inteligência em abundância

talvez causasse certo desconforto nos cavalheiros.

Homens não gostavam de mulheres inteligentes. Desejavam servas submissas e não esposas.

E isso lhe causava ânsia.

Mas generalizar não era de seu feitio. Damian assim como alguns outros cavalheiros que conhecia, não agiam de forma tão errônea. Seus princípios os impediam de tal agressão ao bom senso.

Eram de fato cavalheiros.

— E você não é?!

Damian fitou-a com incredulidade.

— De que lado você está? — Ele indagou às oitavas.

— Admita e o assunto será encerrado. Você mantém uma vida de aparências, nada nunca é suficiente para você. Por isso some nesse mundo vasto de meu Deus, estou errada?

— Continua a ler as pessoas tão bem quanto me lembro, mas eu também sou um Lawrence. Você é tão insatisfeita quanto eu. Ainda não encontrou alguém que a tenha transbordado. É uma farsa, Storm.

O semblante de Damian mantinha-se agora sossegado.

E ela teve de lutar contra a vontade de socá-lo.

— Não preciso que ninguém me preencha. Eu sou suficiente.

— Ela disse com firmeza.

— Veremos, prima.

Storm teve de engolir a vontade de gritar.

— Leoni mentiu?

— Não, e foi por isso que a odiei. Em poucos minutos de conversa ela conseguiu permear os meus muros. Nunca gostei de invasão, Storm.

— Escreva o que estou dizendo: Ela será uma Lawrence.

Capítulo 8

Margaret Wolfgang tendia a ser uma criatura de natureza afável. Tudo o que dizia estava ligado a algo maior.

A sensação de pertencimento entornava para fora das bordas do coração de Storm quando dividia o mesmo recinto com ela. A Sra. Wolfgang lhe dava uma atenção materna que sempre apreciara.

As mãos delicadas de Margaret levavam a xícara de porcelana chinesa aos seus lábios finos, enquanto o olhar amendoado fitava a herdeira de Hendeston.

Alguns fios brancos pela idade misturavam-se ao castanho-avermelhado de seu cabelo, contudo, isso em nada diminuía sua beleza exótica.

Amber partilhava o estofado com Mackie, enquanto Lawrence e Freyja, mantinham-se sentadas lado a lado nas poltronas de veludo vinho.

Já faziam quatro semanas desde o baile dado pelos Alarcon, e ainda assim, a comoção estranha ao olhar para Freyja permanecia afetando Storm.

Ela não conseguia compreender o que estava acontecendo, e talvez sentisse medo de descobrir.

Sempre fora alvo fácil da língua afiada de Freyja, contudo, isso nunca a incomodara. Nunca tivera efeito algum sobre ela.

Mas algo estava mudando.

Um brilho diferente emanava de Freyja. Uma linha tênue entre a severidade e felicidade cercavam-na.

Ou talvez Storm só estivesse ficando maluca.

— É verdade que lorde Damian está cortejando a Srta. Greenwood? — Margaret inquiriu, sem muita sutileza.

Ela tinha intimidade o suficiente com os Lawrence para fazer perguntas um tanto parciais, e sabia disso.

— Ah, sim. E atrevo-me a dizer que dentre de poucos meses estarão casados. — Storm afirmou convicta.

Mesmo com a relutância de Damian, Leoni conseguira conquistar seu coração.

Ele era um Lawrence afinal.

Os homens de sua família na maioria das vezes eram complicados demais, por isso Storm sempre preferira as mulheres.

Não que elas fossem menos difíceis, mas valia a pena se empenhar em conquistá-las. Mulheres eram seres formidáveis, inteligentes.

Perfeitas.

Leoni possuía fogo, inquietude, e Damian a completava com sua vivacidade e charme.

Eles completavam um ao outro como yin-yang.

Storm não ficara nem um pouco surpresa quando Damian anunciara estar completamente perdido. Não sabia como havia acontecido, mas fora laçado.

E ela zombara dele, lhe dissera que não resistiria a jovem Greenwood.

Leoni estava feliz.

Seus olhos brilhavam ao vê-lo.

O trabalho de Storm estava feito. Seu primo enfim se casaria, e mesmo não sendo de grande ajuda, Leoni encontrara o caminho até a sua felicidade por si só.

— E você? Quando se casará, querida?

Storm engasgou-se com o chá morno a mera menção ao matrimônio.

— Veja bem, Sra. Wolfgang, isso não tem a menor chance de acontecer. Pelo menos não agora. — Ela redarguiu baixo, transpassando nervosismo.

— Suponho que o céu esteja limpo esta manhã. Leve Storm para cavalgar, Freyja. O Hyde park por certo está inabitado a essa hora. Acho que estou velha demais para fazer as honras.

Margaret sorriu com animosidade para ela.

— É a mulher mais jovem desta sala, Sra. Wolfgang. — Storm gracejou, dando-lhe uma piscadela.

— Mamãe! — Amber irrompeu vermelha de vergonha.

— Se fosse alguns anos mais jovem e não fosse casada com Jack e o amasse tanto, você estaria perdida, Lawrence.

— Isso é lisonjeiro, Sra. Wolfgang.

Freyja observava o flerte com um sorriso torto no rosto.

— Eu tenho uma nova égua para mostrar. — Ela interveio, puxando Storm pelo braço.

— Foi um prazer, senhora. — Piscando uma última vez para Margaret, Storm fora arrastada por Freyja

— O prazer foi todo meu, Lawrence.



Margaret tinha toda razão. O calor abraçara Storm assim que montara Kaldur. A égua estava mais para um demônio, a

respiração um pouco irregular demonstrava sua infelicidade em ser domada.

A crina negra balançava junto ao vento como os fios indomáveis de Storm.

— Ela não parece gostar muito de mim.

Freyja ignorou-a completamente, montando com destreza em Roy.

Seu tronco afunilado era escondido por um espartilho preto, e as mangas do vestido estavam dobradas até os cotovelos. Os três primeiros botões do decote abertos, revelam a pele pálida de seu colo.

Storm não saberia dizer se a luz do sol começava a fazê-la enxergar coisas que não existiam, mas daquele ângulo, Freyja assemelhava-se a uma amazona.

Não lembrava de já ter visto as mechas cor de mogno soltas, ou algum sorriso infantil brincar em seus lábios daquela maneira.

Ela estava encantadora.

— Pelo menos há um ser em toda terra que não a idolatra, Lawrence. Isso é animador para nós reles mortais.

E mais uma vez Freyja a fez se sentir ridícula.

— Isso foi um pouco exagerado, Freyja. — Ela retorquiu constrangida.

— Diga-me uma única pessoa que a detesta e eu irei cessar fogo.

A seriedade habitual tomara o rosto de Freyja, empurrando para longe o sorriso involuntário.

Storm não soube como responder. Lá no fundo tinha conhecimento de que seus argumentos não eram válidos. Freyja estava certa.

Todos estavam.

— Eu... Eu... — Ela gaguejou puxando um pouco as rédeas de Kalduor.

— Minha intenção não foi afrontá-la, Storm. Só... Bem, perdoe-me.

Fora desconcertante.

Freyja não conseguira concluir, e ela nunca se restringia, isso perturbara Storm consideravelmente.

— Não há nada para perdoar. Você está certa. Todos em Londres parecem me amar, mas não se engane, Freyja. Isso não é estimado por mim, anseio por algo maior. Só não descobri ainda. Eles fingem.

A jovem permaneceu em um silêncio aterrador.

— lá!

Roy se pôs a galopar numa velocidade assustadora. Mesmo sentada de lado, Freyja sabia montar como ninguém.

— Freyja!

Storm forçou as rédeas de Kalduor, fazendo-a seguir o rastro fresco de Roy. Seu coração dava cambalhotas ao pensar que Freyja poderia se machucar.

Roy era dócil, mas sua dona não parecia mansa no momento.

Ela queria dizer mais, e Storm tinha medo de ouvi-la.

Capítulo 9

Vincent brincava com a barra de um dos vestidos velhos de Freyja, inocentemente. Os olhinhos escuros brilhavam em divertimento, enquanto ela tentava tirar as saias pesadas de seu alcance.

Estava escondendo o filhote de pastor alemão há meses no porão. Seu pai tinha alergia a cachorros, e Margaret sentia medo. Amber não era a maior simpatizante de animais abandonados, deixando-a sem muitas opções quanto ao que fazer com o pobrezinho.

Precisava mantê-lo escondido. Não teria coragem de jogá-lo na rua à própria sorte.

Tinha consciência de que mais cedo ou mais tarde alguém descobriria, no entanto, ela iria adiar o inevitável até que encontrasse alguém que pudesse de fato cuidar dele.

— Não, Vincent! Eu gosto desse vestido! — Ela ralhou tentando parecer brava, mas ele apenas continuou a correr pelo espaço.

Vincent carregava o pedaço de tecido amarelo entre os dentes como se achasse graça da expressão patética que tomava o rosto dela.

Era o terceiro vestido rasgado aquele mês. Que Deus a ajudasse

— Maravilha. — Freyja resmungou pegando o pedaço de pano babado da boca do cão.

— Em minha opinião, ele fez um ótimo trabalho.

Ela sentiu todo corpo ficar rijo quando a voz de Storm reverberou pelo porão mal iluminado.

O que diabos ela fazia ali?

Mesmo que tentasse esconder-se dentro dos muros de sua casa, Lawrence surgia e os derrubava com uma facilidade exasperante.

— Não conte a ninguém. — Freyja pediu, virando-se com uma calma ensaiada.

Storm era majestosa demais para o seu próprio bem.

O corpete deixava sua postura ainda mais ereta do que o recomendado, e o tecido lilás do vestido casual realçava um dos olhos que não estava escondido pela aba do chapéu.

Enquanto ela parecia ter sido atropelada por uma carruagem em movimento, Storm continuava a ser a mulher mais graciosa que conhecia sem ao menos esforçar-se para isso.

Não bastava ter título e poder, ela tinha de ser a personificação da própria beleza.

Santo Deus.

— O que faz aqui? — Freyja questionou num tom nem um pouco agradável.

— Por que está me evitando? — Storm indagou, acariciando a cabeça do cão que já estava deitado sobre os seus pés.

Por que ela tinha de ser tão irritantemente impecável? Ainda que estivesse de cócoras no assoalho de madeira, continuava tão refinada quanto antes.

Ou até mais, pelo amor de Deus!

— Considero essa acusação infundada. De onde tirou uma tolice dessas? — O protesto exasperado de Freyja a denunciou.

Storm havia acertado em cheio.

Vinha evitando qualquer contato com Lawrence desde que a tinha afrontado. Céus, era uma folgada. Desde de quando passara a apontar os erros das pessoas sem olhar para os seus próprios? — que infelizmente tinha que confessar — eram muitos.

Ver Storm descomposta mesmo que por pouco menos de um único minuto, a fizera se sentir péssima.

Freyja em nada tinha a ver com sua vida, e precisava enfiar de uma vez por todas na cabeça que não poderia ressaltar o que não lhe dizia respeito.

Oras, e daí que Storm às vezes se queixasse? Era humana mesmo que não parecesse, não?

— Foi pelo que me disse há três dias atrás?

Sim!

— Não!

Storm se pôs de pé novamente, aproximando-se com cautela, como se Freyja fosse um bichinho assustado.

Os olhos da jovem entraram em alerta à medida que Lawrence chegou mais perto de seu corpo, trazendo o perfume almiscarado que emanava de sua pele coberta.

— Eu disse que estava tudo bem, Freyja. Você sempre tem razão.

Não era aquilo que ela esperava ouvir.

— Eu não sou a dona da verdade, Storm. Não tinha o direito de jogar nada em sua cara, principalmente quando a pauta em questão não é de minha conta. Sinto muito.

E ela sentia realmente.

— Onde está aquela garota severa? Isso me faz quase sentir saudades dela. — Storm sorriu, alcançando as mãos frias dela.

A boca sedutora deixou um beijo no dorso da mão de Freyja, fazendo-a estremecer vergonhosamente por dentro.

— Deixei de ser uma garota há algum tempo, Storm. E só são três anos de diferença. — Freyja emitiu com certa impaciência, atraindo o olhar prateado para si.

Storm parecia procurar por alguma coisa em sua expressão. Os olhos enigmáticos varreram o rosto dela com uma lentidão perturbadora.

— Tem razão, eu...

A cena que se desenrolara a partir dali fizeram as pupilas escuras se dilatarem de susto.

O latido de Vincent fora o único som que Freyja ouviu antes de ter o corpo de Storm lançado sobre o seu.

O cachorro as tinha derrubado no chão sem que elas esperassem pelo ataque.

— Mais que inferno, droga! — Storm blasfemou, buscando os olhos da jovem.

— Storm! — Freyja repreendeu-a claramente constrangida.

— Perdão. — Lawrence murmurou, sem parecer de fato arrependida por seu linguajar vulgar. — Você está bem?

As mãos dela correram por todo corpo de Freyja desesperadas, procurando machucados que talvez houvessem sido provocados pelo baque.

— Storm. — Ela chamou respirando fundo pelo peso sobre seu corpo.

— Onde dói? — A explícita preocupação nos olhos da lady sensibilizou-a.

— Storm. — Freyja chamou uma segunda vez, esperando que Lawrence reagisse.

— Deixe-me ver... — Os dedos afoitos dela faziam o corpo de Freyja formigar.

E não fora proposital.

— Storm! — Ela berrou, puxando o rosto preocupado para perto do seu. — Eu estou bem!

A respiração de Freyja tornou-se instável quando ela obteve a atenção desejada. Storm fitou-a como se ela fosse alguma incógnita, seus olhos ficaram anuviados de repente.

Ela parecia em transe, trancafiada numa prisão própria.

Storm a olhava como se nunca a tivesse visto antes, como se ela fosse uma outra pessoa.

Como se a não conhecesse.

Freyja deixou-se ser analisada por aqueles olhos que a perseguiam em sonho sem fazer o mínimo esforço para se livrar do corpo que a prendia no chão.

— Certamente...

Ela assistiu com desgosto Storm recobrar a compostura. A sombra deixou o seu olhar, e ela adiantou-se em ajudá-la a levantar do chão.

— Está tudo bem, Storm?

Fora a sua vez de perguntar, levando uma das mãos ao rosto confuso de Lawrence, fazendo-a agir estranhamente.

Storm segurou sua mão antes de a repelir.

— Estou, Freyja. Eu estou bem. — Storm assegurou com um sorriso vacilante.

Freyja tentou não abater-se pela reação inusitada. A palma da mão de Storm estava quente, tão quente quanto o calor que a inundava os seus sentidos.

— Tenho algo para pedir.

Storm assentiu devagar, aguardando com paciência pelo tal pedido.

— Por favor, cuide de Vincent. Eu não posso. Mamãe tem medo e papai...

— É alérgico. Eu sei.

O ar estava pesado, e Freyja lutou para continuar sã. Storm continuava parada, fitando-a na espera de algo à mais.

— Não será permanentemente. Darei um jeito. — Ela apressou-se em esclarecer.

— Se isso ajudar de alguma forma, então tudo bem. Tenho certeza de que consigo dar conta desse garoto travesso. — Storm sorriu, trazendo a bola de pelos até o colo. — Não precisa se preocupar, ele estará seguro.

— Eu sei.

— Nos vemos no jantar? — Lawrence parecia levemente confusa com o rumo dos últimos acontecimentos.

— Sim. — Freyja garantiu.

— Ótimo.

Storm tinha um quarto só para ela na mansão. Margaret parecia gostar mais dela do que das próprias filhas.

Suas visitas não eram nada inusitadas.

Não como aquela.

— Até à noite então.

Assim, Storm deixou o porão com Vincent a tira coro.

— O que está acontecendo, Deus?

Capítulo 10

Sir. Benjamin olhava para Lawrence com uma seriedade mortal. Ela não tinha a menor noção de como era o som da risada do velho, visto que por sua influência inquestionável ele não se daria ao trabalho de lhe direcionar nenhum sorriso amistoso.

Os olhos cinzas dele continuavam presos aos de Storm, esperando por uma explicação plausível para a ausência de seu pai.

O marquês mantinha um negócio bastante promissor com Danvers, mas naquele momento ele teria de contentar-se com ela.

Oras, era a futura marquesa. Gostasse ele ou não, só ela poderia atendê-lo.

Sir Benjamin era ambicioso, uma máquina de negócios.

— Então o marquês de Hendeston não pode atender-me quando preciso dele? — Ele questionou incrédulo, proferindo as palavras ácidas com insolência.

Storm engoliu uma resposta mordaz, prezando o resto de paciência que lhe restava. Só conseguia lidar com uma única pessoa de postura carrancuda por vez.

— Presumo que não, Danvers. — Ela consentiu um tanto ríspida.

— E então...

— Então eu sou a única capaz de apresentar-lhe os números deste mês.

Os navios de sua família operavam em toda Europa exportando tabaco.

Os Lawrence viviam dessa forma desde do século passado.

Connor Lawrence Browan Willye, antigo marquês e seu avô, fizera jus ao título que herdara de seu pai. Fora um homem honrado e ensinara ao filho mais velho que nobreza nenhuma supriria a vontade de fazer muito além do necessário.

"Algo maior, Storm. Algo maior pequena garotinha".

Vira milhares de vidas serem sacrificadas quando ainda era um jovem soldado. Connor se aposentara alguns anos mais tarde, mas os horrores da guerra permaneceram em suas lembranças.

— Eu investi muito dinheiro nisto, menina! — Benjamin rangeu com os dentes trincados, segurando a bengala com força.

Storm ergueu as sobrancelhas em sinal de puro divertimento. Aquele era o seu defeito mais inconveniente, ela tendia a debochar em momentos inapropriados.

— Acha que estou aqui para brincadeiras? — O tom cáustico dela fez Benjamin franzir o cenho. — Eu sou a futura marquesa de Hendeston, senhor, e já lhe disse que tudo está sob controle. Se não confia em nossos números, suponho que procure outros que o agrade. Sou uma mulher de negócios.

Danvers arregalou os olhos em surpresa, fechando-os logo em seguida. A sombra de um sorriso surgiu deixando Storm em alerta.

O velho estava sorrindo.

Sorrindo!

— Tão pragmática... Connor estaria orgulhoso.

Ela piscou atordoada, procurando entender o rumo daquela conversa sem sentido.

— Conheceu o meu avô? — Storm murmurou num fio de voz.

— Aquele velho maldito? Ah, sim.

Seu semblante sombrio já não existia mais. Rugas apareciam nos cantos dos olhos de Benjamin devido ao riso frouxo que permanecia em seu rosto cansado.

— Isso é novidade. — Ela refutou mantendo o tom cáustico.

— O título estará em boas mãos. Seu pai nunca teve a coragem de enfrentar-me assim.

Deus, novidade demais.

Desde que seu pai partira para a Nova Ásia, Storm ficara responsável pela direção da casa e dos negócios.

De um cachorro também, e ele nem ao menos lhe pertencia.

Vincent era uma bola de pelos bastante inquieta.

E que Deus a ajudasse.

Absolutamente tudo era sua responsabilidade. Nada lhe escapava, nem mesmo o mísero dos detalhes.

— O marquês é um pouco mais... — Danvers ponderou, parecendo procurar as palavras adequadas. — Aéreo.

Storm continuou em silêncio, esperando-o concluir sua análise.

— Tenho de admitir que a sua reputação não é das melhores, minha jovem.

Ela sorriu de modo enviesado ao ouvir o que já sabia há muito tempo.

— Concordo plenamente com o senhor. Contra fatos não há argumentos. — Storm zombou irônica.

— Mas com você à frente dos negócios, tudo irá prosperar ainda mais. Arthur não poderia ter escolhido melhor. — Disse o velho senhor apurando-se na cadeira.

— Espere, isso é algum tipo de teste? — Ela inquiriu realmente contrariada.

— Bem, eu tinha de ver com os meus próprios olhos. Arthur se preocupa com você...

— Não desejo ser rude, senhor, mas achei essa cena simplesmente desnecessária.

— Seu pai não. Lidará com homens mais poderosos que eu, criança. Precisava ver se estava pronta. E você está.



— Isso é o cúmulo, Damian! Mandar um velho com catarata para testar-me?

Storm não desejara soar tão desrespeitosa. Mesmo que Sir. Benjamin estivesse com catarata ou não, não fora sua intenção referir-se a condição dele de forma tão descabida.

Gostava de velhinhos, mesmo quando eles não passavam de máquinas.

Seu comportamento talvez fosse um pouco exagerado, mas sentia-se sufocada. Seu pai nunca fizera algo semelhante.

Testá-la?

Ela tinha competência o suficiente para segurar as pontas até que ele retornasse.

Reconhecia que não era a mais virtuosa das damas, ainda assim, assumir os negócios da família era seu dever.

Seu destino, droga!

— Respire, Storm. — Damian aconselhou, sentado com as pernas cruzadas no sofá.

— Como não pensei nisso antes? — Ela caçoou estalando os dedos em frente ao rosto dele.

— Estou tentando ajudar.

— Perdoe-me por ser uma canalha.

Damian assentiu, estendendo as mãos grandes para ela.

— Melhor? — Ele acomodou-a ao seu lado, pondo a mão em seu ombro num gesto reconfortante.

— Sim.

— Primeiro de tudo, você é Storm Lawrence Browan Willye, caramba. Não há nada que não possa fazer. Segundo, ele talvez tenha exagerado sim, mas isso só serviu de lição. E por último e não menos importante, você é a futura marquesa! Apenas você, e somente você tem o controle de suas emoções. Não deixe que um teste bobo a afete.

Era incrível como Damian sabia que palavras usar para fazê-la se sentir melhor.

— Acho que não vou deixá-lo casar. Irei mantê-lo aqui como meu conselheiro particular permanentemente. — Ela sorriu, deixando a cabeça pender no ombro dele.

— Leoni me mataria se a deixasse no altar.

Ela sorria mais uma vez, antes de ter o riso preso na garganta quando Freyja adentrara o recinto.

A jovem Wolfgang parecia um anjo em seu vestido azul floral.

Inferno, estava imaginado coisas de novo.

— Desculpa aparecer sem avisar...

— Você é de casa. — Storm a cortou, fitando seus olhos avelã.

— Sinto-me honrada. — O gracejo falso veio acompanhado de uma reverência cheia de zombaria.

— O que deseja, Freyja? — Storm foi direto ao assunto, deixando-a desconcertada.

— Ver Vincent.

Ah claro, o cãozinho destruidor de jardins.

— Venha. Ele deve estar derrubando alguma árvore a essa hora.

Freyja repreendeu-a com um único olhar como sempre, fazendo-a sorrir em resposta.

— Ele é bonzinho.

— Claro que é. — Storm concordou falsamente.

— Você nem ao menos sabe fingir!

— Eu não costumo fingir.

Elas travaram uma disputa de olhares pelo que pareceu uma eternidade até que Damian apressou-se em intervir.

— Quem é Vincent?

— Bom Deus. — Storm levou as mãos ao peito dramaticamente.

Capítulo 11

Difícilmente Storm saía do escritório para sentir os primeiros raios solares aquecerem seu rosto. Fora um milagre ter se permitido desfrutar do momento.

Há quanto tempo não caminhava pelas extremidades de sua própria casa?

Um mês? Talvez dois?

O orvalho permeava o ar devido à chuva da noite passada, e a relva crescia desenfreada perto do pequeno lago artificial cheio de Kinguios — peixes dourados chineses — que seu pai trouxera numa de suas viagens.

As escamas douradas reluziam quando o sol forte batia na água límpida.

O marquês decidira fazer o lago quando ela ainda era só uma garotinha. Storm tentava a todo custo capturar os peixes com um anzol torto de uma vara de pescas que Olívia lhe fizera.

Brotos das mais variadas espécies desabrochavam por toda parte. O cenário era belíssimo, de fato cativante.

Não apreciar os presentes da primavera era um pecado sem tamanho, até mesmo para uma mulher como ela.

— Por que tem me evitado? — Freyja entrou em seu caminho, forçando-a a diminuir o ritmo de seus passos.

Estavam procurando Vincent há pouco mais de meia hora e nem sinal do bendito cachorro.

Elas mantiveram-se em silêncio durante todo o trajeto. Storm procurava encontrar alguma justificativa para o comportamento de

Freyja.

E para o dela.

Estava mesmo evitando-a?

— Não pode apreciar um bom passeio em silêncio, Freyja?

— Ela gesticulou para a jovem com uma expressão sarcástica no rosto bonito.

Algumas mechas se desprenderam das tranças bem elaboradas de Freyja, quebrando sua imagem sempre rigorosa.

O seu primeiro impulso fora retirá-las do rosto dotado de prudência dela, mas Storm se conteve.

— Isso já foi longe demais. Queria entender o que está acontecendo. — A jovem chiou, engolindo um murmúrio de frustração.

Ah, Storm partilhava do mesmo sentimento.

Quando fora que Freyja passara a afetá-la tanto? E as observações aguçadas dela ao seu respeito passaram de inofensivas a intimidantes num piscar de olhos?

Damian. Ele era o culpado.

Depois do baile dos Alarcon, Storm passara a notar particularidades de Freyja que não se dera ao trabalho de conhecer durante os cinco anos de convivência.

Poderia começar sua lista pelo sorriso deleitante que a jovem oferecera ao seu primo depois de flutuar pelo salão em seus braços, ou citar o fato de ter afirmado com convicção que o vermelho combinava perfeitamente bem com a cor dos olhos dela.

Talvez devesse anotar que por um quarto de segundos, Freyja chegara bem próxima de seu coração quando lhe disse verdades que ela nunca se atrevera a considerar.

Eram tantos pontos.

Mas não era atração. Storm saberia se o fosse. No entanto, não conseguia distinguir com precisão o porquê de Freyja fazê-la sentir coisas estranhas somente em olhá-la.

Storm não poderia se sentir atraída por ela, Céus! Ela era Freyja Wolfgang, sua melhor amiga. A única capaz de desaprovar suas amantes e a vida desregrada que levava.

— Eu poderia fingir que sei do que está falando, mas você sabe que eu odeio fingir.

Freyja mirou seu rosto, demorando-se em sua boca.

Ela desviou os olhos, para então voltar a fitá-la outra vez.

E mais uma vez.

Estar sendo observada por Freyja daquele forma, despertara nela uma urgência estranha. Era constrangedor ter os olhos inquisitivos sobre si, ainda que de alguma forma isso a aquecesse na mesma proporção.

— Freyja... — Ela não reconheceu a própria voz ao falar.

Estava rouca.

A jovem Wolfgang piscou, umedecendo os lábios com a ponta da língua, chamando Storm para eles inconscientemente.

— Parece que não canso de agir como uma tola, não é?! Não há propósito neste diálogo. Assim que encontrarmos Vincent, irei embora. — Freyja sorriu, tentando fazer descaso da situação.

— Desde quando foge da confusão que sou eu?

A tensão suavizou-se um pouco entre elas para o alívio de Storm. No entanto, o que era bom durava pouco e Deus estava de prova que ela estava tentando acertar.

Daquela vez ela queria acertar.

Mas Vincent não desejava isso.

Ele surgiu de repente, jogando-a para cima de Freyja sem cerimônias. A bola de pelos empurrara as pernas escondidas pelo

vestido floral com uma facilidade impressionante.

A grama amorteceu a queda, evitando que as costas de Storm fossem quebradas pelo peso de Freyja e suas saias.

O corpo magro encaixou-se perfeitamente ao seu, deixando-a quase sem fôlego no processo. Era possível sentir as curvas de Freyja mesmo com quilos de tecido.

— Droga! Vincent! — Freyja praguejou com os lábios crispados em desgosto.

Ela estava mais preocupada com o cachorro do que com o estado precário de Storm.

— Storm! Ai meu Deus, Storm! Perdoe-me...

Os olhos dela pareciam ainda mais claros devido a luz. Storm mais uma vez viu-se perdida em sua imensidão dourada, assim como no porão quando Vincent a derrubara em cima dela.

Era possível ver com exatidão as bordas salpicadas por pequenos pontinhos escuros e os cílios alongados.

Nunca vira olhos como os de Freyja. Eram lindos.

Como não percebera antes?

Outros cachos soltaram-se de suas tranças, e Storm não receara como fizera antes. Ao contrário, ela os colocara atrás da orelha de Freyja com delicadeza.

Seus dedos roçaram na pele quente, sentindo-a tremer sob a ternura que depositara no toque.

— Você está machucada? — Freyja tentou em vão falar, com as bochechas ruborizadas.

Storm apenas assentiu porque soube que também não conseguiria falar nada de coerente no estado de dormência em que se encontrava.

Freyja abaixara o rosto para o seu com as pálpebras cerradas, fazendo-a almejar sentir o gosto da boca dela.

Mais um pouco e...

— Milady! O marquês está em casa!

Ela levara um choque de realidade, assim como Freyja que saíra de cima de seu corpo com uma rapidez impressionante.

As pernas cambaleantes da jovem Wolfgang foram aparadas por Vincent que saltitava parecendo feliz com a desgraça alheia.

O que acabara de acontecer? Pelo amor de Deus, ela quase beijara Freyja, quase!

Sra. Adgell aproximou-se parecendo relutante. Ela olhava para Storm com horror.

— Seu pai pediu que a levasse. — Anunciou a governanta, tirando algumas folhas de seu cabelo tentando deixá-la no mínimo apresentável.

— Voltarei para casa. Mamãe deve estar louca, você sabe como ela é. — Freyja falou por fim, acariciando a cabeça de Vincent nervosamente.

— Fique para o almoço. Papai irá adorar vê-la. — Storm interveio sucintamente, temendo por deixá-la ir naquele estado.

— Não quero incomodar.

Talvez fosse melhor deixá-la ir.

— Você nunca incomoda, Freyja.

Ela sorriu sussurrando um pedido de desculpas antes de virar-se e seguir seu caminho com Vincent em suas botas.

Sra. Adgell continuava fitando Lawrence com reprovação.

— Diga logo o que a perturba.

A velha respirou fundo antes de desatinar a falar.

— Milady, a Srta. Wolfgang é uma moça respeitável. Se isso for a público será um escândalo sem tamanho...

Fora a vez de Storm respirar fundo em ultraje.

— Pelo amor de Deus, Sra. Adgell! Por quem me toma? Freyja é minha amiga. Nunca desejei seduzi-la e jamais o farei. O que viu foi um mal-entendido!

Aquela era a maior tolice que ela já escutara em sua vida.

— Não se faz mais governantas como antigamente! — Storm explodiu, ficando vermelha de vergonha.

— Servi ao antigo marquês, milady. — Lembrou Eleanor com suavidade sobre o tempo que trabalhava para os Lawrence.

— Arrgh!

Ela irrompeu pela porta de mogno com passos firmes e decididos.

— A Srta. Wolfgang é uma moça respeitável. Se isso for a público será um escândalo sem tamanho... — Ela grunhiu com a velha senhora em seu encalço.

— Resmungar é falta de educação, senhorita.

— MAIS QUE INFERNO!

Capítulo 12

O nascer do sol havia chegado infiltrando-se pelas cortinas, e com ele as tarefas tediosas que se seguiriam durante todo o dia.

Dormir era um estado divino de descanso para Freyja, ainda que não tivesse permissão para fazê-lo pelo tempo que desejava.

Madame Vivienne jamais concordaria com tamanha preguiça, alegando o mesmo de sempre.

"Tem de mostrar pontualidade, milady". "Está perto de completar vinte anos, precisa ser mais prudente".

Sonhar, até onde Freyja sabia, ainda era permitido para os pobres mortais, por isso rogava aos céus que o dia passasse depressa.

Depois do chocolate quente que sua mãe lhe preparava em dias chuvosos, dormir era a oitava maravilha do mundo para ela.

Se bem que a primavera chegara mais cedo que o previsto. Embora ela desse tudo por uma caneca fumegante de chocolate quente naquela manhã.

A sonolência impedia Freyja de sair dos lençóis limpos. Só desejava permanecer ali, como se não se importasse com a droga do fim do mundo.

— Já deveria estar de pé, milady! Ah, Deus, a senhorita ainda me fará enfartar.

A voz grave de Madame Vivienne reverberou pelo aposento iluminado, fazendo-a praguejar contra o travesseiro.

Oh Deus, seu sonho era que a velha senhora deixasse a mansão Wolfgang e fosse para a propriedade de sua família em

Hampshire. Sua vida seria muito mais tranquila sem Vivienne, que a atormentava desde os seus onze anos.

Decerto a influência dela sobre Freyja a deixara mais fria com todos, inclusive com Storm. Ela tinha dificuldades em expressar seus pontos de vista em qualquer conversa que a envolvesse.

Nós se formavam em sua garganta quando lutava para sair de sua zona de conforto.

Amber era tudo o que ela jamais seria.

Falante, encantadora, bela...

Ela odiava se auto depreciar. Não era agradável, machucava-a, mas não conseguia parar de pensar em como tudo teria sido mais fácil se ela fosse mais parecida com sua irmã mais velha.

Sentia-se deslocada com a própria família. Era como se fosse estranha demais para se sentir em casa com eles.

Amava-os, óbvio. Mas era muito mais complexo que isso.

— Só mais dois minutos, Madame Vivienne... — Ela suplicou, afundando ainda mais nas cobertas.

— O duque de Portendorfer está agora mesmo lá em baixo, servindo-se de chá. Ele está na cidade há algumas semanas, e o Sr. Wolfgang é um dos homens com quem ele planeja fechar negócios.

Freyja abriu os olhos, sentindo-se tonta.

Fazer sala para visitantes tirava qualquer mínima vontade de descer para o café da manhã.

— E o que eu tenho a ver com os negócios de papai? — Ela indagou franca, erguendo uma sobrancelha.

— Não é óbvio? O homem é um nobre, tem boa aparência, é solteiro... Talvez a senhorita não esteja perdida, ainda há esperança!

Uma gargalhada nada civilizada escapou de Freyja. Ela sentou-se no colchão macio, cobrindo sua chemise transparente com um dos lençóis brancos.

O tal duque jamais se interessaria por ela, e mesmo que por algum milagre isso acontecesse, a ideia de casamento por conveniência não lhe enchia os olhos.

Não era ignorante o bastante para pensar que as pessoas casavam-se por amor. Acreditava em sua existência, afinal ela o sentia, mas Freyja era cética demais para crer que conseguiria ter a mesma sorte de seus pais.

Casamentos eram apenas negócios, e ela não seria uma esposa passiva diante de possíveis infidelidades.

A ideia de casar-se fez seu estômago vazio embrulhar.

— Oras, pelo amor de Deus, Madame. Você nem mesma acredita na tolice que acabou de dizer.

Ela limpou as lágrimas nos cantos de seus olhos com os dedos, e assistiu com satisfação o rosto de Madame Vivienne ficar muito vermelho.

Não seria de admirar que fogo saísse pela boca da mulher.

— Milady! Não acredita em seu potencial?

— Ah, mas é claro que acredito, madame, por isso, temo por decepcioná-la. Vossa graça... — Ela gesticulou para que Vivienne a lembrasse do título do homem.

— Duque de Portendorfer! — A velha guinchou, arrancando risos baixos dela que tentava manter-se o mais séria possível.

— Oh, sim. O duque de Portendorfer, não está a minha altura. — Freyja zombou cinicamente.

Como um duque não estaria à sua altura? Apenas a rainha estava acima dele.

Mas Freyja não perderia a chance única de irritar a megera Vivienne.

— Milady, por favor, levante-se desta cama. — Suplicou a senhora com as feições cansadas.

— Sim, madame.

Freyja levantou-se devagar, deixando as cobertas caírem ao chão num baque surdo.

— Um dia há de agradecer-me, senhorita.



Madame Vivienne nunca estivera tão certa em relação a beleza de um homem, visto que achava Tom MacLyrrson, vizinho dos Wolfgang, belo.

Mas o duque estava muito além da média dos ingleses que Freyja tivera o desprazer de conhecer nas soirées dados por sua mãe.

Cachos negros como ébano caíam pela testa lisa do duque, fugindo do topete que por certo o seu valete fizera na falha tentativa de mantê-los quietos.

O casaco de veludo verde guardava músculos fortes e a virilidade do homem que mantinha uma conversa sobre os negócios na América com seu pai.

— O que acha do empreendedorismo, milady? — O duque dirigiu seu olhar para Freyja, que mantinha o olhar no prato.

— Responda a pergunta do duque, querida. — Margaret a tocou no ombro, buscando atrair sua atenção.

Freyja ergueu o olhar confusa.

O duque mantinha-se focado nela.

— Perdão, milorde. Pensei que...

Ela pensara que a pergunta fora para Amber.

— Bem, acredito que o empreendedorismo é a chance perfeita para aqueles que não possuem títulos crescerem na vida ao seu próprio modo. — Ela começou com muita convicção. — Há quem não concorde, claro. Meu avô, por exemplo, só tinha a sua disposição uma pequena fazenda deixada por seu pai. Ele fizera fortuna com o pouco que possuía, e tornou-se um dos homens mais bem sucedidos dessa cidade. Podemos não possuir um título, mas temos dinheiro o suficiente para as próximas décadas.

Ao fim de sua resposta, Margaret engasgou-se com um pedaço de bolo.

Enquanto isso, o Sr. Wolfgang fitava a filha com um misto de orgulho.

— Penso da mesma maneira, milady. — O homem sorriu, exibindo os dentes brancos.

Freyja assentiu, bebericando do chá.

— Até quando ficará conosco, milorde? — Margaret inquiriu docemente.

— Eu tinha planos de voltar amanhã, mas percebi que Londres tem muito a oferecer-me.

Seus olhos azuis voltaram-se para Freyja, fazendo-a ruborizar.

— Desejo que consiga conhecer o marquês de Hendeston e sua filha lady Storm antes de partir. Creio que será proveitoso para vocês.

Fora impossível não inspirar fundo a menção do nome de Storm. Freyja lembrou da manhã em sua casa quando ela parecera tê-la enfim notado.

Os olhos escuros de Lawrence varreram sua alma sem sequer deixá-la assimilar o que estava acontecendo.

Freyja sentiu-se padecer quando os dedos dela acariciaram seu rosto com ternura.

Tudo estava um caos.

Não sabia o que pensar. Storm nunca se aproximara tanto daquele jeito. A não ser pela vez no porão quando Vincent a jogara em cima de seu corpo.

— Com toda certeza, os adorarei.

Freyja não tinha objeções quanto à isso.

Capítulo 13

— Como pôde mandar um velho com catarata me supervisionar? Achei que confiasse em mim!

O marquês continuava sentado em sua poltrona de couro, fitando a filha com diversão.

Storm não era uma mulher de temperamento dócil, e vê-la irritada lembrava-o de Olívia.

Ah, como sentia falta de sua marquesa.

Storm era o seu bem mais precioso em toda terra. Muito mais que o título, ou a fortuna que fazia na Nova Ásia.

Ela era sua menina, sua pequena amazona.

— Seja mais respeitosa com os idosos, Storm. Isso não são modos, sua mãe me mataria se estivesse aqui. — Ele retrucou, tentando parecer aborrecido pelas palavras dela.

— Sim, tem razão. — Ela sussurrou com pesar na voz.

A expressão beirava quase ao arrependimento.

— Oras, não faça parecer que ele morreu. Ele sobreviverá à todos nós!

Storm sentiu o peito aquecer quando os olhos escuros de seu pai sorriram para ela. Mesmo obrigando-se a permanecer zangada, fora uma tentativa nada sucedida.

Ele tinha a proeza de fazê-la sorrir quando ela somente desejava confrontá-lo.

O marquês abandonou o conforto do assento, caminhando em direção a ela.

Seus braços fortes levantaram-na como se Storm não pesasse muito mais que uma borboleta.

— Papai! — Ela ralhou ainda segurando o riso.

O marquês a pôs no chão depois de plantar um beijo em sua testa, deixando o queixo descansar na confusão dourada dos cabelos dela.

Storm era idêntica à ele.

Quando Olívia entrou em trabalho de parto, rezou para que a criança ao menos nascesse com alguns traços seus, como recompensa pelas contrações insuportáveis.

Mas não.

Storm herdara os mesmos olhos de seu pai, o mesmo tom dourado de seus cabelos e o pequeno sinal perto da boca.

Enquanto crescia, ela só mostrava o quanto havia herdado do temperamento forte e da beleza dos Lawrence.

— Bem-vindo, papai. — Ela disse emocionada, enterrando seus dedos na massa grisalha dele.

— Sinto muito por tê-la magoada. Acredite quando digo que foi necessário. Danvers é um miserável irredutível, eu sofri bastante. — Ele fez uma pausa, e então continuou. — Depois de meu pai, fora o mentor mais competente de todos.

Storm tentava compreender o que ele desejava passar, no entanto, ainda estava desapontada.

— Não há mais nada a fazer. Não o perdoei, mas prometo que tentarei.

— Não use esse tom de zombaria comigo, querida, meu farei Damian meu herdeiro.

Eles sabiam que Arthur nunca cogitara tal possibilidade. Seu sobrinho era de uma inteligência incomparável, tinha de admitir, mas Storm era a única que levaria seu legado.

— Melhor para mim! — Ela o empurrou devagar, com o corpo trêmulo de tanto rir.



Um dos homens de confiança de Jack Wolfgang, havia entregue uma carta ao mordomo da mansão Lawrence aquela tarde.

O Sr. Wolfgang os havia convidado para um soirée em sua residência.

O intuito do convite fora Nicklaus, duque de Portendorfer. Ele desejava que o marquês e sua filha o conhecessem.

Storm não ficara satisfeita. Estar na presença de Freyja ultimamente a deixava inquieta. Seus olhos haviam se tornado uma espécie de distração.

Sempre que a olhava sentia uma pontada de desconforto no peito. Freyja era uma constante em sua vida, nutria grande afeição por ela, e no que dizia respeito a qualquer flerte, ela nunca havia sido um interesse seu.

Teria de manter-se daquela maneira, ou Storm nunca mais saberia o significado da expressão "paz de espírito".

Sentada à mesa ela não conseguia desviar os olhos de Freyja um segundo sequer. As íris escuras eram atraídas para as mechas cor de mogno a todo momento.

Os cachos claros desciam pelas têmporas, e alguns fugiam do penteado elaborado, descansando no pescoço esguio.

Mais de uma vez, Storm flagrara o duque encarando Freyja com interesse. Ao que parecia ela não era a única a não conseguir parar de fitá-la.

— Diga-me, milady, herdar o título de seu pai a preocupa? — A voz rouca de Nicklaus invadiu os seus ouvidos, forçando-a a encará-lo.

Lawrence sorveu alguns goles de vinho, para então respondê-lo.

— Não, milorde. Para mim é uma honra sem tamanho carregar o legado dos Lawrence. — Ela proferiu, olhando no fundo dos olhos escuros do lorde.

O marquês sorriu para ela com orgulho mal disfarçado.

Nicklaus era um homem muito bonito. Tinha descendência francesa, o que contribuía para o sotaque charmoso.

Sua gravata branca bem passada revelava toda elegância que o cercava. Assim como os fios negros domados para trás num topete impecável.

Ao que parecia, ele almejava por fechar negócios com o marquês, e Storm desejou ver o investimento em questão com bons olhos, mas algo no duque não lhe agradava.

Talvez fosse o sorrisinho um pouco presunçoso demais — para dizer no mínimo —, ou somente não gostava da forma como ele encarava Freyja.

— Londres está cheia de mulheres encantadoras. — Fora impossível não notar que os olhos do duque fitaram Freyja com uma intensidade inquietante.

— Oh, milorde! Isso é muita gentileza de sua parte. — Margaret sorriu com afeição para ele.

O jantar terminara cedo, e na primeira oportunidade que surgiu, Storm deixou o aposento, alegando estar com enxaqueca. O que era uma mentira bastante usada quando o alguém em questão não desejava estar em determinado cômodo.

Madame Vivienne teve de acompanhá-la até o quarto de Amber.

Ela olhava para o céu da varanda do quarto escuro, esperando que as batidas de seu coração normalizassem. As estrelas brilhavam na imensidão do azul negro.

Fitar o céu concedeu-lhe certo conforto.

Dividir a sala de jantar com Nicklaus fora irritante. Ele parecia gostar de ser o centro das atenções.

Mas de certo modo Storm também adorava. Não podia culpá-lo.

Mas a atenção que não tinha conhecimento de apreciar tanto até então, não estivera nela. Freyja o fitara de volta durante todo o jantar, e mesmo que Storm estivesse relutante em assumir, sentira uma pontada estranha no coração.

E que Deus a ajudasse, não podia sentir ciúmes de Freyja.

— Posso entrar?

A porta de madeira fora aberta sem fazer o menor ruído. Storm estava ocupada demais travando uma batalha interna com o pouco de decência que esperava possuir, para ouvir a voz aveludada reverberar pelo aposento.

— Deveria estar com todos. — Fora sua resposta brusca.

Ela amaldiçoou a si mesma pela falta de tato.

Freyja não tinha culpa dos seus tremores. Ainda que fosse o motivo deles.

— Converse comigo...

Respirar fundo e contar até dez não estava ajudando muito. Storm não queria conversar, se o fizesse, assustaria Freyja.

E ela não poderia. Jamais.

— Madame Vivienne não está mais fazendo vista grossa?

Freyja não deixava que suas emoções saíssem do controle. Era complacente, e não apreciava troca de amabilidades. Nunca se

dava ao luxo de entrar num diálogo onde não envolvesse alfinetadas desconcertantes.

E na maioria dos casos, Storm era o seu alvo favorito, mas nunca fora além. Freyja não era de confidenciar seus medos, e ela muito menos.

— Algo não a agradou? — A voz branda dela quase fez Storm ceder.

— Não. Estava tudo perfeito. — Storm assegurou, ainda olhando para o azul à sua frente.

Freyja alcançou-a com passadas curtas, cheias de moderação. O farfalhar de suas saias lembraram Storm que ela usava vermelho aquela noite.

Era verídico, vermelho tornara-se a cor preferida dela.

— Perdoe-me, mas não acredito numa só palavra. Vi como deixou a sala de jantar, Storm. Estou pedindo para que seja franca como sempre foi. — Ela pronunciou as palavras com calma, parando atrás do corpo alto de Lawrence.

Storm engoliu em seco quando o aroma floral que provinha da pele sedosa dela a cercou.

Maldita fosse ela por deixar-se levar pelo perfume de Freyja.

A essência era de uma orquídea chamada *Cattleya labiata*, espécie encontrada no nordeste do Brasil. Ela florescia durante o fim do verão e no início do outono nas regiões quentes do país.

Robert Gibbons, um coletor de plantas a descobrira em 1816, enviando-a para a Inglaterra junto com outras espécies também descobertas no nordeste do país.

Um dos botânicos mais renomados da cidade criara a fragrância enquanto residia em sua casa em Paris.

Freyja ganhara o perfume de Margaret no seu aniversário de quinze anos, e desde então, esse era o seu cheiro.

Lawrence o inspirou, sentindo-o intoxicar cada partícula de seu corpo.

Após muita relutância, ela decidiu olhar para Freyja. Arrependendo-se amargamente no segundo posterior.

A pouca luz fizera a pele branca de Freyja cintilar, fazendo-a lembrar do sol forte na primavera em Hampshire.

Por ser bem menor que Storm, Freyja teve de levantar o olhar para encontrar o rosto confuso dela.

Por um momento, tudo pareceu simplesmente parar. Os olhos castanhos claros de Freyja procuraram respostas as quais ela não poderia oferecer.

— O duque a ofendeu? Se sim, peço para que o perdoe. Ele não está familiarizado com os nossos costumes, viveu toda sua vida na França.

O calor que envolvia Lawrence fora substituído por frieza.

Bom Deus, Freyja o estava defendendo!

— O conhece há o quê? Dois dias? — Sua hostilidade não passou despercebida pela jovem.

— Não compreendo aonde quer chegar, Lawrence. — Freyja retorquiu com uma sutileza que a irritou.

— Como uma excelente observadora que sou, modéstia parte, Srta. Wolfgang. — Ela disse com um sorriso pretensioso. — Percebi as intenções do duque. Então sua primeira temporada não parece mais tão terrível, não é?! Pela maneira como o defendeu, pressuponho que a porta para o mercado matrimonial acaba de ser aberta!

Ela continuou a sorrir com petulância.

— Cale-se! — Freyja esbravejou, deixando as mãos caírem ao lado do corpo como se houvesse sofrido um golpe violento.

A princípio Storm ficara bastante surpresa com sua explosão, mas o efeito não durou por muito tempo.

Lawrence dera dois passos em direção a mulher baixa que mantinha uma expressão raivosa no rosto, agigantando-se sobre ela.

— Pede para que agora eu me cale? Pensei que a distraísse. Minha voz não é mais agradável?

Pouco a pouco ela viu sua irritação se dissolver. Algo nos olhos de Freyja a fizera baixar a guarda, e blasfemar por ter se portado de maneira tão desagradável.

Nunca levantara a voz para ela. E não começaria agora.

— Freyja... eu não sei o motivo de ter sido uma estúpida. Por favor, perdoe-me.

— O que quer de mim?!

Mais uma vez a fúria no olhar da jovem a pegara desprevenida.

O que ela queria? Por que sentia que uma adaga de dois gumes perfurava seu coração quando a via?

Por quê?

— Eu não sei. — Ela confidenciou baixo, cheia de vergonha.

— Você nunca está satisfeita, não é?!

Freyja lhe dera às costas, entretanto, Storm a puxara pelo braço. Seu toque fora firme, não deixando que ela desse nenhum passo a mais.

— Não me deixe agora. Sinto muito por tudo isso.

Ela a virou, trazendo-a para perto de seu corpo. Suas respirações se misturaram com a aproximação dos rostos perplexos.

Freyja percebeu o momento exato em que Storm engoliu a seco, parecendo ainda mais perdida que antes.

O peito da jovem subia e descia em expectativa. Suas pernas vacilaram, fazendo-a ser aparada pelo abraço protetor de Storm.

Lawrence não podia fazer aquilo, e o pior é que sabia, mas desejava ter Freyja presa ali, em seus braços.

Sua boca ficara seca, e ela não pôde evitar de passar a língua devagar para umedecê-la.

— Pelo amor de Deus, me pare agora. — Ela suplicou, deixando que sua palma descansasse na lateral lisa do rosto da jovem.

— Não. — Freyja negou, decidida a ir em frente com aquilo.

— Para o inferno com isso!

Storm baixou o rosto para o da jovem Wolfgang, roçando de leve os lábios dela com os seus para só então tomá-los numa carícia mais profunda.

Ela gemeu ao sentir a entrega dela. Freyja enlaçou seu pescoço como que para se sustentar.

Tamanho era o seu desespero.

Estava enfim acontecendo.

O seu primeiro beijo seria de Storm.

As mãos de Lawrence desceram pelo pescoço sedoso, acariciando toda pele exposta com uma paciência que obrigou-se a ter. Ela queria sugar, morder e saborear Freyja com tanto desejo que algo dentro dela, vibrara em resposta.

— Storm...

— Abra os lábios para que eu possa fazê-la ir mais fundo. — Ela sussurrou sedutora ao ouvido dela.

A jovem cedeu as investidas dos lábios macios de Storm contra os seus, sentindo seu baixo ventre queimar quando a língua experiente sondou toda sua boca, torturando-a e fazendo-a almejar por coisas desconhecidas.

Storm sentia-se desorientada. Sentia-se queimar toda vez que sugava mais do lábio inferior de Freyja.

A língua tímida dela encontrara a sua, incitando a praguejar internamente.

— O que está fazendo comigo, Freyja? — Storm questionou, com a voz rouca descendo o rosto para o decote da jovem.

Freyja pareceu acordar do transe, empurrando-a para longe como se não acreditasse no que ela estava inclinada a fazer.

— Eu não deveria ter feito isso. Não deveria beijá-la, Freyja. Eu sinto mui...

— Termine essa frase e será uma mulher morta.

Storm pareceu não entender, fazendo-a reagir com uma risada incrédula.

— Sente-se péssima? — Ela inquiriu, não desejando ouvir a resposta que viria.

— Eu não deveria ter feito o que fiz.

Até quando permitiria que Storm a machucasse?

— Ótimo. Porque eu também me arrependo.

Dessa vez ela correu para porta, não deixando que Storm a impedisse.

— Mais que inferno! — Lawrence blasfemou, colérica.

Capítulo 14

Os Lawrence deixaram a mansão Wolfgang quando o relógio de ponteiro bateu à meia-noite.

Freyja encarou o beijo que Storm lhe roubara — e que ela permitira sem hesitação — como mais uma falha adicionada à sua imensa lista de feitos estúpidos.

No momento seguinte ao ocorrido, quando o erro já não podia mais ser reparado, ela enfim havia percebido o que colocara em risco.

Sua dignidade e virtude seriam arrancadas num piscar de olhos.

E ela teria concedido tudo que Storm desejasse sem pestanejar, porque estava completamente apaixonada por aquela mulher instável.

Apesar disso, tentara soar o mais arrependida possível. Mas não partilhava do remorso de Storm.

Mesmo que estivesse se torturando há horas, no fundo não se arrependia por deixar-se ser conduzida para a ruína.

Como faria para esquecer que tivera Storm para si? Que tivera sua atenção somente para ela?

Seus dedos trêmulos tocaram os lábios quentes, recordando-se da sensação de transbordar que a preencheria quando Storm a beijara.

A maciez e o gosto de vinho de sua boca desnortearam-na. A respiração rasa, seu aperto forte e as palavras sussurradas com intensidade decretaram o fim de qualquer pensamento lógico.

Era uma miserável.

— Prenda mais o fôlego, milady. — Pediu Vivienne, apertando os cadarços do espartilho.

— Assim não conseguirei respirar, madame! — Ela retrucou, inspirando mais fundo.

O duque de Portendorfer daria uma baile aquela noite. O burburinho já havia tomado uma proporção imensa. A caça das mães desesperadas — assim como a matriarca da família Wolfgang —, tinham um alvo em comum.

Niklaus.

O pensamento de Freyja estava em um outro lugar. Nada no que dizia respeito a temporada que se seguia, lhe agradava.

Ela torcia para que a tortura de comparecer a tantos eventos inúteis, visto que ela não tinha intenção de casar-se nem que o pretendente fosse o príncipe regente.

Almejava com cada fibra de seu corpo, o conforto do silêncio. Ainda que as engrenagens de seu cérebro não parassem de funcionar.

A angústia alojada em seu interior não deixava espaço para festividades.

— O duque será seu, milady! — Sua dama de companhia afirmou convicta, radiante.

— Madame, espero que entenda que mesmo que o duque se sinta atraído por mim como a senhora diz, eu não o quero.

Madame Vivienne fitou-a com horror como se Cérbero, o cão de três cabeças que guardava os portões do submundo nas histórias mitológicas, estivesse à sua frente.

— Deixe-me ver, pareço ter três cabeças e um corpo de serpente? — Ela caçoou, revirando os olhos claros.

— Ele é belo, nobre e um perfeito cavalheiro. O que falta?

A velha senhora parecia bastante sincera ao perguntar.

— Bem... — Freyja pigarreou, hesitante.

Cabelos de um tom âmbar único, um metro e setenta e três, olhos tão escuros quanto à noite...

Era isso que faltava.

E tantas outras particularidades que só Storm possuía.

— Eu não sei, madame.



A temporada londrina ainda não havia acabado. Freyja encarava a enxurrada de bailes fúteis como um fase difícil de um jogo de tabuleiro. Era deprimente ter de escapar de velhos asquerosos que desejavam apenas um útero para gerar seus herdeiros.

Ela estava esgotada.

— Espero que esteja de seu agrado, milady. — Nicklaus surgiu ao seu lado, fazendo-a xingar baixinho.

— Por favor, não faça mais isso. — Ela pediu, levando as mãos enluvadas ao peito.

Seu coração batia freneticamente pelo susto nada sutil.

— Perdoe-me por assustá-la.

O duque entrou em seu campo de visão, irradiando virilidade e charme. Freyja aceitou suas desculpas com um aceno de cabeça.

Ele estava particularmente bonito aquela noite com seu traje de gala bem passado.

— Acredito que meu nome está no seu cartão de dança. — Um sorriso caloroso brincou em seus lábios cheios e bem

desenhados.

Freyja pareceu pensar por um momento, antes de aceitar a mão grande que lhe fora estendida.

— Sim, milorde.

As mãos de Nicklaus desceram por suas costas, firmando-se em sua cintura. Ela podia sentir o cheiro de espuma de barbear e um leve toque de almíscar na pele bronzeada dele.

O duque a conduzira com maestria por todo o salão sem nunca errar o compasso. Nicklaus tinha uma elegância de causar inveja, além da inegável beleza com que fora agraciado.

Quando ele a rodopiara uma última vez para o outro lado, Freyja a vira.

Lawrence fitava-os com um brilho de raiva cintilando nos olhos sempre castos. Suas feições eram duras e se concentravam no duque.

Freyja umedeceu os lábios, e ela acompanhou o movimento de sua língua do outro lado do salão.

Era injusto que Storm estivesse sempre tão encantadora. O vestido creme que trajava, caía feito luva em seu corpo delgado, como o corset um tom mais claro que ajustava sua postura já ereta.

— Guarde uma outra dança para mim. — O duque pediu, soando sedutor.

— Ah, claro. — Fora a única coisa que Freyja conseguiu dizer antes de sair em disparada atrás de Storm.



Freyja a procurara por toda propriedade. Não queria pensar no que provavelmente ela estaria fazendo, sabia que não gostaria.

Na maioria das vezes, suas saídas incluíam beijos escandalosos em debutantes por detrás de estátuas de gesso.

E o que diria se a encontrasse?

"Beijou-me e logo depois disse que fora um erro. O mais engraçado de toda essa situação miserável é que preciso ao menos ouvir sua voz antes de ir para casa".

Storm sempre a fazia sorrir das bobagens que dizia.

— Ficou zonda de tanto rodopiar naqueles braços terrivelmente musculosos?

A voz rouca reverberou pelo corredor escuro e vazio.

— Não me assuste assim! — Freyja guinchou, segurando as saias.

— Está esperando por ele?

Um pouco da luz do lado de fora iluminava o rosto bronzeado de Lawrence, revelando sua insatisfação com o possível encontro noturno.

— Ai meu Deus, não!

Freyja havia ficado bastante tentada a perguntar sobre o que ela teria a ver se esse fosse mesmo o caso.

— Ele é presunçoso demais.

"Você também".

— É sério? — Freyja gracejou, reprimindo uma risada.

Storm silenciou-a com um único olhar.

Tê-la por perto de novo a fizera reviver o beijo em seu quarto. Sua sorte fora estar sendo amparada pela quina de uma mesa próxima.

— Ouça-me, mesmo que tudo esteja complicado entre nós agora, não duvide do quanto zelo por sua proteção. Quero o melhor para você.

Um bolo estranho formou-se na garganta de Freyja.

— Sei me cuidar, Storm. Não preciso de sua proteção.

— Pelo visto ainda não superou o que aconteceu. Freyja, esqueça isso!

— Acha que o beijo é o motivo de minha insônia? Pelo amor de Deus, Storm. Seja mais humilde.

Uma risada sem humor deixou os seus lábios carnudos.

— Eu não deveria...

— Você deixou claro o quanto se arrepende. Eu já sei.

— Eu... Freyja...

Storm gaguejara sem conseguir formular uma única frase.

— Acredite, já experimentei beijos melhores. Não se sinta na obrigação de explicar nada.

O que eu estava fazendo?

Freyja reprimiu-se internamente, achando-se uma idiota por sentir a necessidade de mentir.

— Então não sentiu nada? — Storm parecia quase ofendida.

— Exatamente. Todos conhecem sua reputação, Lawrence. E eu esperava mais da famosa "lady pecaminosa".

— É uma pena não exceder suas expectativas, Srta. Wolfgang. Juro que nem ao menos tentei. — O rosto dela pairou sobre o seu, obrigando-a a prender sua respiração.

Freyja sentiu o corpo ceder ao calor que emanava de Storm.

— É mesmo uma pena.

Seus olhos escuros encararam-na desafiadores. Cada célula do corpo de Freyja desejava rebater, era mais forte que ela.

Storm deslizara suavemente as pontas dos dedos por seu rosto como se para provocá-la. Vê-la reagir ao seu toque parecia lhe encher de um prazer atroz.

— Não me toque.

Os olhos de Freyja mentiam, Storm podia ver a vontade neles. No entanto, não insistiria.

Não faria isso. Jurara para si mesma que ficaria o mais longe possível dela.

— Como desejar, Wolfgang.

Fora difícil afastar-se quando seu corpo ansiava por mais de Freyja.

Ela obrigou-se a dar o primeiro passo, mas era teimosa demais para proceder.

— Eu quero beijá-la, Freyja. Que Deus me ajude, mas eu quero.

Storm viu-se implorar pela primeira vez.

Ela continuou a espera de uma permissão que não veio. Ser rejeitada não era lá muito prazeroso, mas talvez só assim recuperasse a sanidade.

Quando seus lábios encontraram os de Freyja no cômodo escuro da mansão dos Wolfgang há cinco noites, ela sentiu todos os seus princípios se dissiparem.

Não era boa para ela. A arruinaria.

E por isso se manteria longe.

— Sinto muito.

As mãos pequenas tocaram seu braço, trazendo-a de volta para perto até não restar nenhum espaço entre elas.

Era como se Freyja a tivesse prendido de alguma forma. Seus pés continuaram plantados no chão, e ela ficara a mercê da jovem.

— Eu já disse para não sentir.

E então toda sua retidão fora reduzida a nada.

Storm invadiu sem cerimônia a boca quente de Freyja, sugando e engolindo cada ofego seu. Queria entrar em sua alma, ser parte de cada pensamento dela. Senti-la implorar por mais, assim como estava tentada a fazer.

— Deus sabe que eu tentei. — Ela sussurrou, beijando-a de novo.

Freyja firmou as mãos em seu rosto, sentindo a cabeça girar.

Timidamente ousou explorar aquela boca que a devorava de forma tão selvagem, sem reservas. A explosão em se âmago fora iminente quando um gemido rouco de aprovação escapou da garganta de Storm.

Ela estava em todos os lugares.

Storm queria mais de sua essência, passar a língua em todo o corpo pequeno sem demora, como se sua vida dependesse daquilo.

A falta de ar fora a única coisa que a fizera parar por um curto momento, até ela voltar e afundar o rosto no pescoço com cheiro de orquídea, saboreando-o e temendo não ser capaz de fazê-lo de novo.

Freyja deu um gritinho baixo quando os dentes de Storm arranham sua pele.

— Prometo não deixar nenhuma marca. — Ela sorriu, mordendo o lóbulo sensível da orelha dela.

Lawrence tomou novamente a boca já inchada de Freyja na sua com ainda mais sagacidade do que das outras vezes. Era exigente e doce ao mesmo tempo, gemia e praguejava na mesma proporção.

Ela prendeu os lábios carnudos entre os dentes antes de obrigar-se a parar.

Não confiava em sua castidade temporária.

— Por favor, não pare. — Freyja clamou, procurando sua boca faminta.

— Eu não quero, mas preciso. Isso é para o seu bem. E talvez para o bem de um possível casamento com o duque.

Freyja afastou-a bruscamente, não se dando ao trabalho de ouvir os seus protestos.

—Você tem o dom de estragar qualquer coisa boa que faça!

— Desculpe-me se protegê-la de minha devassidão a ofende!

— Ela replicou cinicamente.

— Como se isso importasse para você! Já desvirtuou metade desta cidade!

Storm pareceu segurar um palavrão antes de replicar.

— Eu me importo com você, droga! Se continuasse gemendo em meu ouvido à essa altura já estaria despida, e eu a fazendo minha sem nenhum pudor nesse chão! É isso que quer?

Sua respiração pesada mostrava que todo o seu autocontrole estava prestes a ruir.

Freyja ficou em silêncio absoluto, ouvindo o ribombar de seu próprio coração.

— Foi o que pensei!

Storm tinha o costume de deixá-la sozinha para se torturar. Freyja sentiu os olhos arderem, tomando fôlego para sair dali.

— Pensou errado. — Ela murmurou para o vazio do corredor.

Capítulo 15

Storm tinha ciência — vagamente, mas tinha — dos riscos da posição em que se colocara. Pessoas eram afetadas todos os dias por sentimentos que não estavam preparadas para rotular, mas ela nunca havia se preocupado com isso antes.

Sentia ânsia de algo que não podia ter.

Ir além com Freyja mancharia a reputação dela, estragando suas chances com o duque de Portendorfer. E da mesma forma que sentia-se agora atraída por ela, Storm prezava por sua respeitabilidade.

Não permitiria que as más línguas difamassem-na quando a culpa era toda sua. Porque se de fato deixasse que a paixão conduzisse suas escolhas, teria de fazer Freyja sua esposa, e isso faria ambas infelizes no processo.

Quanto mais buscava encontrar uma saída para o problema, mais complexo o cenário se tornava.

Quando deixara de ver Freyja como sua melhor amiga?

Ela não sentia vontade de ir para cama com as suas amigas. Pelo menos com algumas delas.

— Está com uma cara horrível. — Damian adentrou o escritório, jogando-se no divã perto da mesa dela.

Era bastante provável que os acertos do noivado já estivessem sendo definidos pelo conde de Greenwood.

— Suponho que sim.

Ela não estava com cabeça para as gracinhas de seu primo. Só desejava terminar de assinar a papelada que contornava sua

mesa.

O trabalho devia distraí-la, mas sua alma não estava ali presente. Lawrence era uma mulher de negócios, procurava sempre melhorar em uma ou outra coisa que merecia mais de sua atenção.

Apesar disso, fora uma batalha perdida permanecer no cômodo de decoração tediosa sem fazer nada de produtivo durante horas.

Só conseguia pensar em como o corpo de Freyja parecera bem menor dentro de seu abraço, ou em suas mãos buscando equilíbrio.

Seus olhos sondando-a com intensidade não saíam da cabeça dela.

— Maldição!

Storm saiu da cadeira inconformada, pairando acima de Damian.

— O que eu perdi? — Ele ergueu uma das sobrancelhas grossas, esperando uma explicação para o surto abrupto.

— Freyja e eu nos beijamos. — Ela revelou num murmúrio coxo. — Duas vezes.

Ela deu ênfase na frase, esperando pela reação do primo que não pareceu nada chocado. Na verdade, era como se estivesse à espera da confissão irritadiça dela.

— Foi tão ruim assim? — Questionou com o cenho franzido parecendo bastante interessado.

— Você ouviu o que eu disse? — Storm berrou, puxando-o pela lapela do casaco.

Os olhos verdes de Damian permaneceram serenos. Ele não se sentia intimidado, aprendera a lidar com o temperamento difícil de Storm ainda criança.

— Sim, eu já ouvi. Quero saber se foi bom. Me dê os detalhes. — Ele fez descaso, pedindo para que ela prosseguisse.

— Para a desgraça dela... Sim! Tem noção do que eu fiz? — Ela esbravejou com muita raiva de si mesma.

Storm massageava as têmporas bruscamente.

— Mas e então, qual é o problema?

Ela o fulminou com um olhar incrédulo.

— Eu não consigo parar de pensar em como... inferno, Damian! Ela é minha amiga! — Storm desejava acreditar em suas próprias palavras sem convicção.

Parecia que o telhado havia caído sobre sua cabeça, engolindo-a.

— Isso alguma vez foi problema para você?

Ele era a único homem no mundo que possuía coragem para tanto. Storm não estava em seus melhores dias.

— Irei matá-lo!

Ele levantou as mãos, rendendo-se.

— Você e Amber... — Apontou com cautela, encarando-a firme.

Ah, claro. Ele com toda certeza jogaria isso em sua cara.

— São situações diferentes, Damian!

— Então fique longe dela. — Ele disse simplesmente.

Sua linha de raciocínio parou quando percebeu que no fundo não pretendia fazer o que era certo por Freyja.

Sucumbiria ao seu egoísmo e vontade.

— Não consigo! Até o cachorro dela reside aqui!

Vincent destruíra metade do jardim. Assim como a cozinha.

— Não a magoe, Storm. Prometa-me.

— Farei de tudo para não o fazê-lo.

Fora a única coisa que ela pôde dizer, afinal, não confiava em si mesma para prometer coisas que talvez não conseguisse cumprir. O que era bastante provável, visto que sentia uma vontade insana de vê-la.

Mesmo que isso lhe custasse caro, precisava vê-la.



Freyja estava demorando muito para recebê-la, e Storm começava a maquirar o pior em sua mente perturbada.

Ela entenderia se a jovem não desejasse vê-la. Não houvera uma despedida decente entre as duas na última noite, pelo contrário, fora desastroso. Terrível.

Storm perdera o controle como há muito tempo não acontecia, e despejara palavras insensatas sobre os ombros dela. Ressentia-se de seu comportamento instável.

— A Srta. Wolfgang a espera na biblioteca, milady.

Felicía acompanhou-a sem dizer uma única palavra, e ela a seguiu aceitando seu silêncio. Não tinha ideia do que fora fazer ali, a impulsividade falara mais alto.

De pronto, ela pôde visualizar a pequena silhueta de Freyja ao extremo do cômodo. Ela tentava alcançar um exemplar na estante alta, fazendo-a reprimir um sorriso.

Storm andou até ela, parando às suas costas para pegar o livro.

— Razão e sensibilidade outra vez?

Freyja virou subitamente, ficando à centímetros de seu rosto. Os olhos surpresos fitaram-na à princípio em pânico, para logo

depois cintilarem em fúria.

— O q..que faz aq..qu..i? — Ela gaguejou enrubescendo.

Storm ficara confusa com a pergunta.

— Mas Felícia...

— Mamãe!

— O que Margaret tem a ver com isso? — Storm inquiriu ainda mais confusa.

— Sabe que ela prefere você à mim. Eu disse que não queria vê-la, mas mamãe nunca respeita minhas vontades quando você está envolvida. — Freyja explicou um pouco mais branda.

A jovem com toda certeza não sentia a mesma agonia que a atormentava há dias.

— Não desejava ver-me? — Ainda que esperasse por tal reação, não fora mais fácil na prática.

— A única coisa que fazemos quando dividimos o mesmo lugar é discutir.

— Você bem sabe que não precisa ser assim. Podemos tentar...

— Storm. — Freyja a calou com um aceno antes de prosseguir. — Tudo para você é simples, mas compreenda que eu não lido de forma tão fácil com o que houve entre nós como você parece estar lidando.

Ela não imaginava o quão difícil estava sendo.

— Sei que não deveria estar aqui, para o seu bem. E sei também que a culpa é toda minha. — Storm afastou-se, não conseguindo olhá-la.

— Sinto muito se não partilho de sua perturbação. Eu quis que me beijasse, Storm. Eu desejei.

A última coisa que ela esperava ouvir era que Freyja de alguma forma a desejava. Não conseguiria afastar-se se existisse a

mínima possibilidade...

— Não. Você disse que estava arrependida. Não pode ser...

Freyja levou as mãos à testa em sinal de aborrecimento.

— É boa demais para mim? — Ela debochou prontamente.

— Deus, não! Eu não valho um minuto de seu tempo, Freyja.

— Lawrence apressou-se em explicar.

— O que veio fazer aqui então? Desculpar-se mais uma vez quando não desejo que o faça?

— Eu só queria vê-la, Free.

Há anos ela não a chamava pelo apelido. Storm desviou o olhar, sentindo-se ruborizar.

— Isso é suicídio.

— Eu não consigo trabalhar, não penso em mais nada senão você. E inferno, eu sou uma maldita egoísta!

Freyja ficou tentada a confortá-la, mas não confiava de um todo em suas boas intenções.

— Leia para mim. — Storm pediu mansa.

— Eu...

— Por favor, Freyja.

Arreponder-se-ia depois, mas desejava ler para ela.

— *Elinor não sabia o que imaginar, de que maneira gostaria de vê-lo. Feliz ou infeliz? Como nenhuma das duas opções a agradou, procurou afastar da mente qualquer imagem dele.*

Freyja parou de ler quando viu que Storm sorria.

— Está zombando de mim?

— Não, minha cara. Só acho que agora compreendo Elinor.

Capítulo 16

A maldita gagueira não deixava que Freyja concluísse a leitura de "Razão e sensibilidade" com destreza. Era humilhante e com toda certeza —assim como o mar era azul —, Jane Austen revirava-se em seu túmulo naquele exato momento.

Não estava muito familiarizada em ler para outras pessoas, principalmente quando a ouvinte em questão era ninguém menos que Storm. Seus dedos tremiam a cada página virada, nada do que vinha acontecendo fazia o menor sentido.

Pelo menos não para ela.

— Marianne é uma mulher apaixonante. Não sente medo em demonstrar suas verdadeiras emoções. Mas Elinor é tão correta...

— Sei o que pensa de mim. É o que todos pensam: A pobre irmã Wolfgang, sempre fria e... — Freyja tentou não parecer miserável ao falar.

— Não coloque palavras em minha boca. Eu nunca disse isso. — Os olhos escuros de Storm fitaram-na com ardor.

Tormento tomava as feições sempre despreocupadas de Lawrence. Era como sentisse dor, como se estivesse de fato sofrendo com a situação que ela mesmo havia imposto.

— Mas pensou. Deus, não haja com hipocrisia, Storm. Você é melhor do que isso. E não há problema nenhum, é o que todos pensam.

— Se eles a conhecessem... Estão todos errados. Perdoe-me por ter sido uma estúpida durante tanto tempo.

Estavam ali há horas. Freyja tinha noção do quão encrencada estaria quando Storm fosse embora, ela continuaria a temer por seu estado emocional.

Matar um sentimento como o que guardava em seu peito exigia uma frieza que nem mesmo ela acreditava possuir.

— Está ficando tarde. Acho melhor você ir embora. — Ela levantou-se, estendendo uma das mãos para Storm.

O calor abrasador que irradiou pelo seu corpo, fora inevitável. O mero toque a fizera derreter, seria difícil continuar da maneira que estavam.

— O que sou para você, Storm? Mais uma para sua coleção?
— Freyja exigiu, mesmo sabendo que ela não seria sincera.

— Não! Você é Freyja, minha Wolfgang favorita, minha melhor...

Ela atropelava as palavras vergonhosamente.

— Você beija suas amigas? Eu deveria estar surpresa?

— Eu não consigo nomear o que sinto agora. É novo para mim, Freyja. Não desejo afirmar algo sem ter ao menos certeza. Eu não esperava que isso acontecesse.

Storm parecia à beira de um declínio. Sua fala rápida, a indecisão em seus olhos...

Era evidente que uma visão esquisita como aquela a desarmava. Freyja nunca a vira tão perdida.

— Precisamos chegar a um consenso. — Freyja anunciou, parecendo decidida quanto ao que fazer.

— Então o que propõe? — Storm perguntou como se realmente precisasse de uma luz.

— Que fique longe de mim.

A descrença no rosto de Storm causou uma dor aguda em seu coração, como se uma faca tivesse sido cravada

impiedosamente nele.

Aquilo era o inferno.

Pedir tal coisa a matava por dentro, mas seria pior se aquilo criasse proporção. Para a jovem Lawrence, Freyja seria sempre apenas uma amiga.

— Não me peça isso. — Ela implorou, levando uma das mãos ao rosto impassível.

— Eu sempre a quis, Storm. Entenda que não posso mais deixá-la me magoar. Estou cansada. — Freyja confidenciou seu segredo, sentindo o ar lhe faltar.

— O que quer dizer, Freyja? — Fora mais uma súplica que uma pergunta.

— Não importa mais.

— Para mim sim! Não faça isso...

— Vá, Storm. — Expelindo o ar devagar, Freyja lhe deu as costas.

— Isso não tem cabimento. Deixe-me concertar as coisas! Sei que posso...

— Minha decisão é acertada. Acredite, está sendo muito difícil vê-la partir. — Mantendo-se ereta, Freyja proferiu.

— Então não me peça para ir embora.

Quanto mais tempo Storm ficava, mais tentada ela se via em aceitar seus termos suicidas.

— Não seja egoísta, vá. — Ela rangeu com o tom crítico.

Relutante, Storm saiu da biblioteca. Então Freyja deixou que as lágrimas viessem e rolassem deliberadamente por suas bochechas, sem descrição ou remorso por ceder a dor que a dizimava.

Escolhera o que pensou jamais ter a coragem necessária para abandonar.

Ela escolhera por distanciar Storm de seu caminho, tirando-a de uma vez de sua vida tediosa.

Talvez no dia seguinte não doesse tanto quanto doía naquele momento, talvez a dor nunca a deixasse. No entanto, ela precisava lavar sua alma de qualquer fragmento daquele amor que jamais a pertenceria.

Guardaria os beijos de Storm à sete chaves.



Parecia que os deuses conspiravam ao favor de sua queda. O marquês de Hendeston convidara os Wolfgang para assistir ao espetáculo que chegava à cidade, como se soubesse que ela tentava evitar qualquer contato com sua filha.

Mesmo Freyja recusando-se a ir, alegando um mal-estar terrível, seus pais insistiram. Encheram seus ouvidos de sermões fazendo-a por fim aceitar ir com eles. Nunca fariam uma desfeita com o marquês.

Storm estava sentada ao lado de seu pai no camarote da família, e mantinha os olhos quentes sobre os dela.

O olhar furtivo de Damian ora estava nela, ora em Storm.

Ele sabia.

Freyja só desejava morrer. Estar ali depois da conversa que tiveram, era constrangedor demais.

— Você cresceu ou eu estou ficando velho, Srta. Wolfgang?
— O marquês indagou com humor, levando o monóculo ao olho.

Ser marquês exigia de Arthur uma postura severa, entretanto, quem o conhecia como os Wolfgangs, sabia que suas feições duras não passavam de uma farsa.

Nunca houvera formalidades entre os Lawrence e os Wolfgang. Se conheciam há dois séculos para agirem de maneira formal.

— Nenhuma das duas opções são viáveis, milorde. Como pode ver, continuo tão baixa quando da última vez em que nos vimos, e o senhor não me parece mais velho. — Ela sorriu com doçura, descansando as mãos no colo.

— Você é muito espirituosa, minha cara. Não concorda, Storm?!

— Sim, papai. A Srta. Wolfgang consegue ser bastante encantadora quando não usa de sua língua para insultar-me.

Freyja ruborizou ao comentário cheio de duplo sentido dela.

— Storm! Desse modo me faz parecer uma...

— Só estou brincando, Free.

Pelo andar da carruagem, ela poderia afirmar com convicção que não sobreviveria aquela noite.

Capítulo 17

Ao fim do segundo ato, Lawrence deixou o camarote para fumar um cigarro no andar de baixo. Enquanto a fumaça densa enchia seus pulmões, ela pensava no quanto a distância que Freyja impusera entre elas começava a afetá-la.

Não havia se passado nem mesmo um dia sequer, e tê-la perto sem poder lhe dirigir uma única palavra (que não tivesse a ver com comentários de seu pai), estava matando-a lentamente.

Bem mais do que o cigarro que mantinha entre os dedos.

Reconhecia que fora uma imbecil. Ir até a casa da moça jogar suas perturbações nela? Pelo amor de Deus! Onde estava com a cabeça?

Certamente agira por impulso, e isso lhe era característico.

Infelizmente.

Naquela tarde Freyja lera Razão e Sensibilidade para ela, e Storm sempre havia se identificado com Marianne. Não guardava o que estava em seu coração, havia intensidade em todos os seus gestos.

Mas com Freyja ela estava sendo cautelosa e não entendia exatamente o porquê. Afinal, Freyja a pararia — como a parou —, ao menor sinal de perigo.

— Seu vestido ficará impregnado com a fumaça desse cigarro e a Sra. Adgell a matará de bom grado por isso.

Damian, o bom samaritano, escorou-se numa das pilastras cobertas por cortinas de veludo, tirando um charuto do casaco

vinho.

O rosto jovem iluminado pelas velas, se assemelhava à uma das telas pintadas a óleo da mansão dos Lawrences. Seus dentes pareciam pérolas de tão brancos, e um cacho louro teimava em cair sobre suas sobrancelhas grossas.

Planejava fazer companhia a prima sem ser convidado pela milésima vez.

— Você sempre foi tão inconveniente? — Ela indagou, mostrando sua insatisfação com a presença dele. — Eu só quero fumar o meu cigarro em paz.

Ele continuou escorado na pilastra revestida por gesso, cruzando os braços em sinal de descontentamento. Não era novidade para ninguém que Storm às vezes extrapolava, principalmente quando sentia-se ameaçada por algo que não conseguia — e nem podia — controlar.

— Por que não encara a verdade dos fatos. Você gosta dela, aceite.

Ela abriu a boca para protestar, mas não conseguiu formular um argumento válido para fazê-lo calar sua maldita boca.

— Mas é óbvio que eu gosto dela! — Storm exprimiu, dando uma última tragada no cigarro.

Aos seus olhos, Freyja aquela noite estava além de qualquer moça padronizada daquele teatro. Só agora ela era capaz de enxergá-la além do que sempre se permitira.

Talvez o verde-esmeralda fosse a sua nova cor favorita, visto que era a cor do vestido que Freyja usava. Ele acentuava suas curvas delineadas precisamente, assim como os contornos de seus seios pequenos.

O decote era modesto, aparentemente, mas atraíram os olhos aguçados de Storm que também percebera com muita atenção o bordado dourado nas mangas bufantes.

— Não. Não assim. Eu vi como você a olhou durante todo o primeiro ato.

Storm fitou-o perplexa.

Sim, ela não conseguira tirar os olhos de Freyja nem por um maldito instante desde que chegara. As mãos pequenas dela se mantiveram em seu colo, lembrando Storm do quão recatada e fina ela era.

Até os pequenos gestos que antes não tinham a menor importância para Lawrence, importavam agora. Ela havia passado a observar as manias de Freyja, tal como passar os dedos pelas sobancelhas ou alisar a saia do vestido a todo instante num tic nervoso.

Sim, a jovem Wolfgang era encantadora. E Storm nunca sentira aquele pânico cego que a engolia deliberadamente, levando-a a um estado de dormência.

— De que lado você está?

— Do dela, óbvio. — Damian disse, parecendo muito seguro.
— Você enfim se deu conta, não é?!

Storm perguntava-se como não o fizera antes. Freyja era perfeita à sua maneira imperfeita. Tinha total controle de si, era desconcertante e a importunava como ninguém. Também sorria de uma maneira linda, e seus sorrisos eram tão raros que quando surgiam, ofuscavam tudo e todos ao seu redor. Nada era tão belo quanto o sorriso sincero de Freyja Wolfgang.

E fora então que Storm descobriu.

Não haveria paz de espírito para ela enquanto não fizesse Freyja sua.

Era apavorante afogar-se na deriva sem saber para que lado nadar, sem saber se poderia chegar ao outro lado em segurança.

— Seu bastardo maldito. — Ela sorriu sem ânimo. — O que quer dizer com isso?

— Estou cansado de ser o seu cupido. Quando casar-me com Leoni e ir para longe de você, como sobreviverá?

— Não brinque com uma coisa dessas.

— Freyja sempre foi apaixonada por você, Storm.

Damian proferiu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, e somente ela não havia percebido.

— Não há veracidade no que diz.

Como ela lidaria com uma confissão daquelas? Confissão que não fora feita pela causadora de seus transtornos?

— Faça o que tem de fazer antes que seja tarde.

— Pois bem. Traga-a para mim. — pediu sentindo um alívio estranho a inundar.



Poucos minutos depois, Freyja surgiu em toda sua glória diante dos olhos baixos de Storm. Os lábios estavam crispados como se não acreditasse na audácia de sua, até então, amiga.

Lawrence sentiu a terra faltar em seus pés quando ela dera um passo vacilante em sua direção, trazendo o cheiro já tão familiar e reconfortante em sua pele.

As mãos enluvadas continuavam postas em seu colo, como se para proteger-se das emoções que Storm conseguia enxergar em seus olhos.

Por um momento nenhuma das duas se atreveu a pronunciar uma palavra sequer. Mas Storm pediu para que Freya se aproximasse mais, e assim ela o fizera.

— Algo em você lembra-me do azul turvo do oceano.

Freyja franziu o cenho como se Storm estivesse a alucinar.

— Não me olhe assim. Parece que estou a falar sobre negócios, pelo amor de Deus!

Então Freyja sorriu, e Storm sentiu seu coração dar uma cambalhota sinistra.

Ela perdeu o ar por alguns segundos ao visualizar os olhos sombreados pela luz de velas.

— Quando pedi para que Damian a trouxesse, roguei aos céus para que não aceitasse. E sabe por que, Freyja?

Ela balançou a cabeça em negativa

— Porque mesmo depois de tudo que tenho a lhe dizer, tenho certeza que será sensata o suficiente para deixar-me. — Ela meneou a cabeça preguiçosa, levando uma das mãos ao rosto da jovem Wolfgang.

— Deveria levar em consideração os meus sentimentos, mas estou ouvindo-a. — Freyja sorriu, e aproximou-se mais até encostar a cabeça no peito de Storm.

Ela era tão pequena, tão perfeita.

— Eu sou a mulher mais egoísta deste mundo, pois mesmo sabendo da fama que me precede, e sabendo também que posso arruína-la, pedi que viesse ao meu encontro. E você veio.

— Sim. Decisão tola, não é?! — Freyja manteve seu rosto colado ao peito de Storm, atenta às batidas ritmadas de seu coração.

— Para mim, essa é a única chance de dizer exatamente como me sinto.

A jovem continuou em silêncio, e Storm prosseguiu afagando sua nuca.

— Eu não sei como ou porque, mas algo dentro de mim queima toda vez que a vejo chegar. É uma urgência um tanto louca e incontrolável, principalmente por eu não ter a mínima ideia de quando isso começou a acontecer. Só sei, Freyja, — Ela inspirou

fundo, tentando manter o tom sob controle. — que desde que a vi dançando nos braços de Damian no primeiro baile da temporada, eu não paro de pensar em você.

Lawrence sentiu-se vulnerável, incapaz de calar. Enfim estava expressando em palavras o que realmente sentia.

— Storm... — Freyja levantou o olhar, e a sua respiração fora parar na garganta.

— Shh... — Lawrence silenciou-a, deixando um beijo em seus lábios. — Deixei-me concluir ou decerto não pararei até que ouça tudo.

Freyja assentiu aturdida, com os olhos anuviados e a boca entreaberta.

— Não paro de pensar em como sua boca é doce, ou em como seu perfume de orquídeas tornou-se um de meus preferidos. — Ela fez uma pausa, para então dar continuidade. — Sua petulância e seus sermões me fazem rir, mas também sentir vergonha por meu comportamento inapropriado.

— Essa última parte é a sua maneira de elogiar-me, milady? — Freyja caçoou enlaçando seu pescoço.

— Com toda certeza, sim. — Storm sorriu. — O que eu quero dizer, Freyja, é que a única solução para poder ficar perto de você como deve ser, é cortejando-a.

A jovem se afastou, encarando-a como se não acreditasse em uma só palavra. O assombro em seus olhos fizera Storm encolher-se.

— Percebe o que está propondo? Atração é diferente de amor ou paixão, Storm. Decisões imprudentes tendem a afetar nosso destino de forma irreversível, entende? Isso não tem a mínima chance de dar certo.

Ela parecia ligeiramente ofendida.

— Eu não estou brincando, Freyja. Você é uma mulher respeitável, de princípios e eu reconheço. Não vejo como poderia lhe dirigir minhas atenções senão cortejando-a como deve ser.

— As cortes levam ao matrimônio e até onde me lembro, você não quer casar. E creio eu que, muito menos comigo, pelo amor de Deus!

— Você é perfeita e daria uma ótima marquesa. E eu a conheço há tempo demais para dizer com convicção.

— Sei que casamentos hoje em dia não exigem amor. Afeição na maioria das vezes é suficiente. Mas você seria feliz? E as suas amantes?

Storm fechou os olhos levando as mãos a testa.

— Eu cortarei qualquer ligação com Caroline se isso deixá-la feliz.

— Isso não é suficiente para... — A jovem tentou rebater.

— Eu a quero. Eu a desejo mais que qualquer coisa.

"Mas não me ama". Pensou Freyja com melancolia.

— Eu a quero, Freyja. Aceite a minha corte, estou suplicando. É suficiente? Quer que eu me ajoelhe?

Freyja sentiu-se inclinada a permitir que ela se ajoelhasse. Seria muito prazeroso ver Storm, futura marquesa de Hendeston, aos seus pés.

Mas a pouparia por enquanto.

— Isso não vai dar certo. — Freyja meneou a cabeça, não acreditando no que estava prestes a fazer.

— Você não tem como saber. — Storm a puxou para um beijo erótico cheio de malícia.

Ela havia ganho.

Capítulo 18

Freyja acordou na manhã seguinte, pensando que talvez tudo não tivesse passado de um sonho primoroso.

Encontrou-se mais de uma vez relembrando a confissão de Lawrence. As palavras ecoavam em sua mente como os acordes de uma valsa, fazendo-a suspirar involuntariamente a cada degrau da escadaria.

— Oh, querida. Veja o que o passarinho trouxe para você essa manhã.

Freyja deparou-se com uma das cenas mais delirantes que havia visto em sua curta vida.

Com certeza, tudo fora muito real na noite passada.

Storm tinha em mãos um buquê das mais variadas orquídeas, e um sorriso radiante tomava o rosto bronzeado dela.

A jovem sentiu os joelhos oscilarem, mas tentou manter-se firme até ser abraçada por Lawrence. Seu perfume trazia o sol, a terra e as flores do Hyde Park.

O marquês de Hendeston, assim como Damian, sorriam para ela com afeição.

— Bom dia, Freyja. — Storm deixou um beijo casto em sua testa, entregando-lhe o buquê. — Seu perfume é de orquídeas, então presumi que fossem suas preferidas. Diga-me que gosta de flores. Pelo amor de Deus diga que sim, pareço tola?

Era informação demais. Freyja optou apenas por questionar Storm em voz baixa — e um tanto desacreditada —, sobre o que ela

fazia ali.

— O que é tudo isso? — O sussurro tremeluziu em sua garganta seca.

— Vim falar com Jack e Margaret. — Storm disse simplesmente com um outro sorriso distendendo em seus lábios.

— O quê? — Freyja quase gritou.

— Veja bem, se não quiser que isso siga adiante, apenas diga. Não será obrigada a aceitar-me, Freyja. Não será obrigada a casar-se comigo depois. Só deixe-me mostrar o quanto a quero.

Freyja poderia explodir de tanta felicidade se isso fosse possível de acordo com as leis de Newton.

— Pois bem. Vá em frente. — Ela incentivou, abandonando o calor de Storm.

A futura marquesa curvou-se em sinal de respeito, tomando as mãos de Margaret nas suas, e trazendo o Sr. Wolfgang afetuosamente para mais perto.

Amber assistia a cena pálida.

Mackie havia voltado para a Escócia devido aos negócios, fazendo Freyja presumir que o semblante apático se devesse à circunstância desagradável de tê-lo longe.

De todo modo, era uma surpresa. Freyja não esperava que a mulher que amava batesse à sua porta com um buquê de orquídeas em mãos, disposta a pedir permissão aos seus pais para cortejá-la.

Cortejá-la!

— Sr. e Sra. Wolfgang, presumo que estejam se perguntando o que a futura marquesa de Hendeston. — Ela gracejou altiva, apontando para os homens sentados à mesa. — Deseja em sua residência tão cedo, com dois cavalheiros a reboque.

Jack e Margaret pediram para que ela se sentisse à vontade, visto que, aquela sempre fora sua casa.

Acomodada, Storm fora direto ao ponto.

— Estou aqui, senhores, por que desejo com um ardor eloquente, cortejar sua filha caçula.

Um breve silêncio se propagou na sala, para logo em seguida, risadas e felicitações eclodirem no aposento. Storm suspirou aliviada, sentindo a mão de Freyja alcançar a sua.

— Sempre sonhei com uma união de nossos filhos, Arthur! Isso é maravilhoso, minha cara! — A Sra Wolfgang beijou o rosto da filha cheia de orgulho.

— Mas lembre-se mamãe... — Freyja buscou lembrá-la de seu posicionamento.

— Eu sei, eu sei meu bem!

Mas não, Margaret não sabia.

— Sempre soube que mais cedo ou mais tarde, Storm acordaria. — Fora a vez de Damian felicitá-la. — Espero que tudo proceda da maneira que deve ser.

Algo em sua voz, fizera Freyja ruborizar violentamente. A ardência em seu rosto deixou-a ainda mais envergonhada.

— Obrigada, Damian.

O marquês a tomou nos braços, sussurrando ao seu ouvido com muita firmeza.

— Estou feliz que tenha sido você. Dará sentindo a vida de minha filha.

Ele falava como se elas já estivessem casadas.

— Meu senhor... — Freyja tentou contestá-lo, mas ele a ignorou.

— Verá, minha criança.

Os Lawrences acompanharam os Wolfgangs no desjejum, partindo logo depois. Storm a havia convidado para um passeio na manhã seguinte no Hyde Park.

Mas infelizmente, madame Vivienne teria de acompanhá-la. O que tornou a ideia um tanto menos agradável.

— Eu a raptarei bem diante dos olhos daquela coruja, prometo. — Storm tentou fazer graça, roubando-lhe um beijo.

Freyja a censurou, para então ceder.



Mais tarde naquele mesmo dia, Freyja se pegou trancando-se na biblioteca procurando ocupar sua mente agitada. Suas expectativas para o passeio no Hyde Park com Storm tiravam-na dos eixos.

E ela precisava definitivamente colocar os pés no chão. Storm não deixaria de ser Storm só por que agora a tinha notado. Continuava a ser a mesma libertina, porém, aquilo não a incomodava há algum tempo, e ela não deixaria se incomodar.

Storm a queria.

A queria!

E Freyja só desejava absorver tudo e fazer aquilo dar certo.

— Há espaço para mim? — Era Amber.

Ela entrou no recinto cheios de livros espalhados pela bancada de madeira. A mobília rústica e polida decorava a vasta biblioteca.

As bochechas de Amber estavam mais coradas, mas a palidez de mais cedo continuava presente em seu rosto um tanto abatido.

Seria pela visita inusitada de Storm?

Não. Não poderia ser. Amber ficaria feliz por ela, era sua irmã.

Tinha de ficar.

— Claro, querida. Faça-me companhia.

Freyja ofereceu-lhe um lugar ao seu lado no sofá. Uma atmosfera estranha as envolvia.

— Está certa quanto a Storm? — perguntou Amber parecendo cautelosa.

— Todos a conhecemos, não é?! Tirando sua libertinagem e seus modos um tanto... — Freyja procurou as palavras certas. — Impróprios para um futura marquesa... — frisou vacilante.

— Sim... — sua irmã incentivou-a a continuar.

— Estou quase certa de que pode dar certo. — concluiu ela com um sorriso bobo.

— Não quero que se machuque. Storm é errada para você de muitas maneiras.

Ah, Freyja sabia. E como sabia.

— Acredite. Estou ciente disso, irmã.

E ela realmente estava.

— Então só posso desejar-lhe felicidade!

Amber a abraçou forte e pediu desculpas por incomodá-la.

— Estou indo.

E então Freyja mergulhou novamente em sua bolha perfeita.

Capítulo 19

Os sentimentos eram intangíveis, não se assemelhavam a enfermidades inoportunas que poderiam ser vistas e curadas na maioria dos casos. Sentimentos não eram palpáveis, o que tornava a cura inútil e justamente por isso, Lawrence tornou-se tão cética em relação à eles.

Era uma amante apaixonada e dedicada, entretanto nunca havia tido o prazer de nutrir por alguém o mais forte de todos eles.

Amor.

Em outros tempos se Damian ou qualquer outra pessoa mencionasse aquela pequena e inofensiva palavrinha ao alcance de seus ouvidos, ah, ela teria um ataque de risos com certeza.

Storm se considerava ímpar, e não se ressentia por isso. Primeiramente porque se conhecia o suficiente para afirmar com toda convicção que habitava seu ser, que amar estava além de suas capacidades.

Ninguém havia despertado nela tal sentimento.

Nenhuma mulher a fizera sentir-se uma tonta desmiolada como Freyja.

A última mulher da face da terra que esperava envolver-se, fora a que levava ao limite. Storm não sabia mais como repelir o inevitável.

Em todos os seus vinte e três anos de vida, nunca se sentira tão nervosa quanto naquela manhã primaveril. A palpitação em seu peito parecia piorar desde que acordara.

Esperava Freyja com muita ansiedade debaixo de uma das tantas árvores do Hyde park. O verde da grama fresca e o cantar dos pássaros ao longe, distraíam-na durante sua espera que parecia não ter fim.

— Perdoe-me pelo atraso. Tentei ficar o mais apresentável possível visto que não saio de casa pela manhã...

A voz aveludada — e por vezes zombeteira — alcançou seus ouvidos. Freyja vestia-se com modéstia, mas não era como se precisasse de muito para fazer o coração de Storm acelerar.

Um de seus olhos claros estava escondido pela aba de um chapeuzinho de palha simples.

— A espera por você vale a pena.

Storm a beijou no rosto delicadamente, sentindo-a derreter ao seu carinho.

— Bom dia, milady.

E então a felicidade no rosto de Storm vacilara.

Madame Vivienne com toda certeza acompanharia Freyja, mas Storm havia contado com a ajuda dos deuses para mantê-la em casa. Rogara aos céus com fervor para que a velha não viesse.

— Bom dia, madame. — Ela a cumprimentou, dirigindo-lhe um sorriso fraco.

— Por favor, não fique tão desaminada, milady. Asseguro que não notarão a minha presença.

Storm ergueu uma das sobrancelhas em dúvida. Mesmo que tentasse, estaria bastante ciente da presença de Madame Vivienne. Ela faria de tudo para zelar pela reputação de Freyja, e a aura rígida que emanava dela não passaria despercebida.

— Vamos logo com isso então! — Freyja sugeriu animada.

— Oh, claro. — Storm concordou prontamente, oferecendo o braço.

Elas caminharam desfrutando da brisa e do cheiro de orvalho da manhã em seus rostos. Tudo tinha de sair bem, era a primeira vez que Storm cortejava uma mulher e não queria fazer papel de boba.

Desejava agradar Freyja (mimá-la para dizer o mínimo).

Aquilo lhe era novo, nunca se imaginara em tal situação. Havia Desistido de resistir ao que o seu coração teimoso desejava.

E ele queria Freyja.

Não saberia dizer se tudo estava acontecendo rápido demais, ou se fora muito lenta durante todo o tempo que se passara para dar-se conta do que sempre estivera ao seu lado.

As particularidades de Freyja iam além de beleza física. E ah, céus, ela era bela. Não como as beldades que pareciam ter sido moldadas para alcançar a perfeição, tampouco como as mocinhas juvenis que enchiam os teatros e soirées de temporadas em temporadas.

Era algo de um patamar elevado.

A boca cheia e os sorrisos avulsos que a tomavam eram de um encanto único, assim como seu olhar sério e o leve levantar de sobrancelhas.

Eram particularidades só dela.

Seu caráter e as opiniões fortes sempre cativara Storm de um jeito diferente.

A beleza de Freyja estava em todos os cantos.

— Você me prometeu que daria um jeito nela. — Freyja sussurrou baixo para que só Storm ouvisse.

— Promessa é dívida e eu sempre cumpro as minhas. Tenha paciência, Srta. Wolfgang. — Storm sussurrou de volta beijando a lateral de seu rosto.



Storm traçara um plano B. Não deixaria que Madame Vivienne interferisse em seu encontro com Freyja. Pedira que Leoni e Damian aparecessem caso ela não conseguisse despachar a velha senhora.

Pouco mais de meia hora depois eles surgiram do nada e a arrastaram para longe subordinando-a com bobagens triviais.

Seria admirável se ela conseguisse resistir ao charme daqueles dois.

— Você é cheia de surpresas. — a mão pequena da jovem Wolfgang descansou no rosto fino de Storm.

— Ah, sim, milady.

Elas agora alimentavam os patos do pequeno lago artificial. O sol estava um pouco mais forte e com toda certeza Madame Vivienne não ficaria longe por muito tempo.

— Isso não pode estar acontecendo. — Freyja disse guardando o pedaço de pão que tinha em mãos dentro do pequeno saco.

— O que não poderia, Freyja? — perguntou Storm sem saber de fato o que a jovem queria dizer.

— Você e eu alimentando patos no Hyde park. — ela esclareceu sentando-se no banco de carvalho.

— Fazíamos isso quando crianças. — Storm rebateu sentando-se ao seu lado.

— É diferente. Você está me cortejando. O que a levou à isso afinal? Sei que não está apaixonada por mim. — Freyja tentou parecer calma mas algo em sua postura a denunciou.

Como Storm poderia explicar se nem mesmo ela compreendia? Só fizera o que achara que deveria ser feito para que pudesse ter mesmo que um pouco de Freyja para si.

— Eu teria de fazê-lo mais cedo ou mais tarde. E por que não com você? É inteligente, me conhece como ninguém e eu adoro beijá-la.

Talvez não fossem motivos o suficiente para cortejar alguém, mas muitas pessoas faziam por motivos bem menores. Como por exemplo, cortejar filhas de duques por seus dotes.

Storm não precisava de dinheiro.

Precisava de Freyja.

— Quando beijou-me pela primeira vez, arrependeu-se e isso me atormentou durante semanas, Storm. O que me assegura que não se arrependerá de querer...

— Não faça isso, por favor. — Storm suplicou tomando o rosto dela em suas mãos. — Não sou boa para você, Freyja, acha que não sei? Sou egoísta, idiota e insensível às vezes, mas posso afirmar que jamais desejei tanto alguma coisa como a desejo agora. Eu a quero. E se isso não for suficiente para você, diga-me e a deixarei ir. Mas se decidir confiar em mim, prometo que tentarei ao máximo ser aquilo que você deseja que eu seja.

Storm a olhava com uma intensidade desconcertante. Não acreditava que estava mesmo se declarando. As emoções engoliam-na a cada momento perto de Freyja, as palavras só eram ditas, e ela não poderia tê-las de volta. Então por que não ser sincera?

— Você está perdida, Storm. Não precisa falar mais nada. Só me beije logo. — a jovem sorriu aproximando-se com os olhos desejosos.

— Seu pedido é uma ordem...

Um pigarro insistente parou Storm no meio do caminho até a boca de Freyja.

Storm levantou o rosto e teve o corpo fulminado pelos olhos severos de Madame Vivienne.

— Está na hora de irmos, Srta. Wolfgang. Muito inteligente, lady Storm. Mas isso não funcionará da próxima vez.

— Prometo que me esforçarei mais da próxima, Madame. Mas diga-me, a Srta. Greendword e lorde Damian entreteram-na precisamente?

Storm não desejava caçar da dama de companhia de Freyja, visto que precisava agir como o combinado, porém, presenciar a perda de compostura de Vivienne era raro demais.

— Se eu fosse a senhora, Srta. Wolfgang, ficaria longe dessa moça.

— Concordo plenamente, madame. Lady Storm é um caso perdido. — Freyja ficou de pé e deu um último olhar para ela. — Vá pela sombra, querida.

— Adorável como sempre, Srta. Wolfgang.

Storm continuou sentada no banco assistindo Freyja e Madame Vivienne irem embora.

Capítulo 20

O almoço já estava sendo servido quando Madame Vivienne e Freyja retornaram para casa. Seus pais estavam sentados à mesa, com expressões similares no rosto.

Freyja os conhecia bem o suficiente para saber que esperariam até que ela resolvesse tocar no assunto — Jack pelo menos —, já que a curiosidade no rosto de sua mãe era evidente.

Amber estava quieta, mas parecia tão curiosa quanto eles.

— Vejo que Grace acertou mais uma vez! — Freyja comentou animada, tomando seu lugar à mesa.

Céus, estava faminta!

Uma bandeja com costeletas de porco assado, chamou sua atenção. Ah, como ela adorava as costeletas que Grace fazia.

Enquanto Perry preparava o seu prato, ela percebeu o momento exato em que Margaret resolveu abrir a boca. Como sempre, sua mãe fora direto ao ponto, mesmo que tenha tentado manter-se calada pelo máximo de tempo possível.

Um esforço estimável tendo em vista as circunstâncias.

— E então, querida? Como foi? — A matriarca indagou, afobada por respostas.

Cachos grisalhos saíam do penteado de Margaret devido à sua agitação aparente. Os olhos da mesma cor dos de Freyja, brilhavam em euforia.

Ela tentou em vão conter uma risada, mas o erguer de sobrelance de seu pai a fez falhar em sua tentativa.

— Maravilhoso, mamãe. Storm sabe se comportar quando assim deseja.

Os presentes assentiram ao mesmo tempo. Até Perry, o mordomo que agora enchia a taça de Jack. Era de conhecimento de todos que Storm não tinha um comportamento devidamente apropriado para uma futura marquesa, e os Wolfgang eram extremamente exigentes, no entanto adoravam-na.

— Entendo. Isso é música para os meus ouvidos. — Sua mãe parecia radiante enquanto os dedos finos tamborilavam no queixo. — Não a vi parabenizando sua irmã, Amber.

Freyja dirigiu o olhar para a irmã quando sua mãe a mencionou. Margaret era um tanto quanto inconveniente.

— Mamãe, não há necessidade disso. — Freyja emitiu envergonhada, levando a taça aos lábios.

Sua irmã mantinha uma expressão fechada no rosto, como se a ideia não lhe agradasse. E ela tentou compreender o porquê.

Afinal, Amber se casaria no fim do mês com Mackie e Storm era tão sua amiga quanto de Freyja.

— Não seja precipitada, mamãe. Storm só a está cortejando, ainda não pediu sua mão em casamento.

Amber não estava de um todo errada, ainda assim, o deboche explícito em seu tom não agradou Freyja em nada.

— Amber tem toda razão, mamãe. Contudo, não pude deixar de perceber que o arranjo parece não agradá-la. Qual é o problema, irmã? Storm é boa demais para mim?

A insegurança de não ser suficiente sempre pendeu nos ombros de Freyja. E o fardo era pesado demais para que ela carregasse e o guardasse sozinha.

— Não tem nada a ver com isso, Freyja! Só não consigo...

— Eu também não consigo, na verdade ainda não acredito, mas ela me quer, Amber. E mesmo que eu saiba que não está

completamente entregue, eu sinto. É estranho, mas sinto aqui dentro — disse pondo a mão no coração — que ela diz a verdade.

Era como se o coração de Freyja começasse a aceitar enfim que Storm realmente poderia vir a amá-la algum dia, com muita paciência e esforço.

Talvez não fosse tanto, mas era o suficiente para ela por enquanto.

— Se você diz. Espero que saiba o que está fazendo, irmã.

Amber atirou o guardanapo na mesa e saiu do recinto deixando uma tensão incômoda no ar.

— Ela só está... — Jack tentou interceder pela filha mais velha.

— Surpresa. Eu sei.



Da janela do quarto, Freyja observava melancólica a chuva tórrida castigar a cidade furiosamente. Os sons estrondosos reverberavam pelo céu obrigando-a a se afastar um pouco.

A súbita mudança de Amber e as palavras duras dela durante o almoço, ecoavam na mente de Freyja como um maldito lembrete de que tudo aquilo não passava de uma tremenda loucura.

Por que tudo para ela tinha de ser tão difícil?

Por puro impulso, Freyja tomara uma decisão idiota. Pegara um dos inúmeros xales que guardava em suas gavetas e jogara por seus ombros.

Só ela seria imbecil o suficiente para sair naquela tormenta. Não suportava ficar remoendo incertezas dentro de seu quarto.

Precisava agir o quanto antes.

Freyja saía pela portas dos fundos rezando para não esbarrar com Tim ou Perry no caminho.

A saída dos empregados, por mais incrível que pudesse parecer, estava inabitada, o que Freyja considerou um sinal. Ela só não saberia dizer se bom ou ruim.

Apostaria na segunda alternativa. Aquilo não tinha como dar mais errado. Ir até a casa dos Hendestons quando relâmpagos riscavam o céu sem trégua? Parecia insanidade demais para alguém como ela, mas não voltaria atrás, não quando todo o seu corpo já estava encharcado pela água.

Freyja conhecia bem o sentimento de frustração, e ele era terrível.

Bond Street estava deserta e completamente alagada. Era humilhação demais ter agido de forma tão precipitada.

Freyja não conseguia acreditar no que estava fazendo, logo ela que pensava tanto antes de tomar qualquer decisão que fosse contra os seus princípios.

— Maldição! — praguejou sentindo a água entrar em suas botas.



Freyja fora atendida por uma Sra. Adgell apavorada. As feições cansadas da pobre mulher não deixavam-na duvidar do assombro que a tomava devido sua presença inusitada.

Ela deveria estar horrível na melhor das hipóteses.

O que fora fazer?

— Oh céus, senhorita! Oh, Deus! Philippe, ajude-me! — Eleanor gritara para o mordomo da casa em desespero.

— Sra. Adgell, estou bem! Fique calma. — Freyja tentou abrandar a situação pegando nas mãos frias dela.

— Santo Deus, entre! A senhorita está encharcada. Philippe!
— ela gritou mais uma vez e o mordomo da mansão surgiu apressado.

— Sra. Adgell por que tanto alvoroço? — perguntou o homem alto direcionando seu olhar para Freyja. — Cristo!

Ela mais uma vez se viu na obrigação de tentar acalmar os ânimos dos empregados da mansão.

— Por favor, fiquem calmos! Só preciso falar com lady Storm.
— disse determinada adentrado a sala.

O recinto cheirava a tinta nova. Um quadro da antiga marquesa tomava uma das paredes cor de champanhe, dentre outros entalhes de madeira tendo querubins nus esculpidos com maestria.

Um tapete indiano cobria metade do piso de mármore dando uma pitada de cor a sala tradicional. A combinação de cores decerto remetiam a religiosidade do país.

A tecelagem artesanal tivera como objetivo proteger os povos nômades do frio. Eles desenvolveram a habilidade pela precisão de calor.

Philippe se recompôs assim como a Sra. Adgell que ainda parecia relutante.

— Nos perdoe pela nossa falta de educação. Com toda certeza a senhorita não sairia numa chuva como esta, se o assunto não fosse de exímia importância. Acompanhe-me, Srta. Wolfgang.

Freyja agradeceu silenciosamente seguindo a governanta a passos seguros. Ela sabia da participação de Eleanor na criação de Storm, assim como a sua super estima por ela.

Não lembrava da última vez que estivera no quarto de Storm. Havia anos.

— Desculpe-me pela minha indiscrição, senhorita, mas seus pais sabem que está aqui? — a velha senhora inquiriu com um ar preocupação.

Blasfêmias passaram pela cabeça de Freyja ao mesmo tempo que explicava com vergonha que não.

— Entendo.

Eleanor bateu à porta de madeira aguardando para anunciar a jovem Wolfgang.

Seu estômago estava revirado. Não tinha ideia do que dizer para justificar sua ida até ali. Freyja suava frio, a situação era nauseante.

Passos pesados foram ouvidos e ela prendeu a respiração no instante seguinte em que Storm abria a porta. Sua expressão estava bastante parecida com a de Eleanor há poucos minutos atrás.

— Ah meu Deus, Freyja!

"E lá vamos nós outra vez". Pensou envergonhada.

— Perdoe-me, eu...

— Por que não trouxe nada para secá-la, Sra. Adgell? — Storm exigiu saber num tom desesperado.

— Estou indo, milady! Estou indo!

A velha se fora deixando-a para trás na boca do leão. Freyja sentia o coração querer saltar de dentro de seu corpo, ele explodiria a qualquer momento.

— Que diabos estava pensando quando decidiu sair nessa tormenta?

Storm a puxara de encontro ao seu corpo, abraçando-a com uma força esmagadora. Freyja podia ouvir seu coração bater feito um louco e a respiração irregular atravessar seus ouvidos.

— Venha.

O calor da palma de Storm envolvera seu pulso frio de uma maneira gentil, mas urgente. Como que se de alguma forma aquilo a ajudasse a manter sua fúria sob controle.

Storm parecia prestes a enfartar, mas nada disse, apenas fechou a porta de uma vez e a puxou novamente para o seu corpo.

As mangas da camisa de Storm estavam arregaçadas até o cotovelos e a barra do tecido escondia-se dentro dos calções marrom.

Bom Deus, ela usava calções!

Freyja sentiu o rosto ruborizar.

As mechas douradas presas em um coque frouxo só contribuía para que Storm parecesse mais selvagem.

Perigosa.

— Perguntarei novamente e espero que me dê uma resposta no mínimo aceitável. O que diabos estava pensando?

Freyja se desvencilhou do calor do corpo quente dela com raiva.

Storm levou uma das mãos aos cabelos fitando-a intensamente a espera de uma resposta nada convencional. A pele bronzeada era banhada pela pouca luz do cômodo silencioso deixando-a atraente de um jeito insano.

— Não gosto desse tom, Storm. — Freyja apontou ressentida abraçando-se.

— Você está tremendo de frio, droga! Está encharcada!

Storm aproximou-se parecendo ainda mais sombria fazendo Freyja dar um passo vacilante para trás.

Como ela poderia despejar sua insatisfação nos ombros de Storm quando ela parecia tão vulnerável naquele momento? Como poderia reclamar de algo com ela a olhando daquele jeito?

— Eu só queria...

Em duas passadas Storm a alcançara. Seus olhos pareciam querer desnudá-la. Freyja sentiu o corpo trêmulo ceder quando a boca que conhecia há tão pouco tempo passou a devorá-la com um desespero voraz.

Storm parecia faminta.

— Nunca mais faça isso de novo! Eu não permitirei que acabe adoecendo por sua imprudência, está me ouvindo, Freyja?

A forma como Storm pronunciava seu nome a excitava.

— Não ache que só porque está me cortejando exerce algum tipo de influência sobre minhas atitudes! — Freyja respondeu num tom sardônico.

— Por quem me toma? Jamais faria isso! Me parece que não leva em consideração os meus temores!

Storm afastou-se dela com o semblante raivoso.

Freyja só desejava tirar aquela roupa molhada, desejava o corpo de Storm cobrindo o seu. Almejava os beijos dela e a sua felicidade para aquecê-la.

Em vez disso, apenas sermões lhe foram dirigidos.

— Acabou? Se sim, ajude-me com a droga desse vestido!

Freyja não costumava praguejar, mas estava cansada e irritada.

Ela sentou-se na beirada da cama e se pôs a tirar suas botas molhadas. Foi então que Storm pareceu se dar conta do que ela estava prestes a fazer.

— O que pensa que está fazendo? — Storm indagou parecendo aterrorizada.

Sua incredulidade fizera Freyja sorrir com satisfação.

— Não me diga que está com medo. — Ela zombou com impertinência.

Storm revirou os olhos e caminhou até ela.

— Levante-se.

Freyja assim o fez.

Storm começou a desabotoar os botões com destreza.

Quantas mulheres ela já havia despido?

— Sua habilidade me surpreende, lady pecaminosa.

Storm a ignorou não cedendo ao seu tom provocativo.

— Ficaré aqui. Pedirei que Eleanor prepare um quarto para mim. — Storm sentenciou com uma expressão fechada.

Ao ouvir os planos dela, Freyja a puxou para perto em desespero.

— Não! Eu preciso de você, por favor. Fique comigo...

— O que há de errado, Free? Não percebe que essa não é você? — Storm parecia travar uma batalha interna.

Freyja levou as mãos até os botões de sua camisa de linho, provocando-a com inexperiência.

— Tire-me de dentro deste vestido. É só o que peço. — ela sussurrou atraindo os olhos escuros de Storm para a chemise transparente.

Storm engoliu em seco lutando para desviar o olhar.

— Por favor...

Storm alcançou os cadarços do espartilho apertado e praticamente o arrancou de seu corpo. Freyja suspirou em alívio sentindo os dedos finos sobre sua pele.

O tecido grosso escorregou pelo corpo pálido revelando o delineamento das curvas de Freyja.

Storm não era puritana, e céus, tremia por dentro! Jamais vira um corpo tão perfeito. Queria tocar Freyja, queria conhecer e degustar dela por dias seguidos.

Mas não cederia aos seus encantos. No entanto, Freyja retirara a chemise e as roupas de baixo ficando completamente nua.

Os seios arredondados tinham o tamanho perfeito. A cintura fina fazia contraste com a barriga lisa, e uma pequena marca de nascença sobre o seu colo atraía os olhos de Storm.

Freyja levou as mãos até os cachos molhados, tirando os grampos que os prendiam. As ondas pesadas caíram de maneira proposital pela pele de seus ombros.

— Veio até aqui para me punir, é isso? — Storm inquiriu com uma rouquidão torturante.

— Estou aqui para presenteá-la.

A voz sedutora de Freyja a fez abrir os olhos sem foco abruptamente.

O triângulo em meios as pernas pequenas de Freyja deixaram as suas próprias trêmulas.

Storm poderia morrer ali, naquele exato momento.

— Eu não posso. Não assim. — Ela se aproximou e tomou o rosto de Freyja entre as mãos. — Não sei o que aconteceu, mas peço para que não haja imprudentemente. Se arrependerá depois. Eu sei, meu bem.

Lágrimas deixaram os olhos de Freyja e Storm levou-a para a cama.

— Durma comigo, Storm. — ela pediu mansa puxando-a pela camisa de tecido fino.

— Seu pedido sempre será uma ordem...

Ela trouxe Freyja para perto de si, cobrindo-as com as mantas grossas. A jovem Wolfgang acomodou-se dentro do abraço dela, colando o quadril liso ao tecido áspero dos calções.

Storm não dormiria aquela noite.

Capítulo 21

O forte temporal continuava a castigar o céu negro com sons estrondosos. A madrugada havia se infiltrando na mansão, e junto com ela, a decisão de Storm quanto ao que fazer.

Sentada à mesa do escritório, ela analisava suas opções prudentemente. Compreendia com clareza que a situação tornou-se delicada no momento em que Freyja colocou os pés em sua casa.

Lawrence tomou consciência de que precisava agir o mais rápido possível se desejasse evitar transtornos.

Ela se pôs a redigir uma carta para Margaret, onde relatava todo o ocorrido. Nos poucos parágrafos, Storm pedia para que a matriarca da família Wolfgang ficasse tranquila pois não deixaria que nada de ruim acontecesse a sua filha.

— Milady...

— Peça para que William entregue diretamente nas mãos da Sra. Wolfgang, Eleanor. Não posso correr o risco de que isso se espalhe.

— São duas da madrugada, senhorita...

A governanta tentava disfarçar seus temores para não perturbá-la, no entanto, o efeito estava sendo contrário.

Storm não tinha tempo a perder dando-se ao luxo de ceder às preocupações alheias. Muitas coisas estavam em jogo, e ela desejava que Freyja tivesse a chance de escolher. Não queria que a jovem se visse forçada a tomar uma decisão que não lhe fosse estimada.

Voltando para o quarto em silêncio depois de banhar-se, ela divagava sobre como a água fria havia acalmado seus ânimos.

Eles estavam à flor da pele.

— Quando acordei e não a vi na cama, imaginei que tivesse tomado uma atitude.

Freyja se portava perto da janela. Os contornos de seu corpo pequeno eram escondidos por um penhoar fino de seda.

Era melhor mesmo que ela estivesse coberta, Storm temia por deixar-se levar pelo desejo. Tinha de pensar em como suas atitudes abalariam ainda mais a situação em que estavam.

— Sim, escrevi para a sua mãe. Disse que estava em segurança em minha casa.

— Entendo. — Ela proferiu levando os dedos aos lábios. — Só isso?

Os cachos pesados caíam pelo tecido fino do robe, enquanto ela caminhava decididamente na direção de Storm.

— Peguei emprestado, espero que não se importe. — Ela informou, apontando para a seda que usava.

— Deveria estar completamente vestida. — Storm cruzou os braços, desconfortavelmente.

O movimento involuntário fez com que Freyja erguesse a sobrancelha esquerda em divertimento.

— Ah, vamos. Não é nada que você não tenha visto, qual é o problema? — Sorriu de modo petulante, descansando os lábios no pescoço de Lawrence.

Storm inspirou profundamente, afastando-a com relutância. Não sabia o quanto desejava Freyja até tê-la desprovida de roupas em sua cama algumas horas antes.

— Eu nunca a tinha visto nua, Freyja. Deseja enlouquecer-me? Se esse é o seu plano, está se saindo muitíssimo bem. —

Storm confessou com os lábios retesados.

A expressão de triunfo no rosto da jovem Wolfgang a enfureceu.

— Só vim para vê-la antes de dormir. A Sra. Adgell preparou um dos quartos do outro andar para mim, por isso, se desejar comer ou beber algo chame por Mirella. — Ela anunciou dando as costas para a jovem.

— É tão insuportável assim dividir a mesma cama comigo? — O ultraje no tom acentuado de Freyja não passou despercebido.

Ela só poderia estar brincando.

Storm lutava contra a vontade delirante de fazê-la sua. Havia bebido um copo de burbon mais cedo aquele dia, e ele ainda queimava em suas entranhas. Igualmente a estranha sensação que teimava em roubar os últimos resquícios de sanidade que ela possuía.

Freyja parecia não ter noção de como sua presença a afetava, e se sabia, aproveitava-se disso deliberadamente.

Storm julgava não merecer aquilo, quando não podia tocá-la como seu corpo pedia desesperadamente.

O maldito infortúnio começava a trazer suas consequências desastrosas.

— Tente dormir, Freyja. Amanhã a levarei de volta para casa.

Seus pés começaram a ir em direção a porta, mas Freyja a parou, não a deixando seguir adiante.

— Disse que ficaria comigo.

O autocontrole de Storm saiu pela culatra. Ela levou as mãos ao rosto fino de Freyja, trazendo-o para perto do seu.

A sanidade que tentou manter intacta a todo custo, fora completamente esmagada por aquela pequena mulher.

— Quantas vezes preciso dizer? Eu não posso! — Ela grunhiu afundando os dedos nos cachos espessos, sentindo a textura deles. — Diga pelo amor de Deus que me entende!

Freyja a silenciou com um único beijo, atravessando seus muros.

— Eu desejo isso. — Ela falou como se fosse a coisa mais simples do mundo.

Storm a fulminou com o olhar.

— Eu não posso.

— E por que não? Não serei a primeira! — Freyja zombou de maneira afetada.

— Mais que droga! Estou tentando agir com prudência pela primeira vez em minha vida, e sabe por quê? Porque quero fazer o que é certo por você, maldição! — Storm esbravejou fora de si.

Seus pulmões buscavam ar em agonia. Sentia-se à beira de um ataque nervoso.

Dividir um quarto com uma mulher nunca fora uma tarefa tão árdua para ela.

— Eu sei que me quer, então pare de arranjar desculpas. — Freyja ronronou, colando-se ao corpo rígido de Lawrence.

— Você se arrependerá. E eu não irei suportar, Freyja. — Storm disse baixinho, trazendo-a para perto.

Ela gemeu ao sentir as curvas de Freyja se encaixarem perfeitamente ao seu corpo.

— Por favor. — Suplicou a jovem, beijando sua mandíbula cerrada pelo esforço que fazia.

— Sei que detesta que lhe digam o que fazer, Free. Mas só dessa vez, ouça o que digo. — Storm pediu com a respiração comprometida.

— Faça-me sua, por favor. Estou implorando, Storm.

E então em questões de segundos as limitações de Storm foram extintas. Ela avançou sedenta em direção a boca carnuda de Freyja, beijando-a sôfrega como se dependesse dela para respirar, como se somente assim pudesse sobreviver ao caos que a consumia naquele momento.

Todo e qualquer murmúrio de prazer que deixava os lábios de Freyja, era engolido com satisfação por Storm.

Os dedos da jovem afundaram em seus cabelos com força, fazendo-a blasfemar instintivamente.

— Maldição!

O desejo de possuir Freyja intensificava-se a cada toque, a cada gemido suplicante dela. A essência da pele pálida da jovem penetrava seus sentidos, inebriando-a como um maldito perfume francês.

Seus dedos deslizaram para o laço do robe, abrindo-o e revelando a nudez crua de Freyja.

Fora o gatilho necessário para lhe tirar o domínio dos pensamentos.

Ver Freyja ruborizar enquanto varria todas as partes de seu corpo pequeno sem pudor algum, incendiou cada célula dela. Não sentia vergonha em deixá-la saber que ela a queria aberta de todas as formas possíveis.

— Lembre-se que foi você que provocou tudo isso, Freyja. A degustarei com toda calma do mundo. Tenha certeza de que irei saciar todos os seus desejos. — Storm prometeu com ardor. — Como pode ser tão linda?

Freyja sorriu timidamente, desviando os olhos claros.

Até admirar aquela pequena criatura parecia pecado. Storm a fitava nos olhos com paixão.

Não podia mais voltar atrás.

Inferno, aquilo era estar apaixonada? Freyja parecia tê-la enfeitado. Era como se Storm não fosse mais dona de si mesma, e era apavorante depender tanto de alguém.

Ela pôs a mão em concha sobre o seio pequeno, fechando os olhos ao sentir a pele macia de Freyja caber em sua palma. Seu polegar acariciou um dos mamilos rosados até senti-lo intumescer devido a carícia lânguida.

Freyja arfou, fazendo-a buscar sua língua em contrapartida.

Storm repetiu o mesmo processo no outro mamilo antes de descer a boca e envolvê-lo com fome. Ela sugou o seio com ambição, segurando Freyja pela cintura.

A jovem arquejou quando os beijos molhados de Storm desceram pelo vale entre seus seios.

— Esse é o momento que me leva para o mal caminho, milady? — Ela conseguiu perguntar com um sorriso sedutor.

Storm voltou a levantar o rosto com um brilho perverso no olhar.

— Temo que sim, senhorita.

Estava envolvida demais para falar. Só queria beijar Freyja até sentir a dormência tomar os seus lábios.

Puxando-a pela gola da camisa impacientemente, Freyja induziu a queda de ambas no colchão macio.

— Está se saindo uma depravada, Free. — Storm caçoou em tom jocoso, encaixando-se em meio à ela.

Sentiu com prazer o corpo de Freyja relaxar, quando seu joelho afastou as pernas dela devagar.

A jovem dama tentou abrir os botões de sua camisa, mas acabou por atrapalhar-se toda.

— Calma, deixe-me ajudá-la.

— Não é justo que só eu sinta... — Freyja parou como se estrangida demais para pronunciar a palavra.

— Prazer. — Storm concluiu por ela. — Você tem me dado prazer somente em olhar-me desse jeito.

E ela nunca havia falado tão sério.

Storm não conseguiria descrever mesmo que quisesse, a forma como seu corpo e alma reagiam à Freyja.

Só acontecia.

Mais uma vez ela deixou suas emoções falarem por si só.

Seus dedos escorregaram devagar pela barriga lisa, buscando encontrar o cerne molhado. Storm inspirou fundo ao senti-la tão pronta. Ela continuou tocando-a, provocando-a com um prazer malicioso.

Storm a puxou pela perna com delicadeza, pondo-a por cima de seu ombro. Freyja estava completamente aberta para ela em uma posição reveladora.

— Storm! — Chiou com uma súbita vergonha em sua voz.

— Não é nada que eu não tenha visto, não é?! — Storm provocou, usando as mesmas palavras da jovem contra ela mesma.

Os gemidos de prazer começaram a entoar no silêncio do quarto, enquanto Storm a tocava com experiência.

Ora lentamente, ora com mais precisão em pontos que Freyja nem ao menos sabia da existência.

Storm sentia a respiração alvoroçada dela acertar seu rosto a cada investida mais firme em seu ponto de prazer.

— Eu não consigo mais esperar, Storm. — Ela murmurou, tentando abrir as pálpebras cerradas. — Eu preciso...

— Eu sei, amor. Chegarei lá, prometo.

Storm nem mesmo pôde acreditar nas palavras que voaram se sua boca. Chamar Freyja de *amor* pareceu tão certo, que ela

continuou a sussurrar as palavras rente ao ouvido dela como uma prece desesperada.

Devagar, e intercalando pequenos beijos por todo o seu rosto, Storm desceu pelo ventre reto acariciando a pele leitosa com as pontas dos dedos.

Ela por fim chegou ao sexo úmido depois de tanta tortura.

— Storm...

A visão que tinha a deslumbrava. O rubor cobria todo o corpo de Freyja.

Storm afundou o rosto sem cerimônia em meio as pernas dela, lambendo-a da extensão até a base de seu prazer com pinceladas suaves.

Dolorosamente sugou e mordiscou o clitóris já inchado.

Nunca se sentira tão faminta, ao menos não lembrava. Estava fazendo amor com Freyja Wolfgang e só conseguia pensar em como era sortuda por isso.

Nada se equiparava aquela sensação que a transbordava.

"Ainda não encontrou alguém que a tenha transbordado".

As palavras de Damian ecoaram em sua mente fazendo-a sorrir incrédula. Que diabos seu primo intrometido fazia em sua cabeça naquele momento?

O sabor de Freyja era doce com uma pequena pitada de sal no final, a fazia delirar.

Sua língua continuava a investir na intimidade dela com devoção. A excitação corria desenfreada por todos os músculos de seu corpo até que a cama veio a sacudir com os espasmos do corpo pequeno que reivindicava possessa.

A essência de Freyja preencheu sua boca por completo, e ela ergueu o corpo depois de um certo tempo, aninhando-se à pequena mulher no colchão numa espera paciente.

— Deixe-me tirar a sua roupa. — Freyja pediu novamente, num murmúrio exausto.

Storm praticamente rasgou sua camisa de linho, ficando nua da cintura para cima em prol de satisfazê-la.

— Melhor? — Perguntou abraçando-a.

A fricção de seus troncos fez com que ambas gemessem.

— Sim, muito melhor.

Freyja a beijou profundamente com certa timidez, puxando-a para cima de seu corpo.

Então mais uma vez, Storm voltou a tocá-la procurando com paciência a fenda entre suas pernas.

Primeiro a penetrando com apenas um dedo para que ela viesse a se acostumar com a sensação. Freyja arranhou às costas de Storm inconscientemente, perdida nas novas reações que atingiam seu âmago em cheio.

— Precisa relaxar, amor. Queria que não fosse incômodo para você, mas temo que será, ainda que um pouco. — Disse Storm com pesar.

— Está tudo bem. Dê o seu melhor.

Mesmo que tentasse parecer tranquila, Lawrence a conhecia o suficiente para saber quando mentia, sabia que Freyja não queria preocupá-la.

Quando Storm sentiu que ela cedia, colocou um dedo à mais dentro dela, ao mesmo tempo que reivindicava seus lábios com delicadeza.

Pouco a pouco Freyja passara a ansiar mais pela penetração, erguendo seu quadril em busca de alívio.

— Calma, devagar...

Storm a penetrou mais fundo sentindo os músculos dela se contraírem em seus dedos. Ela levou as mãos de Freyja a sua

cabeça, subjugando-a.

Os murmúrios suplicantes que saíam de dentro da garganta da jovem novamente perpetuaram o cômodo. As pernas trêmulas cederam quando ela atingiu o orgasmo.

O som de suas respirações se misturavam ao cheiro de sexo.

Freyja trouxe Storm para dentro de si, acomodando-a de modo que suas pernas enlaçassem seus quadris.

Storm deixou o rosto suado descansar no colo despido dela.

— Diga-me que não se arrepende. — Storm pediu numa súplica arrastada.

Ela não saberia viver com isso, e se Freyja estivesse arrependida?

— Se não tivesse permitido que me amasse, com toda certeza estaria arrependida — Freyja disse, acalentando-a com sua voz suave.

Storm sorriu com a resposta, antes de mergulhar no mais profundo sono.

Capítulo 22

A resplandecência atravessava as persianas pesadas avisando a chegada do alvorecer. E ainda que as pálpebras pesadas de Freyja continuassem fechadas, e seu corpo envolto pelos braços possessivos de Storm, as lembranças vagas da noite anterior invadiam sua mente fazendo-a ruborizar em constrangimento.

Seu corpo dolorido comprovava que Storm havia tirado sua virtude. Freyja lembrava das palavras sussurradas cheias de um calor latente ao seu ouvido, dos toques intensos, fora e dentro dela.

Lawrence a amou apaixonadamente, fizera amor com ela. As mechas cor de âmbar escondiam seu rosto sereno adormecido, e Freyja Jamais se cansaria de olhá-la em quanto vida tivesse. Tinha plena certeza disso.

Storm a mantinha junto ao seu corpo com retenção, deixando-a de certa forma irritada. Freyja não pertencia a ninguém senão à ela mesma. Porém, sentia que uma parte sua já não lhe cabia mais.

Storm a havia roubado para si.

— Bom dia, lady Hendeston. — A rouquidão de Storm ao falar, a tirou o rumo dos pensamentos.

Storm tinha os olhos bem abertos, e Freyja nunca os vira tão cintilantes quanto naquela manhã. Sua tez dourada brilhava pelos feixes de luz que invadiam o cômodo cálido.

Uma quentura envolveu Freyja ao fitar as íris escuras que lhes eram tão familiares.

— Não sou sua esposa. — Ela replicou com o erguer de sobancelhas habitual.

— Ainda. — Storm disse pretensiosa, trazendo-a para mais perto de si.

Os lábios dela desceram para um dos seios de Freyja, tomando-o em uma carícia erótica.

— Storm Lawrence Browan Willye, você me prometeu que...

Freyja tentou em vão reclamar das táticas de sedução de Storm para fazê-la ceder, contudo um gemido traíra escapou de sua garganta, frustrando-a.

— Sei o que prometi, Freyja. E é por isso que não me importaria de casar-me com você na St George amanhã mesmo.

Freyja levantou o rosto para ela com ceticismo brilhando nos olhos claros.

— Não tão rápido, Storm.

— E por que não? Adoraria consumir o nosso casamento uma segunda vez.

O sorriso ordinário que surgiu nos lábios da futura marquesa, deixou Freyja desconcertada contra sua vontade. Os dentes de Storm pareciam pequenos diamantes que alinhavam-se impecavelmente.

— Storm! — Freyja a censurou, sentindo o rubro tomar suas faces novamente.

Lawrence então, desconsiderou-a de forma intencional, levantando-se do colchão macio. As costas nuas dela atraíram os olhos de Freyja instantaneamente como uma imã.

Storm dormira de calções, desagradando-a profundamente.

"Direitos iguais" pensou Freyja com amargor. Não era justo que ela tivesse ficado despida sozinha sem ter um único vislumbre das...

— Pedirei para que Mirella prepare o nosso banho.

Freyja empertigou-se num pulo. E então a vergonha por tudo o que tinha feito até então a acometeu de uma só vez.

— Você perdeu o juízo? — Ela esbravejou, cobrindo-se com o lençol.

— Não é como se não soubessem o que fizemos aqui. Bem, você gemeu alto demais...

— Ah, meu Deus! — Freyja chiou mortificada, dando-se conta de que todos agora sabiam.

Storm pareceu deleitar-se com o seu constrangimento.

— Quando torná-la minha esposa, essa será uma cena bastante corriqueira, prometo. Não se preocupe, Free. — Storm sussurrou emanando jovialidade, olhando-a maliciosa.

— Está mesmo achando que será tão fácil assim? — Freyja não pôde evitar sorrir com certa exasperação.

— Não. Eu sei que terei de esforçar-me para alcançá-la. Por isso, suponho que devo começar o mais depressa possível, o que me diz?

Storm deslizou as mãos para o cinto que segurava os calções marrom, tirando-o rapidamente. Ela ostentava um sorriso predador nos lábios vermelhos como se estivesse pronta para o ataque.

Freyja assistia a cena com fascínio. A pele bronzeada de Lawrence ia sendo revelada devagar deixando-a excitada num nível aterrador.

Ela sentiu o colchão afundar com o peso do corpo desprovido de roupas de Storm. As mãos dela arrancaram o lençol que Freyja mantinha grudado em seu peito, revelando sua nudez.

— É ainda mais linda a luz do sol, amor.

Na noite passada, Freyja acreditou estar imaginando coisas quando ouviu Storm chamá-la de amor. Mas novamente as palavras

cheias de ternura saíram dos lábios dela.

O corpo macio que tanto amava encaixou-se no seu, fazendo-a gemer baixo por temer alertar os empregados da casa uma outra vez.

— Pensei que já havíamos passado dessa fase ontem à noite.

Storm falava com dificuldade, enquanto tentava puxar a perna dela para o seu quadril.

— Deveria pedir desculpas por sentir vergonha? — Freyja conseguiu dizer com insolência.

— Você não me pareceu nem um pouco envergonhada ontem...

— Mas eu estava! — Freyja guinchou com os olhos arregalados.

— Claro que sim, meu bem. Só que... — Storm fez uma pausa antes de deslizar dois dedos para dentro dela. — Quero que desfrute de todo prazer sem que se restrinja.

Freyja procurou sua boca em desespero, e Storm a correspondeu fazendo ainda mais pressão em seu baixo ventre.

— Desejo que seja uma experiência maravilhosa para você. Quero transbordá-la, Freyja. Quero ser a única a tocá-la assim. — Storm murmurou beijando-a com a boca aberta.

Lawrence a tocava com uma instância inexplicável, aquele contato ainda não parecia ser suficiente para aplacar as vontades de seu corpo. Ela queria mais de Freyja, como jamais havia exigido de uma outra mulher.

A jovem dama tinha a boca em formato de coração aberta, chamando Storm para beijá-la.

A sinfonia entre seus corpos suados submergidos no mais absoluto prazer, desatinava-a.

Excitava-a.

— Storm...

O chamado inquieto por seu nome a fizera levantar os olhos para encarar o rosto de anjo de Freyja que parecia ter sido pintado à mão.

Os fios claros grudavam-se a testa dela teimosamente. Freyja parecia uma pequena leoa perdida de seu bando.

— Sim, amor?

Freyja pareceu relutante em dizer o que desejava, por isso, mesmo pedindo silenciosamente, Storm a atendeu.

Acelerando os movimentos, Lawrence sentiu com prazer os músculos internos dela fecharem-se ao redor de seus dedos.

— Quase lá, meu bem...

Storm esfregou o pequeno botão para cima e para baixo com o polegar, ao mesmo tempo que penetrava a intimidade molhada e necessitada dela.

Em questão de segundos, o gozo quente jorrou em sua mão, satisfazendo-a.

As pernas de Freyja circularam sua cintura seguindo os instintos que afloravam dentro de seu corpo, e Storm novamente voltou a encará-la.

Ela se deparou com algo nas íris de Freyja que a deixou momentaneamente confusa.

Os olhos da jovem diziam que a amavam. Eles fitavam Storm como se ela fosse o ser humano mais perfeito do mundo.

"Não. Você não pode me amar". Ela rogou internamente, beirando ao desespero.

Freyja não podia amá-la, ela não merecia o seu amor.

Não a merecia.

Freyja era única, brilhante e boa como Storm jamais seria.

— Por que ficou tão calada de repente? — A jovem questionou com a voz abafada.

Rugas de preocupação apareceram nos cantos de seus olhos.

— Perdoe-me, só estou tentando me acostumar com a ideia de tê-la todas as manhãs assim.— Storm disse sôfrega, afundando o rosto no pescoço suado dela.

— Ah, por favor. Já conversamos sobre isso — Freyja rebateu sorrindo contra os lençóis.

— Ah, Freyja. Eu não mereço você. — Storm lamentou, puxando-a para cima de seu peito. — Mas sou egoísta o suficiente para querê-la.

— Trate de me merecer porque eu não desistirei...

Storm sentiu o coração bater mais rápido.

— Que Deus a ajude. Não poderá mais voltar atrás, entende? — ela falou beijando os cachos castanhos com doçura.

— Eu não ousaria. — Freyja sorriu de volta, aninhando-se ao seu corpo suado.

Capítulo 23

O rumo dos acontecimentos levaram Storm a anunciar o seu noivado com Freyja naquela mesma manhã após ter acordado ao lado dela na cama.

Mesmo com certa relutância por parte da jovem, Storm conseguira o tão famoso sim daqueles lábios carnudos.

Ela prometeu fidelidade, respeito e paixão a Freyja. Teria de ser o suficiente para tê-la porque não tinha mais nada a lhe oferecer.

Storm desejava ser o motivo da alegria da jovem Wolfgang, queria fazê-la feliz com toda sua alma, mas não poderia prometer-lhe amor pois era uma perdida que não desenvolvera a arte de amar. Infelizmente não fora agraciada com tal capacidade.

O Sr. e a Sra Wolfogang concordaram prontamente com o arranjo, visto que a situação pedia que ela seguisse exatamente o que os costumes esperavam.

De fato, Storm fora insensata e não havia desculpas para o seu comportamento. Deveria ter recusado Freyja, mas como poderia? Estava apaixonada e desejava aquele casamento com fervor.

Não entendia bem o que a levava aquela conclusão, mas queria casar-se com Freyja. A queria como sua esposa, e nada mais importava.

Concentrar-se no trabalho não era mais uma opção àquela altura, seu dia resumiu-se a repassar detalhadamente as expressões no rosto de Freyja ao fazer amor com ela.

Daria um baile para a aristocracia para anunciar sua aposentadoria dos mexericos. Os maridos de toda Londres poderiam seguir sossegados dali em diante, pois ela não dormiria com nenhuma outra mulher senão sua futura marquesa.

— Diga-me que está ficando louca! — Amber irrompeu na biblioteca, parecendo tentada a atacá-la.

As faces rosadas, e os olhos vermelhos constatavam sinais de choro.

Ela parecia desolada e Storm tentou não sentir-se culpada. A relação que mantiveram até ali fora sustentada por mentiras, uma hora ou outra terminaria. Ainda assim, Amber estava ali, parada diante dela, acusando-a de louca.

Lawrence deixou o assento acolchoado em que estava sentada, arregaçando as mangas da camisa de flanela que vestia, transpassando desconforto.

— Sinto muito, Amber. Mas sabíamos que um dia eu me casaria. — Ela salientou branda, oferecendo uma cadeira para que a jovem se sentasse.

Amber negou com a cabeça, descansando as mãos no peito.

— Mas com Freyja, Storm? Não, vocês não tem nada a ver!

Ela reconhecia que Amber tinha razão. Freyja era o seu o oposto. Storm não possuía nenhum dos atributos que ela trazia junto consigo, tinha uma índole questionável, e terminantemente não era correta, mas a conexão entre elas ia além de sua conduta errônea.

— Estou tão surpresa quanto você, acredite. Aconteceu, Amber. Eu nem ao menos notei, estava lá. Sempre estive. — Lawrence declarou, levando as mãos ao cabelo louro.

— Isso não pode estar acontecendo! Eu a amei durante todo este tempo e você me negligenciou! — O recato havia abandonado o tom de voz de Amber.

— Você nunca me amou, Amber. Se me amasse, não teria aceitado casar-se com Mackie. — Storm apontou sucinta vendo-a murchar.

Os olhos de Amber encheram-se de lágrimas com a veracidade presente em suas palavras. Ela e Mackie estavam noivos há meses, e mesmo que Storm não tivesse a intenção de cortejá-la no início da relação, se certificara que não exista nada além que pudesse ferir os sentimentos dela.

— Nossos destinos estão traçados. Me casarei com sua irmã porque a quero, e ela me aceitou. Isso me basta.

— Freyja quer amor, sua tola. Não entende? Isso não dará certo.

O peito de Storm comprimiu-se de dor.

Sim, Freyja queria amor.

— Eu farei dar. Tentarei ser o suficiente para ela.

Amber continuou a olhá-la com perplexidade.

— Jogará tudo fora por ela? — A indagação estava imersa no ceticismo.

— Se for necessário, sim.

Storm surpreendeu-se com a certeza em sua própria voz. Não lhe era característico tanta convicção.

— Santo Deus, você está ficando senil! — Amber esbravejou, aproximando-se dela a passos trôpegos.

— Peço para que pare agora mesmo. Me casarei com Freyja, goste ou não, ponto. — Storm garantiu entredentes.

A seriedade mortal em seu tom a fez recobrar a postura. Amber regrediu dois passos com a graça de uma borboleta, e lhe deu as costas num rompante.

— Como desejar, milady.

Então mais uma vez Lawrence estava sozinha.



A organização do baile oferecido para anunciar o noivado da futura marquesa de Hendeston corria a todo vapor pelo salão. Os criados da mansão portavam arranjos e toalhas de mesa nas mãos cheias com uma destreza impressionante. Obviamente a lista de convidados seria gigantesca dada a posição de Storm.

— Acha que ela gostará de todas essas pessoas? — Leoni questionou com os dedos tamborilando em seu queixo.

— Ela odiará. Infelizmente, a cerimônia na St George será ainda pior. — Storm murmurou fazendo uma careta.

— Quem diria, não é?! A lady pecaminosa enfim fora apanhada... — A jovem cigana ironizou, levando os dedos ao rosto para limpar lágrimas imaginárias.

— Que o diabo a carregue!

Storm havia chocado toda a cidade com o convite para o seu baile de noivado. Decerto, a nata social londrina não acreditara de pronto que a famosa lady pecaminosa estava enfim noiva.

— Só desejo que seja feliz, Storm.

E ela já se sentia. Era uma felicidade diferente de tudo que havia experimentado antes, principalmente por ser tão relutante sobre a ideia do casamento. As circunstâncias talvez não fossem as mais adequadas, mas daria certo.

Freyja seria sua esposa.

Pensar nela fez seu coração disparar.

— Eu estou perdida, Leoni. — murmurou sendo engolida pelo medo.

— Sim, você está.

Capítulo 24

Freyja não conseguia acreditar no que via. As paredes ornadas com belos entalhes no salão principal da mansão dos Lawrences atraíam seus olhos desacreditados. A opulência em excesso deixou-a levemente tonta.

Para dizer o mínimo.

Storm esquecera de que não fora exatamente aquilo que ela lhe havia pedido. Freyja gostaria de algo mais simples, algo mais a sua cara, mas também compreendia que como futura marquesa precisava causar boa impressão.

Ela alisava a saia azul de seu vestido em estado de enervamento. Sentia as palmas das mãos suarem dentro das luvas que chegavam até seus antebraços.

— Boa noite, Srta. Wolfogang.

Lentamente ela viu seu reflexo refletido no breu dos olhos de Lawrence.

Storm trajava vermelho, e ostentava um sorriso sereno no rosto delineado como se não sentisse metade do nervosismo que a consumia. As mechas loiras estavam presas em tranças embutidas, revelando pequenas safiras que pendiam de suas orelhas.

Ela tomou as mãos de Freyja nas suas, depositando um beijo em cada palma sem nunca quebrar o contato visual.

Freyja só conseguia pensar em como amava aquela mulher que lhe tirava o sono, e que a enlouquecia na maioria das vezes, mas que também a entendia como ninguém.

— Boa noite. — Ela sussurrou para que só Storm ouvisse.

Seu perfume de sândalo fizera Freyja inspirar profundamente.

Ela teve a necessidade de tocar Storm, e como agora possuía permissão para tal, ninguém poderia censurá-la.

— Temo que não esteja de seu agrado. Peço para que me perdoe. — Lawrence disse com pesar, oferecendo-lhe o braço.

Freyja o aceitou, caminhando ao seu lado ereta.

— Sou sua futura esposa e marquesa, tenho que sobreviver a isso. — Freyja murmurou, tentando acostumar-se a ideia que ainda lhe parecia um sonho.

— Repita.

— Repetir o quê? — Ela questionou sorrindo contida.

— Diga que se casará comigo mais uma vez. — Storm pediu, fitando-a com intensidade nas íris castanhas.

— Primeiro, desejo que refaça o pedido. — Freyja provocou-a, apertando seu braço junto a si.

Storm assentiu com uma expressão diabólica. Empertigando-se, ela guiou Freyja para o centro do salão.

Seus pais juntamente com o marquês olhavam desconfiados para sua noiva, como se soubessem exatamente quais eram os planos da herdeira legítima de Arthur.

Em alto e bom tom, Storm disse:

— Damas e cavalheiros, peço um minuto de sua atenção!

Atraindo os presentes no salão, Storm se pôs de joelhos, indo muito além do que suas saias volumosas permitiam.

Os olhos de Freyja arregalaram-se com horror. Ela não poderia suportar tamanha demonstração na frente de toda sociedade.

Eles mantinham os olhares curiosos sobre ela, e se havia algo pior do que a vergonha, Freyja definitivamente não desejava conhecer.

— Srta. Wolfgang imploro para que me dê a honra de se tornar minha esposa. — Lawrence pediu, alcançando as mãos trêmulas dela.

Freyja engoliu um blasfêmia e buscou recobrar a compostura. Storm a pagaria, ah se pagaria e com juro.

— Sim, querida. Eu lhe darei essa honra. — Ela disse com humor, arrancando gargalhadas dos convidados.

Respirando fundo, Freyja procurou forças para não dar vexame.

— Me faz a mulher mais feliz do mundo. Nem Einstein poderia explicar o que acontece aqui dentro quando me olha, Srta. Wolfogang. Eu quero isso e espero que queira também.

Storm a puxara para si, fazendo sinal para que os músicos voltassem a tocar.

A balada ecoou pelo espaço decorado luxuosamente, entrando em seus sentidos assim como a declaração nem um pouco sutil de Storm. Havia um ardor nela, algo que Freyja não conseguia decifrar, mas que estava ali, naquelas palavras significativas.

— Você é tudo o que eu sempre quis. — Ela confessou com os lábios trêmulos, descansando a palma no peito de Storm.

Freyja sentia os olhos arderem pelas lágrimas que desejava derramar, mas nunca fora de mostrar-se tanto para alguém. E não começaria agora.

— Amanhã partiremos para Hampshire. Desejo que tenhamos mais tempo antes do casamento longe dessa loucura. O que me diz?

— Leve-me embora deste inferno.

— Seu pedido sempre será uma ordem, Srta. Wolfogang. — Storm a beijou os lábios rapidamente

Freyja acreditava que para amar uma pessoa devia haver muito mais do que referências feitas por terceiros. Tinha de haver

paz no outro, confiança... conversas bobas antes do sono chegar.

O amor sempre fora uma via de mão dupla. Dar e receber eram as pautas básicas dele. No entanto, ela sabia que Storm não a amava, e mesmo que estivesse disposta a conviver com isso, a ideia de nunca ter o seu amor a amedrontava.

Mas não deixaria que tais pensamentos a tirasse a felicidade daquele momento mágico.

Por enquanto, era suficiente somente tê-la.

Aceitou-a com todos os seus defeitos porque também os tinha. E escolheria Storm outras mil vezes, mesmo que a vida lhe oferecesse escolhas mais convencionais.

— Mudou o papel de parede do seu quarto em Hampshire?

— Ela indagou, acariciando a mandíbula lisa de Storm com a mão enluvada.

— Ah, sim. Ele era terrível, não era? — Storm pigarreou oferecendo um de seus sorrisos atravessados.

— Sim, ele era. — Freyja concordou meneando a cabeça devagar

— Sempre soube que o odiava, Free.

Amava quando ela a chamava pelo apelido. Freyja sentiu tudo dentro dela derreter ao ouvir o tom de voz rouco.

— Por que agora? — Indagou deitando a cabeça no ombro exposto de Lawrence.

— Porque só desejo chamá-la de amor a todo instante, e isso ainda é muito novo. — Storm explicou, parecendo receosa.

— Eu não me importo, Storm.

— Fico feliz em saber, amor.

Os lábios bem desenhados sorriram para ela em divertimento.

Freyja tinha medo que o amor que sentia por ela viesse um dia matá-la.

Capítulo 25

Uma aura de pura felicidade provinha de Freyja ao passo que ela tinha o corpo conduzido livremente sobre o mármore do salão de baile dos Lawrence.

Storm mantinha Freyja junto à si temendo por deixá-la se afastar um centímetro que fosse. Estar ali, rodopiando com sua noiva a preenchia de um sentimento inominável.

E o prazer que Lawrence sentia em nada tinha a ver com o carnal. Era profundo e satisfatório ver Freyja sorrir daquela maneira que a desnorreava tanto.

O tecido azul do vestido da jovem reluzia devido as luzes dos castiçais espalhados pelo salão lotado.

Freyja estava linda com os olhos fixos nos seus, e uma das mãos descansadas em seu peito.

Linda.

— Eu poderia ficar assim para sempre. — Storm confidenciou afastando um cacho teimoso que saía do penteado dela.

Freyja revirou os olhos, e então a beijou.

Ela ficou surpresa com o gesto, mas o retribuiu. Não era do feitio de Freyja tamanha demonstração de afeto em frente há tantas pessoas, mas Storm não iria reclamar. Seria uma tola se o fizesse.

A fricção dos lábios de Freyja nos seus a lembrara da noite em que a fizera sua.

— Me parece apaixonada demais, lady pecaminosa. — Freyja zombou dando uma piscadela.

E Storm, mais uma vez reconheceu que estava mesmo apaixonada.

Por que mais pediria para que Freyja a aceitasse se não o estivesse? Não havia uma justificativa admissível, e mesmo que o casamento já fosse esperado por ambas as famílias, Storm poderia muito bem ter se safado como sempre fazia.

Mas não queria esperar mais.

Só descansaria quando tivesse Freyja sob o mesmo teto que ela, lembrando-a o quão sortuda era por tê-la feito sua marquesa.

Lady Hendeston.

Apaixonar-se não tinha nada a ver com beleza ou posses. Era algo sublime — assustador —, mas sublime.

Storm ficara assustada quando se dera conta do que estaria disposta a sacrificar por ela.

— E como não poderia?

Freyja desviou o olhar, e ela viu com satisfação suas bochechas enrubescerem.

A música cessou, fazendo Storm curvar-se numa mesura para sua dama antes de entregá-la para o próximo cavalheiro.

Aquela era uma norma estúpida que Storm adoraria quebrar, mas ela era madura o suficiente para ao menos tolerar tal palhaçada.

Todavia, ela não contava com o duque de Portendorfer parado à espera da mão de Freyja.

— Poderia emprestar-me sua noiva, lady Storm?

A voz grave dele estava enciumada. Storm tinha conhecimento da atração de Niklaus por Freyja, e sabia melhor do que ninguém como o ciúme poderia afetar uma pessoa.

— Seria uma honra, milor... —Freyja adiantou-se em aceitar a mão masculina estendida.

— Temo que não seja possível, milorde. Desejo dançar um pouco mais com a minha noiva.

Freyja fitou-a com descrença.

Os cachos domados de Niklaus brilhavam como fogo, assim como seus olhos atrevidos.

— Não seja egoísta, milady. Sei que ela tem permissão para isso, e seria falta de decoro dançar pela terceira vez com a mesma dama. — Ele a provocou com um sorriso pretensioso.

O olhar desafiante dele incitou Storm a acertá-lo no nariz sinuoso. Ah, ela gostaria de vê-lo se encolher no chão.

— Certamente, milorde. Freyja é livre, não é minha propriedade.

Storm aceitou o desafio com classe. A contra gosto, ela pôs a mão de Freyja sobre a do duque.

Não iria dar motivos para futuras discussões com sua noiva. Sabia que Freyja odiava sua interferência, por isso, assistira com desgosto o duque levá-la para longe de si.

— Segure as pontas, querida.

Damian tomou suas mãos entre as dele firmemente.

— Quem pensa que eu sou? — Ela sorriu letárgica, sentindo um gosto amargo na boca.

— Logo acabará. — Ele prometeu.

Mas Damian estava errado. Niklaus fez sinal para que os músicos tocassem uma valsa francesa.

Seus movimentos eram escandalosos demais. O burburinho no salão eclodiu e Storm tentou manter-se parada no lugar.

Niklaus trouxe Freyja para perto, dizimando a curta distância de seus corpos. O rosto masculino do duque estava a centímetros do dela, se ele assim desejasse, poderia beijá-la.

Tamanha era a proximidade entre eles.

— Filho de uma...

— Storm!

Damian repreendeu-a com o cenho franzido.

— Ele vai beijá-la! — Ela chiou entredentes.

Respirando fundo, Lawrence se afastou de Damian e ele a seguiu.

— O que pensa que está fazendo?

— Não sou obrigada a assistir esse espetáculo. — Ela retrucou, pedindo um cigarro.

Precisava de ar fresco. Não iria sucumbir ao ciúme que queimava como fogo dentro de seu coração.

Maldito fosse Nicklaus.

— Não lhe darei cigarro nenhum.

— Os pulmões são meus.

Ela arrancou o maço do bolso do casaco dele, e saiu do salão a passos largos para que ninguém notasse sua ausência. Como anfitriã era falta de noção deixar os convidados a mercê da própria sorte.



A fumaça do cigarro entrava e saía dos pulmões de Storm numa lentidão melancólica. Suas entranhas ardiam violentamente pois já era o quarto da noite.

Nicklaus era um filho de uma mãe.

Ele nunca estivera em sua estima, e depois de deixá-la em uma saia justa diante de seus convidados, gostava ainda menos dele.

Que o diabo o carregasse de volta para a França!

Antes de sequer descobrir que estava apaixonada por Freyja, ela já o detestava.

Detestava os olhos petulantes dele, e o sorrisinho triunfante que teimava em colocar na cara bonita.

— Cansada de assistir ao showzinho de sua noiva?

Storm tragou o cigarro mais uma vez e fechou os olhos para apreciar a sensação de ter os pulmões preenchidos pela fumaça densa. Pelo andar da carruagem, desenvolveria um câncer na melhor das hipóteses.

Provavelmente se tornaria uma tuberculosa.

— Não tente envenenar-me contra minha noiva, condessa. É perda de tempo.

Storm havia convidado lorde e lady Scarbouht pelo simples fato deles fazerem parte do círculo social que frequentava. Infelizmente, não poderia negligenciá-los.

Mas adoraria o fazê-lo.

— Esperava mais de você, milady. Freyja Wolfgang?

A risada com altas doses de zombaria fizera Lawrence virar somente para encará-la com um olhar sórdido.

— Preste bastante atenção no que eu vou dizer, milady: nunca mais se dirija a minha noiva nesse tom. — Ela avisou, jogando a bituca do cigarro na grama.

Caroline a encarou com despeito. Os seios dela quase saltavam do decote escandaloso.

— Quem pensa que é para ameaçar-me, Storm? — Inquiriu com os dentes brancos trincados.

— Não é uma ameaça, senhora. É um lembrete.

Um embate fora travado por elas. Os olhos azuis de Caroline fitavam Storm com rancor.

— Storm.

A voz de Freyja arrancou-a do transe.

Seus olhos claros cintilavam com uma emoção que Storm não conseguira ler. Ver Freyja tão desolada por suas conclusões errôneas tirou-a a razão.

— A condessa já estava de saída. Milady?

Caroline fez uma mensura exagerada, deixando-as à sós no jardim.

— Minhas felicitações pelo noivado, Srta. Wolfgang.

Freyja assentiu mecanicamente, esperando-a desaparecer.

— Pensei que a tivesse afastado. — A jovem Wolfgang disse, quebrando o silêncio mortal que permeou o terraço frio.

— Ela veio apenas para importunar-me. Não há com o que se preocupar, lhe prometi fidelidade, não?!

Storm tentou manter-se branda. Mas estava irritada.

— Oh, perdoe-me. Eu não deveria... — Freyja buscou amenizar a situação.

— Sim, não deveria. — Ela concordou com indiferença.

— O que há com você?

— Não há nada, Freyja. Volte para dentro, divirta-se. — Fora a resposta fria de Storm.

— Não me diga que ficou com ciúmes do duque? — Freyja indagou com ceticismo.

Ela tendia a ser muito crítica, e isso irritava Storm profundamente.

— Para o meu desprazer. O que há de errado com isso? — Storm perguntou, fitando-a de maneira impetuosa.

— Você está acima disso, precisa controlar suas emoções ou... — A jovem começou, atropelando-se em suas palavras.

— Santos Deus! Deseja controlar até o que sinto? Eu não sou perfeita, Freyja. E não sinto por não o ser! Estou cansada de todos acharem que me conhecem. — Storm guinchou duramente.

As pessoas faziam um juízo errado ao seu respeito.

"Futura marquesa de Hendeston, moça bela, rica e fútil". Eles diziam.

Talvez ela não tivesse feito muito para subir no conceito da sociedade, mas não viveria em prol de explicar suas atitudes.

— Sei que não é perfeita. Só que...

— Meu peito arde de ciúmes, e você me vem com um sermão de como comportar-me? — Ela ironizou cáustica.

Freyja aproximou-se dela com as pupilas dilatadas, segurando seu rosto entre as mãos. As palmas pequenas alisaram sua pele fria pelo ar da noite, e ela sentiu-se esmorecer.

Lentamente, Freyja tomou seus lábios com delicadeza, obrigando-a a retribuir o beijo casto.

Storm rendeu-se ao encanto de sua noiva, e passou a beijá-la com raiva. Sentia raiva por ceder tão facilmente a mulher que incitava seu pior lado.

Lado esse que ela nem ao menos sabia da existência.

Não almejava dominar Freyja, mas queria mais intimidade. Desejava mais dela, mais do que ela podia dar.

— Você estragou todas as outras pessoas para mim, Storm. Quero dizer... — Freyja parou por um momento, e então voltou a falar. — O meu amor é só seu. Nenhum outro o terá. Nunca. Infelizmente estou em suas mãos há muito tempo. É a única que amo e será pra sempre assim, eu sei.

Storm sentiu o ar lhe faltar. Ela buscou por equilíbrio, mas não o encontrou.

Freyja confessara que a amava, ah Deus! A amava.

Ela não fora capaz de proferir uma única palavra.

— Pelo amor de Deus, não me olhe assim! Diga alguma coisa!

Quanto tempo havia se passado?

Storm só pôde beijá-la de volta, porque não tinha ideia do que dizer.

— Freyja... Eu...

— Cale-se. Sei que não me ama, só lhe disse a verdade porque não aguentava mais guardar isso para mim. Não peço para que me ame de volta, sei que não posso exigir isso. Mas se for possível algum dia, desejo que me diga agora. — Ela sussurrou segurando o choro.

— Eu não sei como amá-la, Freyja. Nunca amei em minha vida, perdoe-me.

Storm não se dera conta, mas também chorava.

Freyja a beijou, silenciando-a.

— Ainda é cedo. Há tempo.

Capítulo 26

Freyja observava da janela de seu quarto o caminhar preocupado de Storm pelo exótico jardim de Hampshire. O peso que carregara por anos seguidos saía de seus ombros no momento em que ela confessara seu amor.

Décadas poderiam se passar daquela noite em diante, mas nada no mundo teria o poder de apagar o alívio que Freyja sentiu ao dizer as palavras que por tanto tempo temera pronunciar.

"É a única que amo e será para sempre assim, eu sei".

Dois dias após o baile de noivado, amigos próximos da família viajaram para a casa de campo dos Lawrence.

A condessa infelizmente também fora convidada.

Mas o comportamento distante de Storm em relação a Caroline tranquilizara Freyja. Sua noiva limitava-se a ser o mais cortês possível com a dama em questão, visto que ela e o marido eram convidados do marquês atual.

— O café da manhã já está sendo servido, senhorita. — Mirella informou, adentrando o cômodo tranquilo.

Freyja assentiu com a cabeça, voltando o olhar para o jardim agora vazio.

Poucas foram as vezes que ficara à sós com Storm depois do baile, e Freyja precisava dela. Necessitava aspirar o cheiro de sol em sua pele dourada e ter certeza de que tudo ficaria bem até o casamento.

No entanto, o despeito que Storm mostrara pelo duque de Portendorfer há duas noites irritou-a bastante.

Storm deveria saber que ninguém a fazia feliz como ela.

A cautela que Freyja lutara para desenvolver não existia quando estavam juntas, apenas a vontade de sair pelo mundo na companhia de Lawrence.

De viver dos seus afagos e palavras escandalosas...

Freyja obrigou-se a sair do quarto para enfrentar os hóspedes aristocratas que dividiam o mesmo teto que ela.

Ao mesmo tempo que sentia-se tola, sentia-se viva como jamais estivera antes, e esse era o poder que Storm exercia sobre seus pensamentos e sobre o seu querer. Freyja nutria uma certa antipatia pela sociedade no geral, mas estava ali com a mesma, por ela.

Os corredores do andar de cima onde seu quarto ficava eram ornados por quadros da linhagem dos Lawrence. O avô de Storm fora um soldado em sua juventude, primeiro filho de Ralphie Lawrence com a marquesa Mariah. Comprara uma patente aos vinte anos, e logo depois atraíra os olhares da rainha.

Ele assistiu a morte de seus companheiros no campo de batalha inúmeras vezes, e descobriu que o preço da guerra era alto demais.

Quando aposentado, procurou investir no ramo de negócios dos seus antecessores. Herdara o título de Ralphie, e posteriormente o passara para o filho mais velho.

Arthur Lawrence Browan Willye.

A história da família era longa, assim como a infinidade de retratos nos corredores. Num deles, Olívia mantinha Storm junto ao colo.

Freyja parou por um momento, tentando assimilar os traços do retrato pintado à óleo de sua noiva com a mãe. Ela sentiu o coração na garganta.

Os olhos escuros eram os mesmos...

— Eu tinha cinco anos na época e havia perdido o dente da frente. É vergonhoso, não olhe.

A risada bem humorada de Storm tirou-a do estado de catalepsia que se encontrava.

Storm a abraçou por trás, tapando seus olhos com as palmas quentes. Uma mistura de sol e primavera irradiava de seu corpo, cercando Freyja.

— Você sempre foi linda. Mesmo sem o dente da frente. — Ela disse, tentando remover as mãos que mantinham-se em seus olhos. — Storm!

Lawrence virou-a de frente para ela, até que não restasse nenhuma distância entre as duas.

A proximidade fez com que o pulso de Freyja acelerasse. Os olhos escuros de Storm fitaram sua boca com desejo.

— Senti a sua falta.

Fora a única coisa que ela conseguiu dizer antes de ter a boca tomada por Storm.

Seu toque era cuidadoso, no entanto, faminto como sempre. A sensação arrebatadora que Freyja sentia era exatamente parecida com a de tantas outras vezes que haviam se beijado.

Storm a inebriava como um dos licores escondidos na adega de Jack, mas a dose causava-lhe um tontura muito mais forte. Era como se ingerir uma única taça do conteúdo, não fosse mais suficiente. Ela fazia Freyja ansiar por seus beijos como um enfermo pela cura.

Dependia vergonhosamente de ter a língua de Storm lambendo-a daquele jeito, subjugando-a impiedosamente.

Sua mente estava anuviada. Freyja nem ao menos lembrava de seu nome quando Storm a beijava com tanta impetuosidade.

— E eu a sua. Estou ficando louca, Srta. Wolfgang. Minha vontade é de levá-la para o meu quarto, e mantê-la para sempre

comigo.

— Em que século nós estamos? — Ela perguntou, com as pálpebras cerradas.

— Não importa. — Storm disse descendo para o pescoço dela.

— Oh, importa. Claro que importa, amor.

Storm levantou o olhar perplexa, e Freyja conseguiu compreender no mesmo instante sua súplica muda para que voltasse a repetir a palavra.

— Sim, amor. Importa. — Ela sussurrou baixo, deixando sua vergonha transparecer.

Era a primeira vez que Freyja a chamava de amor.

— Ah, meu bem. Obrigá-me a agir com imprudência.

Storm a empurrou para dentro de seu quarto novamente, arrancando a camisa de linho que vestia pela cabeça.

Difícilmente ela usava vestidos, principalmente quando estava no campo. Vestes de homens tomavam seu guarda-roupa, e Freyja achava as calças — um pouco coladas demais ao seu corpo — um charme.

A nudez dela a fizera salivar inconscientemente.

Storm não sentia vergonha alguma de seus olhos curiosos.

Mas mesmo assim permanecera de calça.

— Mirella veio avisar-me que...

Freyja tentou desvencilhar-se do toque quente de Storm, mas falhou em sua tentativa de afastá-la para longe de si.

— Deixe que ela venha novamente. — A futura marquesa retorquiu, alcançando os cadarços do espartilho da jovem.

— Storm!

— O que foi? — Ela perguntou sorrindo de forma desavergonhada. — Estamos noivas, não é?!

— Sim, estamos, mas casadas ainda não.

Freyja assistiu com satisfação a expressão de triunfo morrer no rosto milimetricamente perfeito de Storm.

— Não é como se nunca...

Então por fim ela percebeu que nunca fizera nada para satisfazer aos desejos de Storm. Isso incitou-a a aproximar-se, e investir com paixão na boca dela.

Seus lábios unidos outra vez moviam-se num ritmo lento. A língua de Storm passou a trabalhar demoradamente na dela, em uma sintonia perfeita.

Sua respiração ofegante acertava o rosto de Freyja, fazendo-a esquecer que uma dúzia de pessoas esperavam-nas no andar de baixo.

Involuntariamente, Freyja desceu a boca inexperiente pelo pescoço de Storm, provando-a com uma ânsia incontrolável. Sua pele era doce e quente assim como ela.

Storm era o próprio sol.

— Free... — Ela gemeu rouca, entorpecida pela sensação de transladar que a invadia a cada carícia terna em sua pele.

Freyja continuou a descer a boca até chegar em seu colo despido, onde passou a demorar-se propositadamente.

Devagar, lambeu a auréola rosada levando Storm a enrolar as mãos em seus cabelos.

— Você irá me matar, Freyja... — Lawrence praguejou, puxando-a para si.

Ela empurrou o corpo mole de Freyja para a parede, descendo a mão para debaixo de suas saias volumosas.

— Por que diabos ainda usa tanto pano? Quando nos casarmos a quero nua o dia inteiro se possível.

Freyja sorriu revirando os olhos.

Storm a segurava firmemente pela cintura, mantendo seu corpo despido da cintura para cima colado ao dela.

— Temos que descer... — Freyja tentou argumentar, mas os dedos de Storm encontraram o ponto sensível entre suas pernas, fazendo-a resfolegar baixinho.

Lawrence passou a massagear as dobras de seu sexo, observando as expressões que passavam pelo rosto corado e envergonhado dela.

Freyja gemia seu nome com desespero e isso a excitava. Ao que parecia, Storm jamais deixaria de querê-la.

Nada nunca seria suficiente para apaziguar a loucura que a queimava por dentro toda vez que olhava para Freyja.

— Storm... Oh, Deus!

Rapidamente Storm se ajoelhou, levantando as saias pesadas dela com um pouco de esforço.

Maldita fosse a modista de Freyja. Maldita fosse a sociedade. Maldito fosse o mundo!

— Droga!

Sem paciência, Storm rasgou as ligas das meias de Freyja para então enfiar seu rosto em meio as pernas dela. Sua noiva era tão doce quanto ela se lembrava, tão molhada e pronta para o prazer...

Os dedos de Freyja inconscientemente entrelaçaram-se aos seus cabelos dourados, puxando-os com um pouco de força.

— Senhorita, todos... Ah, meu Deus, perdoem-me! Por favor!

Freyja ergueu as pálpebras cerradas com horror.

Mirella fitavam-nas com o rosto ruborizado.

— Bom Deus!

Storm levantou-se a passos trôpegos, procurando sua camisa pelo chão do quarto, enquanto a moça manteve-se enraizada no mesmo lugar.

— Mirella, bata antes de entrar por favor. — Ela pediu nem um pouco nervosa ou brava. — Avise a todos que estamos descendo.

— Sim, milady!

A jovem moça deixou o quarto rapidamente, e Freyja desejou enfiar-se dentro do assoalho de madeira. Tamanha era sua vergonha.

— O que ela pensará de mim? Ai meu Deus!

— Eu já disse que essa cena será corriqueira, fique tranquila. Ela não dirá nada. Prometo.

— Como pode estar tão tranquila? — Freyja berrou descontrolada.

Seu coração martelava nos ouvidos.

— Deixe-me ajudá-la com o espartilho, amor. Temos que descer.

Freyja não sairia daquele quarto nunca mais em quanto vida tivesse.

Capítulo 27

Ao chegarem ao recinto juntas, os olhares dos convidados à mesa fixaram-se em ambas com uma curiosidade latente. A sala ampla era revestida por gesso e cheirava a tinta fresca e cera. Os talheres de prata postos na mesa brilhavam a luz do candelabro.

Mesmo tentando ao máximo parecer relaxada, Freyja ainda estava mortificada pelo episódio com Mirella, e por isso, mantivera-se calada durante todo o trajeto até a sala de jantar. Storm não encarou a situação como motivo de alegria para a jovem, mas chorar depois do leite derramado, não ajudaria em nada. No fundo, ela sabia que não seria a primeira nem a última vez que tal cena ocorreria.

Storm adorara a reação exaltada dela, ver Freyja tão embaraçada quase a fez esquecer do tormento que a vinha assombrando.

Freyja a amava.

"É a única que amo e será pra sempre assim, eu sei".

Depois de sua confissão, Storm não havia mais adormecido. As palavras de Amber martelavam em seus ouvidos, lembrando-a de que ela estava certa quanto ao que Freyja realmente queria.

E ela queria amor.

No fundo Storm sempre soubera que esse era o desejo da jovem Wolfgang, só não ouvira a razão mais uma vez como de costume porque era isso que sempre fazia.

Agia e feria sem pensar nos danos que provocaria porque era uma egoísta dissimulada. Sua impulsividade ainda a arruinaria.

Mas não conseguia evitar. A paixão a dominava a cada encontro novo com Freyja. Não conseguia lutar contra o turbilhão de sensações que afogavam-na, mesmo que tentasse com toda força de vontade que existia dentro de si recobrar a razão.

— Sentimos pela demora. Houve um contratempo... — Freyja adiantou-se em esclarecer sua ausência para os presentes.

Storm achara a explicação desnecessária visto que dentro de uma mês, Freyja seria uma futura marquesa e ninguém poderia contradizê-la.

— Oh, querida! Sente-se bem? — Caroline indagou com um tom meloso.

Storm a fitara em advertência. Não toleraria nenhum comentário intencional com o intuito de aborrecer Freyja.

— Sim, milady. O problema foi solucionado.

Freyja rapidamente retomou o controle da situação. Ela olhava para Caroline com uma hostilidade incomum. Storm nunca a vira ter reação semelhante alguma vez em sua vida, e isso deixou-a apreensiva.

— Fico feliz, Srta. Wolfgang.

— Tem certeza que está bem, filha? Suas bochechas... elas...

— Margaret interrompeu o embate com uma preocupação maternal.

— Não se preocupe, mamãe. Está tudo bem. Deve ser o calor.

Storm reprimiu uma risada, mas não conseguiu manter-se séria diante da desculpa esfarrapada dela.

O calor? Claro que seria algo que Freyja com certeza diria.

— Compartilhe o motivo de sua alegria, milady. Creio que todos aqui estão curiosos quanto à isso! — Caroline voltou a falar tendo Storm como alvo dessa vez.

— Minha noiva, condessa. Ela é o motivo de minha felicidade. — Storm respondeu olhando para Freyja, que estava prestes a enfiar-se debaixo da mesa.

Caroline retorceu os lábios, e sorriu para disfarçar seu descontentamento pela resposta sincera que recebeu.

Storm sentia o sangue subir-lhe a cabeça somente em olhar para Freyja, e o que disse para Caroline não fora nada além da verdade.

Estar apaixonada era entrar em um estado de emoções tão intensas que ela não sabia o que fazer. Jam além da fome ou dor, era uma sensação de urgência aterradora cujas consequências eram de fato enlouquecedoras.

Enquanto bebericava de seu chá, sentia os olhos azuis de Caroline fitando-a. Fora prazeroso ter aquele olhar tão poderoso e quente sobre si durante os dois últimos anos, mas na situação atual só conseguia sentir um desconforto tremendo.

Não queria que Freyja fizesse um juízo errado do infortúnio.

— Quando a caça terá início? — perguntou Edmund Coleman.

Era um jovem robusto e nem um pouco esnobe, no entanto, a pergunta em questão irritou Storm profundamente.

— Todos tem conhecimento que elas não ocorrem em nossa propriedade, milorde. Não aprovo a caça.

Um intenso tom de rubro cobriu as maçãs altas do rosto dele. Edmund tinha herdado o título de visconde sendo o último na linha de sucessão, havia um ano após a morte repentina de seu avô.

Um jovem lorde inexperiente.

— Perdoe-me, milady. Não sabia... — Desculpou-se ele pálido.

— Não tem problema, milorde. Sei que muitos desejam caçar aqui. Infelizmente não será possível. — Storm disse por fim

encerrando o assunto.



O sol começava a esconder-se atrás dos montes ao longe de Hampshire. O céu atingia tons de rósea e laranja numa mistura magnífica entre as cores da primavera.

Freyja abraçava o próprio corpo, presa em seus próprios pensamentos enquanto Storm memorizava cada traço de suas feições.

A brisa, a terra e o cheiro de campo ali presente serviam de calmante para a mente agitada de Storm.

— O que há, querida? — Ela perguntou solene, atraindo o olhar sem foco de Freyja.

Uma névoa tomava o olhar compenetrado de sua noiva, assustando-a.

— Eu não sei bem. Talvez seja só o cansaço.

Storm alcançou-a com duas passadas, abraçando-a por trás, e descansando o queixo em seu ombro. O cheiro de primavera emanava das mechas do cabelo preso por presilhas prateadas.

— Pode me contar qualquer coisa, você sabe. — Storm levou as mãos as presilhas tirando-as uma a uma.

— Não acha suficiente a cena de hoje mais cedo? Ando por aí com você sem uma acompanhante, sem chapéu ou luvas e...

Storm passou a língua pela veia pulsante de seu pescoço, demorando-se naquele ponto sensível. Foi com muito prazer que a viu ceder aos seus esforços para acalmá-la.

— Estamos noivas e é Hampshire! Bom Deus! — Lawrence disse como se isso explicasse tudo. — Não quero uma governanta

amargurada seguindo-nos por todos os lados como se não fôssemos capazes de nos controlarmos. Freyja, cheguei a um entendimento com você, maldição! Iremos nos casar, só tente não pensar tanto.

Freyja virou-se para encará-la com os olhos cativantes de um tom dourado único. Os cílios longos faziam sombra em seu rosto devido a luz que começava a desaparecer em torno delas.

Seus fios esvoaçavam pelo rosto pequeno.

— Você faz parecer tudo tão fácil. Me faz agir como eu nunca me permitiria. — Os olhos sorridentes dela dançavam enquanto falava.

— Eu quero facilidade entre nós, Free. Você pensa demais no que as pessoas vão dizer...

— E você pensa de menos. — Apontou Freyja com delicadeza.

Touché

— Isso não é saudável. Precisa viver a sua vida, amor. Nunca satisfará a todos, não importa o que faça. Então por que não viver como se quer viver?

Um sorriso maroto brincou nos lábios cheios de sua noiva.

— Será possível amar tanto uma criatura como a amo? Por que diabos me prende desse jeito? O que você tem?

As palavras intensas de Freyja fizeram algo novo brotar dentro de Storm. Uma ternura diferente de tudo que havia sentido antes.

O vento continuava a assanhá-la.

— O que eu fiz para merecê-la? Por que me ama?

Eram tantas perguntas. Storm não conseguia pensar em uma razão lógica para que Freyja a amasse. Não era sensato amar alguém como ela.

— Eu a amo porque você é tudo que há de lindo nesse mundo. Irradia felicidade, é inteligente e tem um senso de humor contagiante. Até seus dentes são lindos, meu bom Deus! A cor escura dos seus olhos me fascina, e me faz querer nadar em sua imensidão.

Storm engolia em seco a cada palavra que deixava a boca perfeita dela.

— O amor, Storm... É isso o que ele faz. Ele nos deixa a beira do abismo, mas também nos leva ao topo do mundo em questão de segundos. E a única coisa que penso é que não terei que acordar sozinha nunca mais porque você estará comigo. Na nossa cama. Eu poderia citar todas as razões do mundo para amar você, mas nem todo o papel desta terra seria suficiente. Eu a amo pelo o que é, e pelo que será algum dia. Eu a amo em todas as línguas e encontraria o caminho até você em outras encarnações. Você é a minha metade.

Mais uma vez Storm queria beijá-la. Queria se jogar aos pés daquela mulher e implorar para que ela nunca a deixasse, pois não conseguiria tomar o caminho de volta.

— Ah, Free. Esse mundo não a merece.

Sentia a garganta e os olhos arderem.

— Você, sim. E mesmo que não me merecesse, ainda assim eu não me importaria.

Capítulo 28

Lawrence estava metida dentro do escritório com o marquês e Damian há mais de uma hora. Freyja lutava contra a vontade de entrar no cômodo, e tirá-la à força de lá. Sabia da compulsão que ela desenvolvera pelo trabalho excessivo, mas não suportaria isso em seu casamento. Não era algo que lhe agradava.

A futura marquesa tinha é claro de honrar com seus compromissos, todavia, Storm parecia inclinada demais como se o título já lhe pertencesse. Arthur era um homem vigoroso e saudável, se Deus assim permitisse, ele viveria por muitos anos.

Até pouco tempo Storm não apreciava o trabalho, dissera em mais de uma ocasião que não aguentava mais tantos papéis espalhados por sua mesa, mas desde da declaração de Freyja ela não parava um segundo sequer.

A jovem receava tê-la a assustado. Ela mesmo se assustara com a franqueza com que revelara tudo o que sentia.

Duas vezes.

Mas não fora com a intenção de amedrontar Storm, ou pressioná-la a retribuir o sentimento.

Ela só não aguentava mais esconder a verdade.

— Ainda aqui, milady?

Freyja sentiu um arrepio subir por sua espinha dorsal ao reconhecer o tom de voz provocante da condessa. Tentava ao máximo não ser rude com a antiga amante de sua noiva, mas ela parecia tentada a fazê-la perder a compostura.

— Sim.

Fora sua reposta seca.

Odiava falar da forma com que falava com Caroline.

— Oh, meu Deus! Perdoe-me por minha intromissão em sua espera. — Disse ela num falso lamento.

— Não precisa fingir, condessa. Consigo enxergar o ciúme em seus olhos.

Rapidamente a expressão doce de Caroline se desfez. O longo cabelo negro estava preso por grampos e a gola alta de seu vestido cobria o pescoço longo.

Sua beleza estonteante fazia Freyja sentir-se um pouco insegura.

— Sinceramente Srta. Wolfgang, onde está o seu orgulho? Sabemos que tipo de mulher Storm prefere.

— A senhora é casada, milady. E Storm se casará comigo, goste ou não. Pensei que numa sociedade tão preconceituosa como a nossa, as mulheres deveriam ser mais unidas. No entanto, a senhora recorre a ofender-me indiretamente em todos os nossos encontros.

Freyja não simpatizava com Caroline muito antes de seu envolvimento com Storm. E ela parecia disposta a ridicularizá-la durante a estadia em Hampshire.

— Não consigo, senhorita. Não quando está em posse do que é meu.

O olhar de Caroline a fez tremer de raiva. Inspirando fundo, Freyja olhou-a de cima a baixo com desdém antes de dizer num tom cortante:

— Storm não pertence a ninguém. Aceite que não era para ser e deixe-a em paz. — Freyja bradou perdendo a paciência.

Não apreciava o tom possessivo de Caroline. A possessão no geral não lhe cativava, jamais concordaria com tamanha tolice.

— Ela cairá em si, menina, e quando isso acontecer, voltará para mim. — Caroline parecia convicta quanto a sua afirmação.

Freyja manteve o olhar frio sobre ela, não deixando-a ver além. Estava tentando não se deixar levar pelas bobagens que a condessa dissera, mas seu coração comprimiu-se em agonia quando Caroline deixou o corredor com um ar de superioridade.

— Pensei ter ouvido sua voz. — Storm saiu do escritório com os três botões da camisa de linho abertos.

Parecia tão à vontade em sua pele, tão segura de si. Os cabelos louros presos num coque frouxo deixavam mechas finas escaparem do penteado prático.

— Estava passando por aqui e pensei...

Freyja ainda estava um pouco apreensiva com o rumo de seus pensamentos recentes.

Só queria que o casamento acontecesse o mais depressa possível, precisava da segurança de Storm.

— Pedi para que Mirella preparasse um chá para nós, venha comigo.

Um pouco relutante, Freyja pegou em sua mão.

Elas caminharam lado a lado e o cheiro de primavera emanava da pele bronzeada de Storm. Não era difícil cair na tentação que sua noiva representava, as teias invisíveis que cercavam seu ser capturavam qualquer mulher por mais sensata que ela fosse.

A força da atração era forte demais até para as mais preparadas das mulheres.

Storm parou em frente à uma porta grande de madeira e levou sua mão até a maçaneta dourada.

— A única entrada permitida é a de Damian. Ou seja, não precisa se preocupar, não seremos interrompidas.

Ela sorriu torto, adentrando o recinto mobiliado luxuosamente. Tapeçarias de um excelente bom gosto foram adicionadas a sala ampla que era iluminada pelos filtros solares que atravessavam as janelas de vidro.

Creme e champanhe eram as cores das paredes pintadas e adornadas por pinturas a óleo do século XVI.

A vista dava para toda Hampshire.

Freyja estava completamente encantada com a magnífica beleza da paisagem, incapaz de pronunciar uma palavra. Ela correu para as janelas, ansiosa como uma criança travessa, decidida a vislumbrar o vasto campo esverdeado.

— Pietro Tremain é o arquiteto responsável por essa belezinha. A modernidade me agrada muito.

— Agradeça-o por mim. — Freyja murmurou ainda perplexa com o vidro sob suas palmas.

A presença de Storm por trás não passara despercebida. O olhar dela queimava a nuca de Freyja.

— Podemos dar continuidade ao que Mirella interrompeu? — Storm indagou num sussurro mordendo o pescoço sensível dela.

Ela gemeu, encorajando-a.

— Deveria fazê-la esperar até a noite de núpcias. — Freyja provocou com as pálpebras cerradas.

— Não diga isso nem de brincadeira.

Storm a virou para ela, prendendo seu corpo ao vidro frio. Freyja arregalou os olhos em surpresa.

— Irão nos ver! Enlouqueceu? — Chiou com a voz esganiçada.

— Sim, você me enlouquece!

Sorrindo, Storm levantou Freyja com um pouco de esforço e capturou sua boca alvoroçada. Ela sugou os lábios carnudos com

satisfação e desejo.

Tateando com uma das mãos, Storm encontrou o piano de cauda, colocando Freyja sentada em cima dele e encaixando-se entre suas pernas.

Seu olhar quente pareceu alcançá-la, e Freyja a fitou daquele jeito que só ela sabia. Era quase doloroso tê-la tão perto.

— Ah, Storm...

Freyja acariciou seu rosto com as pontas dos dedos, pondo os fios louros rebeldes dela em seu devido lugar.

A queria mais uma vez, ali, no seu esconderijo secreto.

Storm tomou os dedos pequenos na boca e os chupou com uma expressão provocante que fez Freyja corar.

— Fica ainda mais linda quando está envergonhada.

E então, como se fosse possível, Freyja corou ainda mais.

— Não estou envergonhada! — Ela replicou emburrada.

— Tudo bem, não está...

O cenho franzido dela despertou em Storm uma incontável vontade de rir. Freyja sempre queria estar no controle de suas emoções, mas ela não podia lidar com as reações de seu corpo traiçoeiro.

De repente, um grito alto escapou de sua garganta, sendo engolido pela boca de Storm.

Freyja não percebera que as mãos dela já estavam dentro de suas saias.

— Storm!

Ela apenas sorriu e começou a massagear o botão intumescido com lentidão. Storm não pôde evitar gemer na boca dela quando a sentiu elevar o quadril para obter um contato maior contra seus dedos.

— Calma, amor. Farei você chegar lá...

E ela sempre cumpria suas promessas.

Uma batida na porta despertou Freyja de seu torpor. Mais uma vez alguém a veria naquela situação constrangedora.

— Seja quem for, vá para o inferno! — Storm rugiu com o rosto vermelho de raiva.

Será que ela não podia desfrutar da companhia de sua noiva pelo menos por um maldito momento?

— É importante, Storm!

— Eu o matarei, Damian! O matarei!

Freyja se desvencilhou de suas mãos, descendo do piano rapidamente com a respiração alterada.

— Você prometeu que ninguém nos interromperia! — Freyja disse exasperada.

— Sinto muito, amor. Perdoe-me, eu...

Storm tentava controlar a raiva que sentia do bastardo de seu primo atrás da porta.

— Amanhã... amanhã tenho um outro lugar para mostrá-la.

Freyja a abraçou e sorriu.

— É a sua única chance de se redimir.

Storm caminhou com passadas largas até a porta, abrindo-a com força.

— Se não for importante eu juro que arrancarei sua cabeça!

Damian estava com uma expressão horrorizada no rosto másculo, e em nada tinha a ver com os blefes dela.

— É Corin... — Disse ele engolindo em seco.

Corin era a égua que Storm herdara de seu avô. Tamanho era o amor dela pelo animal selvagem.

— O que aconteceu? Diga-me! — Ela exigiu saber.

Minutos de silêncio se seguiram, e Storm só conseguiu pensar no pior.

— Maldição! Diga logo, Damian!

— Ela...ela, Storm... Corin estava mal, e....

O vinco nas sobrancelhas grossas de seu primo parecia ainda mais evidente. Seus dentes rangiam pelo esforço que fazia para manter-se sã.

Amava a égua tanto quanto Storm.

Ela sentiu os joelhos fraquejarem, e seu corpo fora aparando por Freyja.

— Eu sinto tanto, meu bem...

Storm afundou o rosto no pescoço dela para esconder as emoções que tomavam seus olhos.

Freyja afagou seus cabelos desalinhados, enquanto sussurrava palavras de conforto ao seu ouvido.

— Tudo ficará bem. Eu sei.

E Storm não precisou que ela dissesse absolutamente mais nada.

Capítulo 29

A respiração cadenciada de Storm diante do corpo ocioso de Corin no chão do estábulo assustara Damian. Ela mantinha uma expressão apática no rosto vermelho pelo choro de mais cedo.

Storm não havia dito uma única palavra depois de sair do conforto dos braços de sua noiva, apenas o seguiu com uma postura que parecia inabalável.

A conhecendo como a conhecia, Damian não poderia acreditar em sua encenação, por mais firme que ela pudesse parecer, ele sabia que algo estava errado.

Muitíssimo errado.

— Há quanto tempo aconteceu? O que causou isso? — Ela sondou num tom prático, abaixando-se para acariciar o focinho rosado do animal.

As mechas louras em desalinho, juntamente com a camisa amarrotada, rachavam um pouco da imagem que ela buscava com uma persistência louvável transpassar.

Storm não queria desmanchar-se em lágrimas naquele momento. Não seria bom para ninguém.

— Meia hora. Bem... Sidney não soube dizer... — Damian respondeu baixo, olhando para Freyja com ar de preocupação.

O cenho franzido dele deixou-a em alerta. Ela também sentia a distância de Storm, era como se a mesma não desejasse ser alcançada pelos sentimentos de dor e perda.

— Peça para que ele a enterre. Estou indo para o meu quarto.

A figura esguia levantou-se do chão, tirando os olhos da égua morta. Storm apertou os grampos do penteado e arregaçou as mangas da camisa.

— Storm?

Freyja chamou segurando-a pela manga de linho. Os dedos pequenos agarraram-se ao tecido fino numa súplica silenciosa. A preocupação comprimia seu peito.

— O que foi, amor?

Storm teve de usar de toda a sua boa vontade para respondê-la. Só queria o silêncio. Nada do que eles dissessem ajudaria, e se Freyja continuasse a olhá-la daquele jeito ela quebraria antes mesmo de chegar ao batente do hall da casa.

— Converse comigo. — A jovem pediu acariciando a pele dela por cima do tecido.

Suas feições cansadas preocupavam-na mais do que qualquer coisa. Freyja ficaria com ela se pedisse, mas era um momento para sentir e pensar sozinha.

Storm esbanjava uma singularidade única. Ela dava o real sentido a palavra felicidade. Seu riso fácil e os olhos escuros como café induziam tal conclusão. No entanto, vê-la tão perdida fizera com que todas essas pautas caíssem por terra.

Freyja engoliu o choro com dificuldade, e deixou-a ir. As palavras de conforto não vieram.

— Ah, Deus. — Ela murmurou com a garganta queimando.



Silêncio.

Sim, era isso que Storm precisava. Ouvir as batidas irregulares de seu coração lhe dava certo conforto, fazia-a lembrar que ainda estava viva, mesmo que uma parte importante de sua vida não caminhasse mais sobre a mesma terra que ela.

Corin nunca fora somente um mero animal. Era bem mais do que ela podia colocar em palavras, ou explicar. A ligação entre elas para outras pessoas poderia soar melodramática.

Seu avô, a presenteara com um pequeno potro manchado por uma marca branca no torso quando ela tinha oito anos de idade.

Olívia havia falecido numa manhã chuvosa de inverno, e Storm assistiu sua morte lenta e dolorosamente em silêncio. Sua mãe definhara tanto que ao estágio final da cólera, ninguém a reconheceria.

A desidratação óbvia fora um dos primeiros sintomas. O marquês contratara os melhores médicos de toda Inglaterra, mas infelizmente ela não pôde ser salva. Para uma criança de oito anos a dor de uma perda tão repentina poderia acarretar em danos inimagináveis.

O marquês não conseguia arrancar uma mera palavra da pequena criança depois da morte prematura de sua jovem esposa. Temia pelo bem-estar psicológico de sua herdeira, e temia por perdê-la também.

Mas então Connor trouxera um pequeno potro de uma de suas viagens, e as coisas melhoraram consideravelmente.

Storm crescera junto com Corin. O animal fechara a ferida que a pequena garotinha carregava no peito.

— Sei que não deseja ver ninguém, mas saiba que desde o momento em que foi até a minha casa pedir permissão para cortejar-me, está em dívida comigo.

Storm tentou não sorrir do argumento inoportuno de sua noiva, e pediu para que ela se aproximasse da cama de casal.

Vê-la caminhar até ela diminuiu a dor em seu coração. Freyja parecia um anjo enviado para protegê-la em seu vestido branco.

Os cachos grossos presos inutilmente pelas presilhas ameaçavam fugir do coque bem elaborado. Ela era linda de todas as formas e em todos os sentidos.

— Eu não sei o que fazer, amor. — Storm soluçou sentindo os olhos arderem pelas lágrimas que segurava vergonhosamente.

Ela estava sentada na cama de frente para Freyja que permanecia em pé. As mãos calorosas da jovem alcançaram-na, e acalentaram-na como um bebê.

A essência floral do perfume de Freyja era como um entorpecente que a embriagava de tal modo que, por um minuto a fizera esquecer-se completamente do estado deplorável em que se encontrava.

Storm levantou o olhar para admirar a beleza de sua noiva teimosa e pudica. Ah, como amava os olhos dela. Eles tinham o poder de aniquilar todo o mal do mundo.

— Free... — Ela chamou em tom débil.

— Sim, querida?

— Você... Eu am...

Lawrence sentiu sua garganta fechar e vislumbrou Freyja arregalar os olhos a espera das palavras que não vieram.

Suas palmas das mãos suavam devido a constatação dos seus verdadeiros sentimentos por aquela mulher.

Aquilo era amor? Ela amava Freyja?

— Storm?

Ouvir aquela voz suave e que por tantas vezes soava séria chamá-la pelo nome, a fizera entrar em êxtase.

Storm finalmente havia se dado conta do que estivera bem diante de seus olhos durante todo aquele tempo.

Amava Freyja.

Bom Deus, há quanto tempo a amava? Inferno, a amava?

— Eu estou aqui. Para o bem ou para o mal porque eu amo você.

Sim, a amava como uma louca.

— Eu não mereço o seu amor, Freyja. Eu nem ao menos consigo dizer... — Ela sussurrou amargurada, apertando a cintura fina dela com um pouco de força.

Storm tentou confessar que a amava mais do que qualquer outra coisa no mundo, tentou dizer que ela a fazia uma pessoa melhor e que não importava quanto tempo passasse, continuaria a amá-la.

Mas nada veio. Nem mesmo uma só palavra.

— Escute bem, Storm. Eu quis mil vezes renunciar esse amor de meu tolo coração e sabe quantas vezes funcionou? Nenhuma. Quis expulsá-la de dentro de mim, quis apagá-la de meus pensamentos, mas não há volta, entende? Eu sou sua, cada maldito pedacinho de mim é seu, e Deus sabe que eu não queria que fosse assim, mas é! Nada do que diga ou não diga mudará isso.

Storm sentia o estômago pesar como se tivesse engolido todos os pedregulhos da Baía de Ha Long. Inferno! Por que não conseguia dizer?

Freyja era tudo para ela, o ar que os seus pulmões inalavam, a luz que iluminava a droga da sua existência! Tudo!

— Sua falta de amor por mim não me impede amá-la, Storm.

"Mas eu amo!" Ela quis gritar.

— Por favor, case-se comigo. Estou implorando. Por favor...

Freyja irrompeu num soluço alto, jogando-se em cima dela na cama de lençóis arrumados.

— Sim. — Ela aceitou o pedido de Storm e então a beijou.

Os lábios de Freyja eram gentis, mesmo que ela não tivesse a mínima vontade de ser gentil naquele momento.

Storm conseguia ler os movimentos tensos de seu corpo. Ela sabia o que Freyja queria.

As lágrimas quentes dela molhavam a camisa de Storm, enquanto sua boca continuava a investir na dela com paixão.

— Amo você, Storm Lawrence Browan Willye.

Capítulo 30

A temperatura do quarto revestido por um papel de cor verde-água detalhado com folhas de Samambaia era branda. Quase sossegada demais para uma mulher de nome "Storm".

Olívia sem dúvida conhecia sua filha antes mesmo de ela vir ao mundo. Storm era tempestade que reverberava pelos céus em dias inquietos, debandada desorientada em florestas selvagens.

Suas sobrancelhas franzidas levaram Freyja a arrumá-las. Era uma mania que a jovem Wolfgang considerava irritante, mas não conseguia abandonar.

Freyja desejava viver por toda a eternidade daquela maneira, com o peso do corpo de Storm sobre o seu colo. Queria proteger aquela mulher de todos os males que comandavam o mundo, dos martírios e da realidade dura da vida.

Se pudesse, a prenderia dentro de seu coração para que nada a acontecesse. Talvez fosse egoísmo de sua parte privar o mundo da luz que Storm emanava, mas mesmo que o fosse, Freyja não se importava.

— É terminantemente a mulher mais incrível que já conheci em toda minha vida. O que faço com você, Freyja? — Storm abriu os olhos preguiçosos, encarando-a com paixão.

Ela parecia buscar em sua noiva o bálsamo para suas feridas.

— Tenho que discordar, milady. Não sou assim tão obstinada.
— Freyja retorquiu, fingindo falsa modéstia.

Storm sorriu de encontro a pele do pescoço dela, puxando-a para mais perto de seu corpo quente.

— Meu amor, estou em dívida com o universo ou... seja lá quem a criou. Eu só tenho a agradecer por sua existência.

Freyja deixou que ela a beijasse no seu ritmo desesperado, mesmo perdendo o fôlego que ainda lhe restava. A jovem sabia que Storm precisava mais dela do que desejaria admitir, estava claro como água pela urgência em seus toques.

Em seus olhos nublados.

— A quero só pra mim, maldição. Parece que estou à beira de um precipício.

Storm praguejava ao mesmo tempo que a amava com devoção. Sua boca capturava a de Freyja com ânsia.

— E aquele lugar que você disse que me levaria? — Desgrudando sua boca da dela, Freyja conseguiu articular a pergunta.

Ela tentava em vão apaziguar os batimentos acelerados de seu coração.

A pele do pescoço de Storm estava vermelha devido ao esforço que fazia para não avançar nela novamente.

— Não quero falar sobre isso agora, Free. — Ela disse com dificuldade, afundando os dedos na carne de seu colo.

— Mais cedo ou mais tarde terá de confiar seus temores a mim. — Freyja sussurrou erguendo o rosto de Storm para o seu.

As íris desfocadas dela agora estavam fixas em seu rosto. Storm deitou a cabeça no peito de Freyja, ficando em silêncio por minutos que mais pareceram horas.

— A angústia que senti ontem... Eu...

O tom de voz embargado dela ao falar corroeou Freyja. Ela conseguia sentir todo o peso que aquelas poucas palavras tinham.

— Vovô entregou Corin aos meus cuidados há anos. Mamãe tinha acabado de morrer e ela preencheu o vazio... Ah, Freyja... Não posso.

Freyja via toda a dor em seu rosto, e sangrava junto com ela.

— Eu entendo, querida. Shh... — Murmurou acariciando as ondas louras de Storm. — Calma, estou aqui, lembra?

A musselina do vestido de Freyja ficara molhada devido as lágrimas que não paravam de rolar pelo rosto tão amado por ela.



Numa sala no andar de baixo, um ser amargurado sorvia uma dose de conhaque diretamente do gargalo.

Enquanto os olhos cansados de Amber Wolfgang vagueavam pelo recinto vazio, vozes internas gritavam para que ela agisse o mais depressa possível.

Freyja e Storm iriam se casar! Bom Deus, casar!

Amber ainda não conseguia aceitar o fato de que sua irmã ficaria com tudo. Com a única coisa que ela amara de verdade em sua vida.

Como Freyja chegara tão perto das barreiras erguidas ao redor do coração frio de Storm Lawrence? Céus! Era inacreditável que aquilo pudesse estar de fato acontecendo.

Sentada no canapé, ela sorveu um outro gole da bebida forte. Seus demônios interiores não a deixavam pensar com clareza.

— Olhe só para você... Uma das beldades de Londres largada num canto frio como este.

A condessa de Scabouth surgiu na porta entreaberta. Seu cabelo negro estava preso por grampos dourados, e os olhos de um

azul intenso, afiados como de um felino, fitavam-na com pena.

A silhueta poderosa de Caroline deixara Amber muito ciente de sua presença. Ela era bela em todo os quesitos. Do físico ao belo rosto de maçãs altas e pele sedosa.

— Por que diabos está me dirigindo a palavra?
— Resmungou Amber fitando a lady com desdém.

Oras, quem ela pensava que era?

— Se tentar tirá-la desse estado decadente a ofende, Srta. Wolfgang, perdoe-me.

O sorriso branco de Caroline era de um todo presunçoso.

— Diga logo o que quer, e deixe-me em paz.

Amber continuou bebericando do conhaque da garrafa enquanto Caroline manteve-se de pé. A aura estranha deixou-a aborrecida.

— Creio que o casamento de lady Storm com sua irmã mais nova não lhe agrade, Srta Wolfogang.

Caroline fechou a porta, tomando um lugar no canapé ao lado dela. A condessa estava perto demais, seu perfume era enjoativo demais.

Tudo em Caroline era demais.

— E? — Amber se forçou a encará-la.

Caroline era ainda mais bela de perto com seus olhos grandes envoltos por longos cílios.

— A ideia também não me agrada.

Amber ergueu uma das sobrancelhas, esperando-a prosseguir.

— Lady Storm não ama ninguém, só precisamos lembrá-la disso. Não sei o que a sem graça da sua irmã fez, mas ela a enfeitiçou.

O veneno da condessa estava em cada palavra que dizia com uma frieza nauseante.

— Por mais que eu não queira esse casamento...

O tom vacilante de Amber incitou Caroline a redobrar seus esforços de um jeito que a deixasse sem saída.

A jovem Wolfgang seria fácil de manipular. Nada como uma mulher desiludida para ajudá-la.

— Acha que consegue atraí-la para o seu quarto? — Caroline perguntou pacientemente.

— Sim, eu acho...

— Então eu me encarrego do resto.

— Você é uma dissimulada, Caroline. — Ela acusou, engolindo de uma só vez o restante da bebida cor de âmbar.

— Você tem inveja da sua própria irmã e eu sou a dissimulada?

— Não tenho inveja de Freyja, milady. Por que teria?

— Porque ela está em posse do que você nunca conseguiu ter de verdade.

— Olhe aqui sua...

— O quê, criança? Acertará minha cabeça com essa garrafa? Acho que está bêbada demais para fazer qualquer coisa além de lamentar-se.

O escárnio na voz da antiga amante de Storm fizera Amber sentir ânsia de vômito. Até que ponto ela iria? Freyja não merecia que...

Não merecia.

— O que tenho de fazer?

A condessa sorriu triunfante, e revelou toda a tramoia com paciência.

Capítulo 31

Ainda era primavera, mas o céu azul de Hampshire estava nebuloso aquela manhã. As nuvens pesadas cobriam as colinas verdes e alertavam os hóspedes que uma chuva tórrida lavaria o campo.

Os cavalheiros procuraram conforto nos salões de jogos no andar superior já que não poderiam sair para cavalgar tão cedo, e as damas optaram pelo calor da lareira na sala ao lado. Enquanto todos estavam devidamente acomodados, Storm permanecia sentada num pequeno banco de carvalho no jardim da casa, à espera de Freyja.

O casamento mais esperado do ano aconteceria dali a três dias na St George. Elas estavam em Hampshire há um mês, e Storm não aguentava mais de ansiedade. Almejava por acordar todas as manhãs ao lado da mulher que amava, que a enlouquecia como ninguém.

No mês que se passara, Storm aprendera mais sobre Freyja do que jamais se permitira tentar.

Freyja era uma criatura gloriosa, mas de natureza austera. Ainda que ela tivesse permitido a entrada de Storm em seu mundo, havia um caminho árduo para percorrer até que decidisse se mostrar por completo.

Storm desejava por conhecer partes de Freyja que ninguém além dela mesma conhecia. Queria tudo dela.

— Perdoe-me, amor. Eu...

Lawrence levantou o olhar para encarar a causa de suas noites mal dormidas. Freyja sorria para ela, constrangida. As mãos

pequenas alisavam a saia do vestido rósea freneticamente.

— Eu já vi essa cena um milhão de vezes, e falei também que não me importo porque a espera por você sempre valerá a pena. — Ela gracejou, levantando-se do banco.

Freyja enlaçou o pescoço de Storm, deixando a boca pequena degustar de seu sabor.

— Vamos então?

Storm estendeu a mão para que ela segurasse, e assim conduziu-a para o destino escolhido.

Elas caminharam para fora dos limites da propriedade dos Lawrence, e Storm percebeu com certo divertimento o vinco habitual formar-se entre as sobancelhas de sua noiva.

Freyja permaneceu calada, mas o passo agitado deixara Storm ciente de sua agitação.

O último jardineiro da mansão tivera de abrir mão do trabalho por tempo indeterminado para cuidar da mãe em um vilarejo longe da propriedade.

O pequeno chalé em que ele residia fora um dia o navio pirata de Storm, e estava vazio há meses. Ela explorou cada pedacinho dele na infância, conhecia todas as suas paredes externas. Mesmo que o telhado não fosse mais de palha e ostentasse agora uma chaminé.

As melhorias que o marquês fizera nos últimos tempos ofereciam os frutos esperados.

Os trabalhadores nutriam um respeito imenso pelo lorde, ele era um bom homem.

— Chegamos. O que acha? — Ela observou as expressões de Freyja com atenção, à espera de uma resposta.

A jovem parecia embasbacada com a pequena casa. Na frente um canteiro de papoulas e margaridas davam cor aos tijolos cinzas. E a porta de madeira importada brilhava devido a polidez.

— É linda, Storm... Eu... — Murmurou Freyja ainda admirada.

— Venha, vamos entrar.

Ela procurou a chave nos bolsos da calça preta, e abriu a porta pesada.

Storm pedira para que Sidney colocasse uma cama de casal na pequena sala onde ficava a lareira, e disse para que abastecesse a dispensa há dois dias. Os painéis de vidro davam vista para a floresta inabitada, e pinturas de Michelangelo pendiam das paredes.

— Queria que a nossa despedida fosse...

— Eu amei, ah, Storm! — Freyja disse, pulando em cima dela.

Storm suspendeu o seu corpo pequeno com pouco esforço. Freyja era tão leve quanto as pétalas das papoulas do canteiro da casa.

— Não sabia que você era romântica. — A jovem sorriu com malícia.

— Nem eu.

Storm baixou os lábios para os dela, tomando-os numa carícia suave. Ela contornou a boca cheia de Freyja com paciência e cuidado.

Daria tudo por ela.

Storm não saberia dizer com precisão, mas tinha certeza que Freyja a tinha mudado.

Freyja fora a coisa mais perfeita que ela tivera a sorte de carregar em suas mãos. Se procurasse entender todas as razões que faziam seu coração palpitar daquela forma, decerto enlouqueceria.

Talvez tivesse a ver com o perfume de orquídeas de Freyja, ou...

Não, era simplesmente ela. Quem era, o que era. O amor de Storm Lawrence.

Naquele segundo a jovem herdeira prometera para si mesma que seria de fato alguém melhor por ela. Porque ninguém em toda a Terra a completava como Freyja Wolfgang.

E Deus, não havia ninguém como ela em lugar algum.

Sua visão sobre o mundo, o ceticismo implacável eram só detalhes — que Storm amava —, mas que ainda assim eram só míseros detalhes do que Freyja realmente era.

— Prometa-me que ficará para sempre ao meu lado, Free. Mesmo quando eu me tornar uma velha senil sem a beleza dos Lawrence. — Storm falou de repente, encarando-a risonha.

Freyja sentiu sua mudança, e assentiu com a cabeça.

— Prometo. Ainda que se torne uma velha rabugenta... estarei com você.

— Por que você me ama? — Storm perguntou, buscando as íris claras de Freyja.

A jovem dama afastou-se um pouco, e sorriu. Ela olhou para Storm deitada naquele colchão e pensou que nem mesmo Michelangelo retratara algo mais belo em toda sua vida.

— Eu já disse. — Enfatizou calma.

— Não, não disse. Você somente... Preciso sanar algumas dúvidas, amor.

Storm estendeu a mão e a trouxe de volta para a cama.

— Amar é não ser mais singular e sim plural. É abraçar as peculiaridades e todos os defeitos que elas também abrangem. O amor nos fez, Storm.

Ela ouvia cada palavra com fascínio. Entendia perfeitamente tudo o que Freyja tentava dizer.

— Então você abraçou todos os meus defeitos? Mas como isso pode ser possível se eu não os tenho, amor?

Storm ergueu a sobrelha esquerda fingindo estar ofendida.

— Você é impossível! — A jovem acusou, saindo do colchão.

— Não deseja saber se as minhas dúvidas foram sanadas?

— Storm perguntou, puxando-a para perto novamente.

— Não.

— Pois bem, não ajudou-me de qualquer forma.

— Storm!

Ela sorriu e então começou a despejar as palavras que estavam presas em sua garganta há dias.

— Estava em dúvida sobre essa parte do plural, porque sinto como se fôssemos um só. Você, Srta. Wolfgang, tornou-se uma parte essencial de mim, e eu passei a perguntar-me: Deus como pode ser possível que a minha felicidade dependa exclusivamente de um única pessoa?

Freyja a ouvia em silêncio buscando entender aonde ela queria chegar com aquela conversa.

— Algo no modo como você sorri me desconcerta, Freyja. É lindo. Eu penso em você o dia inteiro. Vejo o seu rosto nos contratos que assino durante as manhãs, e quando fecho os olhos para dormir, você está lá de novo e de novo. Estou louca para vê-la entrar de branco na St George e rezando para que daqui para lá você não se dê conta que não valho o seu tempo.

— Amor...

— Shh... É sério. — Storm sorriu acariciando o rosto fino com as pontas dos dedos. — No fim eu só queria que soubesse que a amo. Depois de toda essa palestra sem cabimento e...

Freyja continuou calada.

Seus olhos fitavam Storm perplexos.

— Free? — Ela chamou constrangida.

Será que falhara na tentativa de ser romântica?

— O quê? — Ela sussurrou num tom embargado.

Freyja continuava vidrada em Storm.

— Freyja Eymer Wolfgang, para a minha desgraça descobri que Deus não esqueceu de agraciar-me com a capacidade de amar.

— Storm, por favor...

Então ela não desejou mais ser engraçada. Mesmo que estivesse nervosa, diria. Escolhera aquele dia para confessar o seu amor, e o faria.

— Eu amo você, Free. Amo mais do que a mim, mais do que pensei algum dia ser capaz de amar. Deus sabe que nunca amei nenhuma mulher, e talvez soe algo impossível, mas você se tornou tudo.

Lágrimas grossas surgiram nos olhos de Freyja, fazendo Storm limpá-las delicadamente com o dorso da mão.

— Eu pensei que nunca a ouviria dizer. Eu desejei tanto, Storm. Tanto, tanto.

— Nunca estarei à sua altura, mas eu amo você. E isso me assustou bastante no início. — Lawrence sorriu, beijando-a lenta e profundamente.

— Quando descobriu?

— Quando Corin morreu. Você foi até o meu quarto e foi tão sincera. Eu soube naquele instante que a amava, e que não poderia deixá-la ir, jamais.

— Eu sempre amei você, Storm. Sempre. E que Deus me ajude, não sei se algum dia conseguirei não amá-la.

Freyja subiu em cima do corpo de Storm e começou a se mover lentamente.

— Free...

Storm não teria domínio de nada daquela vez. As pernas de Freyja apertaram suas coxas, e as mãos pequenas correram pela gola de sua camisa.

— Só fiquei quieta...

Capítulo 32

O conforto do abdômen liso de Storm deixara Freyja inebriada pela sensação de pele contra pele. As ondas de calor tomavam a cama desarrumada, e derretia qualquer pensamento moralista que ela pudesse vir a ter em circunstâncias tão peculiares.

O ritmo de sua pulsação reverberou em seus ouvidos, despertando-a enfim do estupor que sua mente percorria. Freyja não conseguiria sair dali mesmo que tentasse, pois as mãos de Storm continuavam presas aos seus cabelos, acariciando-os com ternura.

Ela ergueu a cabeça com certo esforço, visto que sentia como se a sua compleição física pesasse toneladas de chumbo. Freyja vislumbrou a nudez dourada de sua noiva com devoção, mas obrigou-se a reprimir o desejo voraz de degustá-la uma outra vez. O gosto de Storm permanecia em sua língua, e era tão bom... Tão ela.

A pele acetinada brilhava pelo suor de prazer.

Storm tinha os olhos fechados como se tentasse assimilar o que havia acontecido.

— Não me olhe desse jeito. — Disse ela num tom jocoso, afastando os fios louros colados em sua testa.

— Seus olhos estão fechados... — Freyja refutou, engatinhando para o lado dela.

Storm abriu os olhos, e deitou em seu colo como sempre fazia. Ao que parecia, aquilo havia se tornado um hábito. Toda vez que se amavam ou dividiam a mesma cama, ela repousava a cabeça no peito de Freyja e brincava com as pontas de seu cabelo.

— Mesmo de olhos fechados consigo sentir o seu desejo por mim. — Storm a fitou devassa, levando os dedos ao seu cerne.

Freyja segurou em seu pulso forçando os dedos dela ali.

Ela olhava para Storm com um desejo insaciável. A intimidade e conhecimento entre seus corpos estava além de qualquer artigo coeso sobre anatomia humana.

Era mais do que o simples prazer da carne. Freyja sabia que a ligação que tinham era algo que nem todas as pessoas teriam a sorte de conhecer naquele plano.

Estava fora dos padrões, dos bons costumes e da moral.

— Eu amo esse seu jeito estúpido. — Ela proferiu distraída, correndo os dedos pela mandíbula delineada de Storm.

Lawrence lambeu e mordeu a ponta de seu dedo indicador sem nunca deixar de olhá-la. A fome presente no olhar dela detonou as faculdades mentais de Freyja.

Ter Storm chupando os seus dedos fora a cena mais erótica que presenciara na vida — depois de ter o lindo rosto dela em meio às suas pernas, claro.

— E eu amo você. — Storm pronunciou cada palavra com ênfase.

E Freyja como a tonta que era, sorriu sonhadora. Não queria, não desejava por se mostrar tanto para ela, mas não podia evitar quando Storm lhe falava sobre os seus sentimentos com tanta franqueza.

Franqueza essa que ela esperara que viesse à tona por todo aquele tempo pacientemente.

Freyja aprendera desde de cedo que a pressa era e sempre seria inimiga da perfeição, tudo acontecia no tempo determinado. Porém, ela não tinha mais esperanças.

— Acho melhor voltarmos. Tenho um baú para preparar para a viagem. — Storm anunciou, sentando-se no colchão.

Freyja correu os olhos por aquela escultura romana orgulhosa. A curva da pele branca de seu seio pequeno parecia uma meia lua.

— Para quê tanta pressa? — Ela sondou calmamente.

Storm de fato era uma mulher apressada.

— Estava pensando... O que acha de Gretna Green?

Freyja manteve-se deitada com uma expressão relaxada em seu rosto. A reputação de Gretna Green era de fato emocionante. Amantes que não tinham o consentimento de seus pais optavam por fugir para a Escócia afim de concretizar o proibido.

— Mas não foi você mesma quem disse que desejava por me ver entrar na St George daqui a três dias? — Ela indagou segurando a incontrolável vontade de sorrir.

Storm retraiu-se contrariada.

— Não quero mais. Gretna Green é o meu desejo agora. — Murmurou com os lábios em um linha tensa. — Não sei, mas estou com uma sensação ruim no peito. Sinto que algo acontecerá e... Tenho medo que alguém a tire de mim.

— Ei, olhe para mim. — Freyja pediu, puxando o rosto dela para perto. — Ninguém, está ouvindo? Ninguém nunca terá esse poder. Eu a amo, Storm. Acredite no que digo. Nada nem ninguém poderá um dia mudar isso.

Ela não pareceu mais calma.

— Pelo amor de Deus! Estaremos casadas dentro de três dias, certo?! Estaremos na nossa casa e envelheceremos juntas. Eu prometo.

Storm balançou a cabeça sorrindo, passando a abotoar sua camisa de linho.

— Vamos, Free...



Elas acabaram por ficar no chalé o dia inteiro copulando feitos coelhos, ou pelo menos tentando.

Bem mais do que era permitido.

Por volta das dez da noite, Storm decidira que já era hora de ir mesmo com os protestos insistentes de sua noiva. O sol havia desaparecido no poente há horas e os demais haviam se recolhido quando elas entraram no hall escuro da mansão. A imprudência seria tolerada, era o de menos.

O que preocupara Freyja durante todo o percurso de volta para a mansão fora a expressão carrancuda que teimou em permanecer no rosto despreocupado de Storm. A insegurança dela em relação ao casamento deixava a jovem dama aflita.

— Amor... — Freyja chamou baixo, atraindo os olhos escuros dela para si.

O ribombar do órgão que direcionava sangue pelas veias do corpo humano latejou em seus ouvidos fortemente. Algo no olhar intenso de Storm a excitava. Freyja sentia-se como uma gata no cio.

— Ainda preciso terminar umas coisas lá em cima. A vejo amanhã?

— Sim, querida.

Storm beijou a testa dela rapidamente, e desapareceu escada a cima.

Freyja tentou não ficar perturbada, mas não conseguira. Ela estava tentando adaptar-se ao novo comportamento da noiva. Nunca vira Storm tão insegura antes, e era difícil digerir a informação.

Depois de alguns minutos ela também subiu as escadas, optando por enfiar-se dentro do quarto solitário.

A cama grande acomodou seu corpo exausto pelas horas de esforço no chalé, e ela suspirou satisfeita. Freyja olhou para cima na intenção de encarar os anjos pintados no seu teto.

Tudo caminhava para o tão falado "final feliz". Ela sentia as bochechas arderem de vergonha ao lembrar das cenas de mais cedo.

Em sua mente ela materializara seu rosto em meio as pernas de Storm...

— Ai, meu Deus! — Ela sorriu contra o travesseiro.

Freyja saltou do colchão macio, em busca pelo roupão de cetim que usava para dormir. Antes de voltar para mansão ela procurou banhar-se na água fria do chalé.

O tecido ajustou-se ao seu corpo, e ela decidiu apreciar o conforto de seus lençóis.

Seus olhos fecharam-se por poucos minutos antes que alguém a viesse importunar àquela hora da noite.

Talvez Storm tivesse decidido por dormir em seu quarto aquela noite. Freyja estava muito mal acostumada com as visitas clandestinas dela aos seus aposentos.

— Estou indo.

Freyja saiu mais uma vez do colchão, e praticamente correu até à porta na expectativa de encontrar sua noiva arrependida por tê-la abandonado sozinha.

No entanto, Storm não media 1,65. Muito menos era morena e voluptuosa como a mulher parada do outro lado.

— Maldita seja. O que quer agora?

Caroline estava escorada na porta sorrindo com certa petulância. Ah, ela decerto era uma maldita.

Seus cabelos longos estavam soltos, e a condessa ostentava uma confiança diferente das outras vezes em que Freyja a

encontrara.

— Boa noite, Srta. Wolfgang. Espero não ter atrapalhado o seu sono.

Freyja fechou as mãos em punhos desejando enxotar a mulher à sua frente. Era mesmo muito atrevimento.

— Não só atrapalhou, como deixou-me profundamente irritada. Tento ser razoável, condessa. Mas me parece que a senhora deseja testar a minha paciência. — Freyja falou num tom letal que assustaria qualquer pessoa que tivesse bom senso.

Esse não parecia ser o caso de Caroline. Ela não tinha senso algum.

— Quanto rancor, Srta. Wolfgang. Venho aqui como uma amiga e sou crucificada? — Caroline ronronou com uma expressão ofendida.

— A senhora deseja ver-me arruinada, não ser minha amiga. — Freyja sorriu com ironia em resposta.

Faltava pouco para ela esganar aquela mulher que a primeira vista parecia inofensiva. Mas Freyja conhecia o tipo de pessoa que Caroline era.

Além de ser uma manipuladora miserável, era traiçoeira como uma víbora.

— O que quer, senhora? — Freyja procurou manter o tom brando.

— Alertá-la sobre sua noiva.

Freyja ergueu as sobrancelhas impaciente.

— Pense bem, milady. Não sou obrigada a tolerar afrontas vindas de alguém que não tem nada melhor para fazer.

Caroline torceu os lábios, mas logo recobrou a postura.

— Conheço Storm mais do que ela mesma, Srta. Wolfgang. Conheço cada pedaço dela como bem sabe... A herdeira de

Hendeston não ama ninguém além de si mesma. — Caroline cuspiu as palavras com convicção.

— Vá embora ou eu mesma a farei encontrar o caminho até a saída desta casa. — Freyja disse num murmúrio estrangulado.

— Acha que uma mulher que ficou conhecida por "lady pecaminosa" poderia limitar-se a uma única amante? Nem mesmo a senhorita é tão tonta, não é?! Storm não a ama, está se aproveitando de você.

Freyja jurou para si mesma que não choraria, mas seus olhos ardiam a cada palavra venenosa de Caroline.

— Vá embora. Esse é o meu último aviso. — Ela disse entredentes.

— Se não acredita em mim, vá até o quarto de sua irmã e veja com os seus próprios olhos.

— Não ouse citar o nome de minha irmã em meio as imundices que diz.

Caroline gargalhou zombeteira.

— Pobre criança! Sua irmã e Storm mantiveram um casinho bem debaixo de seu nariz por anos e você nem ao menos... Bom Deus, isso é hilário.

Freyja sentiu como se uma faca tivesse sido cravada em seu peito. O ar lhe fugiu dos pulmões e as suas pernas tornaram-se trêmulas.

Caroline a fitou com pena.

Não. Amber... Não.

— Desgraçada! Você mente! — Ela gritou num sussurro.

— Então tire você mesma as suas conclusões. Storm não veio até você porque está com ela. Com sua irmã.

— Storm não faria isso comigo. Ela me ama...

— Pro inferno com isso! Ela não ama ninguém, tolinha! — Caroline replicou com escárnio. — Vá até lá, Freyja. Se acha que minto, vá até lá.

Freyja não queria acreditar no que Caroline dizia porque se tudo fosse mesmo verdade, as sequelas de tal traição não a deixariam sair ilesa daquela relação baseada em mentiras.

Ela não se deu conta, mas seus pés começaram a transitar pelo corredor estreito até o quarto de Amber. O piso de marfim parecia querer engoli-la para dentro dele. Freyja não tinha a mínima ideia do que iria encontrar, mas precisava ter certeza.

"Que não seja verdade, que não seja verdade". Ela rogou durante todo o trajeto que parecia não ter mais fim. Seu coração batia feito um louco no peito. Se Storm a tivesse traído...

A porta do quarto de Amber estava escancarada, e a luz de velas iluminavam o corredor escuro. Uma discussão acalorada podia ser ouvida de onde ela estava.

Storm estava lá.

— Deus, não...

Freyja estancou em frente à porta aberta como se o peso de todo o mundo estivesse sobre os seus ombros. Uma dor dilacerante lhe cortou o peito e um som esganiçado saiu de dentro dele. Amber segurava a nuca de Storm com força enquanto a beijava apaixonadamente. Os murmúrios se misturavam ao ar denso do quarto iluminado.

— Era isso que tinha para resolver, milady? — Ela reuniu toda a dignidade que lhe restava e indagou num tom solene.

Storm afastou Amber bruscamente e empalideceu. O desalinho só contribuía para que Freyja tivesse a certeza de que precisava.

Ela manteve-se ereta fixando o olhar na mulher que a matara por dentro sem um pingo de remorso.

— Free, sei que é difícil mas preciso que confie em mim... —
Storm pediu num soluço.

— Vá para o inferno. — Ela disse virando as costas para a
mulher que jurou nunca abandonar.

Capítulo 33

Estava mais que claro que Storm não sossegaria enquanto não jogasse Freyja dentro de um coche de aluguel com destino a Gretna Green ainda aquela noite. A carruagem não poderia ter o brasão da família, se o tivesse, riscos desnecessários surgiriam.

Mesmo que Freyja a assegurasse que tudo estava perfeitamente bem, e que dentro de poucos dias as coisas fluiriam do jeito que ela desejava, Storm não conseguia aquietar o coração.

Nem todo o conforto de seu quarto organizado à sua maneira fora capaz de apaziguar a rapidez com que ele martelava.

Storm jamais fora supersticiosa. Bom Deus! Ela nunca entrava na igreja. Talvez viesse a carbonizar ao mero pensamento de ir até uma.

Só que a sensação de que algo de ruim estava para acontecer, não a deixava.

— O que há de errado comigo? — resmungou irritada. — Pelo amor de Deus, acalme-se, Storm!

Ela não percebera, mas estava começando a falar em terceira pessoa. Decerto, só poderia estar ficando maluca. Talvez fosse o casamento...

— É justamente por isso que eu nunca desejei o casamento! Mas que inferno!

Ela só conseguia praguejar em frustração àquela altura. O que mais poderia fazer senão esperar que aqueles três benditos dias passassem o mais depressa possível?

Esperar. Tinha de esperar.

Ela olhava para a escuridão lá fora, tentando aquietar seus pensamentos avulsos.

O gim descia rasgando por sua garganta ao passo que seu coração começava por fim sossegar no peito.

— Só mais três dias... — Ela murmurou para si mesma com os olhos fechados.

Só mais três dias.

Socos violentos na porta de carvalho reverberou pelo recinto.

O corpo de Storm se sobressaltou com o susto. A voz de Amber soou desesperada pelo quarto, e a figura esguia dela surgiu de imediato em seu campo de visão.

— Maldição! O que há, Amber?

O seu coração passou a bater descompassado pelo susto abrupto.

A jovem Wolfgang estava completamente desalinhada. A chemise que usava escondia muito pouco e algo parecido com horror cintilava em seus olhos.

— O que houve? — Storm se aproximou dela com o coração na boca. — O que há de errado, Amber? Diga-me!

— Está em meu quarto! Por favor, ajude-me!

Ela então se pôs a correr e Storm a seguira temendo que algo terrível tivesse acontecido. O rosto de Freyja surgiu em sua mente, fazendo-a acelerar o passo.

A porta do quarto de Amber estava aberta e ela portava-se de costas.

— E então? O que há? — Ela indagou buscando fôlego.

A garganta de Storm ardia devido ao esforço de correr feito uma louca pelos corredores daquela mansão enorme.

Ela olhou ao redor do quarto buscando por alguma coisa que estivesse fora de ordem ou que exigisse sua atenção.

— Amber...

— Lembra-se de quando invadia esse quarto durante as nossas visitas a Hampshire? — A jovem perguntou, virando-se de frente para ela.

— Seja lá o que for, peço para que pare agora mesmo. Não acredito que me fez correr por nada.

Storm fitou-a com incredulidade. Amber a tinha feito de tola.

— Você me pedia para que deixasse a porta parcialmente aberta e que não usasse nada por baixo dos meus roupões de linho...

O tom sedutor que um dia a fascinara agora enjoava. Storm procurou ser complacente.

— Já conversamos, Amber. Preciso que respeite a minha decisão e a da sua irmã. Eu a amo e...

— Não! Você não ama. E sabe por quê? Porque veio ao meu socorro no instante em que entrei no seu quarto.

Storm fechou os olhos com força, escolhendo bem as próximas palavras que diria. Teria que deixar claro de uma vez por todas que se casaria com Freyja e que não toleraria a interferência de Amber mesmo que fosse irmã dela.

O que tinham havia acabado no momento em que ela percebera que precisava de Freyja. E para isso, tinha de afastar Amber ou qualquer outra mulher que havia passado por sua vida para sempre.

— Talvez eu não tenha levado em consideração os seus sentimentos. Sei que nada do que eu tenha a lhe dizer mudará a situação, mas você é uma mulher incrível, Amber. É linda, inteligente... É maravilhosa. Pode até não amar Mackie, mas ele reconhece todas as suas particularidades e a ama por quem você é. Não fique presa à mim, querida. Quero que seja feliz.

— Eu amo você. Preciso de você, Storm. Por que me recusa? — Ela soluçou, aproximando-se de Storm.

— Eu sinto muito, mas não posso mais. O que tínhamos acabou, Amber. Aceite isso, por favor.

— Beije-me uma última vez é só o que peço, beije-me...

Ela puxou Storm pela nuca e tomou sua boca num beijo provocador. Precisava ser convincente para que sua convidada presenciasse a cena.

Caroline a convencera a armar contra sua própria irmã, e mesmo que quisesse desistir, naquele momento não conseguiria.

— Amber, não! Solte-me!

A jovem continuou a beijá-la sem se importar com as suas recusas.

— Era isso que tinha para resolver, milady?

Storm enfim conseguiu se desprender das mãos insistentes dela quando uma voz feminina que lhe era muito familiar permeou o quarto. Seus ouvidos reconheceram o tom brando fazendo-a sentir um arrepio gélido correr por sua espinha.

Ela não precisou nem ao menos virar para saber quem lhe falava com tamanha frieza.

Freyja.

Por que diabos estava ali?

— Free, sei que é difícil mas preciso que confie em mim... — Ela pediu em tom de súplica olhando para a mulher que amava com pesar.

Freyja mantinha-se orgulhosa com uma postura endurecida, como se nada no mundo pudesse feri-la ou derrubá-la. O nojo evidente que sentia amedrontara Storm em todos os níveis possíveis.

Desespero abateu-se sobre ela.

— Vá para o inferno. — A jovem lhe deu as costas sem dizer nada mais.

— Freyja!

Storm irrompeu para o lado de fora do quarto, passando a segui-la em direção aos seus aposentos.

Precisava explicar. Precisava que Freyja acreditasse nela ou morreria.

— Free! — Ela gritou mais uma vez adentrando o quarto escancarado.

As batidas frenéticas de seu coração estavam muito aceleradas. Sua respiração descompassada a assustava. Não mais do que estava por vir, mas a assustava.

— Eu posso explicar tudo... Amber, ela...

— Que vocês mantiveram uma relação adúltera às minhas costas? Fiquei sabendo, mas não por sua boca, obviamente. — Freyja sorriu com escárnio e passou a encará-la com despeito. — O que mais preciso saber?

Storm sentiu a boca seca.

— Amor...

— Não se atreva. — Ela disse com o maxilar pálido travado.

Suas mechas cascadeavam pelo tecido do cetim branco de seu roupão. Freyja parecia calma. Calma demais. Como se tudo já tivesse sido resolvido em sua cabeça.

— Freyja, eu não sei bem o que aconteceu. Ela apareceu em meu quarto e...

— Típico de amantes apaixonadas, ah eu sei. — A jovem debochou indo em direção a penteadeira de onde tirou alguns grampos.

Freyja passou a prender os cachos severamente.

— Espero que tenha achado isso tudo muito engraçado, milady, porque eu tenho de admitir que achei. — Ela voltou a soar sarcástica quando terminou de prender as madeixas no alto da cabeça.

Storm só conseguia olhá-la mortificada.

"Algo de ruim está para acontecer"

Sua intuição não falhara.

— No fundo eu sempre soube. A verdade é que tentei ver amor em você, Storm.

— Não sabe o que diz. Eu a am...

— Shh...shh... Não. Você não precisa continuar com isso. Estou com nojo. Tudo que lhe dei não foi suficiente?

Lágrimas grossas começaram a descer dos olhos escuros de Storm. Aquela mulher que a media de cima a baixo não poderia ser Freyja.

A sua Freyja.

— Não está sendo justa.

Uma risada gutural brotara do fundo da garganta de Freyja. Ela zombava de Storm como se seu amor não fosse nada.

— Storm Lawrence Browan Willye, futura marquesa de Hendeston... — Ela tamborilou os dedos no queixo com uma expressão de desdém. — Você não pode exigir justiça, milady. É a mulher mais hipócrita que toda Londres já viu.

— Freyja, pare. Nosso casamento... Faltam apenas três dias...

— Casamento? Pelo amor de Deus. Não haverá casamento, Storm!

Storm sentiu as pernas cederem. Tamanho era o pânico que a engolia. Freyja não podia abandoná-la.

A amava!

— Ela surgiu em meu quarto e pediu que eu a ajudasse! Eu não sabia que ela estava armando...

Fora com horror que ela sentiu os dedos pequenos acertarem o seu rosto.

— Está descendo muito baixo, Storm. Essa é a história mais ridícula que já tive o desprazer de ouvir. Não me ofenda dessa maneira. — Ela fez uma pausa — Quero que suma imediatamente de minha frente. Amanhã voltarei para Londres e esquecerei que um dia... Eu...

Freyja inspirou fundo temendo sucumbir a vontade de chorar que a massacrava por dentro.

— Como pôde fazer isso comigo? Eu amei você mais do que qualquer pessoa um dia seria capaz... Eu... Storm, por quê? Eu fui só um mero peão no seu joguinho doentio?

Storm tentou abraçá-la, mas ela fugiu de seu toque.

— Quanto do que me disse hoje é verdade? — Freyja proferiu as palavras num tom rouco.

— Tudo! Tudo, amor! Sim, Amber e eu fomos amantes. Sinto muito, mas não posso mudar o que eu fui, Freyja. Só acredite quando digo que nada além de você me importa. Depois que eu a tive... Eu... Não há ninguém para mim. Eu amo você, Freyja. Eu amo com todas as forças do meu ser!

— Todas as forças somadas se reduzem a droga nenhuma. Pensei que soubesse. Eu estava disposta a ir até o inferno se fosse preciso por você. Sempre a amei, Storm. Desde dos meus malditos quatorze anos, a amo em silêncio. Mesmo quando você ia até a minha casa e despejava suas conquistas amorosas sobre os meus ombros, eu ainda tentava manter a esperança intacta. Você sempre foi autêntica, perfeita e gentil. Eu me apaixonei por você no instante em que a vi. Muitos não acreditam em amor à primeira vista, mas eu — Ela apontou para si mesma —, eu sou a prova viva de que ele existe. A amei sozinha,

por todos esses anos e você nunca nem ao menos me olhou. Caroline, Eliza, Maven, Charlotte... Maldição foram tantas!

Freyja sorriu sem humor.

— Eu não sabia, Freyja. Nunca imaginei que você fosse apaixonada por mim. Se soubesse jamais a teria magoado assim. Perdoe-me.

— Se existir um pouco de decência dentro de você, me deixará partir em paz amanhã.

— Eu não posso, droga! Não consegue me ouvir? Amo você!

Storm passou a chorar como uma criancinha. Se Freyja não soubesse da verdade, acreditaria. Ah, acreditaria nela sem hesitar.

— Não torne as coisas ainda piores. Não compreendo seus motivos para propor-me casamento, mas sejam lá quais forem eles, eu não me importo. Fui ingênua e deixei-me levar por suas declarações vazias. Não vou mais participar dessa loucura, Storm.

— O que eu preciso fazer para que acredite em mim? Acha que tudo foi fingimento? Não foi, Freyja! Cada maldita palavra foi real. O ciúme, a insegurança... O meu amor é real!

— Estou exausta, Storm. Por favor, estou implorando, deixe-me em paz.

— Tem que acreditar em mim. Por favor.

— Vá embora, inferno!

Storm assistiu desolada seu mundo inteiro ruir. Aquilo não podia estar acontecendo. A felicidade escorregava por seus dedos como areia.

Ela obrigou-se a sair do quarto, pois temia perder o resto de juízo que lhe restava. Talvez pela manhã os ânimos de Freyja estivessem melhores.

Ou talvez ela só quisesse convencer a si mesma que não a tinha perdido para sempre.

Capítulo 34

Até aquele momento Freyja Wolfgang não tinha a mínima noção do que era sentir dor de verdade. De certo ponto de vista, fora inteligente o suficiente para se policiar sobre algumas dentre tantas outras dores.

Mas não havia se preparado para aquele turbilhão de sensações agonizantes que a esmurravam sem um pinga de gentileza.

Aquela dor maldita era como ter o peito rasgado em míseros pedaços, e depois tê-los jogado aos cães dos subúrbios de Londres.

Freyja julgava-se muito esperta, mas não passava de uma tola ignorante.

Por Deus! Storm lhe arrancara o coração e ela ainda ficava ali, divagando sobre o quanto doía ter o órgão traiçoeiro partido.

Serviria de lição para que ela nunca mais viesse a deixar enganar-se outra vez por palavras calculadas.

Como não fora capaz de ligar os pontos? As reações de Amber, a mudança repentina de Storm? Tudo sempre estivera interligado.

Madame Vivienne dobrava suas roupas com precisão, colocando-as dentro do baú. Nenhuma só palavra da parte dela fora dita. Mas Freyja as esperou. Vivienne deveria estar louca para dizer "eu avisei, senhorita". Mas não dissera nada e no fundo, ela se sentia grata por seu silêncio. Bastava os seus próprios julgamentos.

Freyja passara a noite em agonia. E quando ouviu a porta do quarto bater, e Storm sumir definitivamente de sua vida, ela soube

que não tinha mais volta.

Por mais que a quisesse longe, uma parte sua negava-se a aceitar o término. Suas decisões sempre foram acertadas, e aquela não seria diferente.

O noivado fora desfeito logo cedo pela manhã. Jack e Margaret tentaram não passar para a filha o desgosto que sentiam. A partir dali Freyja viveria à margem da sociedade.

Estava arruinada para sempre.

Mas ela nunca se importara muito com aquilo, não começaria agora.

— Pelo amor de Deus, Freyja. Reconsidere.

Ela ergueu o olhar para a mulher escorada na porta de seu quarto. Seu coração começou a bater fortemente em conhecimento ao tom rouco dela. Foram tantas as vezes que ela a chamara daquele jeito...

Lawrence ostentava olheiras profundas, e parecia abatida. A camisa de linho tinha os três primeiros botões abertos, as calças estavam amarrotadas e o cabelo solto em desalinho.

— Não há o que reconsiderar. Tudo fora resolvido. — Ela disse ainda com os olhos na cama.

Freyja não conseguia encará-la, simplesmente não podia. Temia ceder e correr para os braços dela em desespero. Estava tentada a perdoar sua traição, Deus!

— Por mais que tudo esteja confuso, há uma explicação. Você disse ontem que me amava. Eu disse mais de mil vezes que a amava, por Deus! Isso não significa nada para você?

— Significou muito. Prometeu-me fidelidade, Storm. E no primeiro momento... Não tenho mais nada a declarar, não quero mais escutá-la. Só quero... — Freyja inspirou antes de concluir — Ir embora da sua vida.

— Você decidiu tudo sozinha, droga! Estou implorando como um verme miserável para que não me deixe. Não sou uma escolha conveniente, eu sei. Sei também que errei em não ter lhe dito nada sobre Amber. Só que... eu tive medo, Freyja. Teria feito alguma diferença? — Storm bradou com os olhos embaçados por lágrimas.

Talvez.

— Não. Não teria. Você mentiu para mim, Storm. Não tem como encontrar o caminho de volta agora.

— Free, por favor... Eu não posso viver sem você. Estou falando sério, não sei como fazer isso. Não a imagino longe de minha vida. — Storm suplicou, aproximando-se dela.

— Chega. Esta situação me parece um melodrama escrito por Shakespeare. Nunca daria certo. Somos de mundos opostos, Bom Deus! Jamais daria certo, e eu fui ingênua demais para admitir.

— Sempre há uma jeito. Você me ama.

— Sim, infelizmente a amo. Mas o tempo se encarregará de me fazer esquecê-la.

— Quer que eu me ajoelhe e implore, é isso?

Storm estava jogando sujo outra vez. Ela lhe dissera o mesmo no teatro, um dia antes de pedir permissão para cortejá-la.

Freyja recordou-se amarga.

— Poupe os seus joelhos, milady.

— Perdoe-me atrapalhar, senhorita. A carruagem já está lá em baixo. — Vivienne interrompeu a discussão no momento exato.

— Certamente, Madame.

Sidney e um outro criado vieram ao auxílio dela para levar o baú.

Freyja desceu as escadas acompanhada por Storm. Ela sentia enjoo e a cabeça girar. Aquilo era pior que o inferno, tinha certeza. Talvez aquilo fosse o próprio inferno.

Lúcifer deveria estar rindo de sua cara naquele instante sentado em seu trono.

A situação era insuportável. Freyja deixaria para chorar quando estivesse em casa. Não daria tal gosto a Caroline, ela estava certa. Sempre esteve.

Tinha razão e sabia disso.

O marquês e o jovem Damian estavam em frente a mansão despedindo-se dos Wolfgang. Amber mantinha-se calada desde a noite passada, e era melhor assim. Freyja temia por esbofeteá-la.

— Minha cara Freyja Wolfgang. Você deu sentindo a vida dela, acredite neste velho barbudo. — O marquês trouxe-a para um abraço, e sussurrou as palavras que a fizeram soluçar.

— Não, milorde. Eu não dei. — Ela sussurrou de volta, segurando o choro.

Damian também a abraçou. Freyja conseguia enxergar preocupação em seus olhos, e sentiu-se imensamente grata. Sabia do afeto dele por ela.

— Eu não posso acreditar.

— Nem eu, meu querido. — Ela sorriu, beijando-o na bochecha.

"Pro inferno com o decoro". Pensou.

— Até breve, senhores.

O jovem senhor ajudou-a a entrar na carruagem, e lhe confidenciou algo que parecia ter muita importância.

Assentindo, Freyja acenou mais uma vez. A visão da enorme casa lhe doeu o peito. Aquela seria a casa que seus futuros filhos brincariam na primavera, aquela seria a sua casa de campo se...

A carruagem passou a mover-se quando o cocheiro atçou os cavalos.

Ah, Deus.

— Freyja! Não faça isso, por favor! Freyjaaaa! — Storm urrou como um animal enjaulado, batendo na lateral da carruagem em movimento.

— Storm! Controle-se! — Damian tentou contê-la.

— Não a deixe ir, seu bastardo! Pare aquela carruagem agora! — Ela gritou mais uma vez, e o marquês teve de ajudar Damian.

Freyja continuou ereta. Não olharia para trás porque se o fizesse, sairia daquela carruagem e seria ela a pedir o perdão de Storm.

Capítulo 35

10 anos depois

A essência do Bourbon velho que a marquesa de Hendeston ingeria direto da boca da garrafa, queimava em sua garganta, e se misturava a fumaça do charuto que encarregava-se de matá-la um pouco mais depressa.

Ela mantinha as costas eretas numa posição pouco confortável sentada à mesa de jantar.

Sozinha como de costume.

Havia anos que Freyja a abandonara sem sequer cogitar ouvir sua versão dos fatos. Storm nem ao menos conseguiu defender-se das injúrias direcionadas à sua pessoa. Chorara dia e noite desde que a mesma partiu.

Permanecera em Hampshire naquela época por meses seguidos. Ela não havia juntado coragem o suficiente para voltar à Londres. Somente a ideia de passar em frente a St George assombrava-a.

Ela humilhou-se para Freyja, implorando para que ficasse, que permanecesse ao seu lado, mas a jovem pareceu não dar muita importância para os seus sentimentos.

A então marquesa tivera bastante tempo para pensar, e se curar de seu tormento. Dez malditos anos foram suficientes para que aprendesse a viver com a ausência da mulher a quem amara tanto.

Freyja não mais a castigava em sonho.

A dor que deixara extinguiu-se, assim como o luto por seu pai.

As últimas palavras do marquês, antes da morte repentina levá-lo foram: "Corra atrás de sua felicidade, vá atrás dela".

Ah, e Storm fora. No entanto, ao que parecia Freyja continuaria a dilacerar o seu coração sem misericórdia. E mais uma vez, uma parte dela se perdera em meio aos escombros do que restara em seu peito.

Damian recebera o convite de seu casamento, e temera por mostrá-lo a Storm.

Freyja se casara com o conde de Dampierre, na França em 1833.

Quando ela fora embora naquela carruagem sem olhar para trás, Storm soube que jamais voltaria a ver o seu rosto uma outra vez. Margaret e Jack não lhe informaram sobre o seu paradeiro por meses.

Storm temeu por enlouquecer. A morte levava o que ela mais tinha de precioso: seu pai. A perda daquele homem bondoso fora deveras dolorosa.

Nem em cinquenta anos ela esperara por aquela rasteira do destino. Herdara o título, as propriedades, os negócios e uma vida amarga com tudo isto.

Preferia não possuir riqueza alguma a viver aquela vida inteira sem os sorrisos calorosos do marquês.

— Que original, milady. O que acha, querida?

Leoni surgiu na sala de jantar com duas crianças, puxando-a pela barra da saia. Florence e Josefh pareciam maiores, mais velhos.

— Por Deus! Mais um, Sra. Lawrence?

Storm deixara o assento para cumprimentar a gestante mais bela do mundo. Os cabelos fartos de Leoni estavam presos por um

pente dourado do arsenal de joias da família.

Seu pescoço longo sustentava o peso da cabeça enfeitada. Leoni estava grávida do terceiro filho.

— Onde está o imprestável de seu pai, Florence?

A pequena garotinha ergueu os olhos azuis para ela, cintilantes. Florence parecia-se demais com Storm. Desde dos cachos dourados até o sorriso tirano.

— Ajudando o Sr. Philippe com a bagagem, tia.

Ela era a mais velha dos irmãos, e a mais impossível também. Florence era uma diabrete, Deus!

Destruíra metade do jardim da mansão apenas com cinco anos.

— Você está enorme, garotinha. — Storm apontou surpresa, pegando-a no colo.

— Não estou, não! — A pequena rebateu, cruzando os braços à frente do corpo.

— Vincent... Onde ele está, tia?

Josefh fitou a prima de segundo grau com os olhos azuis inquisidores. Era um anos mais novo que Florence.

— No jardim, querido. — Storm disse beijando a cabeleira cor de ônix.

Josefh herdara os traços ciganos de sua mãe.

— Posso ir? — Ele sussurrou baixinho, ansioso por deixar o recinto.

— É claro.

O pequeno desapareceu pelos corredores no instante seguinte. Vincent estava velhinho, mas ainda conseguia correr atrás do pestinha.

— Mais uma vez acabando com a minha autoridade de pai, marquesa?

O tom jocoso familiar preencheu o cômodo. Damian estava vestido de forma casual, apenas com uma camisa de linho gasta, e botas enlameadas sujando o chão lustroso.

— Bastardo! Olhe o que está fazendo?

Storm correu para ele, enlaçando o pescoço forte.

— Senti saudades. — Ele murmurou, beijando as mechas douradas da prima.

Quando Damian casou-se com Leoni, decidiu por comprar uma propriedade em Mayfair. Alegara que preferia não incomodar a marquesa, mesmo com as suas manifestações da mesma para que ele permanecesse na mansão que também lhe pertencia.

— Ficaré por quanto tempo? — Ela inquiriu pondo os braços em torno de Leoni.

— Até o bebê nascer, se não tiver problema. — Damian sorriu, alcançando a filha mais velha.

— Eu ficaria muito feliz, já que me privou de estar com as crianças.

— Não seja dramática. Só fazem dois meses. — Ele zombou, direcionando um sorriso enviesado para ela.

— Acompanha-me? — Storm elevou o queixo, e piscou para o primo com divertimento.

— Será um prazer, milady.

— Vocês são os piores! — Leoni acusou sorrindo, estendendo a mão para Florence. — Venha, querida. Deixe esses bobalhões sozinhos.

— Marquesa de Hendeston para você, minha cara Sra. Lawrence. — Storm provocou, sentando-se na cadeira.

— Céus! Será uma longa temporada.

Com isso, Leoni saiu do recinto levando a pequena Florence para os aposentos das crianças.

Damian havia aberto as cortinas escuras na intenção de deixar a luz do sol aquecer o covil da marquesa.

Sua postura relaxada de minutos antes, fora substituída por uma energia quase sombria.

— Ela está voltando. — todo o humor de Damian havia evaporado.

O maxilar tenso denunciava sua preocupação.

Storm fitou-o com a frieza habitual. Nenhum lampejo de emoção passou por seus olhos a menção daquela mulher.

Sim, ela sabia. A condessa de Dampierre regressaria para o lar dos Wolfgangs. Céus, ela era uma marquesa! As notícias chegavam aos seus ouvidos mesmo que não fossem de seu interesse.

Storm levou a garrafa de Bourbon aos lábios mais uma vez antes de dizer num tom letal:

— E o que isso tem a ver comigo exatamente?

Damian piscou atordoado, tentando absorver a informação. Decerto, Storm não era mais a mesma. Dez longos anos contribuíram para que sua personalidade vivaz fosse completamente moldada.

Contudo, ele esperava uma reação um pouco menos...

— Não a ama mais? — Ele perguntou trêmulo.

O nome de Freyja já não era citado há anos naquela casa. Storm mantinha contato com os Wolfgang, visto que ainda os considerava da família.

Os olhos escuros cor de café encararam o homem louro intensamente.

— Não, Damian. Eu não a amo.

Storm pareceu bastante convicta. Sua voz não falhou uma vez sequer, nem a palidez que a tomava antes devido ao assunto em questão, surgiu.

Apenas uma frieza de doer os ossos lhe rondou.

— Entendo.

Damian evitava tocar na principal causa do declínio da prima com a finalidade de preservar o pouco do que restava de seu coração.

Mas Freyja voltaria. O amor da vida dela voltaria.

Ele rogava a Deus todas as noites para que Storm voltasse a ser feliz. Damian nunca mais vira a vida encher aquele olhar escuro.

— Ah, não faça essa cara. — Ela riu. — Isso já tem dez anos, Damian.

— Eu sei... Só que...

— Conte-me sobre o que andou fazendo nos últimos tempos.

Storm não dava espaço para ele, ou para qualquer outro. Damian não conseguia se conformar com o destino dela.

— Meu Deus, Storm! Está se tornando uma matrona, só tem trinta e três anos!

Ela riu, passeando os dedos pelo aparador a procura de uma outra garrafa de Bourbon.

— Proponho um brinde aos seus filhos, à sua família!

— A nossa família, aos seus sobrinhos. — Ele ergueu o copo, piscando fortemente para afastar as lágrimas dos olhos.

— Aos Hendestons!

Por mais que tentasse, Damian não podia evitar sentir-se um inútil. Ele nem ao menos fora capaz de arrancar Storm daquele estado decadente, daquela vida sem propósito.

— Não foi sua culpa. — Ela disse sorvendo de seu copo. — Ninguém teve culpa, na verdade. A vida é assim, querido. Filhos e casamento não é para mim. Nunca fora. Não sinta pesar por ter construído uma família linda.

Storm ergueu o olhar firme, e lutou para manter a cabeça erguida.

— Eu não...

— Eu o amo. Amo as suas crianças. Amo a sua esposa. É o suficiente para mim, pare de tentar me proteger.

— Não deveria aceitar tão pouco, Storm. — Damian replicou, levantando-se da cadeira.

— Para mim é o bastante. O assunto está encerrado.

— Seu pai não estaria feliz.

O rosto delimitado dela atingira um tom rosado pela menção ao marquês.

— Estou onde deveria estar. — Storm guinchou entredentes.

— Eu não posso vê-la desperdiçar a sua vida.

— Eu é quem decido, Damian.



A farta mesa de jantar não enchia os olhos escuros de Storm. Ela não sentia a mínima vontade de comer depois do embate desgastante com Damian.

Sentia-se envergonhada pelo comportamento leviano. Arthur não merecia passar por aquele tormento interminável de onde quer que ele estivesse.

O que sua mãe diria?

Bem, não importava. Não mais.

— Molly dissera que sopa de ervilhas é ótima para o seu crescimento. E então, o que acha, Florence? — Storm inquiriu solenemente para a criança ao seu lado.

Ela olhou para a garotinha sentindo o coração ser aquecido. Ter a família reunida de novo era o bálsamo para sua vida tediosa.

— Eu odeio ervilhas, tia. — Florence alegou, engolindo mais um pouco da sopa.

— Odiei ervilha até os sete anos de idade, querida. A Sra. Adgell me fez tomar essa bendita sopa dia após dia. É bom para o crescimento. — Ela repetiu mais uma vez.

Os olhinhos da menina brilharam diante daquele alegação. Florence detestava comer qualquer coisa que não fossem bolinhos de geleia, Leoni dava o seu melhor para que a filha comesse.

No entanto, a pequena diabrete era uma criança difícil.

— Então se eu comer ficarei tão alta quanto você? — Florence indagou com a colher a caminho da boca.

— Exato!

Damian segurou uma gargalhada, e se voltou para o próprio prato.

— Só você consegue fazê-la comer, qual é o segredo? — Leoni sussurrou fingindo irritação.

— Mentir. — Storm sussurrou de volta.

As duas sabiam que ela não falava a verdade. Florence a ouvia porque simplesmente era muito apegada à ela.

— Certamente, marquesa.

Storm sorriu, e deixou a mente vaguear pelo vale de lembranças da sua própria infância. Olívia era doce, jovem e cheia de vida.

E ela tão, ou mais parecida com Florence.

— Será uma longa temporada. — Lawrence murmurou por fim, voltando-se para o prato diante dela.

Capítulo 36

França, 1841

A cidade tremeluzia em consequência dos raios oscilantes do solstício de verão. Um outro sórdido verão havia chegado, todavia, a esperança pela qual a condessa de Dampierre tanto esperara, não viera com ele.

Ondas de calor perambulavam pelo recinto austero, trazendo o farfalhar das folhas ao longe. O ruído assemelhava-se a uma consonância infeliz, composta ao que parecia, com o intuito de torturar a condessa por sua escolha infeliz.

Ela sentia remorso pelas palavras cheias de ódio proferidas em prol de machucar Storm como fora ferida pela mesma. Ou pelo menos, havia sido nisso em que Freyja acreditou por algum tempo antes de Amber confessar sua traição.

Equívoco e tolice não faziam jus à sua completa falta de perspicácia.

Estúpida.

E desde o momento em que recusara o amor de Storm, abandonando-a em Hampshire naquela manhã primaveril, ela não tivera um só segundo de paz.

A única coisa em que conseguira pensar enquanto ultrapassava os limites das terras dos Lawrence tantos anos antes, fora ir para longe.

O mais longe que pudesse de Storm, longe da dor que a mentira de sua própria irmã lhe causou. Mas ela não fora a única culpada, Freyja fora tão culpada quanto, ou mais.

E por não ter acreditado nas palavras de Storm, vivera um casamento sem amor, mas Freyja honrara seus votos até o fim. Nunca havia tentado ir embora da França depois de casar-se com Henry. Ele fora um bom marido, um bom homem. Mas ela não o amara.

Freyja o conhecia desde da infância, sua avó materna morava em Cambridge e quando o verão chegava, ela viajava para a cidade.

Quando decidira fugir de Londres, sabia que a única pessoa que a acolheria seria Penélope, sua avó. Freyja não conseguira falar nos primeiros dias, e fora assim por meses. Até a volta de Henry, filho do falecido conde de Dampierre.

Ele havia terminado os estudos em Oxford naquela época, e voltara tão cheio de sonhos, tão apaixonado...

Henry a fizera sonhar outra vez.

Ela encontrou conforto em sua sabedoria, em seu sorriso cálido e transparente. Henry não a pressionou a falar, ou julgou-a por suas escolhas.

Ele apenas ficou à todo momento ao lado dela, apoiando-a. E a amizade genuína que tinham, terminou por seguir um curso inimaginável para ambos.

Henry amava uma moça de classe inferior a sua, Jhuan jamais a aceitaria. Linhagem sanguínea era importante demais para o maldito conde. Ele não aprovou a união.

Então Henry, assim como Freyja, não fora capaz de lutar pelo que tanto queria. Depois da morte do conde, o título fora passado para o seu único herdeiro homem.

Henry não estava preparado para lidar com tudo aquilo sozinho, as responsabilidades eram tantas... Freyja queria ajudá-lo,

retribuir todo o bem que ele fizera para ela.

Ele se tornara muito importante para a jovem.

Ela o adorava.

E quando menos esperara, um anel de noivado fora colocado em seu dedo anelar.

Henry sempre soubera de seu amor por Storm, e a quis mesmo assim. Talvez, precisava tanto dela, quanto ela dele.

Se Freyja tivesse permanecido em Londres, Storm a persuadiria com aqueles olhos cor de ônix, e ela cairia novamente em suas falsas promessas.

"Desejo por vê-la entrar na St George"

O amargor das lembranças assombravam-na durante o sono, e quando desperta também.

Freyja não havia concebido filhos. E ela não saberia dizer se realmente era estéril, ou se Henry não pôde lhe dar filhos.

A dúvida permaneceria, afinal, a morte chegara cedo demais para o jovem conde. Ele usara de seu último fôlego para pedi-la que voltasse para casa afim de recuperar o seu antigo amor, já que ele não teria a mesma sorte.

Freyja lhe dissera que não merecia o perdão de Storm, morria de medo de que viesse a ser rejeitada por ela.

O que era compressível. Com toda certeza, Storm a rejeitaria. E ela acreditava ser merecedora de toda sua hostilidade.

De qualquer modo, não suportaria encarar a verdade dos fatos e por isso, mesmo após quatro anos da morte de Henry, Freyja continuara ali, sozinha.

Reclusa do mundo e de todos.

Veza ou outra, ela se pegava lembrando das mechas loiras como ouro brilhando sob o sol forte de Hampshire. Lembrava-se

também dos sorrisos tiranos que Storm lhe lançava quando faziam amor.

— Chorando novamente? Ah, Deus. Não aguento mais isso.

— Ela murmurou, sentindo o gosto salgado de suas lágrimas.

— Madame, seu baú está pronto e a carruagem também.

Freyja se sobressaltou pela repentina chegada de sua governanta.

— Oh, mas é claro, Lilly. Merci.

— Com sua licença, minha senhora.

A condessa estava voltando para o lar dos Wolfgang, e levava consigo a esperança de ter um único vislumbre daquele rosto querido mais uma vez.

Storm teria mudado tanto quanto ela durante aqueles dez anos?

Suas feições deviam estar mais maduras, contudo, Freyja acreditava que aquela leveza ainda permanecia com ela.

Pelo menos esperava que sim.

Talvez ela estivesse casada, talvez tivesse até mesmo filhos...

Freyja não ousara perguntar em suas cartas para Margaret. Sua dignidade não a permitiria tamanha falta de tato.

Assim como ela, Storm tinha todo o direito de casar-se, de construir uma família que a amasse como deveria ser.

Ela se perguntava como seriam os rostos de seus filhos. Quantos anos as crianças teriam? Cinco? Sete?

E a sua esposa? Seria tão bonita quanto ela?

A condessa balançou a cabeça, tentando afugentar os pensamentos inadequados que se formavam em sua mente. Não era de sua conta.

Não mais.

Ela não tinha nada a ver com a vida de Storm.

Mas queria. Mesmo que não merecesse, queria suas promessas e declarações de volta porque ainda a amava. E parecia que aquele amor só havia se tornado maior e mais extenso conforme os anos. Ardia e doía como o inferno.

Era como se ela nunca a tivesse deixado. Como se ainda fosse uma parte dela.

Storm era uma parte dela. Sempre seria.

A condessa deixaria a propriedade nas mãos do Sr. Edgar, seu contador e amigo. Lilly e os demais cuidariam da casa, ela confiava neles o suficiente para a tarefa.

Eles exerceriam o trabalho com afinco como sempre.

— Espero ansiosamente por sua volta, senhora. — Lilly disse suave, fazendo uma mesura antes de voltar para casa.

Túlio viera ao auxílio de sua senhora, ajudando-a a subir na carruagem. Uma vez dentro, ela observou pela janela, a propriedade dos Medicis.

Henry a deixara um bom dinheiro, ele havia encarregado-se de que ela tivesse uma vida confortável, e Freyja vivera muitíssimo bem nos quatro anos de viuvez.

Seu coração agitado batia freneticamente em seu peito apertado, e não tinha nada a ver com o corpete.

Aquilo devia-se unicamente ao que estava prestes a fazer. Ela não saberia dizer o que desejava encontrar. Com toda certeza, Londres já não era mais a mesma e Storm também.

Mas uma parte dela recusava-se a perder as esperanças que mantinha guardadas desde de muito tempo. Freyja sempre almejara por voltar.

Voltar para ela.

No entanto, existia sim uma grande chance de que ela estivesse casada e feliz.

A dor em seus olhos negros quando Freyja partiu, ainda a seguia. Storm pedira para que ela ficasse e ela não o fez.

Freyja se recusara a deixá-la explicar.

Se a tivesse escutado...

A viagem seria longa e desgastante, mas valeria a pena.

Sentia tantas saudades de seus pais...

Ela chegou a pensar que enlouqueceria. Os ataques de amor eram contínuos em seu casamento. Enquanto Henry dormia profundamente na cama que dividiram por três anos, Freyja chorava em silêncio no chão do quarto.

Sentia vontade de quebrar as coisas, vontade de se bater por ter condenado a si mesma a uma vida que nunca desejou.

Freyja nunca desejou por viver longe de seu lar.

Mas lamuriar-se de nada adiantaria agora. Quando a encontrasse o que diria? E se Storm realmente houvesse decidido ter uma família?

Será que ela aguentaria um golpe tão forte?

Sim, ela estava com vinte e nove anos, Deus!

Não era mais uma juvenzinha. Nem de longe a Freyja destruída que deixara Londres no auge de seus dezenove anos.

Dez anos haviam se passado.

Dez anos.

E não importava que a avalanche a arrastasse, ela enfrentaria como a mulher madura que sempre fora. Suas escolhas agora lhe dariam os frutos, e a colheita era obrigatória. Fosse o que fosse, Freyja enfrentaria porque não havia outro modo.

E ela merecia o que quer que a estivesse aguardando.

Com esse último pensamento, a carruagem se pôs em movimento. Com toda certeza, aquela viagem demoraria. As trocas de cavalos e as noites de sonos em estalagens nas estradas seriam indispensáveis.

E quanto mais demorasse para que ela enfrentasse o que o futuro lhe reservara, melhor.

Covarde.

Uma voz em sua cabeça sussurrou.

— Sim, eu sou. — Ela respondeu para si mesma baixinho.

Capítulo 37

Josefh dormia pacificamente sobre o colo da marquesa, após uma tarde agitada correndo atrás de Vincent. A pequena criatura mantinha o rosto rechonchudo escondido em meio ao linho da camisa dela, e os seus suspiros baixos soavam como uma melodia para os ouvidos da tia.

Em outra época, Storm desejara ter os próprios filhos. Pensava em adotar crianças que lembrassem de Freyja, da mãe de natureza tanto adorável quanto inflexível.

Seus sobrinhos supriam as necessidades que ela negava com empenho para todos que a perguntavam sobre possíveis herdeiros.

Deixaria tudo que tinha para Josefh, Florence, e para o bebê que ainda não havia nascido. Mas que em breve, lhe encheria de felicidade assim como seus irmãos.

As mãos de dedos longos perdiam-se naquela confusão de cachos escuros e sedosos. Como amava aquelas crianças, ah, amava muito.

O calor os envolvia ali, no terraço da casa em Bond Street. O céu em variáveis tons de azul estava claro, nenhuma nuvem pesada aparente.

Aquela era uma das manhãs ensolaradas que tinham o poder de espantar os demônios interiores da marquesa. Eles viviam por baixo daquela carcaça feliz que ela ostentava quando Damian estava presente.

Não que sua família não trouxesse felicidade para aquela casa solitária, ela apenas já não era mais a mesma.

Jamais seria. Isso Storm tinha certeza.

— Vamos, garotão. Papai irá levá-lo para cima. — Damian aproximou-se devagar, pegando o filho, até então caçula, nos braços.

— Ele estava me fazendo companhia, papai. — Ela implicou, colocando-se de pé para acompanhá-lo.

— Ah, Deus. — Ele sorriu baixinho, aquecendo o coração frio dela. — Pobre mulher!

— Cretino.

Eles subiram o lance de escadas até o quarto das crianças, discutindo feito dois bobalhões como Leoni os chamava. Josefh em nenhum momento despertou. Nem mesmo quando depositado pelo pai na cama de lençóis verdes.

Damian cobriu o filho, e Storm saiu primeiro do quarto, esperando-o.

— Diga-me, coloca algum tipo de sonífero no mingau dele? — Ele questionou, erguendo uma sobrancelha loura para ela.

Storm não conseguiu evitar de gargalhar.

— Bom Deus, não! Ele só está cansado depois de ficar correndo daquele cão destruidor de jardins.

— Mas é claro, pobre Vincent!

Sim, o cão continuava tão teimoso quanto quando filhote. O bendito achava pouco enlouquecê-la, então quando Josefh lhe dava corda, ele ganhava o mundo e o virava de cabeça para baixo.

O que geralmente acontecia quando o pequeno menino encontrava-o. Ele amava o cachorro grande.

— Ele parece maior desde da última vez. — O homem disse sentando-se no canapé brocado do corredor.

Storm fez o mesmo.

Mais uma vez, o humor dele havia desaparecido. Desde a última fofoca sobre o regresso da então "condessa de Dampierre", Damian parecia tenso, como se de alguma forma aquilo significasse algo.

— Fomos convidados para o jantar de boas-vindas na mansão dos Wolfgang. — Ele comentou cauteloso, arregaçando as mangas de sua camisa.

A marquesa somente assentiu mecanicamente como sempre o fazia quando ela era mencionada.

— Bem, o bom filho à casa retorna. Não é o que dizem? — Storm procurou manter-se indiferente.

Não se dera ao trabalho de refletir sobre a volta de Freyja. Não fazia sentido o fazê-lo, era vergonhoso.

— Suponho que sim.

Então nada mais fora dito por algum tempo. Damian não sabia como, ou por onde iniciar aquela conversa. Certamente ela seria motivo de irritação para a prima.

— Você não precisa ir. Sabe disso, não sabe?!

Sim, Storm não era uma idiota, mas se não comparecesse naquele circo, Freyja teria a insolência de pensar que ainda a afetava.

E não era verdade.

A jovem e rígida "Freyja Wolfgang" não significava nada para ela. E ainda que uma parte sua queimasse à menção daquele nome, ela era suficientemente capaz de ignorá-la.

— E por que eu me recusaria? Não vejo motivos aparentes.

Damian fitou-a exasperado, diante das palavras que considerava balelas. De fato, a marquesa a amara por muitos anos depois de sua partida, mas se curara daquele mal quando decidira aceitar que não era para ser.

Talvez nunca tivesse sido.

— Até quando fingirá que não se importa? — Ele perguntou com uma ternura que a irritou.

— Quando você parar com essa mania de se intrometer com o que não é de sua conta. — Ela tentou gracejar, mas ele não sorriu.

Em vez disso, balançou a cabeça contrariado.

— Lembro-me...

— Pare. Já falamos sobre isso milhares e milhares de vezes. Não nos levará a nada, Damian. Mais uma vez, peço para que não se preocupe tanto.

— Claro. Por que eu deveria, não é?! — Ele disse rangendo os dentes. — Trazer uma mulher toda noite para esquentar a sua cama parece suficiente para você.

Ah, claro. Ele sempre apontava seus erros como se ela não os reconhecesse. Aqueles hábitos levianos voltaram com força total depois de sua decepção, ela nunca fora uma beata.

Londres nunca dissera o contrário. Desde a adolescência, Storm fora uma pedra no sapato da aristocracia.

Pobres lordes.

Ela aquecera muitas camas...

— Tenho uma reputação a zelar, meu querido primo. — Ela sorriu preguiçosamente, esparramando-se no sofá.

— Acha que não sei o que está fazendo? — Ele parecia bastante aborrecido.

— Restaurando a minha fama de libertina? — Storm arriscou, levando as mãos aos cabelos agora na altura dos ombros.

— Não. Está procurando por coisas que sabe que não encontrará enquanto não tiver a coragem necessária para encarar a realidade.

— E o que quer que eu faça? Rasteje atrás dela mais uma vez como um cachorrinho e finja que nada aconteceu? Eu não a amo, deixe-me em paz.

— Se você diz. Só acho que deveriam resolver essa questão pendente que ficou no meio de suas possíveis opções. Por que nunca voltou a cogitar o casamento?

Ele com toda certeza não estava esperando que ela citasse todos os motivos, estava?

Sim, ele estava. Damian continuava a espera de uma resposta dela.

— Acha que o que eu sofri não fora motivo o suficiente? — Ela questionou com uma raiva controlada.

Ficando de pé, Storm agigantou-se diante dele, desafiando-o a discordar de suas palavras.

— Não. Não foi. Coisas ruins acontecem, Storm. Cabe a você encontrar uma forma de lidar com elas. Você se acovardou e se fechou para a felicidade!

Ela estava boquiaberta com a impertinência de seu primo idiota.

— Tenho trinta e três anos e não preciso de babá! — A marquesa replicou cínica, mais afetada do que gostaria.

— Me parece que sim!

Storm ficou em silêncio, analisando-o com fúria nos olhos negros.

— Droga, irei àquela merda de jantar e mostrarei a você que estou bem, certo? Prometa-me que sairá da porra do meu pé depois disso! — Ela ofegou depois da série de palavras chulas que deixaram sua boca.

Não era apropriado para uma lady de sua posição usar de um vocabulário tão imundo.

Mas ela nunca fora um exemplo de decência a ser seguido como dissera o marquês uma vez.

Suas tutoras surdas e com problemas de vista não foram capazes de moldá-la, graças à Deus!

Ela preferia morrer a tornar-se uma aristocrata songa monga.

— Por mim, negócio fechado. E por favor, há crianças na casa, milady. Modos, minha senhora. — Damian sorriu triunfante, deixando-a sozinha no canapé.

— Irei arrancar cada maldito dente dessa sua boca, Damian!

Mas ele já não podia mais ouvi-la.

Ele perderia.

Ela tinha certeza absoluta que não sentia mais nada por Freyja, pois aprendera da pior forma possível a odiá-la durante os anos que ficara sozinha. Não havia espaço para o amor num coração tão cheio de desafeto.

Freyja era uma lembrança dolorosa que a marquesa mantinha engavetada no fundo de sua mente.

Pouco importava que ela tivesse voltado. Pouco importava que Freyja não fosse mais casada com um conde almofadinha.

Storm não se importava porque não a amava mais.

Capítulo 38

Por muito tempo, a condessa de Dampierre aboliu qualquer pensamento sobre a maternidade. Como não conseguira engravidar em seus três anos de casada, ocorreu-lhe que talvez não fosse fértil para conceber crianças. E Henry pensara o mesmo, assim como sua sogra.

Freyja desejava ter filhos para apaziguar sua consternação. A impotência devido a esterilidade havia lhe tirado qualquer remota esperança.

Mas segurar seu sobrinho Matthew de apenas quatro meses em seus braços, a florara o seu desejo de ser mãe. A sensibilidade da pequena criança afetava-a de uma forma inexplicável.

Sua outra sobrinha de nome Isabele, tinha seis anos, quase sete. A menina era idêntica ao seu cunhado. Seu cabelo possuía o mesmo tom de ruivo de Mackie.

— O colocarei no berço, querida. — Amber estendeu os braços para o filho, e ela o devolveu cuidadosamente.

A condessa a perdoara afinal. Sua irmã conseguira enxergar o homem maravilhoso que estava disposto a sacrificar tudo por ela.

Ela tinha ao seu lado um bom marido, e um pai devoto aos seus filhos.

Amber acordara há tempo de salvar o que ainda restava de seu casamento. Mackie a amava como um louco, e os filhos que tiveram fora a prova necessária para que ela percebesse o quanto amava-o também.

— Nossos convidados em breve estarão conosco para o jantar. — Margaret disse num tom conspiratório que não a agradou em nada.

Ela regressara para casa havia duas noites. Fora praticamente obrigada a receber pessoas de seu antigo círculo social contra sua vontade.

Freyja nunca fora a mais sociável das mulheres, e não aprendera a ser mais tolerável em relação a isso.

Mesmo com a posição que tinha, ela buscava manter-se à margem da pompa fútil. Prezava pela tranquilidade e privacidade.

— Mais convidados, mamãe? Eu não suporto mais isso. — Ela bufou exasperada.

— Você não é mais uma criança, querida. Não seja boba.

O chefe da família pediu que elas fizessem silêncio, como se os convidados pudessem a qualquer momento irromper pela sala.

Ela presumira que Jack receava que os convidados pudessem ouvir suas palavras pouco lisonjeiras.

Nesse exato momento, Madame Vivienne entrou no aposento. Suas feições não haviam mudado, no entanto, ela parecia levemente corada.

Quem quer que fossem os tais convidados, causaram um efeito e tanto em sua antiga dama de companhia.

Freyja sorriu diante do aparente desconforto daquela coruja.

— A marquesa de Hendeston e o Sr. Lawrence os esperam no hall da casa.

O sorriso despreocupado que até então a condessa exibia, dera lugar a uma linha rígida em seu rosto pequeno.

Saber que Storm estava tão próxima a ela, fora como levar um soco no estômago.

— A senhora deveria ter me policiado, mamãe! — Ela disse nervosa, ficando de pé abruptamente.

O que diria? Como a encararia?

— São apenas os Lawrence, querida. Que diferença faria?

Sua mãe muito provavelmente estava ficando louca.

— Não acredito que fez isso!

— Mais cedo ou mais tarde, se encontrariam. Ficariam desconfortáveis diante de tantos olhares, então veja pelo lado positivo. Independente do que aconteça hoje, você estará em família. Nada sairá daqui.

Com toda certeza Margaret estava ficando louca.

Freyja ainda não se sentia preparada para encará-la, céus!

"Já fazem dez anos, covarde".

Sim, de fato. No entanto, como conseguiria olhar para aqueles olhos negros que sempre foram capazes de enxergar através dela? Que a deixavam desconfortável sem esforço algum?

As contradições eram tantas...

Ela poderia morrer de aflição ali mesmo.

— O que estamos, esperando? Vamos recepcionar os nossos convidados!

A Sra. Wolfgang colocou-se de pé no mesmo instante, com um sorriso jovial de causar inveja em qualquer pessoa amargurada. Algumas rugas já começavam a aparecer no canto de seus olhos, contudo, só a deixavam mais bela.

Seus pais a visitaram na França enquanto casada com Henry. Ela, no entanto, permanecera trancada dentro da casa. O medo de sair e enfrentar os seus demônios ainda estava muito presente.

— Vamos logo com isso. — Decidiu contrariada.

Margaret assentiu calorosamente, e fora andando na frente sendo seguida pelo marido. Amber e Mackie vinham logo atrás.

A situação não tinha como fica pior.



De fato, tinha.

A primeira coisa que os olhos de Freyja alcançaram foram as costas dela, em seguida, os cachos presos num coque rígido. Storm olhava para a rua enquanto esperava acesso à entrada.

Formalidade cuja necessidade nunca existira. Storm jamais precisara de permissão para nada em sua casa.

Freyja sentira como se tudo dentro de si estivesse prestes a desabar. Quando a marquesa enfim se dera ao trabalho de encará-la, um misto de frieza distante perpassou por seus olhos negros.

Continuava tão bonita quanto ela se recordava. A idade só havia evidenciado a beleza sutil de seus traços bem esculpidos. A postura ereta, as maçãs altas do rosto...

Tudo continuava o mesmo, menos os olhos.

O antigo olhar acalorado de Storm parecia vítreo ao fitá-la. Ela correu o olhar escuro pelo rosto da condessa ligeiramente como se não se importasse nem um pouco com sua presença.

Freyja sentiu a boca tremer de nervosismo, e vergonha diante daquele olhar inquisidor.

— Seja bem-vinda, milady. É um grande prazer revê-la. — A entonação de seu cumprimento rouco rasgou a alma de Freyja.

A marquesa fizera uma mensura antes de se dirigir a Margaret com gentileza.

— Sra. Wolfgang, há quanto tempo, querida.

A graciosidade não fugira de sua personalidade com os anos, mas algo de insípido consistia agora em suas palavras. Como se estar ali, diante dela, não somasse em nada.

Storm fora cortês o suficiente, e nenhuma palavra desagradável saiu de seus lábios. Freyja havia se preparado bem, mas ao que parecia, Storm não desejava por lavagem de roupa suja naquela noite.

— A França lhe fez bem, milady. Seu rosto está mais... corado.

A viúva ergueu os olhos e tentou sorrir, mas a marquesa permaneceu com a mesma expressão indecifrável no rosto bronzeado.

— Estou muito feliz com o seu retorno!

Diferente da prima, Damian atropelou as formalidades e a trouxe para dentro de seus braços fortes.

Freyja recebera aquela insinuação de afeto e saudade com entusiasmo. Os braços musculosos que a rodearam com carinho, passaram uma segurança que ela não sentia há muito tempo.

Storm não mais prestava atenção a eles. Suas mãos mantinham-se para trás num trejeito rígido.

A mandíbula delineada parecia tão rija quanto sua postura, nenhuma amostra do antigo bom-humor emanava dela naquela noite.

Seu sobretudo vinho feito sob medida, escondia boa parte das curvas de seu corpo alongado.

Ela cumprimentara Amber, Mackie e Jack com a mesma frieza com que a havia cumprimentado.

— Acompanhe-me, querida.

A Sra. Wolfgang colocou-se a tagarelar, e a marquesa passou a trocar amabilidades com seu pai como nunca antes fizera.

Freyja tentara ouvir alguns trechos da conversa baixa, mas apenas negócios foram citados.



A marquesa sorvia do vinho de sua taça, secando-a para logo depois enchê-la novamente com graça. Ela não dirigiu uma só palavra a Freyja durante a refeição. Apenas assentiu fria quando perguntada sobre algo.

Era desconcertante olhá-la e perceber que já não a conhecia mais. Que tudo que haviam construído no passado, não passavam de memórias dispersas como uma nuvem de fumaça.

Freyja as condenara a uma vida vazia.

Condenara a si mesma. Lembrou com desgosto.

Ela soube por alto sobre a morte do antigo marquês assim que pisara novamente em Londres. O choque que sentira ainda a atormentava.

Tentara com afinco não pensar sobre o quão desolada Storm deveria ter ficado com a morte de seu pai, e fracassou vergonhosamente na tarefa.

— Dizem que os herdeiros estão a caminho, é verdade, minha cara? — Margaret como sempre ousou ir além do que lhe era permitido.

Freyja parou o garfo em direção a boca para fitá-la com descrença. Discrição nunca fora um dos fortes de sua mãe, porém, ela esperava mais pudor de sua parte.

— É isso o que falam pelas minhas costas? — Storm sorriu verdadeiramente desta vez.

Quantas noites Freyja sonhara em poder ouvir o som daquela sua vibrante risada?

Seu estômago deu um nó, e ela direcionou o olhar para a marquesa de forma acanhada, relutante.

O sorriso torto de Storm trouxe luz para o seu rosto perfeito.

— Suponho que saibam mais ao meu respeito do que eu mesma. — Ela caçoou fingindo indignação. — Não, Sra. Wolfgang. Não estão a caminho.

Em algum lugar de seu coração egoísta, Freyja sentiu-se vibrar de felicidade devido a sinceridade presente nas palavras dela.

— Uma mulher tão jovem deveria encontrar alguém para compartilhar a vida, não acha? O casamento não é mais uma opção, querida?

Freyja prendeu a respiração diante da insolência de sua mãe. Decerto, anos atrás, Storm permitira total liberdade para que a senhora em questão fizesse tais questionamentos.

Mas no presente...

Freyja não tinha mais tanta certeza.

— Sim, é uma opção. — Storm disse para o sofrimento dela, tomando mais um gole de seu vinho.

Algo em sua postura mudou ao dizer tais palavras. Freyja encarava o prato sentindo sua cabeça girar.

Não poderia esperar algo diferente. Já era bastante estranho Storm ter permanecido tanto tempo sozinha, visto que era um ser humano incrível.

— Oh, isso é novidade! — Margaret parecia surpresa assim como Damian.

Ele olhava para prima com os olhos verdes arregalados, como se aquela fosse a primeira vez que ouvisse sobre o assunto.

— Desejo do fundo de meu velho coração que encontre a felicidade, querida.

Pela primeira vez na noite, Freyja assistiu a frieza que emoldurava as feições antes relaxadas de Storm, ceder. Dando lugar ao que parecia a uma inquietação indesejada.

O maxilar rígido denunciou o desconforto em seus olhos escuros.

— Obrigada, Sra. Wolfgang.

Com isso, todos voltaram para os seus respectivos pratos.

Capítulo 39

A única coisa com que a marquesa contava era por fazer uma cena patética na presença da condessa viúva. E ela o fizera. Na primeira oportunidade que surgira durante aquele jantar enfadonho.

O sentimento de ter sido pega em uma ratoeira, esmagava-a.

Olhar para a mulher que a destruíra, trouxera de volta toda dor e mágoa que ela jurara estar curada.

A refeição estava se saindo uma das piores já feitas por ela. Freyja a fitava com curiosidade e temor nos olhos claros, e o receio explícito neles indicava desconforto. Aquilo a enchera de uma satisfação maldosa, prazerosa em todos os sentidos.

Parecia que o tempo havia parado para Freyja. Sua beleza continuava tão arrebatadora quanto antes, algo naquilo tudo despertara em Storm uma incontrolável vontade de agir de forma indelicada.

Freyja mais uma vez a fizera agir como uma adolescente tola.

Quando havia começado a cogitar casamento para início de conversa? Sua reação em relação a abordagem audaciosa da Sra. Wolfgang fora cômica! A marquesa em todos aqueles anos nunca cogitara casar-se de novo.

— O jantar estava divino, Sra. Wolfgang. Obrigada pelo convite. Desejo que tenha uma ótima estadia, milady. — Ela disse num timbre sórdido, dirigindo a palavra a Freyja pela segunda vez aquela noite.

— É muito gentil de sua parte, Stor... Milady! — A condessa corrigiu-se depois da gafe insanável.

As bochechas bronzeadas pelo sol da França, atingiram um tom de rubro adorável pela desatenção. Ela não pôde evitar se referir a marquesa pelo nome de batismo.

Não era fácil agir de forma tão categórica quando fora tão íntima à ela. Freyja dividira seus sonhos e temores com Storm. Além de entregar-lhe a alma e o coração.

Era deveras doloroso fingir não importa-se com sua atitude indiferente. Storm não parecia precisar esforçar-se para agir de tal forma, era um comportamento natural.

Erguendo os olhos com a antiga rigidez, Freyja obrigou-se a enfrentar a mulher que a fitava de volta de maneira imperturbável.

Os olhos negros agora ostentavam um brilho envidraçado, sem resquício do charme poderoso que os inundavam.

Não que ela estivesse menos atraente, inferno! Isso era ainda pior.

Freyja forçou-se a reprimir a vontade que sentia de tocá-la.

Damian ajudou a Sra. Wolfgang a deixar o assento na mesa, Mackie auxiliou Amber, e Storm viu-se na obrigação de oferecer o braço a condessa para também ajudá-la.

— Permita-me, milady.

Irritação percorreu seu corpo. Não queria tocar nela, muito menos sentir o perfume de orquídeas que tanto amara em sua pele. Não desejava reviver as lembranças que ele trazia.

Não queria admitir que mesmo depois de tantos anos, Freyja ainda era capaz de atravessar suas defesas.

— Merci. — A condessa agradeceu com um sorriso tímido.

Storm assentiu séria, ajudando-a. A pele sedosa dela parecia brasa em seus dedos livres de luvas.

Amaldiçoando-a internamente, Storm a conduziu até os outros. Desejava fumar, mas não havia levado cigarro consigo. Sentia-se ansiosa para voltar para a segurança de sua casa antes que fizesse algo de que se arrependeria.

— Londres parece a mesma para mim. — Freyja conseguiu murmurar depois de um longo silêncio.

O chiffon de seu vestido azul reluzia perante o fogo das velas bruxuleantes. As mangas até os cotovelos escondiam os ombros lisos.

— Suponho que sim. — Storm respondeu solene.

Não aguentava mais ouvir a voz suave dela.

— Desejo tomar um ar. Me acompanha? Espero que não seja nenhum incômodo.

Storm mais uma vez estendeu as mãos para ela. O pequeno toque a fez querer gritar de frustração. O todo poderoso desejava testar suas limitações.

Os outros pareciam alheios a mudança da atmosfera, pois continuavam entrosados em alguma conversa sobre filhos e casamento.

A marquesa certamente preferira aturar a antiga noiva, a ter que ouvir tamanha lengalenga.

Estava farta dos discursos de Damian, de Leoni e da interferência das pessoas que sequer a conheciam

Damian não dava a mínima para suas reclamações, apenas seguia com seus planos inúteis de vê-la laçada.

— Não será incômodo algum, milady.

A brisa morna penetrou as camadas do sobretudo pesado que usava, aquecendo a frieza de seu corpo que se dava ao nervosismo.

Storm lutava contra a vontade de jogar Freyja pela sacada. Pelo amor de Deus! Já não bastava aparecer depois de dez anos?

— Meus pêsames pela morte de seu pai. — Ela iniciou a conversa, fitando o nada com aqueles olhos sem brilho.

Storm sentiu sinceridade em suas palavras. Seu pai sempre adorara Freyja, isso era incontestável.

— Presumo que a senhora estivesse muito ocupada com o preparativos de seu casamento, mas obrigada. Isso já tem muito tempo.

Idiota!

Storm repreendeu-se diante do tom venenoso em sua voz. Jogar o casamento na cara de Freyja não tinha mais sentido, ainda assim, a raiva reprimida dentro dela diminuiu mesmo que um pouco.

— Na verdade, Henry e eu ainda estávamos analisando a questão. — Freyja rebateu com um falso pesar.

— Creio que a decisão final tenha sido inevitável.

Ainda que tentasse não soar ressentida, era mais forte do que ela. Acompanhar Freyja até a varanda fora um erro desde do princípio. Nada de bom sairia daquilo.

— Por que nunca se casou? — A pergunta fora tão baixa que Storm teve de pedir para que ela repetisse.

Contudo, a marquesa não desejava por revelar os seus motivos. Eles tinham ligação direta com ela. Freyja sempre estivera no meio, nunca a deixara em paz. Ainda que Storm tivesse lutado contra o poder que ela exercia sobre suas ações, fora uma briga inútil.

Nada que fizesse ou dissesse, mudaria algo.

— Por favor... Sei que não tem obrigação nenhuma, mas eu preciso saber. — Freyja insistiu ainda sem encará-la.

Storm inspirou fundo, e decidiu que não havia problema em dizer a verdade àquela altura. Não agregaria em nada na sua vida.

— Nos primeiros meses, eu ainda tinha esperança de que você caísse em si, e voltasse para mim. Posteriormente, não pude suportar a ideia de entregar meu coração para um outra mulher. E agora... — Ela riu com escárnio, para então prosseguir com o relato — Agora fico satisfeita somente em dormir em outras camas que não sejam a minha.

A última parte não era de um todo verdade. Sim, voltara a sua vida desregrada que por tanto tempo fora motivo de orgulho para ela, mas aquilo não era mais suficiente para suprir os seus desejos.

Ela só o disse na intenção de ferir Freyja. Se é que aquilo seria capaz de ferir qualquer parte fria daquela mulher.

Era um comportamento pueril, ela bem sabia. Só que não conseguia evitar.

— Eu sinto muito por tudo isso. — A condessa disse num murmúrio sofrido.

Storm não pôde conter o riso de desdém.

Depois de tanto tempo era somente aquilo que ela tinha para dizer?

— Eu não. Lembra-se de quando me disse que não existia amor em mim? Tinha toda razão, milady. Não há benevolência dentro dessa carcaça. Somente as regalias que o título de meu pai me oferece são dignas de minha atenção. — Storm cuspiu as palavras com desprezo.

— Você continua mentindo para si mesma, Storm. O título nunca lhe interessou, sabe disso. Eu sei disso.

Ouvi-la pronunciar seu nome com tanta intimidade golpeou o seu orgulho.

— Ah, por favor. Você não me conhece. — A marquesa desdenhou, forçando-a a replicar.

— Tem todo o direito de recusar-se a admitir, mas eu vi coisas que muitos não terão a sorte de conhecer.

Freyja então fitou-a intensamente, perfurando sua alma com aqueles malditos olhos.

Os lábios cheios se retesaram numa linha tensa, chamando sua atenção.

Maldita fosse!

— Você viu o que eu quis que visse. — Storm apontou, obrigando-se a não olhar para os seus lábios.

— Pare de mentir!

As mãos pequenas da condessa puxaram-na pela lapela do sobretudo involuntariamente.

Storm alcançou as mãos dela, tirando-as de sua roupa delicadamente. Fogo brilhava nas íris acinzentadas, e a respiração acelerada acertava o rosto pequeno de Freyja.

— Tenha uma boa estadia, condessa. — Ela disse recuperando-se rapidamente da discussão.

Lágrimas amontoaram-se no canto dos olhos de Freyja quando ela se fora, deixando-a para trás com o martelar de seu coração reverberando pela sacada vazia.

Capítulo 40

A mansão dos Lawrence na Bond Street continuava tão imperiosa quanto antes. Os criados que trabalhavam nela, mantiveram-se ágeis e competentes com os anos.

Philippe envelhecera muito desde da última vez em que Freyja havia estado ali, suas feições eram marcadas por rugas, e os fios antes grisalhos, estavam completamente brancos.

A postura inflexível do homem ainda causava calafrios na condessa.

Damian como o paspalho que era, a convidara para a toca do leão.

Vulgo Storm Lawrence Browan Willye. Décima segunda marquesa de Hendeston.

Freyja não pôde recusar o convite, ele fora extremamente gentil com ela.

E ela desejava por conhecer os rostinhos de suas crianças.

Seus nervos estavam à flor da pele desde a noite passada. Lutara para manter os seus sentimentos sob controle, mas não conseguira tamanha proeza diante da atitude arrogante de Storm.

Freyja não era nenhuma tola. As coisas não se resolveriam num passe de mágica, muito menos com pedidos toscos de desculpas.

Storm definitivamente não iria perdoá-la. A conversa com Amber aquela manhã a deixara consciente disso.

"Ela não me perdoou, mesmo com todos esses anos. Storm apenas me tolera, nada mais. Contudo, tenha paciência. Você foi, e

tenho certeza de que continua sendo o amor da vida dela".

O conselho da irmã não melhorou em nada o seu humor. Estava inquieta, devastada com a dureza daqueles contornos que pareciam ter sido esculpidos em mármore.

Nunca estivera à altura de Storm. Sempre soubera disso, e mesmo que o título dela já não fosse um problema, Freyja não se sentia merecedora de seu amor.

— Ah, Freyja!

Uma Leoni graciosa descera os degraus da escadaria de dois em dois, parecendo não levar em conta sua atual condição. Isso a tornara de fato imprudente. Ela praticamente correu ao encontro da velha amiga sem pestanejar.

A barriga protuberante estava envolta por um vestido verde-claro para o dia, de mangas bordadas por um renda fina.

O sorriso reluzente na pele amendoada de Leoni, adicionava ainda mais vivacidade as suas feições marcantes.

— Você está maravilhosa, querida! — Freyja elogiou, puxando-a para um abraço caloroso.

— Seja honesta, Freyja! Parece que engoli uma melancia inteira! — Leoni disse numa queixa que mais pareceu um sorriso.

— Bobagem!

— Damian pediu para que a recebesse. Temo que ele demorará um pouco. — Ela disse parecendo hesitante.

— Não vejo problema. Queria vê-la, e também contava por ser apresentada aos seus filhos.

— Ah, é claro!

Leoni conduziu-a para os jardins, onde uma pequena criança de cabelos escuros como os dela, brincava despreocupadamente.

Ela corria atrás de um cachorro enorme, cuja pelagem negra lhe era familiar. Freyja estreitou os olhos para enxergar com

exatidão, e uma emoção involuntária inundou-lhe o peito.

Vincent.

O cão permanecera na mansão dos Lawrence mesmo após dez anos.

— Vincent!

O cão ergueu as orelhas, tentando captar o som da voz dela. Freyja podia jurar que um brilho de reconhecimento atravessou o olhar dele.

Ele veio correndo em sua direção, como se nada fosse mais importante do que ela. Em um gesto de gratidão, Freyja levantou o rosto para deleitar-se com o calor dos raios solares.

Storm cuidara de Vincent.

Mas, ela havia mudado. Freyja relutara em admitir, mas Storm mudara. Apenas um tolo não notaria. Entretanto, aquela bondade não fora alterada.

— Senti sua falta, querido.

Vincent latiu, e deitou-se sobre as suas botas de caminhada, como se a entendesse e dissesse "eu também senti".

Os olhos dela encheram-se involuntariamente de lágrimas. Mesmo com todos os infortúnios, ela com certeza estava feliz por estar ali. Na segurança daquela casa.

— Josefh! Deixe as mudas da Sra. Adgell em paz! Josefh!

Freyja sentiu os pelos de seus braços se eriçarem em reconhecimento aquele tom de voz enrouquecido. A condessa portava-se como uma estátua de gesso, e mesmo que tentasse — e ela não tinha a mínima vontade de tentar —, não conseguiria se mover.

— Bom Deus, Leoni! Controle essa criança!

O toque de humor nos protestos sofridos de Storm, tocara seu emocional já tão abalado. Mas então, ela a notara e toda alegria

havia evaporado de sua voz.

— Ah, é uma surpresa vê-la, condessa. Não esperava encontrá-la tão cedo. — Storm cumprimentou-a, mas o seu tom não transmitia grande comoção.

Rígida, porém sentindo-se corajosa, Freyja ousou olhá-la por cima do ombro.

Os trajes relaxados que Storm costumava usar velava todo o seu corpo delgado. Ela usava calça de montaria marrom e uma camisa de linho.

Tais peças de roupas deveriam ser banidas do vestuário daquela mulher. Sem sombra de dúvidas, aquilo era atentado ao pudor.

Suas bochechas estavam coradas devido ao sol forte das dez da manhã. Storm parecia uma heroína dos contos medievais que Freyja costumava ler quando criança. Toda a glória da marquesa alcançava-a, deixando desejosa.

— Damian... Ele... — A condessa pigarreou tentando clarear suas ideias. — Ele queria apresentar-me as crianças.

As ondas douradas de Storm batiam nos ombros, Freyja percebera estupefata. Ela sentiu a boca secar ao notar como o pescoço longo dela ficava mais visível daquela maneira.

— Compreendo. Então, sinta-se à vontade. Tenho certeza de que Josefh será um excelente anfitrião.

Storm caminhou até Leoni, que assistia toda a cena num silêncio suspeito. As sobrancelhas arqueadas mostravam divertimento com a situação.

— Uma mulher em seu estado atual não deveria ficar de repouso? — A marquesa questionou com um sorriso afetado que deixou Freyja sem fôlego.

— Vá importunar o diabo, sua desalmada! — Leoni bradou, empurrando-a para o lado.

Storm tentou, mas não conseguiu conter a gargalhada melodiosa.

— Não é correto praguejar na frente de damas e de uma criança, Leoni. O humor das grávidas é realmente assustador! — Lawrence provocou fazendo gracinha. — Como Damian a suporta?

— Ele apenas me ama. Deveria experimentar.

Storm empertigou-se à mera alusão da palavra "amor", Freyja notou. O mesmo havia acontecido durante o jantar quando Margaret lhe desejara "felicidade".

— Ora, por favor! Para quê me prender somente ao amor de uma mulher?

O sorriso cafajeste dela enquanto dizia isso, provocou em Freyja um sentimento há muito tempo adormecido.

Ciúmes.

— Irei desconsiderar essa bobagem. — Leoni retrucou, revirando os olhos. — Querido, cumprimente nossa convidada e amiga.

A Sra. Lawrence empurrou gentilmente as costas de um garotinho com menos de cinco anos. Ele ergueu os olhos verdes, e Freyja sentiu-se momentaneamente hipnotizada por aquele olhar intenso.

— É um prazer, milady. — Ele disse sorrindo.

A condessa ajoelhou-se perante ele, aceitando sua pequena mãozinha.

— Pode me chamar de Free. Meus amigos me chamam assim.

Storm fitava-a com um misto de irritação e descrença.

— Free. — Josefh repetiu, testando o nome na própria boca.

— Encantada, pequeno.

Ele sorriu mais uma vez, e tomou as mãos dela.

— Você é a dona do Vincent?

Ela olhou ligeiramente para Storm.

— Quem lhe contou isso?

Seu coração batia em um ritmo frenético.

— A tia Storm. Ela disse que a dona dele se chamava Free.

Freyja piscou os olhos para afastar a vontade de chorar.

— É claro.

— Venha conhecer a minha irmã Florence.

A condessa o seguiu, temendo permanecer ao alcance daqueles olhos negros que tanto amava.

Capítulo 41

Esbarrar acidentalmente com Freyja aquela manhã não fora nenhuma coincidência, Storm confiava o suficiente em seus instintos para saber de quem era a culpa. Damian e Leoni estavam por trás daquela palhaçada descabida.

Ela inspirou profundamente antes de debruçar-se sobre o peitoril da janela de seu escritório.

Aquilo tudo era uma completa loucura!

Não queria Freyja ali. Sua presença a abalava mais do que deixara transparecer. A natureza eloquente dela derrubava suas defesas, era assustador de todas as formas possíveis.

Só o fato de ela existir, fazia a ideia de cruzar o Atlântico num barco a remo parecer atraente.

As íris douradas de Freyja ainda transmitiam a mesma sabedoria que ela tanto apreciara nela. Que tanto lhe cativara...

Estar ali, no escritório do antigo marquês, acalmava-a. Era ridículo que somente a aparição de Freyja fosse capaz de desestabilizá-la. Estava tão bem antes de ela resolver voltar!

O cheiro de tinta e papel invadia suas narinas, trazendo-lhe conforto imediato.

— Você é alguma idiota? Por que está trancada aqui feito uma palerma?

Damian adentrou o cômodo e bateu a porta atrás de si rapidamente. Ele sussurrara como se alguém além dela fosse capaz de ouvi-lo. Os cachos louros caíam sobre sua testa em desalinho.

Seria possível que ele tivesse saído para uma cavalgada matinal no Hyde park, deixando-a sozinha para lidar com aquela mulher que por acaso fora sua noiva?

— Pare já com essa tolice! Quem disse que poderia convidá-la? — Ela bufou, segurando-se para não esganá-lo.

Josefh e Florence eram muitos novos para ficar órfãos de pai. Mesmo que ele fosse um idiota sem escrúpulos, ainda era o pai deles. Matá-lo traria muita dor de cabeça, mas isso não a impediu de planejar sua morte.

E ainda havia o bebê que Leoni esperava.

— A casa também é minha! Você me disse isso há... — Ele contou nos dedos. — Três dias!

Storm engoliu os palavrões terríveis que desejava despejar sobre ele. Damian tinha toda razão em tal ponto, aquela casa pertencia tanto a ele quanto a ela.

E ela nunca aceitaria que fosse de outra forma. Damian era como um irmão para ela, amava-o. Seus filhos seriam donos de tudo aquilo no futuro.

— Se não me falha a memória, disse que Freyja não significava mais nada para você. Então, não há nada a temer, certo? — Damian sorriu com um ar de triunfo, enquanto se servia de uma dose de conhaque.

Desde que soubera da volta dela, as cicatrizes de Storm formigavam. Algo que ela jamais admitiria para Damian, ou para si mesma. No fundo de seu coração traidor, ela a viu.

Tão linda... Tão dela.

Não.

Freyja nunca a pertencera.

Mas ela queria acreditar que sim.

— Não sei o que está tramando, cabeça de vento. Mas pare de tentar bancar o cupido aqui! Isso não tem a mínima chance de acontecer, Damian. Está ouvindo?

— Pode tentar enganar-se, Storm. Pode até mesmo enganá-la. Por mais difícil que seja para mim acreditar, ela acreditou em sua atuação ridícula.

Storm piscou aturdida para só então rebater numa voz que não lhe era característica.

— Não foi atuação. Eu não consegui... — Ela sentiu sua garganta queimar. — Nem ao menos olhá-la nos olhos, Damian. Só senti raiva dela.

Ele assentiu, parecendo levá-la em consideração.

— Freyja ainda ama você.

Storm apenas zombara da convicção dele.

— Não, não ama. E isso não me importa. Escute-me bem, pois é a única vez que me prestarei a este papel.

Damian engoliu em seco diante do tom autoritário dela. Seus olhos verdes fitaram-na desafiantes, como se nada do que ela dissesse fosse dissuadi-lo.

Seus argumentos continuariam os mesmos.

— Não me faça de palhaça, não vou tolerar nenhuma dessas tramoias. Fui clara?

Para o seu desprazer, Damian sorriu.

Sorriu!

— Como quiser, milady. Se deseja continuar brincando de cobra cega, azar o seu.

Ele deixou o cômodo despreocupadamente. Storm sabia que ele havia captado a mensagem, ainda assim, sentia-se trêmula com suas insinuações.

— Inferno!

Outra série de xingamentos deixaram sua boca.



Ao que tudo indicava, não havia como ignorar mais a presença de Freyja. Nem ao menos, um modo de bani-la de sua casa sem parecer desagradável.

Ela caminhava em sua direção como uma expressão insondável no rosto pequeno.

Diabos! Por que tinha de ser tão linda?

Storm repreendeu-se internamente pelos pensamentos que tivera ao notar o ritmo lento de seus quadris. Freyja parecia dançar, mas somente caminhava em direção à ela.

A condessa usava verde.

E isso a lembrava da noite no teatro...

— Perdoe-me por não recepcioná-la. O título trouxera muitas responsabilidades. — Storm disse parando em frente à ela.

Freyja balançou a cabeça, assentindo.

— Eu compreendo. Não precisa explicar. — Sorriu ela preguiçosamente.

Maldição!

— Mas não quero que pense que fiz de propósito.

Mas Storm o fizera.

— Isso nem passou pela minha cabeça, milady.

Storm desceu o olhar para o pescoço dela, e depois para o busto. O corpete não era nada revelador, no entanto, ela conhecia cada centímetro daquela pele coberta.

— Isso é um alívio.

Storm se forçara a levantar os olhos para o rosto corado dela.

Freyja decerto percebera aonde eles estavam minutos antes.

Ela amaldiçoara a si mesma.

Era uma idiota!

Seria um mal de família?

— Obrigada por cuidar de Vincent. Você não tinha nenhuma obrigação, e mesmo assim o fez.

— Amo aquele cachorro. Era o mínimo que eu podia fazer. — Lawrence falou com modéstia.

Quando Freyja voltara a erguer o olhar para ela, tudo simplesmente retrocedeu. Não havia mágoa, nem rancor. Elas estavam novamente em Hampshire, na primavera de 1831.

O casamento seria dali a três dias na St George.

Freyja lhe diria sim diante de toda aristocracia. Seus olhos pareceriam ainda mais iluminados... Ficariam ainda mais belos por trás do véu...

— Obrigada.

Storm obrigou-se a parar de divagar.

— Não há de quê, condessa.

Freyja possuía um nome que não era seu. Ela era uma condessa, não uma marquesa. Não a sua esposa, mas sim, viúva de um conde francês.

— Temo que esteja tarde. Pedirei que Andrew a leve de volta para casa. — Storm anunciou num tom um pouco brusco.

— Ah, claro. Eu ficaria grata.

Storm assentiu, conduzindo-a para o hall da casa.

Ela tinha de manter os pés no chão se quisesse sobreviver até que Freyja decidisse regressar para a França.

Capítulo 42

A condessa tentava reprimir a sensação enviesada que sentia, por participar de mais outro evento infeliz. Ela julgava sua irritação um tanto intensa demais, e talvez — só talvez — se devesse ao fato de que Storm surgiria como num passe de mágica, a qualquer momento naquele mesmo lugar.

Todos estavam adorando o impasse.

A vira durante as três semanas que se seguiram desde o último encontro informal que tiveram.

Storm fizera questão de ignorá-la em todas elas.

Sarah Campbell ficara noiva do partido da temporada passada, o visconde, Thomas Shackleford. O jovem cavalheiro era belíssimo, simpático e tinha o bolso cheio.

Como Freyja agora era uma condessa, e havia sido noiva da atual marquesa de Hendeston, os convites não paravam de chegar na residência de seus pais. Ela estava sendo requisitada em todos os eventos daquele mês.

E aquele em questão era nada menos que o baile de noivado de Sarah Campbell. Ela não passava de uma criança quando Freyja deixara Londres dez anos antes. Havia tornado-se uma mulher bela, altiva, e muito, muito encantadora.

Thomas e Sarah eram de longe o tão falado "par perfeito". Isso ninguém poderia contestar.

Sobretudo, os diamantes na orelha de Freyja pesavam. Junto com a gargantilha adornada de pequenos brilhantes que enfeitavam seu pescoço alvo. Madame Vivienne dissera que ela era uma

condessa — como se ela não tivesse consciência de tal fato —, e por isso tinha de sempre estar em seu melhor.

Ela odiava vermelho, Santo Deus! E o pior era que a cor realçava sua pele, bem mais do que qualquer outra que ela se dispusesse a usar. O corpete um tom mais escuro comprimia sua barriga, deixando seus seios evidentes demais.

Uma comoção (que não passara despercebida pelos ouvidos dela), tomara o salão de baile dos Campbells.

Freyja não era tonta o bastante para não saber ao que se devia tamanho choque. A Sra. Eglington deixou-a falando sozinha num gesto extremamente descortês (mas que ela não levava em consideração), porque também estava louca para vê-la.

A marquesa viera acompanhada de seu primo, e a jovem Sra. Lawrence.

E acontecimentos do tipo sempre geravam burburinhos intermináveis. Para a sociedade, Leoni deveria permanecer dentro de casa até que a criança nascesse. Freyja tentava compreender o que havia de tão desrespeitoso em mostrar uma barriga de grávida. Decerto, jamais entenderia tamanha baboseira.

Leoni estava linda. Contudo, Freyja só tinha olhos para Storm.

Para o seu amor.

— Céus, a marquesa continua tão rebelde! — Comentou a Sra. Eglington em tom conspiratório com a mãe do anfitrião.

— Sim! Veja só aquelas calças! — Concordou a ainda viscondessa, Portia Shackelford.

A mãe de Thomas possuía uma beleza mais refinada do que a dele. Era alta e esguia como um cisne, mas os cachos louros em nada tinha a ver com o tom de ébano das madeixas do filho.

O falecido marido a idolatrava, do mesmo modo que ela a ele.

— O que há de tão errado nas roupas dela? — Freyja não pôde conter o toque de rispidez em sua voz.

As duas matronas fitaram-na como se ela pertencesse a outra raça desconhecida para os estudiosos ingleses. Era óbvio que aquilo não fora algo sensato de se dizer, no entanto, ela não se importava.

— Ela é uma marquesa afinal, não é?! — Ela continuou desafiando-as a contradizê-la.

Somente o duque e a própria rainha estavam acima de Storm na hierarquia.

Apenas.

— Tsc tsc. Suponho que a senhora tenha razão. Ela é de fato uma marquesa.

Freyja sorriu com satisfação ciente das expressões exasperadas das matronas. Certamente não apreciavam o tom de afronta dela.

— Diga-me, como se sente diante do claro despeito da marquesa em relação a senhora? Esse fato não nos passa mais despercebido, se me permite a franqueza.

A viscondessa encarou-a com um ar de superioridade. A frieza de Storm para com ela decerto já era de conhecimento público. E mesmo que a sensação não fosse das melhores, Freyja não poderia lastimar-se. Era o mínimo que merecia de qualquer forma.

— Isso não me tira o sono, milady. Diferente da senhora que parece muito preocupada com as vestes da marquesa.

A Sra. Eglington pareceu perplexa perante o tom indulgente de Freyja. A viscondessa tentara abrir a boca para replicar, mas nada de coeso saíra dela.

Os sons incompreensíveis foram mais do que Freyja se limitaria a tolerar.

— Se me dão licença, senhoras. — Ela fez uma mesura antes de deixá-las sozinhas com suas próprias conclusões.

A tolerância da aristocracia era minúscula. Seus nobres eram soberbos, e possuíam um intelecto supérfluo (pelo menos boa parte). Os homens gastavam seu dinheiro em apostas fúteis, e amantes que enchiam de luxo. Suas esposas preferiam fingir ignorância a contestá-los. Freyja sentia uma certa empatia por elas mesmo assim.

O que elas poderiam fazer quando o mundo estava ao lado dos mais poderosos?

Dos homens.

Aquela vivência era triste e vazia. O casamento não deveria ser apenas negócios, ou produções de herdeiros.

Ela chegara perto de ter um casamento parecido com o de seus pais. Storm com toda certeza seria a esposa ideal.

Elas teriam filhos, iriam para Hampshire na primavera e sem dúvidas, seriam dias gloriosos.

Quando a encontrara três semanas antes na propriedade dos Lawrences na Bond Street, a flagrara fitando sua boca. E tinha certeza de que não fora a luz que entrava pelo saguão que lhe dera essa impressão.

Não, Storm ainda sentia algo por ela, mesmo que fosse apenas uma faísca de desejo. Freyja lera isso em seus olhos naquele momento. Eles estavam livres da névoa densa que os dominava.

E ela a vira parada, esperando-a no altar da St George. Storm a esperava com os olhos marejados pelas lágrimas vertidas...

— Freyja! — Leoni chamou-a de algum lugar do salão de baile lotado.

Sim, ela não estava na St George. Não estava na primavera de 1831, e sim no verão de 1841 num baile de noivado que não era

seu.

Freyja levantou o olhar e encontrou o trio de Lawrences na parte externa do salão.

Storm estava logo atrás de Leoni, com o mesmo olhar de consternação das outras vezes ao vê-la ali. Ela parecia ainda mais crítica dentro de um casaco de veludo preto.

Rubis pendiam das orelhas delicadas dela, e luvas que terminavam no pulso cobriam-lhe os dedos longos.

A precisão com que o cabelo louro parecia ter sido preso, não deixava nem um cacho rebelde escapar para fora do penteado.

— Ah, minha cara. Como vai? — Freyja sorriu com impertinência para Leoni.

— Por acaso está sendo sarcástica?

— Como pode pensar algo do gênero, minha querida? — Ela voltou a falar com ar de inocência.

Storm permanecia calada, com se interferir de alguma forma fosse só perca de tempo e energia.

— Storm anunciou mais cedo que convidaria a dama mais bela dessa noite para dançar!

Algo diabólico atravessara as íris azuis de Leoni.

— Eu não disse nada. — Storm retrucou, sorrindo de forma condescendente.

— Ah, disse sim! Está duvidando de minha palavra? — Leoni provocou dando uma cotovelada no marido.

— Eu nem sonharia em desmenti-la, minha senhora.

— Sensata como sempre.

— Damian, por favor. Salve-me dessa mulher!

Freyja assistia a interação deles com um pouco de inveja. Storm agia como se ela não estivesse ali, como se ela fosse

invisível.

— A condessa disse que está disponível para a próxima dança.

Freyja ainda pensara em abrir a boca para protestar, mas Leoni lhe lançara um olhar afiado que ordenava que permanecesse em silêncio.

Para o seu próprio bem.

— Me concederia a honra, milady? — Storm estendeu a mão para ela com uma expressão que beirava o desespero.

Freyja desejava não querer tanto dançar com ela. Mas só por aquela noite...

Ela voltaria para França dali a uma semana, voltaria para o silêncio da mansão dos Medicis.

— Será um prazer.

A marquesa conduziu-a para o centro do salão, e os sussurros às suas costas não cessaram até que os músicos voltaram a tocar.

Storm pôs a mão enluvada em sua cintura, depositando uma certa pressão ao toque. Freyja estava bastante ciente do calor que irradiava das palmas das mãos dela, e não pôde conter um suspiro involuntário.

Seus corpos encaixaram-se sublimemente, e fora tão lindo, tão certo...

Freyja sentiu-se derreter nos braços dela.

— Você nem sempre fora uma distinta bailarina. — Ela disse quando o silêncio entre as duas tornou-se insuportável.

Storm não a respondeu de imediato, fazendo-a se arrepender de tentar conversar quando ela não parecia nem um pouco inclinada a trocar amenidades.

— Sim, eu era terrível. Pobre Mariah. — Storm concordou oferecendo-a um de seus sorrisos afetados.

Por um momento, não havia recriminação em seus olhos. Somente... somente sinceridade.

— Ela sempre saía de sua casa com os dez dedos dos pés doloridos.

Elas fizeram aula de dança na adolescência. Naquela época, Storm seria apresentada a rainha em sua primeira temporada, e fora um desastre iminente mesmo tendo Mariah Bonneville como professora.

Storm não fora uma aluna muito competente. Pelo menos, fora isso que dissera na época.

— Diferente de você que sempre foi perfeita em tudo.

Freyja não notara nada que evidenciasse insulto no tom dela. Fora um elogio contido, mas que ela recebera de bom grado.

Storm elogiou-a, mesmo sem dar-se conta do feito.

— Não, eu nunca fui perfeita, Storm. — Ela sussurrou contendo um gemido de frustração.

— Para mim, sim.

Algo na forma como Storm proferira suas palavras, a entristecera. Freyja procurou manter-se equilibrada mesmo quando achara que fosse possível perecer diante de tantos olhares.

— Eu preciso... Preciso lhe falar... — Ela implorou fitando as íris acinzentadas de Storm. — Por favor, só cinco minutos.

A marquesa limitou-se a assentir.

Freyja precisava lhe pedir perdão. Precisava lhe dizer que ainda a amava.



Mesmo depois de anos ansiando por aquele momento, Freyja não tinha a mínima noção de por onde começar. As palavras simplesmente não vinham, e as que queria dizer, não pareciam certas. Não ali, não com Storm a encarando daquela maneira.

As estrelas do céu noturno estavam dispersas aquela noite. Uma escuridão taciturna alastrava-se até o norte.

Freyja inspirava de tempos em tempos, buscando a coragem necessária para enfrentá-la.

— Nosso último encontro na varanda de sua casa não terminou bem.

Ela fitou a mulher loura à sua frente com paixão transbordando de seus olhos.

Como a amava.

— Tem razão.

E por minutos nada mais foi dito.

— Voltarei para a França no final do mês.

Ela não saberia dizer com precisão, mas sentira Storm se empertigar com sua afirmação.

— Entendo.

Como ela poderia ir? Como poderia viver mais dez anos sem Storm?

— Quando casei-me com Henry, Amber confessou o que tinha feito a nós. — Ela começou sentindo um nó na garganta. — Mas eu não podia voltar...

Storm continuou em silêncio parecendo tentar digerir o que ela havia dito.

— Como pôde? — Indagou com a voz baixa, mas sombria.

Freyja sentiu um súbito arrepio percorrer sua nuca.

Temia aquele momento, sempre temera.

— Eu...

— Como pôde fazer isso comigo? — Storm vociferou perdendo a razão.

Freyja fitou o rosto frio tornar-se transtornado, irado. As maçãs do rosto de Storm estavam vermelhas conforme ela entendia o que aquilo tudo significava.

Significava que mesmo depois de saber da verdade, Freyja permanecera longe.

Longe dela por opção.

— Eu não podia sair correndo de lá! Estava casada, talvez já estivesse até mesmo grávida! Eu não poderia encará-la depois de duvidar de seu amor. — Freyja gritou com olhos ardendo por causa das lágrimas que lutavam para segurar.

Storm respirava com dificuldade. O mundo mais uma vez desabava sobre a sua cabeça, assim como há dez anos atrás em Hampshire.

Freyja escolhera ficar lá.

— A princípio não queria que se visse na obrigação de criar um filho que não era seu. Mas então Henry morreu e eu me vi aqui, com você. Em Hampshire na primavera, mas... Não era justo com você.

Freyja tentava expelir o ar de seus pulmões, mas o menor dos movimentos lhe doía a alma.

— Quando Damian recebeu o convite de seu casamento... — Storm voltou a falar parecendo ainda mais perturbada. — Eu virei uma fera! Fiquei louca, Freyja! Só pensava em como queria destruir a minha casa, atirar nas coisas... Você tem noção do que me fez?

Storm gritara como se nada mais importasse. A raiva e a decepção estampadas em seu olhar fora como um tiro no peito de Freyja.

A dor em seus olhos negros a matava.

— Forcei-me a não imaginar... — Ela bufou, tentando controlar a raiva — Forcei-me a não vê-la nua na cama com ele! Eu morria de ciúmes, maldição! Ele a viu, Freyja, a viu como só eu a vi!

Storm rosnara com ódio.

— Ele a viu chegar lá... Ele a viu sorrir pela manhã, ele a beijou, e a fez dele outra vez. Ele levou-a no parque, a praia, e assistiu a chuva de dentro do quarto que vocês dividiram. Ele...

— Pare! — Freyja suplicou tampando os ouvidos.

Não aguentava mais ouvir aquilo. Era tortura.

E a culpa era toda dela. Ela fizera aquilo com Storm. Com elas.

Mesmo assim Storm prosseguiu.

— Ele a teve quando você foi tirada de mim. Ele tirou-me todos os momentos que desejei viver com você. E sabe qual é o pior de tudo isso?

Freyja somente balançara a cabeça em negativa. Sua visão estava turva pelas lágrimas que lhe banhavam a face.

— É que você tenha desejado que fosse assim. E é por isso que eu a odeio.

— Não! — Freyja gritou tomando as mãos dela nas suas. — Eu não queria que fosse assim, por favor! Tente enxergar pelo meu ponto de vista, talvez assim compreenda que o que fiz fora para... Eu amo você, nunca deixei de amá-la, Storm. Mas não poderia voltar como se nada tivesse acontecido. Fui covarde! Eu era insegura e tola. Pensei que estaria melhor sem mim, e acredite, não tem um dia que eu não me odeie por isso. Eu a fiz infeliz, deixei-a em Hampshire... Deus, eu lhe dei uma bofetada! Eu não merecia você. Ainda não a mereço, mas nada disso me impede de amá-la, porque você é tudo o que eu sempre quis.

Freyja respirou sentindo uma moleza abater-se sobre o seu corpo.

— Eu preciso que me perdoe.

"Preciso que ainda me ame!" Ela quis gritar.

Depois do que pareceram horas, Storm voltou a falar. Mas a raiva havia se dissipado, só existia um vazio ainda maior dentro de seus olhos.

— Poderíamos ter sido felizes... Eu poderia ter lhe dado tudo, Freyja. — Ela sussurrou com a voz rouca. — Não consigo perdoá-la por ter me tirado isso. Não consigo...

Freyja cogitara que o que quer que Storm viesse a lhe dizer, decerto seria pior que a morte. Ela sabia que terminaria daquela maneira, mas por que ainda doía tanto?

Por quê? Por quê? Por quê?

— Entendo. — E Freyja realmente entendia. — Eu mesma me odeio. Preciso ir. Acho que isso é tudo o que posso suportar. Sinto muito, Lawrence. Não sabe o quanto.

— Eu também sinto.

Freyja a deixara para trás com o peito comprimido de dor.

Capítulo 43

Mais um tremor sacudira o corpo da marquesa. Ela jazia em seu leito, e ouvia seus dentes rangerem devido aos espasmos constantes. Sentia-se febril e maldita fosse sua impulsividade idiota.

Sua noite só havia começado quando Freyja a deixara na varanda sozinha. O que ela havia confessado fora a gota d'água. Um lado que Storm odiava de si mesma viera à tona depois de tudo aquilo.

Ela havia descido para o salão outra vez e brindado por todas as bobagens triviais que a aristocracia adorava.

O visconde havia lhe proposto um desafio que ela prontamente aceitara. Storm o aceitara na perspectiva de aplacar a dor contundente por debaixo das camadas de veludo de seu casaco.

Oras, ela fizera Thomas Shackleford comer poeira — ou melhor: lama — na manhã seguinte. Seu cavalo árabe havia percorrido todo o Hyde park sob a tormenta impetuosa que tomara o céu.

Storm não estava lúcida, tampouco inconsciente. Mesmo assim, seus pensamentos continuavam a vaguear dentro da confusão que era a sua cabeça.

Precisava sair daquela maldita cama. Precisava deixar Londres.

Precisava ficar longe de Freyja.

Não compreendia os motivos dela, e não se daria ao trabalho de compreendê-los. Freyja fora mesquinha, pensara apenas em si

mesma. Ponto.

Fim da questão.

Storm havia esperado por ela, maldição!

E ela sabia há anos da verdade. E mesmo assim preferira deixá-la para trás.

— Está acordada, Storm? — A voz de Leoni perfurou a penumbra da noite.

Ela realmente desejava por respondê-la, mas não conseguia. Queria acalmar os temores de Damian, mais não poderia porque sua garganta estava seca como o inferno.

Não acreditava que fosse morrer, entretanto, o último médico que a examinara não descartara a possibilidade.

— Sua imbecil! — Leoni gritou num sussurro angustiado. — Por que se portou de forma tão... tão imprudente?

Storm ouviu ao longe o farfalhar dos lençóis. Com um pouco de esforço, ela conseguiu abrir as pálpebras pesadas feito chumbo.

— Porque eu sou uma mulher tola? É só um resfriado, vai passar.

Leoni encarou-a como se ela tivesse chifres na cabeça. Não era apenas um inofensivo resfriado, as duas sabiam disso. Se fosse tão simples, os caldos de carne e tônicos da Sra. Adgell estariam fazendo efeito.

— Aonde diabos você estava com a cabeça, Storm?

Os olhos azuis de Leoni brilhavam no aposento iluminado por poucas velas.

Storm podia ouvir as engrenagens de seu cérebro trabalhando.

Ela não estava cega, nem surda o suficiente para aguentar aquela mulher. Queria ingerir todo álcool da adega que conseguisse,

até se esquecer de seu próprio nome, da droga daquele título que carregava...

De Freyja.

— Eu não vou morrer, credo. — Ela sorriu, mas Leoni não pareceu achar graça. — Perdoe-me.

Storm fechara os olhos novamente, sentindo-se ser abraçada pela escuridão.

— Você não pode morrer até o bebê nascer, está ouvindo?

— Eu não vou morrer! É. Só. Um. Resfriado. — Ela disse pausadamente, dando ênfase a frase. — Eu nem sonharia com isso.

Storm disse com toda sinceridade do mundo.

A morte a assustava. Ela a presenciara mais de uma vez, e julgava ter sido o suficiente. Não deixaria que a família que lhe restava sofresse. Mas aquilo de sair galopando feito uma louca pelo Hyde park não fora apenas um capricho, ela gostava de vencer.

Mas fora muito mais. Fora uma necessidade. Seus nervos clamavam por emoção. Qualquer coisa.

Qualquer coisa que a fizesse se sentir ela mesma outra vez.

Storm não conseguia pensar em nada senão nos olhos de Freyja, ou na confissão mais egoísta que já tinha ouvido em sua vida.

— Eu a proíbo de ir!

Leoni se pôs de pé no mesmo instante.

— Sou a autoridade dessa casa, lembra? Se estou dizendo que não vou morrer, é porque não vou morrer!

Na verdade, ela não poderia afirmar com certeza. Fazia uma semana desde de sua vitória triunfal.

"Que se tornara uma enferma inválida", ela acrescentou mentalmente.

Decerto, várias pessoas morreram por muito pouco, mas ela não era todo mundo. No entanto, sua mãe fora vítima de cólera, e seu pai de tuberculose. Parecia mesmo um mal de família.

Mas ela era teimosa demais para morrer, principalmente por culpa de uma chuvinha.

— Conhaque. Eu quero beber conhaque. — Ela pediu, tentando ficar ereta no colchão.

— Perdeu o resto do juízo? Água. É disso que você precisa.

— A propósito... O que está fazendo aqui? — Storm perguntou, alarmada. — Vá dormir. Mande Mirella cuidar de mim, é o mínimo que ela pode fazer pela mulher que paga o seu salário.

Leoni entortou os lábios contrariada.

Sabia o quanto Mirella significava para Storm. Ela só estava sendo ranzinza de propósito para afastá-la. Damian continuava no corredor andando de um lado para o outro.

Ele não aguentaria ver a prima tão vulnerável.

Seu marido quase esganara o visconde que, ao que tudo indicava, continuava muito saudável depois da derrota na chuva.

Ela não era nem um pouco idiota. Storm gostava do jovem cavalheiro, mas também gostava de vencer. Mas aquilo não fora o único motivo pelo qual ela saíra numa chuva daquelas.

Talvez sua cunhada quisesse provar para si mesma que ainda era capaz de vencer qualquer coisa. Mas Leoni sabia que Freyja não era qualquer coisa.

Freyja era a mulher da vida dela.

— Está me ouvindo? Vá descansar. E diga ao tonto do seu marido para também o fazê-lo. De idiota já me basta.

Um pouco relutante, Leoni deixou-a. Esperava que os seus planos não fossem em vão. Era a única chance de Storm ser feliz, e ela não mediria esforços para que ela o fosse.

Storm suspirou de alívio. Jamais permitiria que Leoni passasse a noite numa vigília inútil. Ela logo estaria completamente curada.

Bem, pelo menos quase. Com toda certeza nunca conseguiria vencer aquela dor que a privava de respirar normalmente. O peso em seu coração queimava feito brasa dentro dela.



— Sede. Eu tenho sede.

O susurro rouco da enferma ressoou pelo aposento silencioso. Eram duas da manhã.

— Calma, beba isto...

Uma voz suave acalentou-a ternamente.

Storm estava inconsciente. Talvez quando a aurora rompesse, ela não se lembrasse do que clamava em sonho. Os murmúrios enrouquecidos atravessavam os ouvidos da mulher na meia-luz.

— Shh... Estou aqui.

— Não vá... — Ela pediu, agarrando-se aos ombros sedosos.

A necessidade de seus toques era clara, precisa.

— Não irei.

Storm permanecia com os olhos fechados. Estava presa em algum tipo de sonho doloroso.

— Não irei...

Dali a quatro horas o sol surgiria por detrás das janelas envidraçadas. Enquanto isso, a mulher continuaria a apaziguar o

suplício no tom de voz da marquesa.

Capítulo 44

Os pés pequenos de Freyja afundavam no carpete verde esmeralda do quarto de Storm, às três da manhã. A fadiga, e o receio exauriam-na. Destoava no ambiente uma onda de tensão insuportável, que com o passar dos dias, havia acentuado espantosamente.

Suas costas doíam pelas noites mal dormidas vigiando de perto o estado de saúde de Storm. A cor havia retornado ao seu rosto. E dadas as circunstâncias, Freyja considerara a melhora em sua aparência debilitada uma grande vitória.

Os Lawrence estavam fadados a infortúnios desastrosos ao que parecia. Suas mortes prematuras devido a doenças súbitas eram de conhecimento público. Havia sido assim com os pais da atual marquesa.

Storm sempre fora muito idiota, e Freyja estava louca para lembrá-la disso, mas estava ainda mais ansiosa para que ela saísse logo daquela cama.

A respiração ritmada atingia seus ouvidos atentos a qualquer outra reação por parte dela.

Quando ficara sabendo sobre a imprudência de Storm, estava prestes a sair definitivamente de sua vida. Ir embora para França parecera ser o desejo dela, e Freyja o atenderia.

Ela estava decidida a deixá-la encontrar alguém melhor, por mais doloroso que pudesse vir a ser depois. Storm faria suas próprias escolhas, baseadas no que realmente queria para si.

Escolhas que não a incluíam.

Mas então Leoni chegara com a notícia de sua saúde fragilizada, e os planos de Freyja já não tinham mais tanta importância.

Assim que Storm melhorasse, ela retornaria para a França.

Uma movimentação na cama atraía seu olhar perdido.

A enferma clamava por seu nome numa série de espasmos violentos. Freyja levantara prontamente, pondo-se de joelhos ao pé da cama aparando-a com os braços.

A temperatura dela não era febril, estava amena.

Graças aos céus.

— Shh... Estou aqui com você.

Devagar, os espasmos cessaram.

E para o horror de Freyja, Storm se sentara na cama, parecendo ainda muito desorientada para discutir. Seus olhos escuros focaram no rosto ruborizado dela, interceptando-a.

Ela estava tão perto...

— Sei o que está fazendo. — Disse com uma seriedade desconcertante.

Sua voz parecia ainda mais enrouquecida pelo sono. As ondas loiras desgrenhadas, e a chemise transparente nunca haviam parecido tão atraentes quanto naquele momento.

Storm puxara as cobertas até o queixo à espera de alguma explicação.

— Eu... Bem... — Freyja gaguejou surpresa.

— Sempre que acordo pela manhã sinto... sinto que algo está faltando. Há quanto tempo está cuidando de mim?

A condessa visitava o aposento dela sempre que a mesma estava dormindo profundamente. Ela não podia sequer cogitar a possibilidade de permanecer no quarto até o alvorecer. Temia por aborrecê-la e de alguma forma tardar sua recuperação.

Storm às vezes acordava no meio da noite, agonizando. E sempre chamava por seu nome como fizera minutos atrás.

— Eu não pude deixá-la dessa forma. — Freyja conseguiu dizer antes de olhá-la nos olhos. — Mas assim que estiver melhor, partirei.

Ela acrescentou rapidamente temendo passar uma imagem errada. Storm não a tinha em alta estima no momento — o que era compressível —, e talvez visse aquele gesto como forma de manipulação.

Freyja não suportaria.

— Você não tem obrigação de ficar por minha causa. — Ela disse encostando-se nos travesseiros...

— Por favor, eu insisto.

"Por favor, deixe-me ficar".

— Freyja... — A reprimenda no tom de Storm era clara.

Ouvi-la chamar por seu nome de batismo a fizera inspirar fundo. Mesmo que aquilo não mudasse nada, Freyja ainda não conseguia conter a felicidade em seu coração teimoso.

Nunca compreendera muito bem o porquê de ser tão rendida à ela.

Apenas era.

A amara durante toda uma vida, nunca conhecera nada parecido. Era como respirar.

— Volto a dizer que nada de bom sairá disso. Não consigo...
— Storm voltou a falar parecendo sentir dor.

— Como se sente?

Freyja decidira mudar o foco da conversa.

— Sinto-me revigorada. Preciso agradecê-la, sei que em grande parte fora graças aos seus cuidados.

Aparentemente Storm estava mesmo bem. Mas por que seu sono era tão perturbado? Por que chamava tanto por ela? Por quê?

— Eu o faria de novo outras mil vezes sem pestanejar. Só queria que soubesse... — Ela se interrompeu.

Seus olhos ardiam. Storm estava curada, e não dependia dela para mais nada. Aquilo significava que ela teria de ir embora.

— Quero lhe fazer um pedido. — Freyja disse baixo controlando a voz chorosa.

Storm focara em seu rosto, assentindo silenciosamente.

— Não houve despedida há dez anos. Fui embora de maneira tão abrupta e com tanta raiva...

— Me custa acreditar que você preferiu nos destruir. — Storm interpôs com rancor.

Freyja a olhara com carinho, e sentiu uma lágrima solitária escorrer por seu rosto cansado.

— Um beijo. — Ela sussurrou, desviando o olhar.

Freyja sentiu a boca ficar seca. Não acreditava que havia mesmo feito tal pedido. Mas independente da recusa de Storm, ela não estava arrependida de tê-lo feito porque seria sua única chance.

— É só o que peço. Assim que amanhecer, irei embora e não voltarei mais. A privarei de ter de me olhar, pois sei que me odeia. Mas tenho conhecimento de sua educação e cortesia.

Freyja esperara pela resposta dela com o coração aos pulos, mas ela não dissera nada por algum tempo.

— Storm...

Mãos mornas tocaram as suas, fazendo-a levantar o rosto envergonhado.

— Apenas um beijo. — Storm sussurrou de volta com uma voz estranha.

A marquesa passeou os dedos pelo rosto desacreditado dela pacientemente, como se quisesse fazer o momento durar para todo o sempre. Storm desenhara a linha do maxilar dela, e os contornos de sua boca antes de puxá-la para mais perto.

Freyja arfou com a surpresa, pondo as mãos em seus ombros nus. Elas se encararam pelo que pareceu uma eternidade. Ódio, amor, saudade e culpa transpassaram pelos olhos de ambas.

— Eu a amo tanto, tanto...

Storm tocou os lábios de Freyja com os seus, notando que ela tremia. Suas mãos tomaram o rosto dela, reivindicando-o para si. Não sabia o quanto desejava por beijá-la até aquele momento.

Almejava aquele beijo tanto quanto Freyja, ainda que fosse covarde demais para admitir para si mesma.

Storm sugou o lábio inferior dela, afundando os dedos nos cachos que começavam a sair do coque frouxo. Ela passeou a língua pelo canto da boca cheia de Freyja, provocando-a, saboreando-a.

Sentia vontade de chorar. Ansiara por beijar aquela boca outra vez durante todos aqueles anos.

Só se dera conta de que estava em cima de Freyja, quando a mesma levantara as costas do colchão.

Empurrando-a de volta, Storm se encaixou em meio as pernas dela. Sua boca então desceu para explorar o pescoço, mordendo-o de leve, chupando a pele alva com um pouco de pressão, fazendo-a gemer baixo.

— Ah, Free...

Freyja abriu a boca para receber sua língua faminta.

— Amor... — Ela gemeu, jogando a cabeça para trás.

— Shh...

Storm deslizou a mão entre os dois corpos, sabendo exatamente aonde ela desejava por ser tocada. Conhecia aquela mulher, conhecia cada parte de seu corpo.

Mas acima de tudo, conhecia aquelas anáguas e as odiava.

A marquesa levantara as saias pesadas até a altura da cintura dela, abrindo as dobras molhadas de seu sexo devagar. Sentira falta de ter Freyja a sua mercê, de tê-la somente para si.

Lentamente, Storm começara esfregar o polegar no ponto de prazer dela, torturando-a com pequenos movimentos.

— Eu...

— Eu sei. — Ela sorriu insolente.

O calor de Freyja recebera seus dedos, convidando-os a ir mais fundo dentro de seu corpo. Storm a sentia se contrair ao redor deles, e sabia que o clímax estava próximo, e por isso acelerara o ritmo das estocadas.

Freyja arranhava suas costas pela chemise inconscientemente, estava absorta demais no prazer que lhe proporcionava com seus toques libidinosos.

Ela não pôde conter o grito que irrompeu em sua garganta quando o orgasmo veio, forte e quente. Mas Storm ainda não havia terminado.

Afundando o rosto em meio as pernas dela, Storm lambeu, e saboreou qualquer resquício do prazer de Freyja.

Queria tê-la para sempre em sua boca.

— Ah, Storm...

Ela pediu para que a marquesa se deitasse, subindo em cima de seu corpo para montá-la.

— Deixe-me cuidar de você.

Storm jamais negaria tal pedido.

Capítulo 45

Além daquelas janelas envidraçadas do quarto sinuoso de Storm, o sol parecia quente e convidativo, mas entre as quatro paredes revestidas em gesso, a temperatura era decadente.

A cama em que ela repousava parecia ainda mais frígida e solitária do que de costume. Talvez se devesse ao fato de que a mulher com quem a dividira horas atrás, não estivesse mais nela.

Storm tentara não sair à sua procura desprovida de roupas pela casa. Crianças circulavam por ali, pelo amor de Deus!

Estava muito tentada a fazê-lo de qualquer forma. Mas antes precisava analisar a situação com responsabilidade, alguém tinha de ter senso.

Sim, ela e Freyja fizeram amor. E daí? O pedido dela fora apenas um beijo, e Storm, como a mulher sem escrúpulos que era, avançara o sinal. Então, somente ela era culpada pelas coisas terem se complicado tanto.

Mas por que mesmo estando ciente de que tudo aquilo era um tremendo erro, não conseguia controlar seus instintos que gritavam para que fosse atrás de Freyja?

Droga!

Ressentia-se dela, e a mágoa não iria se dissipar facilmente. Conhecia as motivações de Freyja, mas não as considerava. Tentava convencer-se de que se ela a amasse de fato, teria enfrentado suas inseguranças, mas...

Sabia que não era tão simples como parecia ser na prática.

Mas ainda que tentasse compreendê-la, não conseguia. E talvez fosse idiota demais por isso.

— Milady?

Ela revirou os olhos diante da figura alta que invadia seu quarto. Damian parecia ele mesmo outra vez. Ouvira por alto que o homem estava enlouquecido, e que estava enlouquecendo os criados junto com ele.

Storm lhe devia um pedido de desculpas. Damian se preocupava demais, era fato. Entretanto, era a família que ela tinha, e ela o valorizava mais do que qualquer outra pessoa.

— Eu sinto muito, Damian. Não quis deixá-lo... Bem, você sabe. — Ela disse, sentando-se no colchão, levando as cobertas até o pescoço.

— Louco? Sim, você me deixou louco.

— Eu ouvi algo a respeito. — Storm deu um de seus sorrisos afetados.

— Eu não posso matá-la, então... — Ele também sorriu antes de cair no choro.

Damian deitou a cabeça nos joelhos dela, deixando as lágrimas escorrerem. Não era adepto a dramas, Storm tinha consciência de tê-lo feito passar por um inferno.

Ela também chorou. Pensara em como fora tola e egoísta.

— Sinto muito. Sinto tanto, Damian.

Ele ergueu a cabeça, e seus olhos verdes transbordaram outra enxurrada de lágrimas.

— Pensei que iria perder você. Foi... — Damian inspirou tomando fôlego. — Foi um inferno.

— Não posso apagar as tolices que fiz, mas posso prometer jamais voltar a fazê-las.

Damian revirou os olhos como se não acreditasse em uma única palavra, mas sorria depois disso.

E fora suficiente.

— Vai deixá-la ir de novo? — Ele inquiriu num tom acusatório.

— É o que ela quer. — Storm respondeu breve e cortante.

Não queria falar do assunto. Não com Damian.

Talvez nunca viesse a falar com ninguém.

— Não é o que ela quer, e você sabe disso. Posso dar a minha opinião?

— Não. Não pode. — Ela bufou, tentando manter-se imperturbável.

— Darei mesmo assim. As pessoas erram o tempo todo, Storm. Ela não foi a primeira, nem será a última pessoa a tomar uma decisão ruim. Foram dez anos, eu sei. Dez anos. Vocês duas saíram destruídas, pense só. As escolhas dela não foram das melhores, mas e você, Storm? Ela lhe confessou seus motivos, mas você preferiu ignorá-los e se meter numa corrida idiota debaixo de uma tormenta. Não há nada impedindo vocês agora. Só o seu orgulho, rancor e mágoa.

— Você não tem ideia do que senti quando aquela carruagem a levou embora. Eu fiquei desesperada, pensei que morreria ali mesmo. Eu... Eu a amava tanto.

— Ainda ama. — Ele retrucou convicto.

— Não posso esquecer tudo o que ela me fez passar! Isso aqui não é nenhum conto de fadas, Damian. — Ela gritou inconformada com a parte de seu cérebro que desejava reconsiderar.

— Sei que não se esquecerá tão fácil, mas pode tentar dar certo outra vez. Sabe quantas pessoas encontram o amor verdadeiro? Uma em um milhão. Talvez aquele não fosse o momento, ela era jovem. Você tinha uma reputação péssima,

lembra?! — Ele apontou sarcástico. — Freyja sempre a amou, e eu sempre soube. Ela a olhava como se não existisse outro ser mais lindo que você nessa terra. Mesmo que fosse sensata e severa, era insegura. Sejamos sinceros, ela não era nem um pouco parecida com as beldades que você costumava dividir a cama.

Aquilo a machucara. A machucara porque Damian jogara a verdade nua e crua em sua cara. Freyja lhe dissera o mesmo no dia em que tudo desmoronara.

Santo Deus!

Sim, ela fora uma estúpida mesmo que não soubesse. Nunca havia enxergado Freyja, nunca nem ao menos tentara.

— Eu não tive culpa. Eu não sabia.

— Diga isso para a mulher que a encontrou beijando outra. Uma beldade, e para fechar com chave de ouro, irmã dela!

— Amber confessou tudo! Tudo! Tudo! E mesmo assim ela me deixou aqui...

Damian continuou mesmo assim.

— Ela lhe contou os motivos. Talvez não sejam válidos para você, mas são para ela. Aceite e tente outra vez, ou passe a vida inteira remoendo essa droga. Se ela for, não voltará. Você sabe.

— Deixe-me sozinha. Por favor. Preciso pensar.

— Eu só quero que seja feliz.

— Eu sei.



Freyja já devia estar num navio com rumo à França àquela hora. Storm ficara na cama se martirizando feito uma miserável até

enfim decidir que não desejava passar o resto de sua vida pensando em como poderia ter sido.

Mas ela tinha chegado tarde.

O sol estava se pondo, e os patos que elas costumavam alimentar quando crianças no Hyde park, nadavam despreocupados, indiferentes ao seu desespero.

A deixara ir. A deixara ir sem saber que ainda a amava.

— Devia estar na cama.

Storm virara no mesmo instante, colidindo com uma mulher muito, muito pequena. Aqueles olhos claros eram inconfundíveis, únicos. E só poderiam pertencer a uma única pessoa.

A mulher de sua vida.

— Pensei que tivesse ido embora. — Ela disse depois de algum tempo, procurando não parecer aliviada demais.

Seu coração palpitava agitado nas costelas. Ela clamava por calma, pois a tremedeira em suas pernas era incômoda demais para o seu gosto.

Ensaíara diversos discursos românticos em sua cabeça, mas agora... Só conseguia abrir a boca, para logo então fechá-la pateticamente.

— Eu não cheguei a tempo. Estava tão desorientada. Quando se trata de você, eu nunca consigo agir com sensatez. Sempre foi assim. Você tem a proeza de fazer de mim a mulher mais tola de Londres. — Freyja falou com uma plenitude que ela não sentia no momento.

— Sinto muito por isso.

— Não, não sinta. Quando me fez sua hoje, senti que tudo havia se encaixado de novo. Você é o centro do meu mundo, Storm. Mas não serei egoísta com você. Irei embora porque quero fazer o que é certo para você.

— Você tem o péssimo hábito de decidir o que é melhor para mim. Foi assim anos atrás, e está sendo assim agora. Não aprendeu nada com seus erros, Freyja?

A condessa a encarou desconcertada.

— Deixe-me decidir o que é melhor para mim, está bem? — Storm sorriu aproximando-se dela, tomando o rosto liso dela em suas mãos.

O olhar de Freyja varrera o seu rosto em busca de alguma explicação.

— Você não sabe escolher nada para ninguém. Nem para si mesma, se me permite dizer. Freyja, minha querida, sempre quis que fosse a minha marquesa. Ainda que agora carregue um título que não me pertence. Lembra quando disse que me amava e que seria para sempre assim? Acho que eu não posso mudar o fato de que continuo amando-a loucamente.

— Eu... Eu não consigo... Seja clara, milady. — Freyja gaguejou, segurando-se nas lapelas do sobretudo preto de Storm.

— Eu estou pedindo para que fique. Não vá embora. Não sei se consigo viver mais dez anos sem você. Fui clara o suficiente? — Ela indagou, roçando os lábios pelo rosto perplexo de Freyja.

— Você tem certeza? Talvez se arrependa...

— Só cale a boca e diga que vai ficar, por favor.

— É tudo o que eu mais quero. Mas você ainda está magoada comigo... Não há como tudo ter mudado tão fácil.

Ainda que estivesse com as pálpebras cerradas de desejo devido aos beijos suaves de Storm por seu rosto, Freyja conseguia ser sensata.

Aquela era a Freyja que conhecia. Aquela era a mulher que sempre amara.

— Você tem razão, mas acredito que possamos superar isso. Com muito trabalho, e com muito suor.

O duplo sentido nas palavras de Storm a fizera sorrir.

— Ah, Storm... Eu não mereço você.

— Eu não me importo, não mais. Só quero fazer dar certo dessa vez. Quando acordei sozinha sem você, percebi que não podia deixá-la ir de novo. Eu não suportaria uma segunda vez.

— Eu amo você, marquesa de Hendeston. A amo, amo, amo...

Storm tomara a boca dela com desespero, saboreando com urgência seu lábio inferior.

— Estou louca para mudar esse seu sobrenome horrível.

— Storm!

Freyja sorriu, e ela também sorria com vontade depois de dez anos de solidão.

— Lady Hendeston. — Ela sussurrou ao pé do ouvido de Freyja mordendo o lóbulo de sua orelha. — É melhor voltarmos, senão serei presa por atentado ao pudor quando ficar nua aqui, na frente de toda essa gente.

Damian estava certo. Não suportaria viver outra década sem aquela mulher ao seu lado.

EPÍLOGO

Epílogo

Hampshire, 1844

Ninar Charlotte tornou-se prioridade para Lady Hendeston. A filha era o bebê mais lindo de toda Londres aos seus olhos. A felicidade que aquela criança emanava era real, palpável.

Os olhinhos escuros lembravam-na de sua esposa que era tão, ou mais, refém da fofura da filha que ela.

Seu casamento havia sido na St George como Storm sempre havia desejado. Freyja entrara usando branco, e dissera sim mais de uma vez ao padre.

Ah, fora lindo. O olhar enternecido da marquesa ao vê-la adentrar a igreja ficaria para sempre em sua memória, nenhum dinheiro poderia comprar aquilo.

Ainda pensava em como fora tola, em como as fizera sofrer por tanto tempo. Mas tratava de empurrar aqueles anos angustiantes para os confins de sua mente, Storm a perdoara. Provava tal fato todos os dias.

Freyja um dia havia pensado que seria impossível amar tanto alguém daquela maneira, ainda era tudo inacreditável demais.

Ser merecedora de tanto amor, cuidado e mais amor era inacreditável demais.

Estavam casadas há três anos, mas em retrospecto, pareciam décadas. Storm a conhecia mais do que qualquer outra

pessoa. Conhecia suas necessidades, seus temores e inseguranças.

E Freyja conhecia todas suas nuances. Sabia que a cor de seus olhos alterava-se na privacidade do quarto que dividiam sempre que faziam amor, percebia prontamente quando seu sorriso afetado tornava-se demasiadamente mais largo quando era contrariada, ou quando desejava fazê-la sua na sala de música.

Sabia também que às vezes chorava em silêncio pela saudade que sentia do pai, e que todas as manhãs visitava o túmulo dele.

Conhecia o ser humano tão imperfeito quanto ela com a palma de sua mão.

Storm sempre fora sua paz de espírito.

— Charlotte, Charlotte quite contrary, How does your garden grow?

With silver bells and cockle shells

And pretty maids all in a row... — Ela cantarolou, dando um beijinho suave na testa lisa da filha.

Uma jovem de nome Emma, filha de um aldeão vizinho à propriedade dos Lawrence em Hampshire, havia morrido no parto da pequena Charlotte. O homem que engravidara a moça negou a paternidade, e o pobre Sr. Brown não se sentia preparado para cuidar da neta.

Ele estava cansado e abalado. Dissera que não tinha nervos para criar um bebê. Ele não seria suficiente para suprir o amor da mãe.

O vigário local sugerira entregar Charlotte para adoção junto com o Sr. Brown. Então Storm e ela intervieram.

Charlotte tinha agora cinco meses de vida. Freyja havia considerado visitas do Sr. Brown, mas ele parecera inclinado a não

fazê-las. Alegara vergonha por ter que abandonar a neta, e que ela ficaria melhor sem qualquer contato com ele.

Storm insistira que ele reconsiderasse, mas ele preferiu deixar as redondezas.

Então Charlotte se tornara filha delas, e herdeira legal do título.

— Ah, minha querida. Você irá estragá-la. — A Sra. Wolfgang adentrou o quarto, tomando a neta com delicadeza nos braços.

Ela quem estragaria Charlotte.

— Onde está Storm? Não a vi o dia todo.

Estavam em Hampshire para a primavera. Charlotte e os outros filhos que viriam amariam o campo, Freyja tinha certeza.

Aquela casa guardava segredos, e momentos fugazes das marquesas.

— O que você acha?

Freyja sabia muito bem onde sua esposa passava a maior parte do dia.

— Vá, ficarei um pouco com Charlotte.

Freyja fitou-a com um misto de deleite e doçura.

— Ela desejará vê-la, a senhora sabe.

Margaret sabia. Storm era louca pela filha, e até um pouco protetora demais em relação a ela.

A verdade era que sua sogra tendia a ser ainda mais protetora.

— Ah, está bem! Está bem!

Ela entregou o bebê para a mãe, acompanhando-a escada à baixo. Florence, Josef e o pequeno Michael estavam sentados à mesa para o café da manhã.

Florence sentia um pouco de ciúmes de Charlotte, ela sempre foi muito vinculada a Storm, mas estava se acostumando, adorava o mais novo membro da família.

— Bom dia.

Todos à mesa responderam em uníssono.

— Charlotte está cada dia mais adorável. — Leoni elogiou, tomando um pouco de seu chá.

Freyja não pôde evitar de sorrir com orgulho.

— Tenho que concordar.

Nesse momento, sua esposa surgira no aposento com os trajes relaxados de costume. Não importava quanto tempo passasse, Storm continuaria tão vivaz e bela quanto na adolescência.

Ela tomou a boca de sua marquesa num beijo breve e doce, depositando outro na testa de sua filha.

— Bom dia, pequena Charlotte.

Storm pegou a criança nos braços, beijando-a o rosto gorducho de bochechas rosadas.

— Ela um dia crescerá, Storm, e quando menos esperar, sairá de suas asas. — Damian disse ainda do assento, provocando-a como só ele sabia.

— Só por cima do meu cadáver. — Ela rebateu, fazendo todos sorrirem.

— Querida, você não pode impedir isso.

A verdade era que Freyja também desejava que esse momento demorasse bastante para chegar.

— Ela será uma marquesa, Free. Uma mulher com riqueza e... — Storm interrompeu-se, claramente envergonhada. — Não. Estaria mentindo se dissesse que ela não precisará de mais nada.

Jamais a privarei de conhecer a felicidade com que fomos abençoadas.

— E é por isso que ela amará, assim como eu a amo.

Para Storm não existia ninguém naquela sala. Só a sua esposa, e a filha que mantinha em seus braços. Freyja era tudo para ela, sempre fora.

E sempre seria.

"Vai ser para sempre assim, eu sei".

Sim, seria.

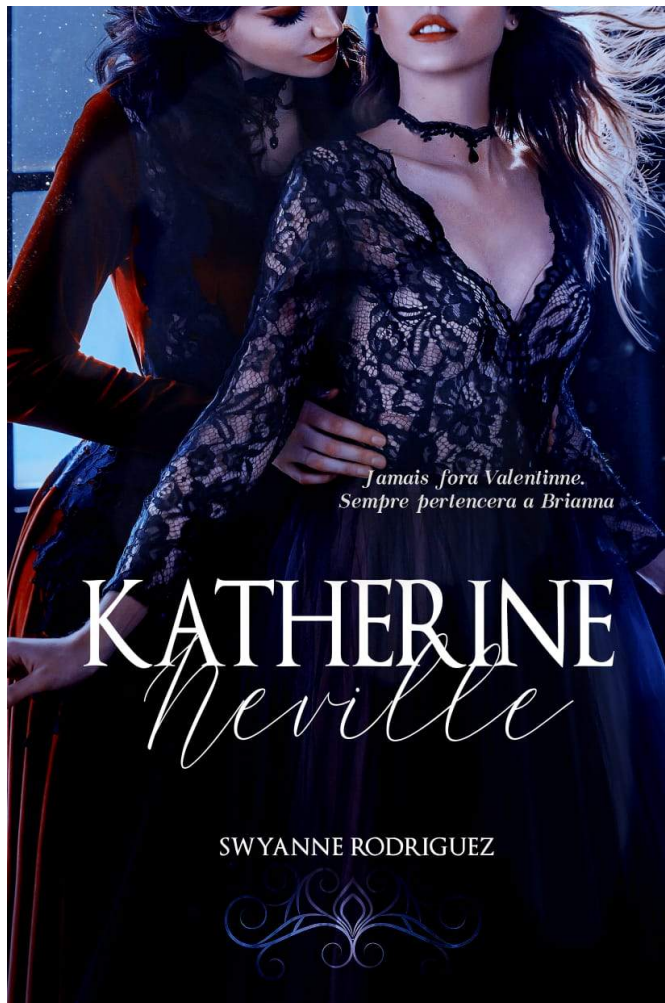
— Eu amo você, Lady Hendeston. — Ela sussurrou no ouvido de Freyja, sentindo seu perfume de orquídeas.

— A amo, minha lady pecaminosa. — Freyja sussurrou de volta, deixando um sorrindo genuíno tomar seu lábios.

FIM

Outras obras:

Outras obras



Sinopse:

Katherina Neville é uma jovem francesa, cujo coração fora quebrado pela mulher que ela acreditava ser o amor de sua vida. Após desejar morrer ao ver a mulher abandoná-la, Neville muda-se

para Londres, onde viveria com seu irmão gêmeo e a família de sua esposa. Mas após um ano de sofrimento, de coração partido e de olhos sem esperança, eis que Katherina os abre para as novas oportunidades e vê uma nova chance de felicidade surgir em sua vida. Mas dúvidas surgirão em seu coração: Ela seria capaz de amar novamente? Feriria alguém tentando curar seus próprios ferimentos? Leia este romance e descubra as respostas que Neville encontrou para suas dúvidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento

A todas as leitoras do wattpad que leram e releram (sim, muitas me disseram que releram a história mais de uma vez) Lady Hendeston.

Redes sociais:

Redes sociais

Instagram:

autora_swyanne17

swyanne_rodriguez

Twitter: SwyanneRodrigu1

